

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

MARIA MORGANA DE MOURA ROMÃO E SOARES DE LIMA

**STALINISMO EM CRISE:
COMO ERNEST MANDEL E TONY CLIFF INTERPRETARAM O FIM DA
UNIÃO SOVIÉTICA**

NITERÓI
2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

L732s Lima, Maria Morgana de Moura Romão e Soares de
 Stalinismo em crise: como Ernest Mandel e Tony Cliff
 interpretaram o fim da União Soviética / Maria Morgana de
 Moura Romão e Soares de Lima. - 2025.
 215 f.

 Orientador: Tatiana Silva Poggi de Figueiredo.
 Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
 Instituto de História, Niterói, 2025.

 1. União Soviética. 2. Colapso. 3. Trotskismo. 4. Quarta
 Internacional. 5. Produção intelectual. I. Figueiredo,
 Tatiana Silva Poggi de, orientadora. II. Universidade Federal
 Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Stalinismo em crise: como Ernest Mandel e Tony Cliff interpretaram o fim da União Soviética

Maria Morgana de Moura Romão e Soares de Lima

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Silva
Poggi de Figueiredo

NITERÓI

2025

Folha de aprovação

**Stalinismo em crise: como Ernest Mandel e Tony Cliff interpretaram
o fim da União Soviética**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Tatiana Silva
Poggi de Figueiredo

Aprovada em 30 de maio de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Tatiana Silva Poggi de Figueiredo - Orientadora, UFF

Prof. Dr. Carlos Batista Prado – UFMS

Prof^a. Dr^a. Virgínia Maria Gomes de Mattos Fontes – UFF

NITERÓI

2025

Stalinismo em crise: como Ernest Mandel e Tony Cliff interpretaram o fim da União Soviética

Maria Morgana de Moura Romão e Soares de Lima

Resumo

Esta dissertação aborda como Ernest Mandel (Secretariado Unificado da Quarta Internacional) e Tony Cliff (*International Socialists / Socialist Workers Party*), dois dirigentes advindos do trotskismo, investigaram e posicionaram-se frente ao colapso da União Soviética, em diálogo com as organizações que lideravam. A partir da análise de artigos e documentos publicados em diferentes periódicos de militância, entre os anos de 1985 e 1992, foi possível constatar que apesar de defenderem perspectivas teóricas divergentes – a teoria do Estado operário (burocraticamente) degenerado e a teoria do capitalismo de Estado –, ambos apoiaram o fim da União Soviética, em proporções e formas diferentes. Segundo a perspectiva defendida nesta pesquisa, essas aproximações tiveram como principais causas as pressões sociais que adentravam às organizações mencionadas, mas também as discussões que marcaram a crise do trotskismo após a Segunda Guerra Mundial, quando as revoluções e o avanço soviético sobre o Leste Europeu suscitaram debates sobre a questão da liderança revolucionária, o stalinismo e a transição ao socialismo. Pertencentes a uma mesma geração de militantes, mas oponentes, Mandel e Cliff convergiram ao final ao apoiarem o fim da URSS e ao negarem que o capitalismo havia sido restaurado após 1991.

Palavras-chave: União Soviética; Colapso; Trotskismo; Quarta Internacional.

Stalinism in Crisis: How Ernest Mandel and Tony Cliff interpreted the end of the Soviet Union.

Maria Morgana de Moura Romão e Soares de Lima

Abstract

This dissertation examines how Ernest Mandel (United Secretariat – Fourth International) and Tony Cliff (International Socialists / Socialist Workers' Party), two leaders emerging from Trotskyism, investigated and positioned themselves regarding the collapse of the Soviet Union, in dialogue with the organizations they led. By analyzing articles and documents published in various activist periodicals between 1985 and 1992, it was possible to observe that despite defending divergent theoretical perspectives—the theory of the (bureaucratically) degenerated workers' state and the theory of state capitalism—both supported the end of the Soviet Union, albeit to different extents and in different ways. According to the perspective defended in this research, these alignments were primarily driven by social pressures that permeated the mentioned organizations, but also by the debates that marked the crisis of Trotskyism after World War II, when revolutions and Soviet expansion into Eastern Europe sparked discussions about revolutionary leadership, Stalinism, and the transition to socialism. Belonging to the same generation of activists as opponents, Mandel and Cliff ultimately converged in supporting the end of the USSR and in denying that capitalism had been restored after 1991.

Keywords: Soviet Union; Collapse; Trotskyism; Fourth International.

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Jacqueline e João (*in memoriam*), às minhas avós Enedina e Nenita e à minha tia Giselle, pelo carinho, pela criação e por todo apoio que sempre deram aos meus estudos e aos meus anseios criativos de todas as fases da vida. Estendo esses agradecimentos aos meus sogros, Antonio e Marcia, os quais admiro e me acolheram tão bem.

Agradeço aos amigos de longa data, David, Elisson, Icaro, Marcio e Tássio, que há mais de dez anos compartilham comigo momentos memoráveis. Aos amigos de Porto Seguro, Mario e Simone, obrigada por terem tornado o meu período em Porto tão especial. A escrita desta dissertação foi acompanhada de muita felicidade quando vocês estavam por perto.

Marcio e Icaro merecem agradecimentos ainda mais especiais. Marcio é meu companheiro de vida e trabalho, é o melhor dos amigos. Agradeço a relação feliz que temos, os momentos engraçados e toda a dedicação que ele teve em me apoiar nesta pesquisa.

Icaro, de forma similar ao Marcio, é um amigo com grande sensibilidade e paciência, pois sabe como fazer para que eu aceite ajuda (o que não é algo fácil). Agradeço imensamente a leitura que ele fez desta pesquisa e todas as sugestões que deu, pois melhorou demais a qualidade do trabalho.

Tatiana, orientadora desta pesquisa, me acompanha desde antes do meu ingresso no curso de História, contribuindo imensamente para a minha formação como historiadora e marxista. Muito obrigada por estar sempre por perto e por orientar este trabalho.

Agradeço ao Carlos e à Virgínia, que também são pessoas queridas e pesquisadores admiráveis, por terem participado da minha banca de qualificação com arguições excelentes, que transformaram o rumo deste trabalho, e por terem aceitado participar desta banca

de defesa.

Agradeço, por fim, aos companheiros de militância, aos colegas do GTO (Grupo de Trabalho e Orientação), do GEPTH (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trótski, Trotskismo e Historiografia), à equipe envolvida na manutenção dos acervos *Marxists Internet Archive / Encyclopedia of Trotskyism Online* (ETOL) e do *RaDAR - Rassembler, diffuser les archives de révolutionnaires*, e também ao atencioso camarada Héctor Sierra, que me enviou documentos importantíssimos para esta pesquisa.

Sumário

Introdução	11
1 Estado operário e stalinismo: precedentes conceituais sobre a interpretação de Leon Trótski sobre a União Soviética e a ditadura da burocracia	19
1.1 O regime transitório: o duplo caráter do Estado operário	19
1.2 A formação do stalinismo	36
1.3 O stalinismo para Leon Trótski: as fases interpretativas e o amadurecimento político do revolucionário russo	46
1.3.1 O Novo Curso: a fase inicial da interpretação de Trótski sobre a burocratização	47
1.3.2 A fase “intermediária” da interpretação de Trótski sobre o stalinismo	51
1.3.3 A Quarta Internacional e o amadurecimento político das análises de Trótski	55
1.3.4 O stalinismo como um regime bonapartista	59
1.4 Conclusão	61
2 A origem do “cliffismo” e do “mandelismo”	64
2.1 Introdução	64
2.2 Os prognósticos de Trótski	66
2.3 Ernest Mandel e as respostas à conjuntura do pós-guerra	71
2.4 A mudança de posição de Mandel	79
2.5 A origem e a resposta de Tony Cliff	83
2.6 Conclusão	88
3 Ernest Mandel e a desintegração de um sistema específico	95

3.1	Introdução	95
3.2	Uma síntese sobre sistema soviético e a burocracia segundo Ernest Mandel	100
3.3	O início da era Gorbachov e as primeiras reformas da economia (1985 – 1987)	103
3.4	As reformas e seus dilemas	105
3.5	Uma síntese da política externa	111
3.6	A interpretação das reformas entre 1988 e 1991	114
3.7	A desestalinização e a revolução política	119
3.8	O Golpe de Agosto de 1991	128
3.8.1	Uma síntese sumária do Golpe de Agosto	128
3.8.2	Mandel, o SU e o Golpe de Agosto	130
3.9	Conclusão	135
4	Tony Cliff, o IS/SWP e a crise soviética	139
4.1	Introdução	139
4.2	Uma releitura singular: a contrarrevolução soviética de 1928-1929	143
4.3	Capitalismo de Estado: etapa superior do capitalismo	156
4.4	Lei do valor, força de trabalho e competição armamentista	159
4.5	Estagnação, crise e perestroika	167
4.5.1	A crise pré-perestroika: as causas da desaceleração da economia .	168
4.5.2	Capitalismo de Estado: etapa inferior do capitalismo	172
4.6	Conclusão	188
	Conclusão	191
	Bibliografia	203

Introdução

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi fundada em 1922 para consolidar as conquistas da Revolução de Outubro. No entanto, antes de seu septuagésimo aniversário, a URSS chegou ao fim. A natureza precipitada das mudanças surpreendeu seus observadores, mas as suas causas estavam em maturação há vários anos, nas profundezas do sistema edificado entre os anos de 1920 e 1930.

O trotskismo constituiu-se, desde as suas origens, como uma tradição marxista revolucionária forjada no calor da resistência à degeneração burocrática da Revolução de Outubro. Antes, porém, de se constituir como um movimento político independente, com formulações próprias de programa de atuação, o trotskismo já continha um arcabouço teórico bastante consistente, integrado por fundamentos da estirpe da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, da revolução permanente e da percepção leninista do imperialismo e do fator subjetivo da história. Todos esses elementos se originaram a partir da análise de Trótski sobre as peculiaridades do desenvolvimento histórico da Rússia em meio a um efervescente cenário revolucionário logo no início do século passado, e essas análises se conectavam à questão de como o poder se colocava a uma revolução.

No período da burocratização soviética, esse arcabouço foi ainda complementado com análises sobre o stalinismo e as formações transitórias entre capitalismo e socialismo; e os outros elementos citados, longe de estarem inertes, foram ainda aperfeiçoados, reavaliados e complementados com os insumos que a luta política, tanto dentro quanto fora da União Soviética, proporcionava naquela primeira metade do século 20.

Embora não seja possível separar a construção da teoria das ações políticas de Leon Trótski no decorrer do tempo, pode-se afirmar que o trotskismo iniciou a sua consolidação como movimento político independente na Oposição de Esquerda, no esteio da luta contra a fração burocrática no Partido Bolchevique – rebatizado como Partido Comunista

da União Soviética (PCUS). A luta da Oposição, no início da década de 1920, direcionou o trotskismo a se tornar um movimento centralizado e com formulações próprias de programa de político, uma vez que a burocratização da URSS adquiria proporções cada vez mais distantes do alcance de reformas. A luta contra a consolidação no poder de uma nova camada dirigente — a burocracia —, que se apropriava das funções políticas e administrativas do Estado transitório, foi acompanhada por uma interpretação teórica sobre esse fenômeno, e as formas de como combatê-lo de modo a preservar as conquistas da revolução.

A análise crítica sobre o stalinismo não se reduzia a uma disputa fracional ou a uma denúncia dos abusos da burocracia nascente. Ao contrário, envolvia uma interpretação estrutural do fenômeno, que articulava o isolamento internacional da revolução, as dificuldades econômicas da Rússia e a ausência de revoluções vitoriosas no Ocidente como condições materiais que favoreceram a ascensão da burocracia e a derrota da democracia proletária no regime soviético.

Em que pesem as críticas que possam ser dirigidas a Trótski, sobretudo nos momentos iniciais de sua luta contra o fenômeno burocrático, não se deve negar o pioneirismo e o primor de seu trabalho. Não somente o revolucionário russo tornou-se uma referência elementar ao estudo da União Soviética e do stalinismo, como também o próprio movimento trotskista estruturou-se em torno da oposição a tal regime, a fim de abrir as portas para a revolução mundial. Por isso é que Trótski e seus adeptos foram os mais dedicados a analisar as formações transitórias entre capitalismo e socialismo a partir de um olhar crítico duplamente dirigido ao stalinismo e ao capitalismo.

Tal ação não era fortuita, uma vez que a tradição fundada por Trótski buscava firmar-se como uma liderança revolucionária para as massas no campo mundial. Já constava no Programa de Transição que “[a] *característica fundamental da situação política mundial, no seu conjunto, é a da crise de direção do proletariado*”¹. Uma liderança alternativa ao reformismo e ao stalinismo fazia-se urgentemente necessária, o fascismo urgia, e as revoluções, fracassavam.

¹ TROTSKY, Leon. *Programa de Transição*. São Paulo: Sundermann, 2008, p. 4.

Para isso, o abandono do objetivo de reformar o regime da burocracia, após a falta de ação da Internacional Comunista (IC) para combater a ascensão do nazismo, foi um passo de fundamental importância para que Trótski, a partir de 1933, defendesse a necessidade de uma nova liderança revolucionária na URSS. Nesse sentido, a fundação da Quarta Internacional, em 1938, simbolizou o ponto culminante de uma maturidade política. O trotskismo, assim, consolidava-se como uma tradição política independente, cujos marcos fundadores estavam profundamente vinculados à crítica ao stalinismo, à defesa incondicional da URSS, à revolução proletária internacional e à elaboração de um programa de transição ao socialismo.

No movimento de oposição ao regime estabelecido na URSS, diversas teorias foram produzidas, aperfeiçoadas e postas à crítica pelos trotskistas sobre os chamados “Estados operários” no caminho dos anos de 1940 e 1960, e, décadas depois, quando a URSS anunciava o seu desfecho, elas foram submetidas a um teste de validação histórica.

Na década de 1980, a URSS encontrava-se em um estado crônico de crise. A chegada de reformas prometidas como “radicais” por Mikhail Gorbachov estimulou um espaço promissor para debates sobre a viabilidade de uma democratização ser ou não efetiva na URSS devido ao regime em vigor. No entanto, o agravamento do cenário econômico e a emergência de massivas contestações ao stalinismo no Leste Europeu impuseram aos trotskistas a urgência de posicionamentos sobre os desfechos possíveis da sociedade soviética.

As organizações trotskistas responderam ao colapso soviético de diferentes maneiras, apoiando-o ou contestando-o, e buscavam sustentar-se em diferentes avaliações para fundamentar seus posicionamentos, fosse a teoria do Estado operário degenerado, fosse a teoria do capitalismo de Estado, fosse a percepção do stalinismo como um fenômeno essencialmente contrarrevolucionário, ou outras demais.

De qualquer modo, os posicionamentos que tais grupos adotaram frente à desintegração soviética não podem ser unicamente vinculados às teorias reivindicadas por essas organizações. Para exemplificar, o Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU), cuja principal figura de liderança era Ernest Mandel e que era, até então, a maior orga-

nização internacional identificada com o trotskismo, defendia a análise segundo a qual a URSS seria um Estado operário degenerado e a burocracia, um estrato parasitário da produção social. Para essa teoria, a defesa militar da União Soviética seria elementar, uma vez que significava preservar a economia nacionalizada e planejada inaugurada pela Revolução de Outubro. Entretanto, o SU apoiou as reformas políticas implementadas pela equipe de Gorbachov e o contragolpe de Iéltsin em agosto de 1991, que selou o fim da União Soviética.

Por outro lado, a teoria do capitalismo de Estado, sustentada pelo Tony Cliff (pseudônimo de Ygael Gluckstein) e o *International Socialists / Socialist Workers Party* (IS/SWP) da Inglaterra, modificava-se com relativa constância, a depender dos desafios que a ela fossem colocados. Assim, as reformas de Gorbachov não estavam destinadas a ter um fracasso iminente enquanto a URSS era considerada como uma formação capitalista situada em um estágio superior ao do capitalismo de livre concorrência. As reformas muito bem poderiam dar um novo vigor à economia, entendida como uma variante capitalista. Contudo, a evidência, a partir de 1988, de que a URSS não superaria as condições em que se encontrava, o que foi conferido pelo despertar das massas, modificou esse diagnóstico. A partir de então, a URSS passou a ser vista como inferior e impassível a reformas. Portanto, a teoria, por si mesma, não basta para entender as decisões políticas de tais agrupamentos.

Para compreender como essas organizações interpretaram e posicionaram-se em relação ao colapso da URSS, é fundamental não apenas entender a teoria que as fundamentaram, mas também a crise do trotskismo após a Segunda Guerra Mundial. Foi a partir dessa crise e dos questionamentos nela envolvidos que numerosos "troncos históricos" do trotskismo surgiram, e é perceptível que a forma com a qual lidaram com o stalinismo e com a URSS na década de 1980 relacionava-se com as discussões estabelecidas na Quarta Internacional nas décadas de 1940 e 1950.

No entanto, uma análise sobre como o trotskismo interpretou o fim da URSS seria demasiadamente complexa e inviável para apenas uma pesquisa. Embora existam a tese

de doutorado de Monteiro² e a obra de Linden³ sobre esse tema, uma análise apropriada de uma miríade de organizações demandaria um esforço mais plural e duradouro.

A tese de Monteiro, apesar de seu expressivo tamanho e profundidade, não consegue analisar todas tendências importantes do trotskismo, ou deste oriundas, mas singulares, como é o caso do IS/SWP. Por outro lado, a publicação de Linden envolve uma quantidade expressiva de grupos e de teorias, mas é marcadamente enciclopédica e superficial.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar como dois dirigentes provenientes do trotskismo, o militante belga Ernest Mandel e Tony Cliff, emigrante palestino radicado na Inglaterra, analisaram e posicionaram-se, em diálogo com suas respectivas organizações, em relação ao colapso da União Soviética.

Ambos os dirigentes eram históricos oponentes, defendiam análises teóricas distintas sobre a União Soviética e compartilhavam uma origem em comum nas fileiras da Quarta Internacional, fato que estabeleceu características importantes na atuação de ambos os ativistas. Essa centralidade nos dirigentes foi um critério de viabilidade para esta pesquisa, pois uma análise mais abrangente aos grupos demandaria um tempo mais extenso, e ainda se acrescentaria a dificuldade de serem organizações de tamanho expressivo e não centralizadas; isto é, que congregavam em seu interior grupos com variadas posições.

No âmbito do grupo de Cliff, foi incontornável abordar outros dirigentes, a dizer, Alex Callinicos, Chris Harman e Mike Haynes, uma vez que foram eles os militantes que mais se dedicaram a escrever sobre a desintegração soviética à época dos acontecimentos. Em publicações posteriores ao evento, essas análises receberam o apoio de Tony Cliff.

No caso do SU, houve um maior enfoque sobre Ernest Mandel, pois este, além de ter sido a principal figura dirigente da organização, foi quem mais elaborou análises sobre a União Soviética em tal momento, de modo a ser mais passível de sistematização. De todo modo, as análises de Mandel foram pontualmente comparadas às de outros membros de

² MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes Monteiro. *Stalinismo, revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a teoria do Estado operário burocratizado aplicada ao bloco soviético (1953-91)*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

³ LINDEN, Marcel van der. *Western Marxism and the Soviet Union A Survey of Critical Theories and Debates Since 1917*. Leiden, Boston: Brill, 2007.

destaque, ao exemplo de David Seppo e de Gerry Foley, a fim de demonstrar afinidades, desacordos e complementariedades de pensamento.

A escolha prioritária por Ernest Mandel (SU) e Tony Cliff (IS/SWP) foi devido a dois fatores principais. Em primeiro plano, tais dirigentes ainda possuem um lugar de centralidade no debate acadêmico marxista sobre a URSS. Além disso, ambos foram politicamente formados durante a crise da Quarta Internacional, e pertenciam, portanto, a uma mesma geração de jovens militantes nos anos 1940-1950. Embora sustentassem percepções teóricas absolutamente divergentes e fossem históricos oponentes, ambos apoiaram a desintegração soviética. Explicar como isso foi possível é uma das finalidades desta pesquisa.

Para cumprir esses objetivos, um exame sobre a crise do trotskismo tornou-se absolutamente necessário, pois foi o marco não somente de origem dos dois dirigentes e de suas tendências, mas também o momento que escreveu, em termos gerais, o código genético delas, ou as características principais, que as marcaram e que se revelaram tanto no período da mencionada crise, quanto no período do colapso soviético.

No que concerne à estrutura deste trabalho, esta pesquisa dividiu-se em quatro capítulos. O primeiro teve o propósito de fornecer precedentes históricos e conceituais, isto é, explicar os conceitos de Estado operário degenerado, formação transitória e stalinismo de acordo com as formulações de Leon Trótski. Isso se fez necessário, primeiramente, porque Trótski era a referência reivindicada pelos dirigentes investigados nesta pesquisa, de modo que suas posições possuíam interlocução constante com a produção do revolucionário russo. Além disso, os conceitos mobilizados pelos mencionados autores necessitam de explicações, as quais remetem à experiência soviética em suas primeiras décadas de existência; portanto, são conceitos fundamentalmente históricos e que acompanham a transformação política de Trótski.

O segundo capítulo, por sua vez, é dedicado a apresentar a origem das tendências políticas do “cliffismo” e do “mandelismo”. Para isso, foi realizado um exame sucinto, limitado e panorâmico sobre as causas da crise da Quarta Internacional após a Segunda Guerra Mundial, assim como de uma parcela dos debates que se originaram em torno da

conjuntura então estabelecida. Trata-se de um capítulo importante para elucidar a raiz histórica das posições adotadas pelos mencionados dirigentes na década de 1980, quando a URSS vivenciou a sua crise terminal.

Além disso, não deixa de ser importante pontuar que as posições de Mandel e de Cliff não foram as únicas que revelaram no período de crise da Quarta Internacional, diversas outras se fizeram presentes nesse contexto e se colocaram em disputa. Para os objetivos desta pesquisa, foram mencionadas no capítulo apenas as posições que se relacionaram e que contribuíram para a formação política desses dirigentes e de suas respectivas organizações no contexto imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial. Isso foi feito com base na literatura existente sobre o trotskismo, e também em pontuais documentos elaborados por esses dirigentes.

Após apresentar a origem e as principais características constituintes de tais tendências políticas, a pesquisa prosseguiu com dois outros capítulos dedicados a investigar seu objeto de fato, isto é, as interpretações desses autores sobre o colapso da União Soviética, para então haver um encerramento com a conclusão deste trabalho. Assim, o terceiro capítulo é dedicado a Ernest Mandel, e nele investigamos a avaliação do dirigente belga sobre a URSS e a burocracia, a análise inicial que teceu sobre as reformas de Gorbachov, a transformação de seu balanço sobre elas e as causas para essas modificações. Ademais, foi investigado como Mandel e o SU interpretavam a possibilidade de restauração capitalista e como se posicionaram acerca do Golpe de Agosto de 1991.

No capítulo subsequente, dedicado a Tony Cliff e ao IS/SWP, foi feita, de forma geral, uma exposição crítica da leitura histórica que faziam sobre a União Soviética e a burocracia sob a orientação da teoria do capitalismo de Estado. Além disso, foram apresentadas as limitações e transformações importantes dessa teoria ao longo das décadas de 1950 e 1980, a função que ela cumpria para o IS/SWP antes e depois do colapso soviético e como a organização analisou as causas da desaceleração da economia do país e como avaliou o colapso em 1991.

Na conclusão, foi feita uma síntese das considerações gerais desta pesquisa sobre as fontes analisadas, como os dirigentes aproximavam-se ou distanciavam-se das contribu-

ições teóricas de Trótski – referência que reivindicavam – e qual organização trotskista mobilizou, na percepção deste trabalho, o legado de Trótski de melhor maneira para analisar o fim da URSS.

Para cumprir a finalidade de investigar como esses expoentes advindos do trotskismo interpretaram o colapso soviético, foram consultados diversos periódicos dessas organizações, publicados entre 1985 e 1992 e disponibilizados nos acervos online.

Tais publicações estão especificadas nos capítulos dedicados a cada um desses grupos. Além disso, livros publicados pelos mencionados dirigentes foram também consultados. Todas essas referências, quando pertencentes a um mesmo autor ou organização, foram lidas de forma cronológica e comparadas entre si a fim de serem identificadas mudanças de posição no caminhar do tempo, complementos analíticos e conclusões em termos de programa político.

Ademais, para entender as teorias e as avaliações políticas, as seguintes perguntas foram feitas: qual era a avaliação sociológica sobre a União Soviética e a burocracia? Quais eram as causas para a desaceleração do crescimento econômico que se abateu sobre a URSS a partir do final da década de 1970? Como avaliaram a chegada de Gorbachov ao poder? Houve mudanças sobre a eficácia das reformas implementadas por este? Como os expoentes dessas organizações lidaram com as mobilizações sociais emergidas no Leste Europeu a partir de 1988? Como se posicionaram frente ao Golpe de Agosto de 1991? O fim da URSS teria sido uma revolução, uma contrarrevolução ou um câmbio institucional?

Por fim, deve-se pontuar que uma importante limitação desta pesquisa foi não oferecer informações sobre a biografia desses dirigentes e sobre a vida interna dessas organizações. Esses limites, ocasionados pelo restrito tempo de pesquisa, comprometeram, em parte, a profundidade que poderia ter sido alcançada na análise dos documentos. Como uma forma de contornar essas limitações, foram feitas leituras comparativas e complementares dos materiais produzidos por diferentes militantes de destaque dos referidos partidos, tal como foi mencionado.

Capítulo 1

Estado operário e stalinismo: precedentes conceituais sobre a interpretação de Leon Trótski sobre a União Soviética e a ditadura da burocracia

1.1 O regime transitório: o duplo caráter do Estado operário

Até o despertar da Revolução de Outubro, as limitações do marxismo no que concerne à análise das sociedades de transição entre capitalismo e socialismo eram particularmente maiores, e essa lacuna não era fortuita: Marx e Engels, a despeito de algumas observações fragmentadas e pertinentes, distribuídas em clássicas obras como *Anti-Düring* e *A Crítica do Programa de Gotha*, não quiseram, para assim se afastarem dos socialistas utópicos, proceder com nenhuma análise sistemática sobre como seria uma organização socioeconômica proveniente da queda do capitalismo. Na ausência de uma estrutura teórica consistente, coube aos marxistas do século 20 a responsabilidade de investigar e teorizar acerca dos limites, desafios e benefícios das sociedades transitórias no compasso próprio das revoluções que se sucediam em países fora do eixo das principais potências industriais.

A consolidação do regime de ditadura da burocracia, na década de 1920, designado de stalinismo, contribuiu para dificultar ainda mais esse desafio investigativo. O socialismo,

em sentido geral, designa uma sociedade baseada na associação direta entre produtores, organizados em comitês democráticos e com solidariedade fraterna entre povos. No entanto, devido à onipotência da burocracia e ao desaparecimento desses órgãos proletários na cena política do nascente Estado soviético, questionou-se se este ainda poderia ser qualificado como uma formação transitória, ou como um Estado operário, propriamente dito, uma vez que não mais existiam trabalhadores no controle político.

Além disso, na década de 1930, o stalinismo já registrava em seu histórico a passividade em relação ao fascismo em ascensão, expressa na rejeição à política de Frente Única, assim como a responsabilidade pela derrota de situações revolucionárias, tais como na China (1926-1927) e na Espanha (1936-1939), e a assinatura do pacto de não agressão com Hitler (1939). Nessas circunstâncias, a avaliação sobre esse fenômeno tornava-se ainda mais desafiadora, e a defesa da URSS em relação ao conflito mundial que se anunciava também se apresentava mais contraditória à parcela dos socialistas críticos aos revezes da Revolução de Outubro⁴.

Entre 1923 e 1940, o revolucionário russo Leon Trótski desenvolveu a sua análise sobre as causas da burocratização soviética e a consolidação do regime de ditadura da burocracia. Assim como elucidam Perry Anderson e Mordecai Bubis, a investigação de Trótski sobre o stalinismo é o estudo de um militante político que presenciou as transformações mais pujantes do período Entre Guerras. Consequentemente, a obra de Trótski passou por mudanças, correções e aperfeiçoamentos até chegar a um momento de maturidade estabelecida⁵.

A obra *A revolução traída*, publicada em 1936, representa esse momento mais amadurecido de suas formulações e investiga o que seria essa formação nascida do ventre de uma revolução socialista, mas tão logo submetida a uma ditadura de gestores materialmente privilegiados com os regressos revolucionários. Tratou-se de uma análise pioneira, mas

⁴ Sobre os eventos mencionados, sugerimos a leitura de Trótski (2010, 2011 e 2014), Isaacs (1938), Broué (1992) e Casanova (1977)

⁵ ANDERSON, Perry. *A interpretação de Trotski acerca do stalinismo*. Traduzido por Morgana Romão. Blog Lavrapalavra, 16/08/2017. Disponível em <https://lavrapalavra.com/2017/08/16/a-interpretacao-de-trotski-acerca-do-estalinismo/>. Acesso: 16/08/2024; BUBIS, Mordecai Donald. *The Soviet Union and Stalinism in the Ideological Debates of American Trotskyism (1937–51)*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – London School of Economics and Political Science, Londres, 1985. Ambos os autores analisam a interpretação de Trótski sobre o stalinismo de modo a dividi-la em fases: inicial, intermediária e madura.

nem de longe circunscrita ao puro exercício da teoria. Ao mesmo tempo que objetivava convencer os socialistas a defenderem o legado representado pela existência concreta de tal formação, a obra também tinha como finalidade atualizar a crítica de Lênin presente em *Estado e Revolução* para a União Soviética stalinizada.

Lênin, na citada obra, dirigia sua crítica aos reformistas da categoria dos mencheviques russos e fabianos ingleses que cultuavam um Estado que não tinha a menor intenção de desaparecer. Nos tempos tardios de Trótski, essa crítica voltava-se aos idólatras do Estado soviético e à doutrina oficial da década de 1930, segundo a qual o “comunismo completo” ainda não teria sido alcançado, mas o socialismo, sim, em alusão ao desenvolvimento industrial do período.⁶

Dessa forma, Trótski buscava se contrapor ao argumento de que o desenvolvimento industrial soviético levaria, cedo ou tarde, ao triunfo completo do socialismo. Por outro lado, aos que se negavam a defender a União Soviética em momentos tão cruciais para a sobrevivência desse Estado, imputando-lhe uma igualdade ao capitalismo de contornos autoritários e imperialistas, Trótski desenvolveu críticas com a finalidade de preservar a existência da União Soviética como um instrumento de primeira importância para a transição ao socialismo.

Para o revolucionário russo, em consenso a uma primeira geração de bolcheviques, a sociedade comunista não poderia suceder imediatamente à burguesa, pois a herança material desta, nos sentidos técnico e cultural, isto é, de experiências acumuladas de controle proletário sobre uma economia de grande escala e de desenvolvimento técnico das forças de produção, seria ainda insuficiente.

Trótski partia da premissa segundo a qual o comunismo seria o fim dos antagonismos de classe e do império da necessidade, e, para o autor, até mesmo a primeira fase da sociedade socialista já daria forma a uma organização social qualitativamente superior

⁶ É válido pontuar que Lênin, em *Estado e Revolução*, considerava que a queda revolucionária do capitalismo já seria o primeiro estágio do socialismo, pois avaliava que o Estado, após o desfecho vitorioso de uma revolução socialista, entraria imediatamente em processo de perecimento paulatino. No entanto, essa percepção se modificou consoantemente ao avanço da burocratização soviética. Em seus escritos mais tardios, datados de 1922 e 1923 e reunidos na compilação *Últimos escritos e diários das secretárias* (2012), é possível constatar que Lênin então adotara a percepção segundo a qual a URSS seria um Estado operário “adoecido”, que não havia ainda concluído a transição ao socialismo.

à sociedade burguesa. Devido a essas considerações, após o desfecho vitorioso de uma revolução socialista, haveria a necessidade de uma formação intermediária ou “preparatória” para o comunismo, também chamada de “Estado operário”, submetida a um regime de “ditadura do proletariado” que realizaria essa ponte entre as sociedades burguesa e socialista. Tal natureza híbrida desse novo Estado lhe conferiria um caráter essencialmente provisório. Em *A revolução traída*, Trótski afirma:

O marxismo procede do desenvolvimento da técnica como motor principal do progresso (...) A base material do comunismo deve consistir num desenvolvimento do poder económico do homem de tal modo que o trabalho produtivo, deixando de ser uma carga e um incómodo, não tenha necessidade de qualquer coacção, nem tenha a repartição (...) [de] outros contrôles além dos da educação, do hábito, da opinião pública⁷

A Revolução de Outubro foi uma insurreição de massas proletárias e camponesas que expropriou a classe dominante e dividiu a terra de uma maneira similar à distribuição de pequenas propriedades. Embora esse ato não tenha figurado entre os objetivos de aplicação imediata dos bolcheviques, pois o capitalismo russo não se servia de grandes estruturas de monopólio para assegurar de pronto um controle consciente e de larga escala da economia, o partido legitimou essas ações ao nacionalizar os meios de produção, ao proteger a economia interna por meio do monopólio do comércio exterior e ao iniciar medidas que intentavam promover um crescimento nacional ampliado e planejado. Isso foi demonstrado, por exemplo, com a fundação do Vasenka (*Vysshiy soviet narodnogo khozyaystva*), a primeira instituição antes da Gosplan (Comitê Estatal de Planejamento) a exercer a gerência da economia, e com o plano GOELRO (*Gosudarstvennaya komissiya po elektrifikatsii Rossii*) para a eletrificação nacional da Rússia, formulado ainda com Lênin em vida.

No entanto, para Trótski⁸, a nacionalização dos meios de produção não poderia suprimir imediatamente a luta pela existência individual. Até mesmo sobre as bases de um capitalismo desenvolvido do estrito ponto de vista da técnica, o Estado transitório não

⁷ TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. Lisboa: Antídoto, 1977, p. 89.

⁸ *Idem, Ibidem*.

poderia dar a cada um tudo o que lhe fosse necessário, sobretudo em condições de isolamento, pauperidade e de hostilidade externa. Não haveria, pois, condições de permitir a cada um trabalhar segundo suas próprias capacidades, nem compensar a cada um segundo as suas necessidades de forma independente do trabalho fornecido. Dessa insuficiência de artigos de consumo para uma ampla repartição social e atendimento de necessidades, se derivaria o interesse do Estado operário em incitar o crescimento da produção material. Contudo, para fazê-lo, não bastaria ao Estado distribuir de forma planejada os recursos entre ramos da produção, pois ele não poderia deixar de recorrer aos métodos de remuneração do trabalho elaborados pelo capitalismo, ao exemplo do regimento salarial e das trocas monetárias, para estimular a produtividade do trabalho, mas aplicando-lhes modificações e limitações. Por isso, em uma formação transitória, subsistiriam os privilégios, a desigualdade material e o que o autor chama de “normas burguesas de distribuição”, referentes à distribuição desigual de artigos de produção e consumo.

Aliado a isso, e como forma de contestação à caracterização da URSS como socialista, também havia o fato de que o seu desenvolvimento não seria harmonioso, mas contraditório, não assegurado, e fomentador de antagonismos sociais. Trótski cita como exemplo a coletivização forçada como uma forma de crescimento que teria gerado um antagonismo evitável entre o culaque – camponês rico –, que não queria se assimilar à propriedade coletiva, e o próprio sistema. No caso de ser socialista, o desenvolvimento deveria ser não somente assegurado, mas harmonioso, como resultado da extinção das classes.

O Estado soviético, dessa forma, assumiria um duplo caráter: seria burguês ao repartir os bens segundo padrões de valor capitalistas (salários desiguais para o acesso a bens de consumo); de outro, entretanto, seria socialista ao defender a propriedade coletiva, ou completamente nacionalizada, dos meios de produção; ao organizar a produção segundo critérios de necessidade social e política, mas não de reprodução ampliada do lucro; e ao defender-se de contrarrevoluções sociais que buscariam restabelecer a propriedade privada. Portanto, a URSS, embora não fosse socialista, também não seria capitalista.

A fisionomia específica de um Estado operário deveria definir-se pela modificação da relação entre essa[duas tendências. A vitória das tendências socialistas deveria significar,

nos termos de Trótski, a supressão irrevogável da polícia e a reabsorção do Estado numa sociedade que administra a si própria; contudo, o que se via era uma incompatibilidade da URSS com uma autêntica democracia proletária devido à referida dualidade em sua própria estrutura: o Estado respondia completamente aos seus fins quando se tratava de defender a propriedade nacionalizada no combate à contrarrevolução, mas isso não ocorria quando se tratava de regular a desigualdade na esfera dos bens de consumo. Tal fato demonstraria o problema representado pela burocracia soviética: para defender o “direito burguês”, o Estado soviético vira-se coagido a formar um órgão de tipo burguês, isto é, vira-se forçado a regressar à polícia, dando a esta um novo uniforme sob o regime vitorioso. Por isso, Trotski via na burocracia uma grande ameaça ao desenvolvimento socialista da URSS, mas uma aliada provável no caminho de um retrocesso capitalista⁹.

A burocracia, para Trótski, seria essencialmente necessária sempre que se encontrassem em presença áspers antagonismos sociais, com a finalidade de atenuá-los, acomodá-los e de regulá-los, mas sempre de modo a ser no interesse de privilegiados ou de possuídores, ou de si própria. Em citação a Lênin, a burocracia, diluída no funcionalismo e no exército permanente, seria composta de “*parasitas inseridos no corpo da sociedade burguesa, parasitas criados pelas contradições internas que dilaceram esta sociedade, mas precisamente parasitas que lhe tapam os poros.*”¹⁰. A burocracia seria, tal como a polícia, a manifestação de que a humanidade não teria libertado suficientemente a si própria, uma vez que ainda haveria o império da necessidade e os antagonismos sociais. O chamado “burocratismo” e a harmonia social encontrar-se-iam, portanto, em proporções inversas.

Como uma elucidativa síntese de sua condução argumentativa, Trótski cita Engels:

Quando desaparecerem, ao mesmo tempo que a dominação de classe e a luta pela existência individual, criadas pela anarquia actual da produção, os choques e os excessos que decorrem desta luta, mais nada haverá que reprimir, a necessidade de uma força especial de repressão não mais se fará sentir no Estado.¹¹

Lênin, na citada obra *Estado e revolução*, explicou que o proletariado, ao tomar o

⁹ *Idem, Ibidem*, p. 96

¹⁰ *Idem, Ibidem*, p. 92

¹¹ *Idem, Ibidem*, p. 94

poder e ao destruir o velho funcionalismo, formaria para si o seu próprio aparelho de proletores e empregados, e para impedir de tornarem-se a si próprios membros da burocracia do aparelho estatal, tomariam medidas de elegibilidade, revogabilidade e remuneração de cargos, bem como assumiriam o desempenho de funções de controle e vigilância em que todos seriam “burocratas”, precisamente com o fim de ninguém burocratizar-se¹². Assim, conclui Trotski, ao tomar o poder, o proletariado já tomaria medidas para impedir a formação de uma burocracia. A própria supressão do exército permanente em proveito da nação armada, que era uma demanda bolchevique, teria a ver com a luta contra perigos externos ao Estado operário sem a formação de uma “casta” privilegiada de oficiais e funcionários. O crescimento da burocracia seria como um câncer para a conservação da propriedade nacional estruturante desse Estado provisório, uma vez que fomentaria o desenvolvimento de normas desiguais de repartição em benefício desse próprio estrato administrativo. Quanto mais empobrecida fosse a sociedade nascida da revolução, mais severamente se manifestaria o surgimento de setores privilegiados, e maior deveria ser o rigor dos revolucionários para coibi-los em benefício do desenvolvimento das tendências socialistas de controle democrático da produção nacional. Por isso, o Estado operário teria como suas tarefas primordiais a democratização de si próprio, a supressão da luta pela existência individual e a consequente preparação de sua própria abolição.

Entretanto, tampouco seria a União Soviética uma variante de capitalismo. O fato de ser uma formação intermediária significava que a chamada “lei do valor”, isto é, o princípio que regula a produção e a distribuição da força de trabalho e dos recursos produtivos no modo de produção capitalista, não havia sido superada, mas que se manifestava na URSS de uma maneira modificada em comparação ao capitalismo, notadamente mais limitada. Nos termos de Trótski:

[a] nacionalização dos meios de produção e de crédito, o monopólio das cooperativas e do Estado sobre o comércio interno, o monopólio do comércio externo, a coletivização da agricultura, a legislação sobre as heranças, pressupõem estreitas limitações à acumulação pessoal de dinheiro e impedem a transformação do dinheiro em capital privado (usurário, comercial e industrial)¹³

¹² *Idem, Ibidem*; LENIN, Vladímir. *Estado e revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.

¹³ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, p. 108.

Tal citação é importante para compreender que Trótski não considerava que a lei do valor exercia um papel predominante na União Soviética, mas o autor não se dedicou a explicar em minúcias tal manifestação, fazia-o de forma não sistemática na obra. Trata-se de um tema sem unanimidades e que Trótski, para tecer considerações mais consistentes, necessitaria de mais tempo de vida para observar as transformações que a União Soviética vivenciaria nos anos subsequentes.

Embora não seja um tema elementar para a análise das fontes desta pesquisa, ele ainda guarda a sua importância, pois está presente em diversos documentos elaborados por Mandel e Cliff sobre a União Soviética e foi relevante para os autores fundamentarem a sua defesa ou oposição à URSS. Assim, não será aqui feita uma análise devidamente dedicada sobre a questão da lei do valor na URSS, serão apenas analisados elementos gerais dessa atuação, sob a guia de Ernest Mandel, Ticktin e outros autores¹⁴.

O economista Karl Polanyi¹⁵ elucida que, nas sociedades pretéritas ao modo de produção capitalista, o mercado não era a força predominante da organização econômica. Nessas sociedades, as trocas eram baseadas em relações de reciprocidade, como alianças políticas e obrigações familiares, ou em sistemas de redistribuição centralizados por autoridades políticas ou religiosas que coletavam e redistribuíam recursos conforme hierarquias pré-estabelecidas. Muitas comunidades, ademais, produziam para seu próprio consumo sem depender de mercados externos. A produção e a troca não eram motivadas pela ampliação do lucro, mas por necessidades, tradições e convênios sociais. Preços e salários, quando existiam, eram determinados por costumes ou decisões políticas, não pela oferta e demanda. A terra e o trabalho não eram tratados como mercadorias sujeitas à livre compra e venda, mas eram vinculados ao que se poderia conceber como direito ou obrigações sociais. Isso significa que o mercado, antes do capitalismo, não intermediava todos os domínios das relações humanas, mas que era constrangido por hábitos e tradições

¹⁴ De forma geral, reivindicamos a percepção de Mandel, que, além de ter sido adepto às ideias de Trótski, baseou-se nas reflexões de Preobrajenski sobre o tema. Para Mandel, cuja interpretação será melhor explicada no terceiro capítulo, a URSS era palco de uma batalha entre duas lógicas antagônicas e em permanente tensão: de um lado, havia a lei do valor; de outro, havia o planejamento estatal, que deveria se expandir de maneira a sufocar os vestígios da sociedade burguesa e abrir caminho ao socialismo. Essa tensão irreconciliável entre resquícios do capitalismo e embriões do socialismo marcava a URSS como uma formação transitória entre capitalismo e socialismo

¹⁵ POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

que fossem predominantes. Contudo, a produção antes subordinada a lógicas como subsistência e reciprocidade cedeu lugar a uma na qual todas as esferas da existência humana, a terra, o trabalho, o lazer, são mercadorias¹⁶.

Na sociedade mercantil – em particular, sob o capitalismo –, a produção e o produto do trabalho adquirem uma característica que os distinguiria de organizações sociais pré-teritas: para além de disponibilizarem à sociedade objetos úteis, o que seria comum à qualquer organização social de qualquer época histórica, criariam *valor*.

No capitalismo, a mercadoria não é apenas um objeto útil, mas a forma elementar de uma relação social específica, dada entre produtores privados e atomizados, que se relacionam por intermédio dos produtos de seu trabalho. Ela encarna a dualidade entre valor de uso, isto é, a utilidade concreta, e valor, dimensão abstrata do trabalho, quantificada pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la. Os produtos do trabalho só são intercambiáveis por serem a encarnação de uma mesma substância social, o trabalho humano geral¹⁷.

O trabalho não é objeto universal de troca, mas resulta objetivado em uma mercadoria que possui qualidades específicas e que também mantém relações específicas com as necessidades humanas. Como a mercadoria não é diretamente valor, mas precisa tornar-se um, o tempo de trabalho individual nela incorporado necessita assumir um caráter de universalidade. Para assumi-lo, objetiva-se em uma mercadoria que lhe expresse a quantidade e que seja indiferente às qualidades naturais que aquele possui, com a finalidade que tal mercadoria possa ser trocada por qualquer outra que também seja a objetificação desse mesmo tempo de trabalho¹⁸.

Essa relação, em primeiro lugar, dá-se entre mercadorias, pois seus produtores e proprietários só se relacionam uns com os outros com a mediação de seus produtos; em segundo lugar, indica que apesar de haver dependência material recíproca entre os produtores, o trabalho privado não é diretamente reconhecido como parte de um trabalho social total até que se efetive a troca no mercado, isto é, até o confronto desses produtos

¹⁶ *Idem, Ibidem.*

¹⁷ ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2011, p. 105-114.

¹⁸ *Idem, Ibidem.*

enquanto valores.

Essa relação não é natural, mas histórica, pois surge apenas quando os produtores, isolados em suas unidades privadas, só reconhecem mutuamente seu trabalho após tal intercâmbio. Conforme escreve Isaak I. Rubin:

[N]a economia mercantil-capitalista, as relações de produção entre homens em seu trabalho necessariamente adquirem a forma de valor das coisas, e só podem aparecer nesta forma material; o trabalho social só pode expressar-se no valor. [...] As transações de troca no mercado são as consequências necessárias, então, da estrutura interna da sociedade.¹⁹

Tal estrutura interna de sociedade, de acordo com o economista russo, remete a uma formação integrada por uma multiplicidade de empreendimentos privados independentes entre si, dirigidos por produtores de mercadorias individuais com base no direito de propriedade privada. Assim, enquanto a produção é integrada por cadeias interdependentes de trabalhadores, a apropriação permanece privada.²⁰

A concorrência entre esses produtores privados impulsiona a ampliação de capital, uma vez que o capitalista é obrigado a reinvestir parte dos lucros no desenvolvimento produtivo para não entrar em falência. Aliado a isso, a separação entre produtores que competem entre si é o que permite a formação de um mercado de trabalho, no qual a força de trabalho se torna uma mercadoria. Desprovidos de meios de produção próprios, os trabalhadores são obrigados a vender sua força de trabalho aos capitalistas que controlam os meios de produção. Essa relação é o fundamento da exploração capitalista, pois o trabalhador produz mais do que recebe em salários, de modo a gerar a mais-valia.

A lei do valor regula essa sociedade de produtores privados. Na observação crítica de Roman Rosdolski, inexistente uma planificação coerente nesse tipo de organização social, não há controle consciente e de antemão da distribuição do trabalho entre os ramos individuais de produção²¹.

Qualquer organização social, segundo o autor, precisaria atender as necessidades de seus integrantes para funcionar, mas o produtor, no capitalismo, não sabe o quanto de

¹⁹ RUBIN, Isaak. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Editora polis, 1987, p. 77.

²⁰ *Idem, Ibidem*.

²¹ ROSDOLSKY, Roman. *Op. Cit.*

determinado bem a sociedade necessita em um determinado momento, nem o quanto se produz desse bem por todas as empresas fabricantes. Consequentemente, ora supera-se a demanda, ora produz-se insuficientemente. Trata-se de um equilíbrio constantemente perturbado, pois só se verifica se uma determinada quantidade de trabalho privado tornou-se útil, isto é, atendeu a uma necessidade social e se conservou como parte de um trabalho social total, *post festum*; ou seja, após a realização do intercâmbio mercantil²².

Essa perturbação constante da produção se traduz em periódicas crises de superprodução, uma vez que nenhum produtor pode ordenar a outro que reduza ou aumente a sua produção. Isso não é possível, em primeiro lugar, porque as relações se estabelecem através do produto do trabalho, entre mercadorias, mas também porque uma interferência dessa natureza sobre a produção mercantil imporia limites à realização e à ampliação exponencial do mais-valor.

O restabelecimento do “equilíbrio” na sociedade mercantil-capitalista se realiza por meio da concorrência no mercado e dos preços. Em conformidade com a menção precedente, os produtores apenas podem influir sobre a atividade produtiva de outros, induzindo-os inconscientemente a aumentarem ou reduzirem a produção, por meio de suas relações com os preços de mercado, sob a mediação dos bens que produzem. Assim, a superprodução de um determinado bem conduz à queda do preço, e dá-se o oposto em caso de subprodução. Tal como um barômetro, a variação dos preços no mercado é o mecanismo pelo qual se afirma um restabelecimento de equilíbrio relativo entre os ramos produtivos, eliminando, provisoriamente, os movimentos flutuantes da superprodução e subprodução²³.

A superprodução de mercadorias leva à queda de preços, quebrando alguns capitalistas e realocando capital para setores mais lucrativos, num movimento incessante. Tal como enfatiza Isaak Rubin, o mercado opera como um mecanismo cego, onde “*as transações de troca são consequências necessárias da estrutura interna da sociedade [mercantil-capitalista]*”²⁴.

²² *Idem, Ibidem.*

²³ RUBIN, Rubin. *Op. Cit.*, p. 78.

²⁴ *Idem, Ibidem*, p. 77.

A União Soviética não suprimiu a lei do valor, mas esta se encontrava subordinada a uma economia planejada. A abolição da propriedade privada e o estabelecimento de um planejamento econômico conferiram transformações sociais significativas. Em primeiro lugar, essas características asseguravam que os insumos produtivos e a força de trabalho não passariam pela mediação do mercado. Os bens produzidos eram absorvidos e distribuídos entre os ramos produtivos. Assim, o Estado determinava o que seria produzido, qual seria o estabelecimento responsável, a quantidade a ser emitida e também mediava a transferência dos recursos necessários à produção sem que esse procedimento dependesse da efetivação da troca de mercadorias.

As unidades produtivas recebiam energia, trabalhadores e matérias-primas de acordo com as cotas do Gosplan, presentes nos planos anuais. Estes eram repassados às empresas por meio dos ministérios, os quais ajustavam a distribuição aos setores a eles subordinados em casos de falhas locais, ao exemplo de um desvio de aço de uma fábrica considerada menos prioritária para uma que estivesse atrasada. Caso a unidade produtiva conseguisse produzir para além das metas estabelecidas, ela não poderia vender os excedentes, mas precisaria direcioná-lo ao Estado. Assim, uma fábrica que produzisse, por exemplo, 10% a mais que o que fosse exigido, reportaria ao seu respectivo ministério, o qual verificaria com o Gossnab (Comitê Estatal de Fornecimento de Materiais e Equipamentos), responsável pela distribuição e armazenamentos de materiais excedentes, qual outra unidade de produção necessitaria de materiais suplementares, e tal distribuição era feita sem transação monetária, apenas com ordens ou autorizações administrativas e com um plano de desenvolvimento. Caso faltasse matéria-prima, e como um sintoma do controle não democrático da burocracia, a produção se paralisaria sem que a unidade pudesse recorrer a outra fonte segundo as vias oficiais, nem mesmo ajustar a produção ou insumos nas circunstâncias de escassez ou excesso de outros setores. Apesar disso, elas não faliam e seus trabalhadores não eram demitidos ²⁵.

Os setores que fossem considerados prioritários pelo Estado – quase sempre produto-

²⁵ Ver TICKTIN, Hillel. The political economy of class in the transitional epoch. *Critique*, v. 20, n. 1, 1993, p. 7–25; _____. The contradictions of Soviet society & Professor Bettelheim. *Critique: Journal of Socialist Theory*, v. 6, n. 1, 1976, p. 17–44.

res de bens de produção –, recebiam mais subsídios na forma de recursos físicos, enquanto outras, consideradas menos urgentes e geralmente produtoras de bens de consumo, eram mais negligenciadas na distribuição dos insumos. O Estado alocava os recursos produtivos de acordo com as necessidades circunstanciais, como a transferência de mais aço e mão de obra à fabricação bélica em um momento de maior urgência de defesa, ou para direcionar mais subsídios à fabricação de produtos de necessidade, como determinados alimentos, que estivessem sob uma escassez momentânea. Assim, a alocação produtiva obedecia a decisões políticas e estava submetida a um controle centralizado – ainda que burocraticamente –, e não à orientação lucrativa entre produtores autônomos.

Havia muitos problemas nas execuções desses processos, de modo que esse subsídio seletivo resultava em escassezes crônicas em setores considerados menos prioritários, enquanto se manifestava um excesso de produção em setores considerados prioritários pelo Estado. A demanda das unidades produtivas não determinava as locações de recursos, mas as metas políticas presentes nos planos anuais. Consequentemente a essa característica do planejamento de comando da burocracia, as empresas faziam estoques de matérias-primas e recorriam a mercados “paralelos” para contornar as falhas do planejamento e dar prosseguimento à produção para o cumprimento das metas estabelecidas. Isso era fundamental para que os gerentes, os quais pertenciam a um estrato intermediário da burocracia, não perdessem os privilégios vinculados ao cargo, como o acesso a lojas especiais, a melhores artigos de consumo, serviços, residências e salários, enquanto os trabalhadores poderiam mudar de emprego – também considerando melhorias que poderiam obter – sem adentrar a um mercado de trabalho²⁶.

Em segundo lugar, a força de trabalho não era uma mercadoria que poderia ser comprada e vendida no mercado de trabalho, e isso também conferia um importante limitador para a apropriação privada dos excedentes. Apesar de haver desigualdade social, esta se situava na desigualdade de acesso a bens de consumo, e não de capital. Salienta Ticktin que a classe trabalhadora não estava privada de seus meios de existência, ela teria acesso a habitação, saúde, educação, trabalho e alimentação, ainda que mais precários. A obriga-

²⁶ *Idem*, 1976, p. 25-27.

ção do emprego seria para o indivíduo não ser considerado um aproveitador dos recursos do Estado, e até mesmo por isso havia a coerção; contudo, o trabalho também poderia conceder melhores benefícios sociais²⁷

Devido ao fato de o trabalhador ter a garantia de emprego, foi comum na experiência soviética haver faltas no trabalho, longos intervalos de descanso, atrasos, roubo de utensílios, rotatividade de mão de obra e até quebra de maquinários. Ao mesmo tempo, os gerentes necessitavam cumprir as metas dos planos e precisavam ter mão de obra nas empresas. Essa dependência resultava, segundo Filtzer, na necessidade de acordos entre gerentes e trabalhadores, geralmente dados individualmente, para haver possíveis concessões de benefícios, como acesso a melhores escolas e maiores salários, pois, para os gerentes, era melhor atrasar a produção do que não concluí-la²⁸. Em adição, esses elementos apresentados por Filtzer contribuem, ainda que de modo não explícito, para que Ticktin afirme que a classe trabalhadora soviética, ainda que sem se organizar coletivamente, possuía um controle parcial sobre o processo de trabalho, ainda que isso não significasse um efetivo controle democrático e proletário sobre a organização econômica²⁹.

Para além dos expedientes de propaganda e coerção recorrentes do período de Stálin para recrutar mão de obra camponesa para as cidades, a alocação de trabalhadores funcionava por meio do sistema que Sheila Marnie³⁰, por exemplo, designa de “*pereras-predeleniia*”, ou redistribuição, em que os indivíduos trabalhavam em regiões ou setores específicos no curso do período de três a cinco anos (na era de Stálin), ou de dois a três, nos governos subsequentes, sob o pretexto de “devolver à sociedade” a educação que receberam. As comissões ministeriais determinavam as vagas prioritárias e eram oferecidos maiores salários, melhores moradias subsidiadas, bons locais para retiro de férias e acesso a lojas especiais para quem trabalhasse em setores prioritários, como mineração e metalurgia, e em regiões remotas e geralmente indesejadas, como localidades da Sibéria, do

²⁷ *Idem, Ibidem.*

²⁸ FILTZER, Donald. *Soviet workers and late Stalinism: Labour and the restoration of the Stalinist system after World War II*. Cambridge university press, 2002, p. 1-12.

²⁹ TICKTIN, Hillel. The Class Structure of the USSR and the Elite. *Critique: Journal of Socialist Theory*, v. 9, n. 1, 1978, p. 37-61.

³⁰ MARNIE, Sheila. Employment and the reallocation of labour in the USSR. In: Aslund A (ed). *Market Socialism or the Restoration of Capitalism?*. International Council for Central and East European Studies. London: Cambridge University Press, 1991, p. 145-171.

Uzbequistão e do Cazaquistão; quem os recusasse, poderia pagar multa com meses de salário e perder o direito a futuros estudos, a morar em grandes cidades e não ser autorizado a ter empregos formais em áreas correspondentes de formação durante um período determinado³¹.

Na era pós-Stálin, a redistribuição tornou-se menos rígida. Universidades poderiam oferecer um restrito leque de vagas de trabalho para a escolha dos estudantes com melhores notas, cônjuges ou idosos poderiam evitar destinos remotos sem penalidades e, após o cumprimento do prazo mínimo de trabalho (dois anos), seria possível pleitear a transferência para uma maior cidade.

Esse sistema não deixou de ter consequências, pois assim que os profissionais qualificados cumpriam o período obrigatório, mudavam-se de cidade, ocasionando, em primeiro lugar, a perda das empresas de funcionários qualificados e habituados com o cotidiano da produção. Esse quadro expressava a alta rotatividade de mão de obra, um problema nunca superado pela URSS.

Em complemento, a redistribuição também conduzia funcionários qualificados a regiões sem infraestrutura para a sua profissão. Para exemplificar, Field cita um caso em que um médico formado em Moscou foi enviado para trabalhar em um hospital no Cazaquistão, em que não havia máquinas de raio-x, laboratório básico ou estradas preparadas para neve, o que dificultava o transporte de pacientes. Tal médico alegou problemas de saúde após um ano para ser transferido³².

Em terceiro plano, o fato de a propriedade não ser privada resultava na ausência de controle das empresas sobre o excedente, nem mesmo os maiores escalões da burocracia tinham o controle absoluto sobre a totalidade dos bens produzidos, ainda que cuidasse da distribuição destes.

A centralidade das metas de produção com saídas físicas e a dependência de postos da hierarquia para o acesso a melhores condições de consumo resultavam em uma transferência de informações falsas dos escalões inferiores da produção às instituições

³¹ SCHROEDER, Gertrude. Managing Labour Shortages in the Soviet Union. In: Adam, J. (ed.). *Employment Policies in the Soviet Union and Eastern Europe*. London: Palgrave Macmillan, 1987, p. 3-25.

³² FIELD, Mark G. Allocation of Medical Personnel: The Administrative Solution. In: *Doctor and Patient in Soviet Russia*. Cambridge: Harvard University Press, 1957, p. 77-97.

centrais de controle do planejamento, o Gosplan. O fim último dessa transferência de falsas informações era a preservação de postos nas empresas e ministérios e os benefícios a eles vinculados. Ao mesmo tempo, essa prática de transferência garantia um cotidiano produtivo mais cômodo e estável, pois as metas necessitavam ser cumpridas, mas eram anualmente aumentadas com base nas informações fornecidas pelas empresas. Assim, o fornecimento de informações não correspondentes possibilitava o cumprimento das metas sem a necessidade de aumento demasiado da produção e adaptações do espaço produtivo para possibilitar esse crescimento. Segundo Ticktin, o resultado era que os gigantescos estratos da burocracia, distribuídos entre vários escalões e distantes do cotidiano fabril, não tinham real dimensão dos excedentes, devido a essa ampla circulação verticalizada de informações incorretas, assim como tais estratos não tinham um acesso senão parcial a eles, e enquanto conservassem seus cargos³³.

Os gerentes, por exemplo, que eram o estrato da burocracia mais próximo do cotidiano produtivo, não eram donos do produto do trabalho alheio dos trabalhadores, não poderiam acumular capital com o excedente produtivo. Isso também se relaciona com o fato de o dinheiro ter tido um papel limitado na URSS precisamente em função da propriedade não ser privada³⁴.

O dinheiro soviético servia, antes de tudo, como um meio de circulação controlado pelo Estado. Ele era utilizado para pagar salários aos trabalhadores, permitindo-lhes adquirir bens de consumo em lojas estatais, e também funcionava como unidade para a contabilidade econômica entre empresas e setores. No entanto, sua função era restrita, pois, em primeiro lugar, o dinheiro não possibilitava a compra de meios de produção, o que inviabilizava a transformação do dinheiro em capital. O gerente, por exemplo, não poderia investir na produção para acumular e ampliar o lucro para si. A “acumulação” a que tinham acesso e que almejaram durante boa parte do tempo de existência da URSS era de bens de consumo e de serviços especiais. Ademais, o dinheiro não viabilizava o acesso a privilégios em plenitude. Ter cargos mais altos na hierarquia burocrática habilitava o acesso a melhores bens de consumo, a melhores escolas, apartamentos bem localizados,

³³ *Idem. Op. Cit.*, 1993, p. 17-18.

³⁴ *Idem, Ibidem.*

casas de campo e a carros sem ter que aguardar uma longa espera em filas de pedido. Embora o dinheiro demonstrasse que existia uma troca monetária e regimento salarial, não havia um livre mercado, os preços eram fixados administrativamente pela burocracia, com base nas informações coletadas das unidades produtivas, o que também resultava em preços dissonantes dos reais custos de produção³⁵.

Além disso, a ausência de um mercado financeiro – como bolsas de valores, bancos privados ou mecanismos de crédito capitalistas – impedia que o dinheiro se tornasse capital portador de juros ou que gerasse acumulação por meio de mecanismos especulativos. O crédito era controlado pelo Estado, e os “lucros” das empresas estatais eram, na prática, redistribuídos ou absorvidos pelo orçamento nacional, impossibilitando que se concentrassem nas mãos de uma classe capitalista³⁶.

Ademais, em breve complemento, a URSS também não tinha o rublo como uma moeda livremente conversível. Essa medida tornava as transações econômicas com as nações capitalistas muito mais complexas, limitava a contratação de empréstimos com bancos estrangeiros e também houve, até o final da década de 1980, a proibição de investimentos estrangeiros diretos no país. Tratava-se de uma medida política que também controlava a operação da lei do valor na União Soviética e protegia a sua economia internamente de um entorno capitalista³⁷.

Devido a esses fatores, pode-se concordar com Trótski sobre o fato de a URSS não ser uma formação capitalista. Tal autor era crítico sobre a falta de precisão dessa avaliação sobre a URSS, mais especificamente sobre a aplicação do conceito de capitalismo de Estado³⁸. Embora Trótski não tenha explicado de modo sistematizado a atuação da lei do valor na União Soviética em sua obra magna dedicada à análise dessa formação, a citação inicialmente exposta demonstra que o revolucionário percebia os constrangimentos impostos à lei do valor pelo planejamento e pela propriedade nacional como elementos que impediam o capitalismo de se desenvolver em plenitude.

Apesar de contestar a superioridade soviética segundo os critérios do stalinismo, que

³⁵ TICKTIN, Hillel. *Op. Cit.*, 1978, p. 43-46.

³⁶ *Idem, Ibidem.*

³⁷ FERNANDES, Luís. *URSS – Ascensão e queda*. Rio de Janeiro: record, 1991.

³⁸ Ver TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 1977, p. 245-247.

associava o desenvolvimento industrial ao socialismo de forma apartada da democracia proletária, Trótski localizava essa superioridade precisamente nas características da URSS que possibilitariam a transição ao socialismo se estivessem sob as mãos da classe trabalhadora organizada em comitês autônomos. Devido a essa constatação de uma superioridade qualitativa, mas não quantitativa, Trótski via a burocracia como uma ameaça anunciada à preservação dessas estruturas socioeconômicas e como um veículo de uma possível restauração capitalista.

Nas próximas seções, serão apresentadas, ainda que sumariamente, a origem do stalinismo e a interpretação de Trótski sobre esse fenômeno que teria sido a nota dominante da “deformação” do Estado operário soviético. Será apontado que a sua interpretação passou por diferentes fases que acompanharam o próprio amadurecimento político do autor.

1.2 A formação do stalinismo

O partido bolchevique enfrentou uma mudança paradigmática no caminhar dos anos de 1922 e 1924. No correr desses anos, como resultado das lutas deflagradas internamente, foram estabelecidas as bases para o futuro modelo stalinista de sociedade, o qual vigorou até o final da existência da URSS.

A ascensão política de Stálin não teria sido possível sem o contexto da luta fraciona que então se desdobrava no interior do partido e sem as condições de penúria que se instalaram no país nos anos imediatos após a Revolução de Outubro, que tiveram como expressões mais graves o isolamento do nascente e ainda precário Estado operário soviético, e a dissipação do proletariado organizado que integrou a Revolução, seja em virtude da fome, que os mobilizou para o campo, ou pelos golpes da morte e da lassidão que acompanharam a Guerra Civil (1918-1921).

O ponto de partida para essa disputa pelo poder foi a deterioração da saúde de Lênin, em maio de 1922, que o levou a afastar-se temporariamente da vida política. A partir desse momento, a questão da sucessão do líder bolchevique colocou-se na ordem do dia e a disputa se deu entre duas tendências fundamentais, portadoras de projetos divergentes de desenvolvimento para o partido e o Estado: uma democrática, informalmente liderada

por Leon Trótski, e outra burocrática, liderada pela chamada triarquia, que se constituía como um bloco entre Grígori Zinoviev e Lev Kamenev, dois prestigiados líderes das bases do partido, e Stálin, que era o responsável pelo vasto aparato partidário. De modo geral, o objetivo da triarquia era impedir a ascensão de Trótski à liderança do partido, a despeito da preferência de Lênin por esse então popular e historicamente novo membro do bolchevismo. Contra Trótski, os integrantes da triarquia nutriam profundas divergências desde antes da Revolução, mas a questão não se limitava a isso, pois a ascensão de Trótski afetaria seriamente as posições de Kamenev e Zinoviev, cuja ambição à direção do partido era bastante conhecida³⁹.

A despeito de as figuras de Kamenev e Zinoviev terem sido fundamentais para assegurar o comando do aparato estatal-partidário a Stálin e de a burocratização ser fenômeno anterior à luta partidária, é indubitável que o bolchevique georgiano desempenhou um papel central nas mudanças do regime interno do partido e no Estado soviéticos.

Para entender esse papel, é necessário salientar que Stálin havia acumulado um número significativo de funções, sobretudo no correr dos anos de Guerra Civil, sendo a um só tempo comissário do Povo e das Nacionalidades, comissário da Inspeção Operária e Camponesa (Rabkrin) e também membro do Birô Político. Esse Birô era uma das ramificações do Comitê Central, ao lado da Comissão de Organização e do Secretariado. No ano de 1922, Stálin era o único membro do partido a ocupar uma posição em todas essas seções do Comitê⁴⁰.

Em breves palavras, como comissário do Povo e das Nacionalidades, Stálin lidava com questões de quase metade da população URSS, integrada por uma diversidade de povos não-russos. Durante os anos em que presidiu tal Comissariado, Stálin foi o elo mais direto entre o poder central e as lideranças bolcheviques nas regiões de fronteira oriental, e por meio dos amplos contatos que estabeleceu, Stálin conseguiu construir uma rede nada desprezível de aliados nessas localidades, muitos dos quais viriam a compor a

³⁹ VILKOVA, Valentina. A Rússia em 1923. In: TROTSKY, Leon. *O novo curso*. São Paulo: Usina / Contrabando, 2023, p. 229.

⁴⁰ *Idem, Ibidem.*, p. 217

sua equipe no Kremlin⁴¹.

Já no que tange à função de comissário da Rabkrin, Stálin deveria fazer cumprir a supervisão de todos os ramos da máquina governamental a fim de corrigir e trazer a público os abusos de poder, as ineficiências e os excessos burocráticos que nela se encontrassem. O comissariado da Rabkrin atuava por meio de equipes de operários e camponeses que deveriam aprender sobre a administração dos organismos e seções a fim de realizar neles modificações práticas e indispensáveis nos momentos mais propícios. Assim, esse órgão supervisor emanava uma certa expectativa de que o treinamento de uma nova camada de grupos capazes de inspecionar de forma ativa e competente os mais variados organismos e instituições poderia ser um meio para suplantiar os administradores herdados do czarismo que se encontravam no aparato governamental.

Os grupos integrantes desse órgão de vigilância tinham a liberdade para adentrarem aos escritórios dos comissariados, assistirem a conferências ministeriais restritas e a reuniões do Conselho de Comissários. Dessa forma, a Rabkrin possibilitava a observação de cada peça da engrenagem da máquina governamental, e em vez de contribuir para sanar os vícios da administração pública “a partir de baixo”, em conformidade com o desejo de Lênin, a Rabkrin veio a se tornar uma espécie de polícia extra-oficial e invasiva. Não tardou para que as suas próprias equipes de operários e camponeses se assimilassem ao ambiente burocrático⁴².

Além disso, à frente da Rabkrin, Stálin observou o funcionamento e o conteúdo pessoal do aparato governamental de forma mais próxima do que qualquer outro comissário, e estabeleceu um contato direto com a vasta administração pública soviética. A indicação do militante georgiano ao cargo de liderança da Rabkrin dá uma dimensão da confiança que era nele depositada por Lênin, uma vez que tal órgão foi uma das principais apostas do líder bolchevique para o combate aos mencionados problemas que assolavam os apa-

⁴¹ DEUTSCHER, Isaac. *Stálin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 254.-256.

⁴² *Idem, Ibidem*.

ratos estatais e partidários⁴³. No entanto, sob o comando de Stálin, a Rabkrin veio a ser mais um organismo dominado por estratos de administradores com interesses distintos daqueles das massas trabalhadoras.

Outra posição privilegiada de Stálin foi no Birô Político, ao lado de Lênin, Trótski, Kamenev, Bukharin e, posteriormente, Tolski e Zinoviev. Desde 1919, pouco tempo depois da ruptura entre os bolcheviques e os Socialistas Revolucionários, esse órgão foi o espaço no qual se davam as discussões e as tomadas de decisões políticas do partido. Para além dos afazeres relativos às questões da “grande política” do país, cada um de seus membros possuía seus respectivos encargos no interior desse órgão. No caso de Stálin, ele se ocupava da gestão cotidiana do aparato partidário. Por também fazer parte da Comissão de Organização, também criada em 1919, Stálin se encarregava da distribuição dos quadros partidários no exército e no serviço público em conformidade com as diretrizes do Birô Político. Além disso, ele preparava as conferências e congressos, estudava e controlava os relatórios dos órgãos da base do partido à direção e redigia respostas a eles⁴⁴. Desse modo, ao ser o único membro presente no Birô Político e na Comissão de Organização, Stálin, auxiliado por equipes de aliados, era também o único encarregado de assegurar a unidade entre política e organização; isto é, de dirigir as forças do partido conforme as diretrizes do Birô. Com essas responsabilidades juntas, Stálin se ocupava da gestão do cotidiano do partido e observava as intrigas que se manifestavam nesses ambientes de forma mais imersa do que qualquer outro dirigente⁴⁵.

Essa acumulação de funções já se mostrava bastante expressiva. No entanto, ela não foi observada de imediato pelos contemporâneos de Stálin como algo digno de gerar sérias consequências para a vida partidária. É notório como Stálin conseguiu se alçar às altas posições de poder por meio dos votos de seus apoiadores e oponentes, assim como conseguiu fazê-lo ainda durante a vida de Lênin, que, quando se apercebeu do perigo conferido

⁴³ Lênin buscou diversos meios para contornar o decepcionante desempenho da Rabkrin, o mais conhecido foi a fusão desta com a Comissão Central de Controle, mas esse esforço também fracassou. Para saber mais sobre a Rabkrin e outros assuntos envolvidos nas divergências entre Lênin e Stálin, a leitura da obra de compilação “Últimos escritos e diário das secretárias” (2012), indicada nas referências bibliográficas, é muito elucidativa.

⁴⁴ MARIE, Jean-Jacques. *Stalin*. São Paulo: Babel, 2011, p. 217.

⁴⁵ DEUTSCHER, Isaac. *Op. Cit.*

pela concentração de poder nas mãos de Stálin, tentou combatê-lo com as suas últimas e combalidas energias⁴⁶. De forma similar, Trótski e a Oposição de Esquerda também clamaram por um resgate da democracia interna como um meio de regenerar o partido. Afirma Deutscher que a pouca resistência à acumulação de funções nas mãos de Stálin, as quais ainda viriam a crescer, se devia à percepção do georgiano como um administrador eficiente, devidamente firme, disciplinado e aparentemente afastado das polêmicas partidárias⁴⁷. O dirigente provinciano não era considerado por seus contemporâneos como um príndigo intelectual, um tribuno ou um homem das massas, e, de fato, Stálin nunca o foi. Tratava-se de uma persona taciturna e discreta, cuja oratória, pouco desenvolvida, era marcada por cansativas repetições, murmuros e afirmações com pouca consistência⁴⁸. Além disso, Stálin sempre se esquivava das discussões teóricas, ficava mudo nos congressos, pouco escrevia e não se posicionava frente às divergências tão comuns da vida partidária. A sua figura, assim, emanava apaziguamento, disciplina e neutralidade, de modo a sugerir que ele era uma escolha muito apropriada para exercer uma função administrativa na organização⁴⁹.

Esses atributos tiveram a sua importância para a nomeação de Stálin ao cargo de secretário geral do Comitê Central, por indicação de Kamenev. Na data de 3 de abril de 1922, a sua nomeação foi aprovada por unanimidade na primeira plenária do Comitê Central, ocorrido depois do XI Congresso do partido, que contou com uma votação aberta e com a participação de Lênin. Cabe mencionar que, nessa mesma data, a equipe nomeada para a Comissão de Organização foi exclusivamente composta por homens próximos a Stálin –

⁴⁶ Não há lugar para dissertarmos sobre esse embate que marcou o momento final da vida de Lênin. Nos limitamos a afirmar que Lênin e Trótski, ambos membros do Birô Político, chegaram muito perto de consolidar uma aliança no começo de 1923, o que está muito bem documentado na obra *Lenin's Last Struggle*, do historiador Moshe Lewin. Tal aliança seria dada em torno de questões de primeira importância para a sobrevivência do Estado soviético, referentes à questão nacional – o caso georgiano –, à preservação do monopólio do comércio exterior, à luta contra o “burocratismo” e também em torno das formas de resgatar a democracia interna do partido Bolchevique. O perigo de degeneração burocrática do partido, assim como a concentração de poder de Stálin, alarmavam profundamente o líder bolchevique, que, em um momento de aguda enfermidade, começou a ser privado dos informes da vida política e vigiado pelos membros da triarquia – Kamenev, Zinoviev e Stálin – por meio das secretárias que o acompanhavam (ver LENIN, 2012). Apercebido desse cerceamento e já com nutridas desavenças contra Stálin, Lênin rompeu suas relações políticas e pessoais com o bolchevique provinciano e recomendou, em seu “testamento político”, o afastamento imediato de Stálin de suas funções.

⁴⁷ DEUTSCHER, Isaac. *Op. Cit.*

⁴⁸ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*

⁴⁹ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*, 216-217 e 222.

Andreiev, Kuibichev e Molotov – ou que o apoiavam – Dzerjinski, Rykov e Tolski.

Nove meses depois, no entanto, Lênin, que havia apoiado a nomeação de Stálin ao cargo de secretário geral, propõe destitui-lo da função ao considerar que este havia concentrado um enorme poder nas próprias mãos, assim como o seu círculo mais próximo de apoiadores⁵⁰. Essa mudança se justificava porque Lênin ausentara-se da atividade política até outubro de 1922, devido à sua enfermidade. Quando o líder bolchevique voltou à atividade, apercebeu-se do salto no acúmulo de poderes de Stálin após a sua nomeação à liderança do Secretariado. Foi somente nesse momento que Lênin constatou a posição estratégica ocupada por essa função na hierarquia partidária, e, de fato, o seu quadro de enfermidade foi um dos fatores que fez Stálin agir com decisão e rapidez para aumentar a influência do Secretariado no aparato partidário.

Originalmente, o Secretariado era um organismo auxiliar do Birô Político, criado em um momento no qual os organismos dirigentes do partido tinham um peso excessivo e ramificações que então se expandiam. A finalidade do Secretariado era coordenar e auxiliar o trabalho dessas amplas instâncias. Esse órgão transmitia as decisões tomadas no Birô Político a todas as instâncias partidárias inferiores na forma de instruções, redigia circulares de aplicação dessas decisões, cuidava das prestações de contas, preparava a pauta das reuniões do Birô, fornecia as documentações necessárias das questões a serem nele debatidas e também cuidava da distribuição, transferência, rebaixamentos e promoções de uma massa de quadros partidários⁵¹. Devido a essas funções essencialmente auxiliares, considerava-se que o cargo de secretário geral seria um ofício administrativo de menor importância, pois o cérebro do partido ainda seria a colegialidade conservada com Lênin no Birô Político.

No entanto, a relação de subordinação do Secretariado ao Birô começou a se inverter, pois sem o primeiro, as decisões tomadas no Birô Político ficariam suspensas no ar, uma vez que se perderia a ligação com as outras instâncias partidárias. Como já havia no

⁵⁰ LENIN, Vladimir. *Últimos escritos e Diário das secretárias*. São Paulo: José Luis e Rosa Sundermann, 2012, p. 74.

⁵¹ PRADO, Carlos. A burocratização, Stálin e a luta da Oposição contra a degeneração do partido Bolchevique (1922-24). *Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, v. 23, n. 2, ano XII, nov. 2017, p. 152-175.

partido uma hierarquia definida, cujo topo era ocupado pela colegialidade organizada no Birô Político, com diretrizes vindas de cima e o cumprimento delas nas mais baixas instâncias, o cargo de secretário geral se converteu em uma conexão lógica de toda a hierarquia da organização⁵². Desse modo, tudo se passava pelas mãos do secretário, pois ele tinha o controle sobre a vida dos militantes, devido ao fato de cuidar de nomeações, rebaixamentos e transferências de cargos, assim como tinha poder de influência sobre as discussões e a linha política do partido, devido à sua responsabilidade de preparar pautas e separar documentações⁵³. Tais funções converteram o Secretariado em um espaço ideal para manipulações políticas, e isso foi percebido por Lênin.

Assegurado do apoio de Zinoviev e Kamenev em um momento de afastamento político de Lênin, Stálin iniciou o processo de criação de uma rígida hierarquia partidária. Para isso, a chamada “disposição Molotov”, às vezes referenciada como “Situação dos Instrutores do Comitê Central”, datada de junho de 1922, foi um passo de significativa importância. Esse documento foi aprovado pelo Secretariado e pela Comissão de Organização e fazia referência aos instrutores do Comitê, os quais então passavam a ser diretamente subordinados ao Secretariado e por ele nomeados. Esse sistema de nomeação de instrutores foi rapidamente ampliado a todos os escalões inferiores do partido⁵⁴.

Gradualmente, essa prática de nomeação começou a tomar o lugar das eleições na seleção de diversos cargos até finalmente se converter em uma norma regulamentada no XII Congresso do partido, em agosto de 1922. Nesse Congresso, foi aprovado o princípio de nomeação de secretários, que deveriam ser aprovados pelas instâncias superiores do partido. Por meio do Secretariado, Stálin começou a nomear e a substituir a maioria dos secretários dos comitês locais e regionais, sob a forma de “recomendações” ou “reeleições”. Os secretários por ele escolhidos eram sempre elementos a ele fiéis.

Outra medida de grande importância para reforçar a influência do Secretariado sobre a estrutura partidária foi a criação do Departamento de Organização do Comitê Central,

⁵² PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. Origens dos privilégios dos *apparatchiks* na URSS. In: NOVOA, Jorge. *História à deriva: um balanço de fim de século*. Salvador: UFBA, 1993, p. 65.

⁵³ PRADO, Carlos. *Op. Cit.*, 2017.

⁵⁴ PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. O Novo Curso: prólogo da tragédia. In COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, p. 66.

em julho de 1922. Esse departamento era um anexo do Secretariado e a sua direção foi concedida a Lazar Kaganovitch, uma figura muito próxima a Stálin. De forma geral, tal departamento exercia um papel similar à Rabkrin ao ter como suas responsabilidades a fiscalização das atividades dos instrutores e organismos do partido e a depuração periódica dos “carreiristas” e comissários com má conduta que nesses espaços se encontrassem. Assim, iniciou-se uma prática de elaboração de relatórios e de convocação de secretários para prestar esclarecimentos às instâncias superiores do partido, com o objetivo de “evitar prováveis erros nas questões importantes na periferia”⁵⁵. Desse modo, começou a haver um fluxo regular de informações e relatórios vindos da base à direção, ou seja, das organizações partidárias locais ao Secretariado. Começou a ser assim elaborado um sistema de supervisão rigoroso que permitia o Secretariado agir sobre as organizações locais, de modo a influenciá-las e a controlá-las ⁵⁶. Foi por meio desse Departamento que o Secretariado, de modo não oficial, veio a se tornar o principal condutor de expulsões e punições dos membros das instâncias inferiores. Portanto, é possível constatar como o Secretariado se constituía como um elo entre vários organismos da cúpula partidária, uma vez que poderia interferir nas nomeações e expulsões.

Além disso, deve-se mencionar a aprovação do documento intitulado “A melhoria das condições de vida dos funcionários ativos do partido”, ocorrida em 31 de julho de 1922⁵⁷. Esse documento criava uma estrita hierarquia de salários dos funcionários do partido que chegava a ser entre cinco a seis vezes superior a de um operário médio. Além dos salários, havia o recebimento de produtos alimentícios considerados raros nas circunstâncias de escassez, ao exemplo da carne, da manteiga, do açúcar, entre outros, cujas pesagens variavam de acordo com a ocupação e com o número de membros familiares dos funcionários. As benesses também poderiam envolver habitação, vestuário, transporte, assistência médica e, aos funcionários hierarquicamente mais elevados, férias periódicas de um a três meses. Essas medidas garantiram a Stálin o apoio de milhares de quadros médios do

⁵⁵ PODTCHEKOLDIN, Aleksandr: o nascimento da partidocracia. In COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

⁵⁶ PRADO, Carlos. *Op. Cit.*

⁵⁷ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*

partido, sobretudo compostos por secretários de organizações regionais⁵⁸.

Por meio dessas ações, criou-se a base de um sistema de privilégios e subornos a funcionários sob a direção do Secretariado. As vantagens concedidas vinculavam-se estritamente à função exercida, e com ela desaparecia. Como o secretário geral era a figura responsável por nomear, destituir e transferir quadros, residia nele a autoridade de conceder e tirar privilégios sem a interferência do Birô Político. Todo esse cenário de benefícios e expulsões afetou significativamente os quadros opositores, pois os delegados, que agora comiam e viviam bem, poderiam ser rebaixados ou enviados a uma região distante em represália a um eventual apoio às denúncias das oposições.

Nos bastidores dessas articulações, houve um elemento de grande pertinência para ilustrar o papel de Stálin na consolidação da ditadura burocrática, que foi a generalização sistemática do que Jean-Jacques Marie chama de uma “cultura do segredo”⁵⁹. Esta faz referência a um serviço de códigos essencialmente voltado para textos de conotação militar durante a Guerra Civil. No ano de 1922, entretanto, Stálin regulamentou e generalizou esse sistema.

Em agosto do referido ano, o Secretariado redigiu um documento chamado “o modo de conservação e circulação dos documentos confidenciais”, que obrigava as instâncias centrais e locais do partido a criarem um setor secreto para o tratamento desses materiais. Até o mês de dezembro, outras circulares divulgaram regras rigorosas sobre o recebimento e o tratamento de tais documentações, estabeleceram criminalizações severas em torno da difusão de informações nelas contidas e expuseram uma lista precisa com os nomes autorizados a serem os seus destinatários⁶⁰.

Aliado a isso, foi construída uma pesada vigilância sobre o transporte desses documentos, que era feito por estafetas da GPU, e sobre a entrega deles aos seus destinatários. A cada duas semanas, após a realização de um inventário preciso dessas documentações,

⁵⁸ Em setembro de 1922, a Comissão de Organização tomou a decisão de aumentar o quadro de funcionários nas células do partido. O número de funcionários permanentes aumentou para mais de vinte mil pessoas – sem considerar os seus familiares, o que fazia esse número mais do que triplicar –, enquanto o número de funcionários de apoio, nos quais também se encontraram os quadros técnicos, aumentou para mais de quarenta mil. Somente o Secretariado já contava com mais de seiscentos funcionários no mês de dezembro do mesmo ano.

⁵⁹ *Idem, Ibidem.*

⁶⁰ MARIE, Jean-Jacques. *Op. Cit.*; PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. *Op. Cit.*

esses materiais eram queimados por uma comissão especial do Secretariado.

Esse sistema de segredo, portanto, tornou as correspondências entre os órgãos do partido cada vez mais restritas, e tal prática se estendeu às reuniões do Birô Político e à Comissão de Organização. Dessa forma, diversos militantes, desde a base até as mais altas instâncias partidárias, não tinham muitas informações sobre o que se passava no partido, pois as documentações passaram a ser confidencializadas. Foi por meio dessa “cultura do segredo” que o Secretariado conseguiu dissipar a publicidade que havia sobre o que se passava na vida partidária⁶¹.

É também válido mencionar a ampliação das competências da GPU – a polícia política – ainda nesse mesmo ano. O mencionado XII Congresso aprova resoluções que autorizam a repressão contra mencheviques, SRs e intelectuais não partidários e que proíbem a existência de todos os partidos, com a exceção dos bolcheviques. Além disso, à GPU é conferida a autorização de atribuir sanções sem passar pelo sistema judiciário.

A partir dos elementos apresentados, torna-se possível constatar que o stalinismo foi um estágio de mudança qualitativa da burocratização soviética, uma vez que promoveu uma *sistematização* do regime ditatorial da burocracia em torno da figura do secretário geral, o que não se verifica no bolchevismo da época de Lênin. Em uma manifesta contrariedade à democracia proletária, como sempre demonstrou o stalinismo, isso foi feito por meio de uma rígida organização de hierarquias, nomeações, privilégios e afastamentos de quadros opositores.

O momento decisivo para a formação desse fenômeno emergido das contradições da Revolução foi dado no período de 1922 a 1924, em meio ao afastamento de Lênin e à luta fracional entre a maioria do Comitê Central, liderada por Stálin, Zinoviev e Kamenev, e a Oposição de Esquerda, liderada por Trótski. Após a derrota da Oposição, o stalinismo consolidou-se definitivamente como a orientação política do partido e do Estado, perdurando na União Soviética até 1991. A despeito das ações fundamentais de Stálin nesse processo, entendemos que ele não agiu de forma independente, pois foi alçado a posições de comando por diversos quadros do partido, e foi o homem escolhido pela burocracia

⁶¹ PRADO, Carlos. *Op. Cit.*

para representá-la. Todavia, não se pode negar o importante papel que o dirigente cumpria na consolidação do regime de ditadura burocrática.

1.3 O stalinismo para Leon Trótski: as fases interpretativas e o amadurecimento político do revolucionário russo

Nesta seção, serão analisadas as contribuições de Leon Trótski para a compreensão do conceito de stalinismo, que são de fundamental importância para uma análise sofisticada sobre tal fenômeno social. Tais análises do revolucionário se constituíram como um primeiro esforço de investigação sistemática do stalinismo e da formação soviética dentro do prisma do marxismo crítico, de modo que os escritos de Trótski ainda possuem um grande valor investigativo para qualquer pesquisa que tenha como finalidade uma séria análise dos referidos temas.

No entanto, como um militante internacionalista envolvido nos acontecimentos mais pujantes e significativos de sua época, Trótski não produziu ao longo de sua vida uma obra coesa e linear. O conjunto de sua produção revela rupturas, continuidades e variadas transformações, que encontram correspondência com os acontecimentos nacionais e internacionais ao seu redor. Ao considerar essas singularidades, a finalidade desta seção é analisar a interpretação do referido revolucionário sobre o stalinismo no caminhar dos anos de 1923 e 1940. Para isso, será seguido o procedimento sugerido por Perry Anderson⁶² de dividir as análises de Trótski em três momentos distintos: inicial, intermediário e maduro, e, ao final, será discutida a relação entre stalinismo, bonapartismo e termidor.

⁶² ANDERSON, Perry. A interpretação de Trotski acerca do stalinismo. Traduzido por Morgana Romão. Blog Lavrapalavra, 16/08/2017. Disponível em <https://lavrapalavra.com/2017/08/16/a-interpretacao-de-trotsky-acerca-do-estalinismo/>. Acessado em 16/08/2024.

1.3.1 O Novo Curso: a fase inicial da interpretação de Trótski sobre a burocratização

Em *O Novo Curso*, Trótski assinala a origem e as manifestações do fenômeno do “buracratismo” no partido, de forma a observar como o desenvolvimento histórico da Revolução e erros particulares viabilizaram esse caminho que criou uma simbiose entre o partido e o Estado. Desse modo, diversos elementos são elucidados, como, por exemplo, as diferenças geracionais, a composição social, o desenvolvimento econômico do país, entre muitos outros. O objetivo de Trótski foi alertar para os perigos do fenômeno burocrático e sugerir meios para restabelecer a liberdade interna de discussão no ambiente organizativo.

No primeiro capítulo, o qual versa sobre as gerações partidárias, Trótski assinala a falta de democracia de forma relacionada às diferenças geracionais que se verificavam entre os membros da chamada “velha guarda” dos bolcheviques e uma geração mais jovem, adentrada à organização após Outubro. O revolucionário russo constata que as diferenças geracionais se expressavam na forma como os velhos bolcheviques decidiam e pensavam pelo partido, utilizando-se do argumento da experiência para legitimar a própria autoridade na direção. Os membros mais jovens, por sua vez, acolhiam os posicionamentos daqueles sem desempenhar um papel autônomo nas discussões, independentemente da importância da questão posta⁶³. Nesse sentido, Trótski denuncia que o partido vivia, de certa forma, em dois níveis: um superior, onde se decidia, e um nível inferior, no qual se limitava a inteirar-se das decisões⁶⁴.

De forma complementar, o líder bolchevique relaciona essa separação geracional ao perigo burocrático:

[N]ão queremos apenas ser dirigidos por vocês, mas participar com vocês na direção na direção da classe. Queremos isso não apenas porque é nosso direito como membros do partido, mas também porque é absolutamente necessário à classe operária como um todo. Sem nossa modesta experiência, experiência que não deve ser anotada nas esferas dirigentes, mas que deve ser introduzida na vida do partido por nós mesmos, o aparato dirigente está se tornando bu-

⁶³ PRADO, Carlos. *Op. Cit.*

⁶⁴ TROTSKY, Leon. *O novo curso*. São Paulo: Usina editorial, 2023, p. 22-24

rocrático, e nós, comunistas de base, não nos sentimos suficientemente bem armados ideologicamente quando enfrentamos as pessoas sem partidos.⁶⁵.

Portanto, Trótski alertava às antigas direções bolcheviques sobre a necessidade de uma mudança de postura em proveito de um partido e uma base com mais autonomia. Para isso, fazia-se necessária a liberdade para críticas e discussões, independentemente da posição dos membros na história do partido.

De forma relacionada ao problema geracional, houve a questão da composição social do partido após 1917. O revolucionário salienta como fora vertiginoso o crescimento da organização após a vitória de Outubro e como esse fato envolveu a entrada de muitos elementos “carreiristas” no partido. Estes não eram afeitos ao socialismo, mas haviam ingressado no partido com a finalidade de obter privilégios materiais em um cenário de escassez de recursos.

Ademais, outro fator de primeira importância para o desenvolvimento da burocratização foi o distanciamento da organização em relação às massas, resultante da ocupação de aparatos e instituições pelo partido após a chegada ao poder. Esse processo já foi aqui mencionado, mas é válido acrescentar que, para Trótski, essa foi uma das fontes do burocratismo, a qual também se somou à lentidão do desenvolvimento da indústria e ao isolamento internacional da Revolução. Para Trótski, a solução para esse distanciamento seria haver um desenvolvimento econômico que impulsionasse a indústria para que a composição proletária do partido viesse a se fortalecer.

O desenvolvimento do burocratismo envolveria uma separação cada vez maior dos dirigentes em relação às massas, em proveito de uma maior dedicação a problemas administrativos. Esse fenômeno, ademais, incidiu-se sobre a autoridade ampliada que passaram a ter determinados cargos e órgãos, assim como veio a ser uma ameaça ao horizonte revolucionário dos dirigentes, de modo a provocar nos velhos bolcheviques uma degeneração.⁶⁶.

Outro problema digno de nota na obra de Trótski é a questão da liberdade para as frações. Em uma polêmica declaração, Trótski afirmou que o partido bolchevique seria o

⁶⁵ *Idem, Ibidem*, p. 19

⁶⁶ PRADO, Carlos. *Op. Cit.*

único no Estado soviético e que não poderia ser diferente em uma ditadura do proletariado. Além disso, afirmou o autor que, em um regime de partido único, ao haver grupos opostos no partido, surgiria a possibilidade de esses agrupamentos se transformarem em frações provisórias ou permanentes e de se constituírem como suportes para pressões externas hostis ao governo soviético, isto é, a burguesia e demais grupos a ela simpatizados. A fim de evitar esse problema, o partido deveria promover a democracia operária, pois as discordâncias surgem quando as discussões são insuficientes.

Em sua percepção, era profundamente condenável a postura burocrática de hostilizar e repreender qualquer forma de crítica como manifestação de um de espírito fracionário, uma vez que o desaparecimento das divergências só poderia ser conferido ao dar mais voz ao partido e ao aproximá-lo às células proletárias.

Nesse momento, o que Trótski chamava de democracia operária restringia-se à liberdade de críticas, à realização de debates internos e às eleições de base. Não há, portanto, nenhuma referência à restauração do funcionamento dos conselhos como órgãos de democracia direta, a democratização seria limitada aos marcos do partido.

Assim, pode-se constatar que Trótski, em 1923, não somente possuía uma restrita percepção do que deveria ser a democracia proletária, mas também considerava as frações de fato perigosas, sobretudo as tendências burocráticas. Seria o partido, com uma restrita democracia em seu interior, que promoveria a planificação econômica que revigoraria a indústria, e não os trabalhadores por meio de suas células de fábrica e conselhos. Essa percepção também predominava na Oposição de Esquerda.

Essa foi a posição de Trótski até 1933, quando já se contavam cinco anos de sua expulsão do partido e após um histórico muito consistente de erros políticos da Terceira Internacional Comunista. Alguns anos mais tarde, Trótski reconheceu que a medida excepcional da proibição das frações teria vindo ao gosto do governo burocrático, pois proporcionara uma vida organizacional internamente cômoda, com um centralismo sem o pilar democrático⁶⁷.

Além disso, no momento inicial de sua luta contra a burocratização, Trótski não se

⁶⁷ TROTSKY, Leon. *Op. Cit*, 1977.

mostrava afeito à luta clandestina, uma tradicional marca da militância bolchevique, de modo que o revolucionário russo recorreu à agitação contra a maioria do Comitê Central nos marcos da legalidade. Isso mudou apenas em 1925, quando a Oposição de Leningrado, de Zinoviev e Kamenev, reconheceu que o uso de meios exclusivamente legais teria pouca eficácia contra o aparelho da direção partidária. Após essa constatação, foi logo formada a Oposição Unificada, em 1926, uma coalizão de setores opositores ao stalinismo de dentro do partido, determinados a reunir esforços para desafiar o poder crescente e cada vez mais centralizado na persona de Stálin.

De dentro da Oposição Unificada, os bolchevique-leninistas, advindos da Oposição de Esquerda, e os decistas, de Ivan Smirnov, eram até então os grupos mais propensos a recorrer às antigas tradições de clandestinidade dos bolcheviques do que Trótski, o que veio a mudar no período de exílio deste. Os bolchevique-leninistas eram a ala mais radical de tal Oposição e ajudaram a promover a agitação de propaganda nas fileiras dos trabalhadores não partidários, organizou gráficas secretas, convocou assembleias populares nos bairros operários e construiu uma rede de aliados no exterior⁶⁸.

No entanto, a atuação desse grupo foi restrita ao propósito de reerguer as normas democráticas organizacionais, sem a pretensão de estendê-la ao conjunto da sociedade soviética. Para esses oposicionistas, a regeneração da democracia soviética deveria começar pela regeneração interna do partido que os havia expulsado.

Além disso, tal grupo não estabeleceu relações perduráveis ou próximas com tendências que se apresentavam contrárias à “linha geral” do partido bolchevique. Isso significa que, ao direcionar a luta para o regime partidário, os bolchevique-leninistas tinham reservas em relação a elementos externos e descontentes com o partido e com os rumos da revolução que poderiam partilhar das críticas habituais da plataforma oposicionista à direção burocrática. Tal grupo, posteriormente à derrota da Oposição Unificada, seguiu atuante na clandestinidade, formando depois a base da Oposição Internacional do trotskismo.

⁶⁸ GUSEV, Aleksei. The Bolshevik-Leninist Opposition and the Working Class, 1928-1929. In FILTZER, D. et al. *A Dream Deferred: New Studies in Russian and Soviet Labour History*. Bern: Peter Lang, 2008; KUN, Miklós. Trotsky e o movimento clandestino anti-estalinista nas décadas de 1920 e 1930. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

Os esforços oposicionistas foram dignos de nota para mostrar que uma importante parcela dos membros bolcheviques estava contrária ao rumo dos acontecimentos e se esforçou para entender as raízes da burocratização a fim de combatê-la, a despeito de terem sido todos derrotados nesse processo.

1.3.2 A fase “intermediária” da interpretação de Trótski sobre o stalinismo

A obra “Stálin, o Grande Organizador de Derrotas”⁶⁹, de 1928, às vezes intitulada de “A III Internacional Depois de Lenin”, situa-se no momento subsequente à derrota da Oposição Unificada (1926-1927) e no calor do momento das discussões sobre o Comitê Anglo-Russo e a Revolução Chinesa de 1927.

Nessa obra, Trótski constata uma mudança qualitativa na natureza das derrotas do proletariado internacional, que não mais seriam provenientes de inexperiência ou inexistência de partidos comunistas, mas de incorretas diretrizes políticas da IC. O conceito de centrismo é aqui utilizado pelo referido revolucionário com a finalidade de caracterizar a natureza política do grupo de Stálin e de suas súbitas mudanças, que oscilavam entre apresentar uma política ultraesquerdista ou uma política conciliatória e reformista.

Nessa obra, o internacionalismo de Trótski adquire uma essencial relevância para as suas análises. O autor relaciona a derrota da Oposição de Esquerda a uma desfavorável relação de forças no âmbito internacional para o despertar da revolução mundial. A constatação veio depois de observar as diversas sublevações proletárias fracassadas na Alemanha, na China, na Inglaterra e no Leste Europeu.

Além disso, Trótski constataria que somente a restauração da democracia na Internacional e em seus partidos nacionais corrigiriam a degeneração burocrática na União Soviética e possibilitaria o triunfo da revolução internacional e o desenvolvimento da economia soviética com um aumento de peso social do proletariado. Dessa forma, o triunfo da IC e do Estado soviético seria decidido na arena internacional.

No entanto, por ainda apostar na possibilidade da reforma de ambos, Trótski não

⁶⁹ TROTSKY, Leon. *Stálin, o grande organizador de derrotas*. São Paulo: Iskra, 2020.

pretendia fundar uma nova Internacional e empenhou-se a organizar a Oposição Internacional com o apoio de uma rede de aliados em diversas localidades, herdados, em grande medida, da finada Oposição Unificada.

Há dois conceitos de primeira importância na publicação supracitada: termidor e stalinismo. A burocracia passa a ser compreendida como um instrumento de pressão dos setores privados “termidorianos”, isto é, pró-capitalistas, que guardavam em si uma grande hostilidade em relação ao regime soviético. Essa contrariedade, a qual se expressou nas numerosas sabotagens praticadas pelos camponeses ricos no fornecimento de alimentos e na estocagem de grãos, poderia abrir caminho à restauração capitalista. Assim, em tal fase intermediária, o conceito de termidor era uma analogia à contrarrevolução, o que foi posteriormente corrigido por Trótski para designar uma espécie de reação conservadora dentro da revolução.

Por sua vez, o uso do conceito de “stalinismo” por Trótski, em conformidade ao entendimento da Oposição Unificada, designava as práticas não democráticas do grupo em torno de Stálin, que favorecia os setores privados.

Compreendido dessa maneira, o stalinismo ainda não seria a principal ameaça à sobrevivência do Estado soviético, uma função ocupada pelos setores que poderiam germinar uma reação termidoriana. A derrota da Oposição de Esquerda fortaleceu os setores privados, e a desintegração do centralismo democrático do partido também favoreceria uma restauração capitalista.

O conceito de termidor foi revisitado após a coletivização forçada e a industrialização acelerada, quando o regime de Stálin seguiu de forma repentina em direção a uma política ultraesquerdista de “classe contra classe” (1929) – que colocava a radicalização das massas como um princípio de aplicação mecânica, mas não como um estado de caracterização do desenvolvimento do proletariado e da sociedade capitalista – e rompeu com o programa econômico de Bukharin, o qual favorecia o enriquecimento do campesinato. Esse violento e repentino distanciamento dos setores privados demonstrou uma autonomia relativa da burocracia em relação às classes sociais, de forma que ela não poderia mais ser definida como um instrumento de pressão de estratos pró-capitalistas ou como

uma resultante centrista do burocratismo.

Desse modo, a percepção do termidor veio a se tornar uma analogia histórica mais precisa e passou a envolver a mudança de poder dos setores que lideraram a Revolução de Outubro para um setor mais conservador, que, no entanto, não pretendia destruir as conquistas revolucionárias.

O termidor é um conceito que associa a experiência soviética com a Revolução Francesa. O propósito primário dessa associação era fundamentar a ideia de uma ameaça contrarrevolucionária aos fundamentos sociais estabelecidos pela Revolução de Outubro. Esse chamado “perigo do termidor” desenvolveu-se após a vitória da ala majoritária do partido sobre o controle do processo revolucionário, em 1924, e a partir de uma acentuada desproporção entre agricultura e indústria (crise das tesouras), o que germinaria o crescimento de tendências pró-capitalistas formadas na base da NEP.

A crise econômica de 1928 lhes concedeu um poderoso instrumento de desorganização da economia socialista, de forma a possibilitar uma primeira etapa da contrarrevolução burguesa, dirigida contra a base social do Estado operário. A forma como a burocracia lidava com a questão da industrialização revelava a influência das novas camadas burguesas no aparelho do Estado, uma vez que tal estrato buscava, até o momento prévio ao giro de 1928-1929, beneficiar os setores privados⁷⁰.

Nesse primeiro momento, portanto, o que Trótski chama de “reação termidoriana” é o risco de restauração capitalista proveniente do perecimento da política revolucionária, causada pela burocracia com o pesado fardo dos nepmen e do culaque sobre as suas costas. Assim como os jacobinos foram substituídos pelos termidorianos e pelos bonapartistas, o esmagamento da Oposição seria um passo imprescindível para a consolidação do poder dos elementos mais conservadores da burocracia e do estrato superior da classe operária. Esse processo, desdobrado entre 1922 e 1924, é o que pode ser chamado de começo do termidor. Essa interpretação de Trótski tem como fundamento a percepção da Oposição de Esquerda como uma representante e condutora das tendências históricas progressivas do proletariado durante o período “jacobino” da Revolução Russa (1917-1924).

⁷⁰ TROTSKY, Leon. *The Workers' State, Thermidor and Bonapartism* [1935]. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1935/02/ws-therm-bon.htm>. Acesso: 17/08/2023.

No entanto, Trótski, em 1935, corrigiu-se em relação à utilização inapropriada dessa terminologia sobre a burocracia stalinista: no caso francês, o termidor não envolvia a restauração de velhas formas de propriedade e do poder de antigos setores dominantes. O fenômeno não consistia em um atentado contra as conquistas sociais da Revolução Francesa, mas em seu fortalecimento a fim de organizá-las e de estabilizá-las⁷¹. Portanto, a menção a uma “contrarrevolução”, quando em referência ao processo revolucionário *francês*, significaria o restabelecimento da propriedade feudal.

Essa analogia histórica, ademais, entrou em contradição com a análise posterior da evolução da União Soviética e do regime de Stálin como uma variante peculiar de bonapartismo, o qual, em sua variante francesa, veio a se consolidar somente depois do termidor. Nesse sentido, em sua fase tardia de análise sobre a União Soviética, Trótski considerou que tal analogia poderia alimentar mais confusões do que esclarecimentos⁷². Por isso, ao modificar sua analogia sobre o termidor como uma reação, Trótski passou a entendê-lo de forma entrelaçada ao fenômeno bonapartista.

É importante salientar, ademais, que o fim da NEP e a chegada da coletivização constituíram uma grande quebra não somente no sentido econômico, mas também no político, em virtude da firme transformação do partido em um dócil instrumento do regime de Stálin e das mudanças nas formas de atuação da oposição dos Bolchevique-Leninistas⁷³.

A tendência dos trabalhadores para a auto-organização era muito evidente. Os Bolchevique-Leninistas dirigiram-se ativamente às fábricas e à “questão do trabalhador”, de modo que esses opositores passaram a corroborar as demandas dos trabalhadores por aumento salarial e melhorias das condições de vida. As críticas às políticas do governo e aos privilégios da burocracia fortalecem a posição dos bolcheviques-leninistas entre os trabalhadores, os quais eram majoritariamente indiferentes às polêmicas internas ao partido⁷⁴.

O sucesso desses opositores entre os operários semeava uma oportunidade de organizá-los em números muito significativos. Não havia, entretanto, um claro e consistente pro-

⁷¹ *Idem, Ibidem.*

⁷² *Idem, Ibidem.*

⁷³ GUSEV, Aleksei. The Bolshevik-Leninist Opposition and the Working Class, 1928-1929. In FILTZER, D. et al. *A Dream Deffered: New Studies in Russian and Soviet Labour History*. Bern: Peter Lang, 2008.

⁷⁴ *Idem, Ibidem.*

grama de ação contra o regime burocrático, além do fato de os oposicionistas limitarem-se à demanda de ampliar a “democracia operária” nos espaços dominados por completo pela burocracia. Nesse sentido, essa seria uma luta pela legalidade dentro das estruturas oficiais já burocratizadas, sem uma explicação consistente sobre como tal feito seria alcançado. Essa demanda por reforma e democracia estava endereçada à própria burocracia, e já nesse momento, tratava-se de uma grande ilusão em virtude de toda a estrutura do aparato estatal burocrático já se encontrar verticalmente organizada e submetida a um pequeno punhado de liderança⁷⁵.

O referido grupo, até mesmo quando os proeminentes membros da oposição já haviam sido expulsos do partido e posteriormente exilados, temia a possibilidade de maior radicalização dos trabalhadores, com o receio de destruir o novo Estado operário. Por isso, Trótski rejeitava a organização de um novo partido com os trabalhadores descontentes com as adversidades pós-Outubro, e, sobretudo, com o partido bolchevique, apesar de haver meios para tal empreitada em novas bases geracionais. Os Bolchevique-Leninistas ainda se apresentavam como uma fração do partido e tentavam conquistar os trabalhadores para lutar por uma influência nas células da organização que os hostilizava.

Assim, na melhor das circunstâncias, o referido grupo admitia a possibilidade de greve com demandas de matriz econômica, enquanto opunha-se às demandas de matriz política contra o partido. A prioridade das reformas no aparato, portanto, fez esmorecer um grande potencial proveniente das mais novas gerações de trabalhadores para lutar contra o poder burocrático⁷⁶.

1.3.3 A Quarta Internacional e o amadurecimento político das análises de Trótski

A luta pela construção da Quarta Internacional foi o momento mais significativo do amadurecimento político de Trótski na construção do socialismo e da revolução internacional. O ponto de partida para isso foi a desmoralizante vitória do nazismo na Alemanha.

⁷⁵ *Idem, Ibidem.*

⁷⁶ *Idem, Ibidem.*

nha, que não contou com nenhuma luta efetiva liderada pelo partido Comunista Alemão (KPD). A partir dessa derrota para a humanidade, Trótski concluiu que a IC e o partido não eram mais passíveis a reformas e que ambos não eram mais capazes nem de cumprir uma função anticapitalista na luta contra o imperialismo, nem de serem a vanguarda da revolução mundial⁷⁷. Fazia-se necessária uma liderança internacional alternativa aos stalinistas e socialdemocratas, pois essas lideranças que continham em seu histórico a responsabilidade por uma série de derrotas do proletariado internacional eram um obstáculo para uma transformação revolucionária. Desse modo, portanto, a tarefa de primeira importância dos revolucionários seria a construção do partido da revolução mundial, que fosse capaz de liderar a classe trabalhadora em direção ao socialismo, bem como a uma luta intensa contra todas as lideranças traidoras inseridas no movimento “operário”⁷⁸.

Nota-se que, para Trótski, a degeneração burocrática já havia atingido um patamar qualitativo. Dessa forma, seria elementar uma revolução política para tirar a burocracia do controle político a fim de preservar as conquistas da revolução a longo prazo, de modo a construir um partido revolucionário e a restaurar a democracia direta dos conselhos.

Essa burocracia seria gestora das formas de propriedade coletiva e do monopólio do comércio exterior, mas não teria um papel independente nas relações de produção. Os seus métodos de gestão, agressivos e pouco eficientes por não serem regulados por uma lógica do mercado ou pela gestão social da produção, criavam desequilíbrios e serviam como freio para o desenvolvimento econômico e cultural da sociedade soviética⁷⁹.

Além desses elementos, não havia um projeto independente de sociedade a longo prazo que fosse mobilizado por esse corpo burocrático, a despeito da aplicação discursiva de um socialismo sobre a União Soviética. Devido à limitada existência da propriedade privada, os privilégios e as condições de subsistência da burocracia eram provenientes de seu parasitismo na gestão da economia. A influência desse estrato no movimento “operário” tinha como finalidade o controle sobre a classe para a manutenção de si própria no poder político. Essa posição de gestora criava na burocracia uma dependência de

⁷⁷ TROTSKY, Leon. *To Build Communist Parties and an International Anew* [1933]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/germany/1933/330715.htm> Acesso: 22/05/2025

⁷⁸ TROTSKY, Leon. *O programa de transição para a revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2008.

⁷⁹ *Idem. Op. Cit.*, 1977.

relações políticas para a ascensão na hierarquia de diferentes setores que a compunham a fim de parasitar as benesses viabilizadas pela produção social proletária. Em virtude disso, a burocracia não conformaria, segundo Trótski, uma classe social, mas um estrato social instável, sem a detenção do direito de propriedade e herança, bem como dependente de posições na gestão da política e da economia para garantir suas próprias necessidades⁸⁰.

Tal parasitismo sobre as formas de propriedade estabelecidas pela Revolução de Outubro e a defesa desta contra o imperialismo, mesmo que por meio de métodos pouco eficientes de um aparato burocrático, não criavam uma incompatibilidade imediata entre o regime de ditadura da burocracia e a preservação da natureza proletária da União Soviética. Dessa forma, a defesa da União Soviética era, para Trótski, um princípio de primeira importância, uma vez que se tratava de um Estado Operário, ainda que burocraticamente deformado. Essa defesa, que deveria ser de caráter militar, mas não se configurar em uma defesa política do regime, necessitaria ser incondicional contra qualquer ameaça imperialista e qualquer tentativa de restauração capitalista⁸¹.

No artigo *A Natureza de Classe do Estado Soviético*⁸², o referido revolucionário compreende a União Soviética enquanto uma ditadura do proletariado adoecida, governada por uma burocracia que havia usurpado o poder político daquela classe proletária a fim de preservar, mediante seus próprios métodos coercitivos, as relações de propriedade proletárias. O proletariado permaneceria como classe dominante em função da existência dessas relações, sobre as quais se assentavam as bases de sobrevivência e de reprodução social da burocracia stalinista. Por isso é que o stalinismo é apresentado, no referido texto, como um fenômeno social progressivo nos marcos nacionais, mas contrarrevolucionário no âmbito internacional, em virtude de suas numerosas sabotagens de processos revolucionários, o que os casos na China (1927), na Espanha (1936-1939) e na Alemanha (1933) deixavam até então em evidência⁸³.

Essa característica “contrarrevolucionária” do referido fenômeno não seria reformu-

⁸⁰ TROTSKY, Leon. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011.

⁸¹ *Idem, Ibidem*.

⁸² TROTSKY, Leon. *The Class Nature of the Soviet State* [1 out. 1933]. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1933/10/sovstate.htm>. Acessado em 17/08/2024.

⁸³ ANDERSON, Perry. *Op. Cit.*

lada, mas complementada por Trótski na segunda metade da década de 1930, de forma a precisar que, em situações excepcionais de guerra, quebra financeira e assim em diante, as lideranças stalinistas e socialdemocratas poderiam liderar revoluções e prosseguir com a expropriação da burguesia, de forma a fundar, assim, Estados Operários. No entanto, o rito clássico de ambas seria não hesitar em apagar as chamadas revolucionárias em proveito de estender as mãos para salvar a burguesia.

Essa constatação de Trótski, formulada após suas observações sobre a ocupação militar soviética na Polônia e na Finlândia, encontra-se presente em seu *Programa de transição*⁸⁴ e também em sua compilação de cartas e artigos *Em defesa do marxismo*⁸⁵. Essa observação mostrou-se correta na conjuntura de maior levante popular da história, que foi o fim da Segunda Guerra Mundial.

A despeito de liderar a criação de Estados operários “deformados” no período subsequente à Segunda Guerra (China e Iugoslávia), a principal característica que marcou a atuação da burocracia e dos partidos stalinistas desse período foi a traição de inúmeras situações revolucionárias na Europa e na Ásia e a prestação de suporte a lideranças burguesas nos países latino-americanos⁸⁶. Essas traições se expressaram em capitulações à burguesia e em desvios das lutas proletárias para a reconstrução do capitalismo no pós-Guerra. As exceções a essa prática resultaram em revoluções lideradas por stalinistas que conseguiram expropriar a burguesia, mas em localidades de capitalismo devastado, em que não havia outro poder a emergir além do Exército Vermelho.

Essas vitórias, no entanto, não findaram as políticas de “coexistência pacífica” com o imperialismo e de “socialismo em um só país”, que colocavam em evidência o temor do internacionalismo proletário sentido pela burocracia stalinista.

Além disso, os Estados operários nascidos no pós-Guerra ficaram imediatamente submetidos ao controle burocrático. Isso permite enquadrá-los como sendo Estados operários deformados desde o princípio, em contraste com o caso russo, que necessitou de

⁸⁴ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 2008

⁸⁵ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 2011

⁸⁶ MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944-1963)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

uma árdua disputa política com o objetivo de impedir a degeneração burocrática. Essa necessidade do controle sobre a classe trabalhadora também se expressou nas formas predominantes de organização em estruturas rurais de guerrilha durante esses processos revolucionários. Os conselhos e os partidos de vanguarda, em contraste com os movimentos guerrilheiros, são muito mais difíceis de serem submetidos à subserviência do controle burocrático. Por isso é que Trótski, ao apontar que a possibilidade de os stalinistas liderarem revoluções anticapitalistas não deveria figurar no primeiro plano das análises políticas dos revolucionários, estava correto em não transformar em regra possíveis excepcionalidades⁸⁷.

1.3.4 O stalinismo como um regime bonapartista

No artigo de 1933⁸⁸, Trótski constatou a existência de “elementos bonapartistas” no regime e a possibilidade de analisá-lo de tal forma. No entanto, foi no artigo *Estado, terror e Bonapartismo* que ele caracterizou, de uma forma mais consistente e precisa, o stalinismo como uma peculiar forma de “bonapartismo” soviético⁸⁹.

O bonapartismo é um “regime de crise” que manobra entre as classes sociais, mas que sempre preserva a mesma base social, a propriedade burguesa. Seria possível observar um fenômeno de configuração semelhante na União Soviética sob Stálin, isto é, um regime burocrático, que, cada vez mais autônomo, “plebiscitário” e personalista, manobra entre as classes, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, mas que está estabelecido nas formas de propriedade de natureza proletária.

Os giros políticos eram uma marca do regime stalinista para equilibrar-se sobre o antagonismo entre o proletariado e os camponeses, e entre o Estado operário e o imperialismo. Dessa necessidade de equilibrar-se sobre o antagonismo de diferentes forças é de onde seria proveniente a base de seu centrismo burocrático, assim como o de seu poder, de sua debilidade e de sua influência sobre o proletariado internacional. Segundo Trótski, conforme a burocracia se tornasse cada vez mais autônoma, mais o seu poder

⁸⁷ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 2008.

⁸⁸ TROTSKY, Leon. *The Class Nature of the Soviet State* [1 out. 1933]. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1933/10/sovstate.htm>. Acessado em 17/08/2024.

⁸⁹ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 1935

concentrar-se-ia em uma só pessoa, e, por conseguinte, mais o centrismo se transformaria em bonapartismo⁹⁰.

A peculiaridade do bonapartismo soviético era consolidar a revolução proletária por meio da liquidação de seus dirigentes, de seu programa internacionalista, de seus conselhos e também do próprio bolchevismo; e em uma sociedade transitória, o colapso do bonapartismo poderia significar a abertura para o caminho do socialismo ou para a restauração capitalista. Por isso é que a ênfase sobre a necessidade de restauração da democracia direta dos conselhos e a fundação da Quarta Internacional são partes elementares do pensamento e do programa político de Trótski em sua fase plenamente amadurecida.

A ressignificação do termidor em Trótski é outro elemento digno de nota. Tal processo consolidou-se em 1924, por meio da derrota da Oposição de Esquerda e da transferência do poder das mãos da vanguarda da classe trabalhadora para os elementos mais conservadores da burocracia e para os setores superiores da aristocracia operária. Assim, a principal base material do termidor soviético e do fenômeno do stalinismo seria o desenvolvimento econômico alcançado a partir de 1923, que abriu as portas para o surgimento de uma camada privilegiada de administradores, para os quais a conjuntura de duras condições conferiu a tal estrato uma crescente autonomia relativa frente à dispersão do proletariado e do isolamento internacional.

O stalinismo seria, portanto, uma resultante do termidor soviético e conformaria um regime de tipo bonapartista devido ao seu caráter de árbitro dos conflitos sociais e protetor das bases sociais estabelecidas pela Revolução contra a burguesia, mas também contra as próprias massas proletárias. Esse regime atacou a ala esquerda dos revolucionários soviéticos e criou uma aristocracia operária sobre a qual estabelecia um de seus pilares de sustentação. Essas análises não somente estão sintetizadas no artigo de 1935, mas também presentes na obra *A revolução traída*, de 1936, que é o material mais detalhado de Trótski sobre a União Soviética e o stalinismo⁹¹

⁹⁰ *Idem, Ibidem.*

⁹¹ TROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 1977; *Idem. Op. Cit.*, 1935.

1.4 Conclusão

Ao longo deste capítulo de apresentação de pressupostos teóricos e históricos, foi possível acompanhar os motivos, conclusões, movimentos e mudanças que se envolveram, primeiramente, na interpretação de Trótski sobre o que seria um Estado operário, os limites, dificuldades e avanços que essa condição poderia conferir a uma efetiva transição ao socialismo; e, em segundo plano, sobre o stalinismo, os elementos de sua origem histórica e a sua dinâmica como modelo de regime de uma formação transitória.

A condição passageira do Estado soviético significava que o avanço ao socialismo ou o retrocesso ao capitalismo seriam dois possíveis desfechos para uma sociedade híbrida e com contradições singulares, não quimicamente pura como socialista ou capitalista. No entanto, o regime ditatorial da burocracia, apesar de não contrariar as bases econômicas do Estado soviético, não estava pronto a ajudá-las no processo de socialização de sua gestão. O Estado burocrático ampliava-se em funções centralizadas, militarizava-se e asfixiava o desenvolvimento técnico ao impor uma administração verticalizada sobre a produção com a finalidade de se manter vigente no poder e capaz de se reproduzir materialmente a partir de suas funções não necessárias na produção.

A burocracia, de amplo modo, administrava sem retribuir com o mínimo de esforço possível para o desenvolvimento produtivo da URSS para além de seu próprio controle. Apegava-se a postos, benefícios associados e assim absorvia as forças da propriedade nacional com uma administração que não era capaz de atender a todas as demandas sociais do sistema. Por isso, para Trótski, tirar a burocracia do poder político sem favorecer a contrarrevolução capitalista seria uma tarefa elementar para o desenvolvimento socialista da URSS, que deveria ser imprescindivelmente democrático para exercer todas as suas potencialidades e cessar o império da luta pela existência individual. Essa luta contra o stalinismo teria a forma de uma “revolução política”, liderada por um partido revolucionário, porque as formas de propriedade estabelecidas pela Revolução ainda vigoravam, tornando desnecessária uma “revolução social”, mas fundamental o apeamento da burocracia do controle do poder político.

O partido e o proletariado seriam forças sociais elementares em qualquer processo revolucionário, fosse contra a burocracia, fosse contra o capitalismo. A partir das observações da própria história russa, Trótski chegara a conclusão que o proletariado possuiria o peso e a capacidade estrutural para implementar o programa "máximo" da revolução socialista e constituiria no poder uma maioria mais homogênea, por não ter interesse na manutenção da propriedade privada. Após 1917, Trótski passou a defender que uma força política de tipo específico seria necessária para que o proletariado chegasse ao poder e nele se perpetuasse, e essa força era o partido de vanguarda.

Na fase imperialista do capitalismo, formariam-se estratos privilegiados na classe trabalhadora. A socialdemocracia e os demais modelos de partido de toda a classe absorveriam esses estratos em suas fileiras, o que dificultaria a autonomia e conscientização de seus próprios interesses enquanto classe oprimida. Ademais, ao considerar que seriam modelos partidários flexíveis em disciplina e, portanto, pouco dedicados a formarem militantes profissionais em um ambiente centralizado e sempre em preparação para momentos de aguçamento e refluxo das lutas sociais, tais lideranças tornar-se-iam incapazes de disputar, organizar e dirigir a classe a trabalhadora enquanto um só exército. Nesse sentido, o partido de vanguarda, centralizado, porém com democracia interna para críticas e eleições, mas com a posição pública de um exército de um só corpo, é o sujeito político indispensável para a disputa de consciência e para a preparação de militantes para a ocorrência de revoluções na era imperialista. Isso também se relaciona ao fato de que consciência de classe é uma herança da experiência histórica dos movimentos sociais, mas também uma elaboração cotidiana das organizações políticas e dos ensinamentos das derrotas e vitórias. O partido revolucionário é também um pilar de memória histórica da classe que transforma a experiência em programa político revolucionário⁹².

Assim, por mais que o proletariado fosse o sujeito social do programa socialista e que as condições objetivas do desenvolvimento técnico também já estivessem maduras, essa força social não poderia conquistar o poder por meio de insurreições espontâneas; e lideranças "de toda uma classe" podem agir em salvaguarda à burguesia, conforme ocorreu

⁹² RICCI, Francesco. A atualidade de um partido de tipo bolchevique. São Paulo: Sundermann, 2017, p. 89.

na Alemanha de 1918. Dessa forma, Trótski, em meio às circunstâncias febris de 1917, passou a considerar que o partido revolucionário de vanguarda seria um instrumento indispensável para assegurar, primeiramente, a tomada do poder, mas também a condução das demandas democráticas ao caminho da revolução socialista. Semelhante demanda não seria diferente para o desenvolvimento da luta contra o stalinismo em função do papel que o regime da burocracia e que a socialdemocracia cumpriram no retrocesso e derrota de revoluções socialistas. Um novo partido revolucionário seria o instrumento para transformar a memória das derrotas representadas pelo stalinismo ao legado de Outubro como programa político, mas sem destruir os resquícios de vitória que ainda se faziam presentes na URSS, como a propriedade nacionalizada e o planejamento, elementos basilares para a transição a uma sociedade de fato socializada, sem classes ou Estado.

Capítulo 2

A origem do “cliffismo” e do “mandelismo”

2.1 Introdução

O trotskismo é uma tradição política do marxismo dotada de um sofisticado arcabouço teórico, mas também consolidada no esteio da luta contra a burocratização da URSS.

É válido pontuar que a maturidade do trotskismo como movimento político não lhe veio de pronto. A oposição ao stalinismo por muito tempo tomou a forma de uma luta fracional e reivindicou reformas democráticas circunscritas ao partido; ou seja, o rompimento da veia revolucionária dos bolcheviques demorou a ser percebido como tal.

Foi somente em 1933, quando houve a ascensão do fascismo, que a necessidade de ruptura com a IC colocou-se na ordem do dia para a luta oposicionista, e de maneira combinada à construção de uma nova liderança revolucionária, essencialmente internacionalista e proletária. A fundação da Quarta Internacional (QI), em 1938, foi o corolário desse processo de amadurecimento político, o qual acompanhou, de forma simultânea, as lutas sociais do período, assim como o desenvolvimento analítico sobre o stalinismo como uma fenômeno que tolhia a internacionalização da revolução proletária e a transição soviética ao socialismo.

Contudo, o primado teórico e a trajetória oposicionista que marcaram a consolidação do trotskismo como uma tradição política independente – influenciada pelo leninismo, mas dotada de características próprias – não figuraram como sua principal marca pública, pois, desde cedo, a Quarta Internacional foi marcada por divergências teóricas e programáticas por unir dentro de si militantes antiestalinistas com diferentes trajetórias. Embora as rupturas integrem a dinâmica comum da luta política, a fragmentação entre as fileiras

do movimento liderado por Trótski ocorreu devido a uma crise teórica e organizativa com contornos complexos, que se assentou sobre a Quarta Internacional ainda em sua primeira década de existência⁹³.

Foram diversas as causas para a ocorrência de tal crise, assim como as respostas aos desafios por ela impostos. Como consequência desses fatos, numerosas tendências se originaram e sedimentaram suas singularidades próprias no seio de tal tradição política, de maneira que esta adquiriu características ainda mais plurais e complexas. Assim, pensar o trotskismo como algo uno e conforme não corresponde à realidade dessa tradição política desde o fim da Segunda Guerra Mundial, sendo apropriado pensar em *trotskismos*, tal como procede o trotskista francês Daniel Bensaïd, dirigente de uma das tendências em que o trotskismo se fragmentou, o Secretariado Unificado (SU)⁹⁴.

Entretanto, identificar a pluralidade que marca o trotskismo não significa afirmar que a tradição fundada na trincheira oposicionista não tenha a sua coluna vertebral, esta associada, logicamente, à luta pela transição ao socialismo e à expansão mundial da revolução. Essa coluna é a defesa incondicional dos Estados operários contra a ameaça imperialista e contra a ditadura da burocracia, a qual, a longo prazo, segundo a perspectiva trotskiana, abriria fissuras que iriam beneficiar a restauração capitalista nas formações transitórias entre socialismo e capitalismo.

Segundo essa percepção, a derrota do stalinismo em prol da restauração da democracia proletária estaria condicionada à defesa dos Estados operários em meio a circunstâncias de evidente ameaça à existência dessas formações, pois seria compreendido que tal desfecho figuraria como retrocesso ainda maior para a classe trabalhadora mundial. No entanto, isso não significava um apoio incondicional à burocracia em tais momentos singulares. O partido trotskista, fundamentado na percepção de uma organização vanguardista e independente, seria necessário para que a defesa do Estado operário não se traduzisse em um apoio *político* à ditadura burocrática, mas *militar*, isto é, dever-se-ia apoiar apenas as ações da burocracia que preservassem o planejamento econômico e a

⁹³ Para visualizar os “truncos históricos” originados da crise do trotskismo, recomendamos o gráfico feito por Monteiro (2016), que apresenta a complexa “árvore geneológica” desse movimento político.

⁹⁴ BENSAÏD, Daniel. *Trotskismos*. Lisboa: Edições combate, 2008.

propriedade nacionalizada nas referidas circunstâncias.

Neste capítulo, será feita uma síntese sobre as causas da crise que se colocou à Quarta Internacional após a Segunda Guerra Mundial. Isso será feito com a finalidade de traçar as origens das tendências lideradas por Ernest Mandel e Tony Cliff e as suas características mais destacadas. Trata-se de um movimento importante para compreender os posicionamentos adotados por esses dirigentes no período da desintegração soviética, uma vez que tal evento fez emergir questionamentos que também se fizeram presentes na QI no período de sua crise, quando, ademais, Mandel e Cliff compartilharam o mesmo espaço de atuação política.

2.2 Os prognósticos de Trótski

A Internacional fundada por Trótski foi um partido desde cedo fragilizado. Não bastasse o enorme desafio de construí-la às portas de um novo conflito mundial, a organização ainda enfrentou perdas significativas de seus quadros e avaliou erroneamente as possíveis resultantes da guerra. Esses fatores debilitaram as possibilidades de crescimento da organização nos anos subsequentes e germinaram tendências conflitantes em seu próprio terreno.

Fundada para preparar seus militantes para a guerra e para a liderança de uma revolução vindoura, a Quarta Internacional e o seu documento de fundação, o *Programa de Transição*, não poderiam se furtar a fazer um julgamento político sobre o conflito que se anunciava. Esse julgamento não se propunha a ser uma profecia, mas percepções condicionais e formuladas para orientar diferentes estratégias para a ação⁹⁵.

Tais prognósticos impressos no *Programa de Transição* assumiram um tom categórico e inquietante sobre os possíveis desdobramentos do conflito. Logo nas primeiras páginas do Programa, Trótski constata que o capitalismo enfrentava uma crise terminal: as forças produtivas haviam deixado de crescer, não mais haveria espaço para a melhora da qualidade de vida das massas, nem para significativas reformas sociais. Em um cenário no qual o fascismo e o stalinismo se sobrepunham, o que se verificava era uma falência anunciada

⁹⁵ Cf. BENSID, Daniel. *Op. Cit.*, p. 68.

das democracias liberais. Isso pode ser constatado nestes trechos:

A condição econômica necessária para a revolução proletária já alcançou, no geral, o ponto mais alto grau de maturação possível sob o capitalismo. **As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos já não conduzem a um crescimento da riqueza material.** Sob as condições da crise social de todo o sistema capitalista, as crises conjunturais sobrecarregam as massas com privações e sofrimentos cada vez maiores. [...] A própria burguesia não vê nenhuma saída. Nos países onde foi obrigada a fazer sua última jogada com a cartada do fascismo, atualmente caminha rápido e de olhos fechados para uma catástrofe econômica e militar.

[N]a época do **capitalismo em decomposição**, quando não há mais lugar para reformas sociais sistemáticas nem para a elevação do nível de vida das massas, quando a burguesia retoma sempre com a mão direita o dobro do que deu com a mão esquerda (impostos, direitos alfandegários, inflação, deflação, carestia da vida, desemprego, regulamentação policial das greves, etc.), quando cada reivindicação séria do proletariado, e mesmo cada reivindicação progressista da pequena burguesia, **conduzem inevitavelmente além dos limites da propriedade capitalista e do Estado burguês**⁹⁶.

Segundo outro prognóstico de Trótski, o regime stalinista não sobreviveria à guerra. Desde antes da consumação da vitória de Hitler, em 1933, Trótski já alertava que uma ascensão do fascismo se desdobraria em uma guerra contra a URSS. Por ser instável e provisório, o regime bonapartista da URSS poderia ser deposto por uma revolução proletária vitoriosa, que seria acompanhada por um rápido avanço e fortalecimento da Quarta Internacional. Na percepção de Trótski, isso seria possível devido à perda de força do stalinismo e do reformismo em meio a um cenário de ascensão revolucionária da classe trabalhadora⁹⁷. Trótski projetou para a Segunda Guerra Mundial desdobramentos similares aos da primeira variante do conflito, em que se verificou uma perda de credibilidade da democracia burguesa entre os trabalhadores europeus, resultando em ações revolucionárias.

Caso a revolução proletária não vigorasse, o regime stalinista seria destruído por uma contrarrevolução capitalista e fascista, opção esta que assinalaria o fim da civilização. No artigo *A Rússia na Guerra*, presente na compilação *Em defesa do marxismo*, Trótski afirma:

⁹⁶ Cf. TROTSKY, Leon. Programa de transição. In: *Documentos de fundação da IV Internacional*. São Paulo: Sundermann, 2008, p. 41 e 45 [Ênfases nossas].

⁹⁷ *Idem, Ibidem.*

Se, como acreditamos firmemente, essa guerra provocar uma **revolução proletária**, ela levará inevitavelmente à **derrota da burocracia da URSS e à regeneração da democracia soviética** sobre bases econômicas e culturais muito mais elevadas do que em 1918.

No entanto, caso se admita que a guerra atual provocará **não a revolução, mas um declínio do proletariado**, então resta outra alternativa: a maior decadência do capitalismo monopolista, sua maior fusão com o Estado e a substituição da democracia, ali onde ainda existia, por um regime totalitário. Atualmente, e sob essas condições, a incapacidade do proletariado [para] tomar em suas mãos a direção da sociedade poderia levar ao crescimento de uma nova classe exploradora, a partir da burocracia fascista bonapartista. De acordo com essas evidências, este seria um **regime de decadência, que assinalaria a eclipse da civilização**⁹⁸.

No entanto, a realidade do final da Segunda Guerra Mundial não poderia ter sido mais distinta e complexa. A ascensão revolucionária de fato ocorreu, sob a forma de luta pela independência nacional, por meio da expulsão de forças fascistas ou sob a forma de revoluções sociais propriamente ditas, na África, na Ásia e no Leste Europeu; porém, o capitalismo não sofreu uma estagnação geral. O que se verificou foi que o capitalismo, sob a capa do reformismo da socialdemocracia, saiu da guerra com um novo vigor, sobretudo na Europa, no esteio do aumento dos padrões de vida e do financiamento do Plano Marshall⁹⁹.

Ademais, o stalinismo não apenas colapsou, mas também saiu fortalecido do conflito. Após liderar revoluções e expropriações das burguesias nativas, o stalinismo adquiriu novas zonas de influência no Leste Europeu, contrariando o seu comportamento típico de buscar uma convivência pacífica com o imperialismo e de impedir a extensão das revoluções para além das fronteiras soviéticas.

Tal fortalecimento do stalinismo foi uma hipótese considerada por Trótski como bastante improvável de acontecer em função do papel conservador cumprido pela burocracia na política internacional, refratário ao desenvolvimento de revoluções socialistas. Para o revolucionário russo, a possibilidade de lideranças stalinistas e socialdemocratas conduzirem revoluções e expropriarem a burguesia seria diminuta, passível de ocorrer somente em

⁹⁸ Cf. Idem. *A Rússia na Guerra*. In: *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011, p. 29 [Ênfases nossas].

⁹⁹ BENSALID, Daniel. *Op. Cit.*

circunstâncias excepcionais de crises e de ameaça direta à estabilidade da burocracia¹⁰⁰. Dessa forma, o proletariado e suas organizações deveriam manter sua independência em relação a tais lideranças na ordem de assegurar um passo vitorioso para a revolução. Isso pode ser constatado neste trecho:

É possível a criação de tal governo [operário e camponês] pelas organizações operárias tradicionais? A experiência anterior nos mostra, como já vimos, que isto é, pelo menos, pouco provável. Entretanto, é impossível negar categórica e antecipadamente a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação de circunstâncias excepcionais (guerra, derrota, quebra financeira, ofensiva revolucionária das massas etc.), os partidos pequeno-burgueses, inclusive os stalinistas, possam ir mais longe do que queriam no caminho da ruptura com a burguesia. Em todo caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo esta variante pouco provável se realizasse um dia, em algum lugar, e um “governo operário e camponês”, no sentido acima indicado, se estabelecesse de fato, ele representaria somente um curto episódio em direção à ditadura do proletariado.¹⁰¹

Essa hipótese considerada improvável se concretizou em larga escala ao final da guerra. Assim, em vez de perecerem, as direções stalinistas, tanto empurradas pelas mobilizações em curso, quanto reativas às ações dos EUA e das burguesias locais, foram além de suas intenções originais e expropriaram as burguesias nativas do Leste Europeu, instalando nessas localidades modelos econômicos congêneres aos da URSS. Dessa forma, o stalinismo veio a ganhar proporções inéditas, cobrindo quase um terço da humanidade, a despeito de a sociedade soviética não ter saído ilesa do conflito.

No âmbito dos prognósticos não concretizados, houve o fato de a própria Quarta Internacional não ter saído fortalecida da guerra, mas profundamente fragilizada. O partido perdera Leon Trótski, assassinado em 1940 por um agente da GPU, e a essa perda somaram-se ainda outras, vítimas da repressão de stalinistas e fascistas. As condições foram duras, a comunicação era precária, os agrupamentos europeus eram frágeis e dispersos e faltava uma direção para supervisionar o trabalho dos militantes nos países em guerra, visto que se tratava de uma atividade de alto risco¹⁰².

¹⁰⁰ Para saber mais sobre a expansão soviética para o Leste Europeu, recomendamos a leitura de Stephane Just (1980) e de Ted Grant (1951). Ambos os autores elucidam como esse crescimento se deu de forma diferenciada entre as localidades do Leste e em meio a circunstâncias singulares de um capitalismo devastado e com lutas nacionais contra o fascismo já em curso no momento de chegada do exército vermelho.

¹⁰¹ ROTSKY, Leon. *Op. Cit.*, 2008, p. 67.

¹⁰² BENSaid, *Op. Cit.*, p. 53.

Nesse momento, o que se estabeleceu foi uma separação entre duas gerações de ativistas, uma prévia e outra contemporânea à guerra. Poucos foram os dirigentes sobreviventes que pertenciam à QI antes do conflito; os quadros novos, por seu turno, eram notadamente jovens, advinham da clandestinidade e eram ainda pouco afinados no plano teórico para conseguir compreender a conjuntura que a eles se impunha, e isso é amplamente relatado na literatura especializada¹⁰³. Entre 1944 e 1948, essa nova geração protagonizou em maior peso a reconstrução da QI e tornou-se a personagem principal de um novo capítulo na história do trotskismo.

Na seção a seguir, será apresentado como uma parcela expressiva da direção da QI interpretou inicialmente a conjuntura posterior à Segunda Guerra Mundial. Em sequência, serão expostas duas respostas a essa interpretação oficial, a dizer, o pablismo e o cliffismo. É importante pontuar que esta pesquisa não tem como propósito investigar a história da Quarta Internacional e os eventos do pós-guerra. Trata-se de uma pesquisa já feita por Monteiro e outros¹⁰⁴. A menção ao pablismo é importante no específico aspecto que se refere à formação política de Ernest Mandel, pois este veio a se aliar a tal perspectiva após ser o principal representante da seção majoritária da direção da Quarta Internacional, e a marca dessa adesão perdurou em toda a trajetória política de tal autor.

Por outro lado, o pablismo também apresenta relevância para a trajetória de Tony Cliff, uma vez que lhe serviu de base para promover a narrativa de que este construiu a única e legítima oposição aos rumos da QI no pós-guerra. Narrativa esta, diga-se de pronto, equivocada, pois apaga a existência de grupos da QI que se opuseram às leituras então predominantes sem abandonar a teoria do Estado operário degenerado¹⁰⁵.

Uma análise detida sobre a tendência pablista e suas publicações, portanto, não será aqui feita, apenas pontuados seus elementos mais característicos, que exerceram influên-

¹⁰³ BENSALD, Daniel. *Op. Cit.*; MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944-1963)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016; NORDEN, Jan. *Yugoslavia, East Europe and the Fourth International: the evolution of pabloist liquidationism*. New York: Prometheus research library, 1993; GÊNESE do pablismo [1972]. Disponível em: <https://rr4i.milharal.org/2011/09/29/a-genese-do-pablismo/> Acesso: 12/02.2025 [s.p.]

¹⁰⁴ MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*

¹⁰⁵ Essa percepção está presente em CLIFF, Tony. *Trotskyism after Trotsky*. London: Bookmarks, 2000 e em CALLINICOS, Alex. *Trotskyism*. Bristol: Open University Press, 1990.

cia sobre Mandel e que contribuíram para o surgimento da resposta de Tony Cliff, que veio a construir uma tendência própria, advinda, porém apartada do trotskismo. Ambos os autores foram formados nessa crise, e suas posições diante do colapso soviético encontram relação com esse momento.

2.3 Ernest Mandel e as respostas à conjuntura do pós-guerra

A direção da Quarta Internacional era constituída pelo Secretariado Internacional (SI), eleito pelo Comitê Executivo Internacional (CEI). A conferência de 1946 elegeu o militante grego Michel Pablo (pseudônimo de Michel Raptis) à direção do SI e Ernest Mandel tornou-se membro de tal órgão, ocupando, portanto, um lugar abaixo na liderança partidária em relação a Pablo. Apesar disso, Mandel, ainda em tenra idade, veio a se destacar como representante teórico de uma parcela majoritária da direção da QI. Nessa posição, Mandel escreveu publicações que muito bem encontravam correspondência com o que era defendido nos artigos e resoluções dos congressos da Internacional.

Essa seção majoritária reproduzia os prognósticos de Trótski para avaliar a conjuntura do pós-guerra sem proceder com qualquer avaliação crítica acerca destes. Dessa forma, em 1948, a organização ainda sustentava que o capitalismo encontrava-se próximo a uma crise econômica mundial, que “as forças produtivas pararam de crescer”, para remeter à ideia de Trótski. Segundo essa avaliação, tal crise abriria, primeiramente, novos espaços para ditaduras bonapartistas e fascistas, mas esse cenário logo seria sequenciado por um período de ascensão revolucionária da classe trabalhadora em direção ao socialismo. Tais considerações podem ser constatadas nestes trechos:

Com base na crise fundamental do capitalismo na época imperialista, a guerra abriu para a burguesia mundial um novo e longo período de equilíbrio instável. Isso significa um período de dificuldades econômicas e políticas, convulsões e crises, em um país após o outro, que inevitavelmente colocam em movimento grandes lutas das massas proletárias e coloniais. À medida que essas lutas se desenvolvem e se intensificam, elas ameaçam o sistema capitalista como um todo. (...) Contudo, na ausência de uma solução revolucionária, a crise agravada do capitalismo ameaça levar mais uma vez ao fascismo e à guerra que,

desta vez, colocaria em risco a existência e o futuro de toda a humanidade.

A corrida entre a guerra e a revolução provavelmente se acelerará quando a crise econômica nos EUA eclodir e se desdobrar. Entretanto, mesmo antes disso, **a burguesia mundial enfrentará grandes dificuldades econômicas e políticas, convulsões e crises, que desencadearão grandes lutas da classe trabalhadora.** No curso dessas lutas, novas forças revolucionárias se libertarão da dominação das lideranças tradicionais e, assim, poderão se reagrupar em torno do programa da Quarta Internacional¹⁰⁶.

Os documentos *A primeira fase da revolução europeia*¹⁰⁷ e *Problemas da revolução europeia*¹⁰⁸, ambos escritos por Ernest Mandel entre abril e agosto de 1946, apresentam a perspectiva adotada pela Quarta Internacional nesse período de reconstrução. Em primeiro plano, os artigos constataam que o proletariado manifestava uma renovada ofensiva revolucionária, e, ademais, afirmam que logo se assistiria um despertar de uma situação “pré-revolucionária” em âmbito mundial, contra a qual a burguesia se ergueria através de governos autoritários que se mostravam, para o autor, cada vez mais falhos e claudicantes, mas sintomáticos de um acentuado quadro de estagnação do capitalismo europeu¹⁰⁹. Semelhante é o tom de um breve artigo de 1948, *A França dirige-se a uma recisão*¹¹⁰, em que Mandel avalia que o apoio da burguesia francesa a De Gaulle significava a instalação de uma semi-ditadura na esperança de salvaguardar o capitalismo, combinado a um cenário de efervescência revolucionária da classe trabalhadora em resposta à miséria¹¹¹. Portanto, a percepção de Mandel e da Quarta Internacional, em preponderância, projetava um cenário otimista de revoluções sociais certas, e não de arrefecimento dessas forças durante um considerável tempo, sobretudo na Europa e nos EUA.

Somada à avaliação acerca do cenário político do pós-guerra, houve a importante problemática envolvida na expansão stalinista sobre o Leste Europeu, que se relacionou com questões de primeira importância sobre o fator subjetivo das revoluções e a análise

¹⁰⁶ WORLD Situation and the Tasks of the Fourth International. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/fi-2ndcongress/1948-congress03.htm> Acesso: 12/01/2025 [Ênfases nossas].

¹⁰⁷ MANDEL, Ernest [Ernest Germain]. The First Phase of the European Revolution [1946]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1946/08/eurrev.htm> Acesso: 01/05/2025.

¹⁰⁸ Idem. Problems of the European Revolution [1946a]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1946/04/eurrev.htm> Acesso: 01/05/2025.

¹⁰⁹ Idem, Ibidem, s.p.; Idem. Op. Cit., 1946.

¹¹⁰ Idem. France Heads Toward a Decision [1948]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1948/09/france.htm> Acesso em: 01/05/2025.

¹¹¹ Idem. France Heads Toward a Decision [1948]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1948/09/france.htm> Acesso em: 01/05/2025.

acerca do stalinismo.

A direção da Quarta Internacional aplicava sobre o caso do Leste uma análise baseada em uma percepção intransigente acerca do stalinismo, que eliminava a essência contraditória desse fenômeno, capaz de assumir complexidades para além de uma faceta puramente contrarrevolucionária.

Em breves palavras, o stalinismo expandiu-se ao Leste por meio de duas frentes: uma burocrático-militar e outra revolucionária. No que concerne à primeira via, a precariedade da burguesia nativa e a devastação do capitalismo da referida localidade tornaram o PC e o Exército Vermelho as únicas forças devidamente em condições de ocupar o poder do Estado, embora o que tenha se estabelecido na região tenha sido, em predominância, governos de coalização. Tal situação veio a modificar-se após a implementação do Plano Marshall, uma política direcionada para o fornecimento de créditos para a reconstrução europeia, mas também acompanhada por uma ofensiva diplomática à URSS. A concessão de créditos exigia a remoção dos PCs nos governos de coalização. No âmbito do Leste, houve uma pressão para haver uma ruptura entre esses governos e os PCs locais como um meio para viabilizar o acesso à ajuda financeira estadunidense. Essa ameaça à hegemonia soviética na região resultou em uma postura ofensiva da própria burocracia, que fundou a *Cominform* (Birô Comunista de Informação) como sua agência internacional – no lugar da IC, dissolvida em 1943 – o que procedeu foi uma expropriação política e econômica das burguesias nativas, tornando as relações de propriedade e de produção dessas localidades congêneres às da URSS. Entretanto, tratou-se de uma transformação verticalizada, uma vez que não era proveniente da mobilização das massas, e o processo de expulsão e expropriação dos representantes burgueses não se deu em virtude de uma revolução, mas de manobras políticas, em compassos eventualmente graduais¹¹².

No que tange à via revolucionária, esta se seguiu na Iugoslávia e na Albânia, entre 1944 e 1945. Nessas localidades, os PCs locais tomaram o poder com base em mobilizações tuteladas de massas proletárias e camponesas, isto é, as massas organizaram-se em guerrilhas, mas estavam submetidas à direção partidária, centralizada burocrática-

¹¹² MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*; BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 156.

mente. Essas mobilizações iniciaram-se como movimentos de resistência antifascistas e, em contrariedade aos comandos da União Soviética, deu-se sequência a um processo de expropriação econômica e política das burguesias nativas, em vez de governos de coalizão. Assim, em todo o Leste, as burguesias perderam o controle sobre os aparelhos do Estado, que foi destruído em proveito do estabelecimento do poder militar soviético, ou dos PCs locais relativamente autônomos em relação ao PCUS. Essa mudança também envolveu a destruição da propriedade privada em proveito da total nacionalização da economia, medida esta que foi seguida pela implementação de planejamentos que, de fato, portavam singularidades em relação ao modelo soviético, mas que ainda proporcionavam um significativo controle sobre a dinâmica da vida econômica. Portanto, dificilmente seria possível comprovar que as localidades situadas na chamada “zona tampão” seriam formações qualitativamente distintas em relação à URSS¹¹³.

Da parte da direção majoritária da QI, a questão das “zonas tampão” foi por muito tempo postergada para ser objeto de devida análise e de debate no interior da organização, embora seções minoritárias do partido já se dedicassem a discuti-la. Inicialmente, no documento *A URSS e o stalinismo*, aprovado pelo segundo congresso da QI em 1948, a importância das nacionalizações é bastante reduzida e o documento ainda afirma que em lugar algum a burguesia teria sido destruída ou expropriada¹¹⁴. A conclusão geral do documento é a de que os países do Leste permaneceriam capitalistas. Todavia, o documento é também contraditório, pois embora enfatize o caráter burguês de tais países, também afirma que estes encontravam-se em uma situação de transição que só poderia seguir em sentido favorável ao proletariado por meio de uma revolução, sem maiores esclarecimentos sobre como seria possível chegar a esse desfecho¹¹⁵.

O artigo *Where Is Eastern Europe Going? Economic Trends In Stalin's Buffer Zone*, publicado em 1949 por Mandel, segue uma mesma tonalidade, embora não descarte de tal modo a importância das expropriações e nacionalizações. O autor enfatiza o papel econômico da pequena produção agrícola e dos setores privados nas localidades ao leste,

¹¹³ MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*

¹¹⁴ USSR and Stalinism, The [1948]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/fi-2ndcongress/1948-congress02.htm>. Acesso: 28/04/2025.

¹¹⁵ *Idem, Ibidem*, s.p.; MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*, p. 122.

assim como destaca em diferentes passagens o caráter limitado nas nacionalizações efetuadas na região, com a finalidade de argumentar que essa região ainda seria capitalista, enquanto a URSS permaneceria como uma formação transitória e burocraticamente deformada. O que estaria em curso, segundo Mandel, seria um processo de “assimilação estrutural” do Leste Europeu à União Soviética, mas esse processo, para ser concluído, necessitaria da ação independente das massas, e não da burocracia. Nesse sentido, o Leste Europeu não poderia ser considerado como um bloco de economias transitórias devido ao fato de o stalinismo ter se expandido para a região principalmente por meios burocráticos-militares¹¹⁶. Assim, ainda que a região tivesse presenciado revoluções sociais e transformações em seu modelo de propriedade, a avaliação sobre o stalinismo como um fenômeno intrinsecamente contrarrevolucionário não permitia qualificar esse conjunto de países como Estados operários deformados. Isso significaria assumir que o stalinismo poderia ser revolucionário, e em circunstâncias de difícil crescimento para o trotskismo, para o qual a diferenciação em relação ao capitalismo e ao stalinismo é fundamental, publicizar essa constatação era percebida como uma atitude possivelmente danosa e de difícil sustentação. Foi devido a essa complexidade que a avaliação acerca do caso iugoslavo demorou a ser colocada em questão, enquanto o albanês seguiu em silêncio.

Essa posição, entretanto, não tardou a mudar de forma repentina e surpreendente. A escolha por uma via mais independente em relação à União Soviética resultou em um rompimento público de relações entre o PC iugoslavo e o PCUS, em um acontecimento conhecido como “ruptura entre Tito e Stálin”, em 1948.

Esse evento germinou o terreno para diferentes respostas à posição oficial da Quarta Internacional, inaugurando uma disputa no interior do partido. Nessa conflagração, a resposta mais conhecida e mais diretamente contrária à ideia de “assimilação gradual” foi feita por uma seção minoritária, representada por Bert Cochran (E. R. Frank) e Joseph Hansen, integrantes da direção do SWP, e por Michel Pablo, pertencente à direção do Secretariado Internacional e formulador intelectual do que veio a se constituir como uma

¹¹⁶ MANDEL, Ernest [E. Germain]. *Where Is Eastern Europe Going? Economic Trends In Stalin's Buffer Zone* [1949]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1949/03/eeurope2.htm> Acesso: 01/05/2025

nova diretriz de programa para a Quarta Internacional¹¹⁷.

Tal rompimento de relações entre a URSS e o PC iugoslavo fomentou um grande sentimento de entusiasmo entre essa seção da direção, sobretudo em Pablo. Foi tamanho o entusiasmo com o rompimento que o SI enviou duas cartas abertas ao PC iugoslavo, nas quais se enaltecia a liderança de Tito, assim como a incentivava a expandir e promover o processo revolucionário. Isso foi feito sem haver críticas à ausência de democracia proletária no país ou defesa à necessidade de se construir uma oposição trotskista. Essa ação não foi pontual: o SI, sobretudo encarnado na persona de Pablo, prestou uma solidariedade dedicada e acrítica à liderança de Tito e à chamada “revolução iugoslava”, atribuída não a 1944, mas a 1948¹¹⁸.

Em seus documentos *On the class nature of Yugoslavia e Evolution of Yugoslav Centrism*, Pablo defendeu que os Estados burgueses haviam sido destruídos na região e avaliava a Iugoslávia e demais Estados do Leste como “ditaduras do proletariado”. Na Iugoslávia, mais precisamente, haveria um regime de democracia proletária, na forma de um Estado operário *pleno*, e após romper com o PCUS, o partido liderado por Tito não mais seria stalinista, mas centrista e possivelmente revolucionário¹¹⁹.

Assim, o rompimento do PC local com a URSS significaria uma ruptura com o próprio stalinismo. O caminho dirigido por essa interpretação foi inverso à noção então propagada pela seção majoritária, isto é, concebeu a possibilidade de lideranças stalinistas serem potencialmente revolucionárias, assim como as socialdemocratas. A base para essa conclusão foi uma leitura singular sobre o próprio Trótski e a sua percepção de que, em determinadas circunstâncias, o stalinismo poderia cumprir um papel revolucionário. Essa leitura sobre o Leste Europeu foi fundamental para que a QI começasse a enxergar novos sujeitos da revolução socialista e revisitasse a percepção acerca do papel dos trotskistas como vanguarda revolucionária.

Ao contrário da maioria, a percepção de Pablo sobre o cenário pós-guerra não via es-

¹¹⁷ MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit*, p. 171-173

¹¹⁸ *Idem, Ibidem*.

¹¹⁹ PABLO, Michel [Raptis]. On the class nature of Yugoslavia [1949]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/2-dec-1949-IIB.pdf> Acesso: 28/04/2025; *Idem*. Evolution of Yugoslav Centrism [1949a]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/2-dec-1949-IIB.pdf> Acesso: 28/04/2025

paço favorável para o crescimento e relevância dos trotskistas, e assim Pablo antevia uma época de longas transições: ”*Esta transformação [entre capitalismo e socialismo] provavelmente requererá um período completo de vários séculos de regimes transicionais*“¹²⁰, em que as forças preponderantes contra o capitalismo seriam influenciadas ou adeptas do stalinismo.

Além disso, o período de transição também não seria pacífico, mas inscrito em um prognóstico de “guerra-revolução iminente”, que, segundo a definição de Bensaïd, ”constrangeria os partidos estalinistas a *esquerdizar* as suas políticas para defenderem as relações sociais não capitalistas sobre as quais repousa o poder da burocracia soviética“¹²¹.

Nessas condições desfavoráveis, Pablo propôs uma perspectiva de entrismo a *longo prazo* dos trotskistas nos partidos stalinistas e socialdemocratas, chamada de entrismo *sui generis*. A finalidade última dessa tática revisitada seria integrar os primeiros ao movimento de massas, e, diferentemente da variante clássica do entrismo, cuja finalidade seria a de rachar organizações não revolucionárias para construir um partido independente e de vanguarda, sob a diretriz de um programa muito bem delineado, a proposta de Pablo atribuía aos trotskistas o papel de pressionar os partidos stalinistas e socialdemocratas à esquerda, a fim de que tais forças, em meio a circunstâncias de conflitos sociais mais intensos, se tornassem revolucionárias após um interregno de centrismo: ”*Os partidos comunistas conservam a possibilidade, em certas circunstâncias, de delinear uma orientação revolucionária*“¹²². Essa passagem à radicalidade também seria conferida pelas massas em ebulição, e, em complemento, é válido pontuar que, para exercer essa função pressionadora, os trotskistas poderiam ocultar o seu programa e até mesmo a sua atividade pública independente, diluindo-se em organizações de massa ou que lhe fossem hostis por períodos indeterminados.

Assim, Pablo reduzia o fator subjetivo a uma categoria trivial. Ao estabelecer o prognóstico pessimista segundo o qual a transição duraria séculos e que as forças não revolucionárias poderiam, como via de regra, dirigir revoluções, Pablo negava a relevância

¹²⁰ PABLO, Michel. *Where are we Going?* [1951]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/pablo/1951/01/where.html> Acesso: 28/04/2025, s.p.

¹²¹ BENSAÏD, Daniel. *Op. Cit.*, p. 90.

¹²² PABLO, Michel. *Op. Cit.*, 1951, s. p.

da Quarta Internacional como instrumento dos trotskistas para disputar a consciência das massas. Isso criava uma justificativa teórica para a acomodação desse movimento em relação à necessidade de se constituir como uma liderança revolucionária independente e alternativa às referidas forças não compromissadas com o programa socialista. Dessa maneira, buscavam-se novas vanguardas, e essas buscas, no caso iugoslavo e nas décadas subsequentes, traduziram-se em suportes acríticos a essas variedades de liderança, mas também em uma exaltação pouco cuidadosa de sujeitos sociais alternativos ao proletariado que se colocavam à frente de revoluções, ao exemplo de camponeses – de modo genérico, sem haver detalhamentos sobre quais de seus componentes eram protagonistas de processos revolucionários – e de forças pequeno-burguesas. Embora não seja a finalidade desta pesquisa dissertar sobre os eventos em que se demonstraram essas ações, cabe pontuar que uma análise sobre elas estão presentes em Monteiro e Norden, e que os eventos em questão deram-se nas revoluções de Cuba, Bolívia e Iugoslávia, com o protagonismo interpretativo do programa de Pablo, e, posteriormente, na década de 1980, na restauração capitalista na Polônia e na URSS.

Portanto, em síntese, o "pablismo", como viria a ser chamado por seus críticos, apregoava que o proletariado não seria o único sujeito social da revolução, e, nesse sentido, buscava outros sujeitos para cumprirem tal função, isto é, outras vanguardas. A influência sobre outras forças que já ocupavam a liderança, mas que adotavam programas considerados errados, não socialistas, poderia encurtar o caminho da revolução anticapitalista.

Essa percepção encontrava fundamento no contexto de pouca influência nas lutas em que os trotskistas se encontravam, e no despertar subsequente de revoluções que também apresentavam outros sujeitos sociais em maior peso, mas que nem por isso deixavam de contar com a participação proletária. Assim, pode-se resumir o "pablismo" como um filho da crise do trotskismo, aleijado de direções experientes, integrado por agrupamentos reduzidos e dispersos, assim como acossado diante do crescimento entre as massas de forças que lhe eram hostis. Consolidar-se como uma organização independente nesse cenário figurava como uma tarefa árdua e cada vez mais difícil, de maneira que Pablo encontrou uma via mais fácil. Não fortuitamente, sob o impacto do aguçamento da Guerra

Fria, a posição de Pablo tornou-se majoritária na Quarta Internacional, sobrepondo-se à chamada tendência “ortodoxa” que, anteriormente, tinha Mandel para si.

2.4 A mudança de posição de Mandel

A posição de Pablo e do SI, apesar de inicialmente minoritária, tornou-se vitoriosa no Terceiro Congresso Mundial da QI, ocorrido em 1951, e as oposições às ideias daquele sedimentaram a enorme fragmentação que veio a se manifestar na organização em 1953. A vitória de Pablo se expressou na resolução de tal congresso sobre a conjuntura de então; nesse documento, colocava-se em segundo plano a criação de um partido marxista na Iugoslávia, as localidades do Leste eram vistas como plenas democracias proletárias e Tito, por sua vez, era uma figura centrista e possivelmente revolucionária, pendente para o trotskismo. Não tardou para que diversas organizações viessem a se coadunar, ainda que não em diferentes medidas, com a diretriz geral de programa de formulada por Pablo. Os opositores, por sua vez, sofreram silenciamentos e sanções no interior da organização.

De modo inicial, Mandel se opôs a Pablo. O documento mais significativo desse momento foi o das chamadas *Dez teses*, datado de 1951. Tratou-se, no entanto, de uma contrariedade velada e tímida, sem conter sequer citações a Pablo ou referências diretas aos seus documentos. De amplo modo, Mandel defendeu em diversas passagens o fator subjetivo da revolução, assim como salientou que a duração da transição e do socialismo não seria de séculos, mas até o surgimento de uma revolução internacional, tirando, portanto, o véu de conformidade da orientação de Pablo. Em complemento, Mandel também criticou a afirmação de Pablo segundo a qual a burocracia soviética desapareceria gradualmente, de forma consoante ao desenvolvimento das forças produtivas. Segundo apontava o marxista belga, a tendência seria a de uma retenção de tal desenvolvimento em função do caráter contraditório da burocracia de se preservar do capitalismo e do proletariado organizado. Tal retenção ao desenvolvimento socialista fomentaria uma variedade de

contradições sociais, acabando por prejudicar as bases econômicas da União Soviética¹²³.

Além disso, Mandel também contrapôs-se à noção de Pablo segundo a qual o stalinismo teria se tornado objetivamente revolucionário frente a uma conjuntura que anunciava, de acordo com a percepção de Pablo, a eclosão de um terceiro conflito mundial. Segundo o autor, a burocracia e a sua essência contrarrevolucionária seriam fatores que prolongavam o imperialismo, uma vez que tal estrato enfraquecia as forças anticapitalistas mundo afora¹²⁴. Ao fim, Mandel conclui que a derrubada revolucionária da burocracia seria uma necessidade de primeira importância e urgente.

Apesar dessas considerações, Mandel não tardou a aliar-se a Pablo, contra quem não havia se oposto de modo declarativo. Ao mudar de posição, Mandel sabotou a expectativa que os setores da oposição francesa da QI, integrados no Partido Comunista Internacionalista (PCI), tinham de fazer uso das *Dez Teses* para consolidar uma oposição a Pablo e ao SI no congresso de 1951. Mandel não somente sabotou a realização dessa oposição, como também apresentou acordo com as posições do dirigente grego no documento intitulado *Resoluções sobre o caráter de classe da Iugoslávia*, e também no *Esboço de resolução sobre o caráter de classe dos países europeus da zona tampão*, de 1951¹²⁵.

Em tal congresso, foi aprovada a caracterização da Iugoslávia como um Estado operário e como uma ditadura do proletariado, e, de acordo com Monteiro, essa mudança de posição foi resultante da sabotagem de críticas, dentre as quais uma vinda do SWP, e do fato de Pablo ter passado a ter apoio da maioria. O segundo documento citado já enunciava que as modificações ocorridas na zona tampão desde 1949 – não são esclarecidas quais, mas se tratava de uma referência ao rompimento entre Tito e Stálin – significava que a assimilação desses países à URSS já havia se consolidado e que estes haviam cessado de serem capitalistas¹²⁶. Mandel, nesse cenário, abandonou a posição anterior de que seria

¹²³ MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*, 2016, p. 177; MANDEL, Ernest [Germain]. *What Should be Modified and What Should Be Maintained in the Theses of the Second World Congress of the Fourth International on the Question of Stalinism? (Ten Theses)* [1951] Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/ibt/ibt09.htm> Acesso: 03/05/2025.

¹²⁴ *Idem, Ibidem.*

¹²⁵ *Idem. Esboço de resolução sobre o caráter de classe dos países europeus da zona tampão* [1951]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/1-jan-1950-IIB.pdf> Acesso: 01/05/2025; *Idem. Resoluções sobre o caráter de classe da Iugoslávia* [1951a]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/3-b-sep-1950-IIB.pdf> Acesso: 01/05/2025.

¹²⁶ *Idem, Ibidem*, p. 2.

necessária uma revolução de massas para a assimilação estrutural se completar, e passou a enxergar nos atos do PC e de Tito a própria realização das tarefas revolucionárias.

Na primeira citada publicação, o militante belga defendeu que o PC da Iugoslávia estava seguindo uma via de evolução progressiva ao socialismo, capaz de conduzir este a guiar outros partidos comunistas em um reagrupamento de forças revolucionárias. Nota-se no documento que Mandel concebia a ruptura do PC de Tito com o PCUS como uma ruptura daquele com o stalinismo, um ato que abriria portas para um renascimento de uma luta internacional dos trabalhadores em um plano marxista¹²⁷.

Mandel não deixava de reconhecer que existiam “deformações burocráticas”, mas não as especificava nem esclarecia as origens desse fenômeno, uma vez que isso significaria associar a Iugoslávia ao stalinismo. O que fez o marxista belga foi atribuir uma “essência altamente democrática” à Iugoslávia, de maneira similar a um dos primeiros documentos de Pablo¹²⁸, e afirmar que as deformações estariam sendo combatidas pela liderança do PC local, declaração que demonstrava um abandono da perspectiva de revolução política¹²⁹.

O ânimo em torno do caso Iugoslavo cessou quando, ainda em 1951, na assembleia das Nações Unidas, a Iugoslávia adotou uma posição abstencionista em relação à Guerra da Coreia e à retirada das tropas estadunidenses na região¹³⁰. Apesar disso, ainda que mantivesse a aparência “ortodoxa” que marcou a sua posição inicial, pois publicou diversas sínteses sobre o pensamento de Trótski ao longo da vida, Mandel adotava posições na QI de acordo com o núcleo de posições pablistas.

Foi importante explicitar esse momento de turbulência na QI para indicar o que se tornou um hábito em Mandel e nas organizações que este veio a dirigir, a dizer, a pendência entre uma posição inicial cética e por vezes intransigente a forças não socialistas em processos revolucionários, alinhada com as reivindicações de autores clássicos sobre a necessidade de construir organizações proletárias independentes, e uma mudança de posição repentina, favorável a tais forças como lideranças condutoras de uma revolução

¹²⁷ *Idem, Ibidem*, p. 6-7.

¹²⁸ MONTEIRO, Marcio. *Op. Cit.*, 2016, p. 178-179.

¹²⁹ *Idem, Ibidem*.

¹³⁰ *Idem, Ibidem*.

socialista. O motor habitual para essa mudança era a entrada em cena das massas combinada a ações disruptivas, como expropriações econômicas, criação de comitês e assim por diante. Por isso, Mandel é considerado por organizações “ortodoxas” do trotskismo como um centrista, embora suas contribuições intelectuais não deixem de ser reconhecidas.

A própria vitória do “pablismo” como diretriz de programa na Quarta Internacional teve como seu corolário um acordo de percepções em torno da Revolução Cubana, dado entre o Secretariado Internacional e alguns grupos que, em 1953, eram contra as ideias de Pablo e integravam o Comitê Internacional (CI) “ortodoxo”¹³¹. Tratava-se de um momento no qual Pablo já havia aderido a ideias terceiro mundistas e afastando-se do SI. De todo modo, o ato final desse acordo de perspectivas em torno da Revolução em Cuba foi a fundação do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU), organização a qual Mandel foi o mais importante dirigente e referência teórica. Com o SU, Mandel consolidou uma tendência continuadora do pablismo, ainda que ele e o partido não se apresentassem dessa forma; trata-se de uma caracterização crítica nossa e de outros setores de dentro do trotskismo.

Em capítulos seguintes, será analisado como essa orientação programática e esse legado da crise do trotskismo contribuíram para que Mandel, ao lado de outros dirigentes do SU, apoiasse as lideranças condutoras do fim da União Soviética, a despeito de tal dirigente ter sido um notório adepto da avaliação de Trótski sobre o stalinismo e a URSS, mas com uma importante exceção em relação à percepção teórica do revolucionário russo sobre a relação com outras forças políticas não revolucionárias.

Houve uma diversidade de respostas às questões aqui elencadas sobre a conjuntura do pós-guerra e a transformação do Leste Europeu. Mandel e o Secretariado Unificado, que serão abordados no terceiro capítulo, são exemplificações de um setor do trotskismo que respondeu aos eventos pós-Guerra reivindicando formalmente a teoria do Estado

¹³¹ A vitória do “pablismo” na QI ocorreu entre 1951 e 1953, antes mesmo da Revolução Cubana e da fundação do SU. Em 1951, a linha de Pablo foi formalizada e conseguiu maioria no Terceiro Congresso Mundial da QI, e, em 1953, após diversas medidas autoritárias de Pablo, o movimento se divide e se forma, em oposição a Pablo, o CI. No entanto, diz-se que o “pablismo” saiu-se como vitorioso, apesar do movimento ter saído dividido, porque ele manteve o seu controle sobre o aparato oficial do partido, o SI, ficando reconhecido como “a QI legítima”; porque a sua estratégia se impôs sobre as principais seções da QI e também porque a oposição organizada no CI ficou marginalizada.

operário de Leon Trótski, e estão longe de serem as únicas. Para esta pesquisa, essa passagem da crise do trotskismo influenciou as posições posteriores de Mandel sobre o colapso da União Soviética, assim como fomentou teorias fundamentalmente díspares à do Estado operário degenerado, ao exemplo da teoria do capitalismo de Estado, de Tony Cliff. Ambas as orientações se originaram no mesmo período e foram suficientemente longevas ao ponto de presenciarem a desintegração soviética, a qual foi como um teste às hipóteses sobre o destino da formação que se originara de uma revolução socialista.

2.5 A origem e a resposta de Tony Cliff

O trotskismo foi a tradição marxista mais dedicada a analisar as sociedades transitórias entre capitalismo e socialismo. No entanto, a consolidação do stalinismo, inicialmente na União Soviética, adicionou uma espessa camada de dificuldade a tal tarefa, uma vez que a realidade desafiou a teoria que afirmava que o Estado nascido de uma revolução pereceria em proveito de uma democracia mais ampla de produtores associados. A contradição entre as promessas e os desdobramentos da revolução sedimentou um terreno fértil de discussões sobre os desafios históricos, econômicos e políticos de uma sociedade que busca superar o capitalismo e alcançar uma forma socialista de organização social e econômica. Por esse motivo é que as posições construídas em torno da URSS, fossem adeptas ou não a Trótski, partiam de uma questão absolutamente legítima, pois o que havia se estabelecido na URSS não era uma democracia proletária. Analisar a URSS e suas formações congêneres era uma forma de lutar contra o stalinismo e defender o legado de Outubro, e é por isso que os trotskistas se detiveram a essa questão com tanto afinho.

As discussões em turbulência na Quarta Internacional no período de sua crise colocavam em relevo também a questão de como avaliar o stalinismo, a URSS e a configuração do capitalismo no pós-guerra, de maneira intrinsecamente associada a diretrizes de programa político. Em concordância ao que foi mencionado, tratavam-se de problemas reais, e não semânticos. A inteligibilidade dos acontecimentos interferia no trotskismo no que era a busca por sua razão de ser. Por isso é que a percepção de teor dogmático, advinda da direção da Quarta Internacional no imediato pós-guerra, recebeu numerosas contestações

da própria fileira do movimento, não se limitando a Pablo e à minoria do SWP. O que estes ofereceram foi um caminho que parecia mais fácil e promissor, mas que retirava do trotskismo o seu propósito elementar, o de solucionar a crise de liderança da classe trabalhadora internacional por intermédio da própria luta.

Contra Pablo e Mandel, inicialmente opostos e depois aliados, uma resposta ganhou um notório destaque por se opor a ambos com tamanha virulência que chegou a se opor à teoria que ambos reivindicavam, e ao próprio Trótski. Esse foi tom da posição adotada pelo marxista palestino Tony Cliff, quando este, na década de 1940, estava organizado no *Revolutionary Communist Party* (RCP) inglês e ainda associado à Quarta Internacional.

A figura de Cliff tornou-se conhecida por ter sido a principal expoente da teoria do capitalismo de Estado no interior do trotskismo, embora não tenha sido a primeira a defender essa percepção nas fileiras da QI. Isso perdurou até o momento em que Cliff foi expulso da QI por ter se negado a defender a Coreia da invasão dos Estados Unidos, adotando, assim, um posicionamento de “terceiro campo” ao alegar que ambos os países seriam forças capitalistas estatais.

A oposição às avaliações de Pablo e Mandel sobre o Leste Europeu e a conjuntura subsequente à guerra foram fundamentais para que Cliff formulasse uma releitura singular acerca da história soviética. Essa avaliação do marxista palestino foi desde cedo assentada na teoria do capitalismo de Estado e na diferenciação em relação ao arcabouço programático e teórico de Trótski, e tal contraste contribuiu para que o marxista palestino consolidasse uma tendência própria no caminhar dos anos, destacada por seus quadros intelectuais e por sua oposição intransigente ao stalinismo.

Cliff foi enviado à Inglaterra pelo Secretariado Internacional a fim de defender a posição original da direção, segundo a qual o Leste Europeu seguia como um capitalismo de Estado, contrariamente à URSS – que permanecia um Estado operário degenerado –, no interior do RCP, contra a posição da maioria da direção da seção inglesa, segundo a qual haviam-se consolidado Estados similares à URSS. No entanto, o militante palestino foi

muito mais além e concluiu que a própria URSS seria também capitalista¹³².

Em 1948, Cliff publicou na forma de boletim interno o seu primeiro documento manifestando seus desacordos com as posições da direção da Quarta Internacional, intitulado *A natureza da Rússia stalinista*¹³³. Mais do que discordâncias, esse documento anunciava a proposta de uma reavaliação da teoria do Estado operário degenerado com base em uma nova interpretação sobre a URSS e a burocracia, mas se tratava de um esboço ainda muito inicial e não recebeu maiores atenções a não ser por uma longa resposta crítica de Ted Grant, que era, assim como Cliff, integrante do RCP¹³⁴.

Em sua crítica, o jovem militante palestino atestou que o encerramento da guerra não poderia ter sido mais adverso em relação ao que se propagou na Quarta Internacional. O stalinismo não havia sido um alvo derrotado de uma guerra imperialista ou de uma revolução proletária, mas estendeu-se à Europa, que se tornou palco de uma onda revolucionária, não obstante o triunfo da burocracia. Essa efervescência sobre o continente foi responsável por originar os Estados e regimes das chamadas “democracias populares”, segundo o próprio diagnóstico do autor.

A ocorrência desses processos e a ausência de explicações satisfatórias incentivaram-no a formular uma interpretação própria e distinta das mencionadas; e devido às similaridades entre os Estados da “zona tampão” e a URSS, a explicação só poderia ser elaborada com base nesta como referência. O fato de os prognósticos de Trótski não terem se concretizado significava que a teoria do Estado operário degenerado, reivindicada pelas seções dominantes da QI, e outros pilares importantes do movimento, como a automobilização e a autoconsciência das massas como elementos necessários à revolução socialista, precisariam ser revisados¹³⁵. A renúncia à teoria de Trótski seria um pré-requisito para a Quarta Internacional não perder a sua razão de ser, embora esta razão não fosse explicitada pelo

¹³² A avaliação da URSS e do Leste Europeu como formações capitalistas estatais não surgiu com Tony Cliff. Embora a Quarta Internacional adotasse a posição pública de avaliar a URSS como um Estado operário deformado, por exemplo, grupos com outras percepções existiam em seu interior. O diferencial de Cliff foi formular uma releitura específica e, após a sua expulsão da QI, conseguir reunir em torno de suas ideias uma base consistente de ativistas intelectuais contrários ao capitalismo e à URSS.

¹³³ CLIFF, Tony. *The Nature of Stalinist Russia* [1948]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1948/stalruss/index.htm> Acesso: 25/07/2024.

¹³⁴ GRANT, Ted. *Against the Theory of State Capitalism Reply to Comrade Cliff* [1948]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/grant/1949/cliff.htm> Acesso: 30/01/2025.

¹³⁵ CLIFF, Tony. *Trotskyism after Trotsky*. London: Bookmarks, 1999.

autor.

Em um documento mais dedicado a dissertar sobre o tema, intitulado *Sobre a natureza de classe das “democracias populares”*, publicado em 1950, o autor identifica que as duas tendências em disputa na QI caracterizavam o Leste Europeu de duas maneiras: uma defendia que as democracias populares seriam capitalistas, enquanto a outra as avaliava como Estados operários. Para Cliff, a primeira percepção chegaria à conclusão lógica que a Rússia também seria um capitalismo de Estado, e a segunda seguiria uma conclusão que a conduziria diretamente ao stalinismo ao considerar que este poderia cumprir um papel revolucionário¹³⁶.

Em contraposição à direção da QI, sobretudo à posição inicial de Mandel, Cliff argumentou que a indústria, nas localidades do Leste Europeu, pertenciam quase que exclusivamente ao Estado, eram dirigidas por um planejamento econômico e que sua produção era orientada às necessidades do Estado e de seu crescimento. No que concernia à propriedade da terra, também não havia uma diferença substantiva em relação ao modelo soviético. Apesar de a terra pertencer ao camponês, não lhe era permitido usufruir os direitos básicos da propriedade privada, como o de comprar, vender, arrendar, transmitir ou de contratar mão de obra. Assim, não faria sentido qualificar como capitalista uma economia baseada na propriedade estatal, orientada por um planejamento e na qual a burguesia não teria senão uma módica participação, como era o caso das democracias populares, mas negar essa mesma designação à Rússia, considerando-a um Estado operário. Esse era o cerne da crítica de Cliff.

Em referência à ocasião do rompimento entre Tito e Stálin, o autor é crítico à forma como a direção procedeu com um giro repentino na avaliação do caso iugoslavo, primeiramente ao considerar o regime de Tito como capitalista e como uma forma extrema de bonapartismo, para então avaliá-lo como um Estado operário, sem mesmo adjetivá-lo como “degenerado”.

Para Cliff, Tito estaria no mesmo lado de Stálin, e não seria o seu contraponto. Ambos se assentariam em regimes bonapartistas, monopartidários, contra o direito de greve

¹³⁶ *Idem.* *On the Class Nature of the “People’s Democracies”* [1950]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1950/07/index.htm> Acesso: 24/07/2024.

e teriam políticas externas orientadas pela concepção de socialismo em um só país. No entanto, a ruptura de Tito ajudaria a expôr o caráter agressivo e explorador do imperialismo russo, o qual exploraria as chamadas democracias populares com a finalidade de comprar delas produtos a um custo muito mais reduzido. Nesse sentido, o conflito entre a Iugoslávia e a URSS teria uma essência de luta por independência nacional, uma vez que o primeiro lutaria para não ser uma colônia explorada pelo último. Assim, o autor estabelece que os trotskistas deveriam apoiar a independência e a libertação dos iugoslavos em relação à URSS, mas não menciona como isso seria feito, não registra a necessidade de criação de partidos trotskistas na região ou mesmo estabelece a demanda de uma revolução contra a burocracia, seja a soviética, seja a iugoslava.

Nota-se no texto que a supremacia política da classe trabalhadora seria um pré-requisito para a supremacia econômica. Os trabalhadores não poderiam possuir os meios de produção coletivamente – isto é, serem a classe economicamente dominante – a menos que o Estado detentor desses meios estivesse em suas mãos. Em um processo revolucionário, o primeiro ato do proletariado deveria ser “*o esmagamento da máquina estatal burguesa-burocrática e militarista*”¹³⁷. Nos termos do autor:

[No poder político], o proletariado como classe dominante é fundamentalmente diferente da burguesia. A burguesia tem uma relação direta de propriedade sobre a riqueza; portanto, qualquer que seja a forma de governo, desde que a burguesia não seja expropriada, [ela] não deixa de ser a classe dominante: um capitalista pode possuir sua propriedade em uma monarquia feudal, em uma república burguesa, em uma ditadura fascista, sob o domínio militar, em Robespierre, Hitler, Churchill ou Attlee. Contrariamente a isso, [o] Estado, que é o repositório dos meios de produção, está totalmente alienado da classe trabalhadora, por esse fato de alienação política que os trabalhadores estão separados dos meios de produção¹³⁸.

Apesar das críticas sobretudo dirigidas a Mandel e de ter reconhecido que uma onda revolucionária se instalou na Europa, Cliff, em primeiro lugar, minimiza os impactos das nacionalizações e expropriações ao afirmar que ambas só foram realizadas em grande escala depois de três anos, e que a máquina burocrática não teria sido esmagada. O

¹³⁷ Cf. CLIFF, Tony. The Stalinist “social revolution” and the Marxist-Leninist theory of the state. In: *On the Class Nature of the “People’s Democracies”* [1950], s. p. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1950/07/2.htm>. Acessado em 05/03/2025. Tradução e ênfases nossas.

¹³⁸ *Idem, Ibidem*, s. p.; Tradução nossa.

caráter burocrático dessas ações não tornaria legítima a avaliação dessas formações como transitórias; ou seja, ainda que houvesse revoluções como antecedentes de expropriações, “deformações” não seriam admissíveis e não permitiriam avaliar uma formação como transitória, devido ainda à existência do stalinismo e à subordinação dos trabalhadores a um Estado militarizado.

Em segundo lugar, Cliff também negava que houvessem se desdobrado revoluções no Leste Europeu, e, de forma similar ao posicionamento inicial de Mandel, também atribui ao stalinismo uma essência contrarrevolucionária, indicando uma contradição com declarações de seu próprio documento no que se refere ao reconhecimento de revoluções ocorridas na região.

Segundo argumentava o autor, para afirmar que os países do Leste seriam Estados operários, seria necessário provar que revoluções sociais ocorreram nessas localidades. Para contrapor essa avaliação, Cliff declarou que o proletariado não tomaria o poder do Estado da burguesia e da burocracia, mas o destruiria e instituiria em seu lugar a classe trabalhadora como classe dominante. Para ele, afirmar que a revolução proletária poderia ser realizada sem ser necessariamente pela classe trabalhadora, mas pela burocracia estatal segundo uma via “bismarckiana”, vinda de cima, significaria afirmar que a revolução russa seria uma exceção, e a via “bismarckiana” e verticalizada, a regra¹³⁹.

2.6 Conclusão

Embora o propósito deste capítulo seja o de apresentar uma perspectiva sintética e panorâmica sobre a situação do trotskismo após a guerra e a origem política de dois protagonistas fundamentais deste trabalho, isto é, sem um aprofundamento denso nos materiais referenciados, é possível traçar algumas conclusões necessárias aos capítulos subsequentes.

Pode-se notar que os principais nomes aqui mencionados, o de Mandel, Cliff e, em menor proporção, de Pablo, adentraram à Quarta Internacional no momento de mais aguda fragilidade do movimento fundado por Trótski. Esses quadros eram notadamente jovens,

¹³⁹ *Idem, Ibidem*, s. p.

filiaram-se à QI nas faixas etárias de dezesseis a vinte três de idade, e ainda advindos da clandestinidade da guerra. É perceptível que todos eles estavam imersos em confusões teóricas em torno de como aplicar a teoria de Trótski para a inteligibilidade de acontecimentos inéditos e inesperados, ao que se somou à necessidade de reconstruir a QI e torná-la relevante para o movimento dos trabalhadores. Esse complexo cenário conduziu a diversos questionamentos, sobretudo em relação ao sujeito social da revolução socialista, e é isso que o caso iugoslavo veio a inserir como problemática principal.

A ruptura entre Tito e Stálin, em 1948, inaugurou um debate sobre o caráter revolucionário ou contrarrevolucionário do stalinismo, e isso logo se envolveu com a questão de qual seria o papel dos trotskistas e da Quarta Internacional em meio às circunstâncias de estabilidade do capitalismo e de expansão do stalinismo ao Leste Europeu, inaugurando as chamadas democracias populares, ou os Estados da zona tampão, que eram congêneres ao modelo socioeconômico soviético.

Visto que os prognósticos de Trótski não haviam se concretizado, a percepção da ala inicialmente majoritária da direção da QI, cujo representante teórico era Ernest Mandel, mostrava-se notadamente desconectada com os acontecimentos vigentes, uma vez que reproduzia de forma acrítica as previsões elaboradas pelo revolucionário russo e em uma chave otimista acerca das perspectivas de intensificação da luta política e de espaço de crescimento para a QI. Assim, numerosas respostas se germinaram nas fileiras da Quarta, e a mais destacada entre estas, e notadamente mais contrária à do referido setor da direção, foi a proposta interpretativa de Michael Pablo, também um importante quadro dirigente do Secretariado Internacional, mas, em um primeiro momento, ainda apoiado por um suporte minoritário do partido.

A proposta de Pablo ganhou relevo porque oferecia um caminho que se prometia mais promissor para tirar o movimento trotskista de seu próprio isolamento, ainda oferecendo uma previsão otimista de iminente revolução mundial, em um cenário evidentemente difícil para o crescimento partidário, no qual o stalinismo e o capitalismo não pareciam dar pistas de sucumbirem. No entanto, essa proposta envolveu tirar dos trotskistas o seu papel no processo de disputa de consciência e na formação de uma vanguarda revolu-

cionária, o que resultou em apoio a figuras não comprometidas com o socialismo. Tal diretriz programática de Pablo já havia sido vitoriosa em 1951-1953, resultando em uma grande fragmentação da QI, mas ampliou-se em 1963, quando o SWP e o SI ajustaram suas posições sobre a Revolução Cubana ao interpretar a formação dela advinda como um pleno Estado operário, ao promover o guerrilheirismo como um novo rumo ao socialismo sem defender a liderança de um partido trotskista e, por fim, ao defender que o papel dos trotskistas seria adentrar ao Movimento 26 de Julho (M26J) para conduzir Fidel Castro à esquerda e torná-lo um trotskista. Essa conjunção de acordos foi consumada por meio da fundação do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU), em 1963, cuja histórica direção coube a Ernest Mandel.

A relevância de Pablo associa-se à de Mandel. Sendo um representante teórico influente da Quarta Internacional, ainda que não propriamente um dirigente, e autor de uma crítica velada a Pablo, Mandel encaminhava-se para ser um promissor oponente às ideias do dirigente grego, mas sabotou essa projeção no calar da noite, vindo a apoiá-lo no Terceiro Congresso Mundial da QI, ocorrido em 1951, o qual, por motivos de restrição temática desta pesquisa, não foi abordado.

O que foi, no entanto, digno de nota foi o fato de Mandel ter invertido por completo a sua interpretação sobre a liderança de Tito e sobre a Iugoslávia, negando até mesmo a necessidade de uma revolução política, e, de modo complementar, ter também impedido a circulação de seu documento em oposição a Pablo pelos setores oposicionistas da seção francesa da Quarta Internacional.

O rumo de Mandel se modificou pouco tempo após à referida ruptura, e a sua característica repentina, somada a uma interpretação inicialmente ortodoxa, formou um comportamento habitual do dirigente belga. Em outros termos, em eventos posteriores e de grande magnitude, como foram os casos da Iugoslávia, da Revolução Cubana e das contrarrevoluções do Leste Europeu, na década de 1980, Mandel e a organização que veio a dirigir, o citado SU, adotavam uma postura inicialmente cética em relação às lideranças não socialistas e aos setores sociais predominantes na maioria desses processos, como, por exemplo, os setores pequeno-burgueses e camponeses. No entanto, quando os eventos

pareciam radicalizar-se, por meio de medidas como expropriações econômicas ou início de mobilizações massivas, que culminavam em divisões nos setores dominantes da burocracia, Mandel adotava posicionamentos contraditórios às suas considerações iniciais, de modo a apoiar os setores que outrora estiveram sujeitos a críticas e defender que os trotskistas lhes prestassem dedicado suporte. Tal apoio, é válido mencionar, não era acompanhado de uma defesa da revolução política, isto é, de ruptura revolucionária em relação às lideranças ou burocráticas ou pequeno-burguesas, sob o protagonismo de um partido trotskista. Isso significa que Mandel reproduzia o programa de Pablo no sentido de defender a possibilidade de transformações reformistas no seio da própria burocracia, o que se revelava como uma divergência em relação a Trótski em torno do específico ponto da revolução política. Tal divergência, nunca diretamente explicitada, advinha tanto desse cenário de crise, quanto dos questionamentos oriundos de Pablo acerca do papel dos trotskistas e da possibilidade de a burocracia cumprir um papel revolucionário. Esses elementos foram fundamentais para que Mandel viesse a prestar suporte, na década de 1980, às contrarrevoluções na URSS e no Leste Europeu, conforme será visto adiante, apesar de o marxista belga reivindicar a teoria de Trótski sobre o stalinismo e a formação soviética.

Por outro lado, em contraposição a Mandel e a Pablo, houve a interpretação de Tony Cliff, um comunista palestino, emigrado para a Inglaterra em 1947, e adentrado ao trotskismo em 1939, no contexto de seu afastamento da esquerda sionista e oposição ao imperialismo britânico na localidade. Assim como os demais ativistas mencionados, Cliff associou-se ao trotskismo ainda na juventude, mas com a diferença de não ter pavimentado esse rumo em meio à clandestinidade da guerra.

De forma sumária, Cliff foi um elucidativo exemplo de oposição intransigente a ambos os lados predominantes na Quarta Internacional, o que o direcionou a iniciar uma discordância acerca da teoria do Estado operário degenerado e formular uma proposta teórica alternativa, assentada na percepção de que, se não houver a presença das massas revolucionárias no controle político, então não há Estado operário. Devido à essência contrarrevolucionária do stalinismo, não pode haver um Estado desse gênero submetido ao controle da burocracia, e se houver esse domínio, tratar-se-ia de um capitalismo de Estado.

Cliff, assim, foi duramente contrário a considerar a transformação burocrático-militar nas áreas do Leste como pilar inaugurador de formações transitórias ao socialismo.

À parte de maiores definições e considerações acerca da formulação teórica sustentada por Cliff, o que será feito no último capítulo, tal proposta colocou-se contrária à de Trótski porque Mandel e Pablo, ainda que inicialmente em caminhos opostos, ofereciam respostas ainda dentro desse arcabouço teórico do revolucionário russo. Em decorrência desse fato, Cliff voltou-se contra a teoria que não estava sendo devidamente articulada pelas seções dominantes da QI para compreender os fenômenos do pós-guerra. Desse modo, Cliff atribuiu-lhe limitações e culpou-a como principal causa para que o trotskismo se encontrasse entravado em meio às circunstâncias do período.

O meio encontrado por ele para se posicionar contra essa teoria e ainda tentar permanecer no espectro das fileiras trotskistas foi valorizar críticas de Trótski ao stalinismo, mas argumentando que a URSS e suas localidades congêneres seriam uma forma de capitalismo diferenciado, com marcas notadamente singulares, mas ainda assim um capitalismo indefensável. Nesse sentido, a teoria de Cliff se assentou em uma proposta de diferenciação entre ambas as seções da Quarta Internacional e ao próprio Trótski, embora partisse de questionamentos legítimos sobre a falta de controle proletário nas mencionadas formações como critério para questionar a avaliação segundo a qual seriam transitórias ao socialismo.

No entanto, de forma similar a Mandel e a Pablo, Cliff tampouco reivindicava a necessidade de um partido centralizado, revolucionário e trotskista para exercer a liderança de lutas sociais. A oposição intransigente sedimentada por Cliff em relação ao stalinismo não se associava a uma demanda pela fundação de partidos revolucionários trotskistas para disputar a consciência das massas em prol de uma revolução social ou política. Tanto o autor palestino, quanto seus adeptos posteriores, não reivindicavam a ideia do partido trotskista como sujeito político da revolução, mas defendiam que o proletariado exercesse o papel revolucionário de modo não especificado e, pode-se dizer, espontâneo. Não fortuitamente, as Internacionais lideradas por Cliff e Mandel não eram centralizadas e congregavam em seu interior organizações com posicionamentos variados sobre a URSS

e o stalinismo; além disso, por não defenderem, na prática, essa percepção do trotskismo como uma liderança formadora de uma vanguarda, ambos os dirigentes prestavam um apoio dedicado quando despontavam mobilizações de massa contra o stalinismo, independentemente dos programas concretos de tais movimentos.

Além disso, Cliff e seus adeptos não identificavam nada de positivo na URSS e nas formações do Leste. O stalinismo seria um fenômeno contrarrevolucionário e burguês, de modo que deveria ser combatido pela classe trabalhadora, e a própria URSS não deveria ser defendida em circunstâncias de ameaça à sua própria existência, uma vez que se tratava de uma formação imperialista e capitalista estatal. Dessa forma, a revolução política não era uma reivindicação.

Assim, por um lado, Cliff fundamentava a sua oposição irreduzível ao stalinismo por meio da teoria do capitalismo de Estado, modificando tal percepção, se assim fosse necessário; por outro lado, Mandel, apesar de reivindicar a análise de Trótski sobre o stalinismo e a URSS, e por vezes mencionar a necessidade de um partido revolucionário e de uma revolução política contra a burocracia, acreditava na ampliação de reformas democráticas como expressão desse processo, e não em uma ruptura revolucionária com a burocracia, dirigida por forças trotskistas, pois, conforme mencionado, estas não seriam uma vanguarda necessária.

Essas mudanças de posição do marxista belga apresentavam-se repentinamente, quando Mandel constatava que estariam em curso mobilizações sociais de grande magnitude, ou que as lideranças stalinistas ou pequeno-burguesas procederiam com medidas radicalizantes, como expropriações econômicas, tal como se constatou no caso iugoslavo. Tal *modus operandi* levaria a posicionamentos opostos à proposta trotskista original quando da crise do Bloco Soviético. De maneira aproximada, Cliff e importantes quadros teóricos que lhe eram próximos apoiaram os processos de restauração capitalista no Leste Europeu quando as massas sublevaram-se contra o stalinismo, considerando esses eventos como uma revolução.

Portanto, por mais relevante que seja a divergência teórica entre tais dirigentes, uma vez que isso ditava a atuação política cotidiana de suas organizações, a forma como am-

bos interpretavam o papel dos trotskistas também era de fundamental importância. Ambos formaram-se em meio a uma crise do partido que integravam, adotaram perspectivas teóricas divergentes, digladiavam-se com recorrência, mas apoiaram os eventos que selaram o fim da URSS. Por conseguinte, basear-se somente nas teorias que reivindicavam para explicar essa similaridade última é insuficiente, embora seja também um elemento fundamental.

Explicados o contexto geral de formação desses conhecidos dirigentes do trotskismo e os elementos que marcaram desde o início suas atuações políticas, será possível proceder com a análise sobre como Cliff e Mandel, muito auxiliados por suas organizações, interpretaram o fim da URSS.

Capítulo 3

Ernest Mandel e a desintegração de um sistema específico

3.1 Introdução

Ernest Mandel (1923-1995) foi um proeminente economista, teórico marxista e militante trotskista belga, cuja contribuição intelectual teve um impacto significativo na análise do capitalismo da segunda metade do século 20. Durante mais de três décadas, Mandel foi o principal líder e referencial teórico do Secretariado Unificado da Quarta Internacional (SU), a mais importante entre todas as organizações que reivindicavam o manto do partido fundado por Leon Trótski em 1938. Indubitavelmente, foi Ernest Mandel, e não outras figuras igualmente importantes para a escrita dos capítulos do trotskismo, como James P. Cannon, que se tornou o representante mais conhecido desse movimento internacional aos olhos públicos.

Além disso, o marxista belga foi um dos mais conhecidos divulgadores do pensamento de Leon Trótski dotado de celeridade acadêmica. Declarado adepto das ideias de Trótski em uma variedade de temas, como a avaliação do fascismo, da URSS e do stalinismo, Mandel deixou um legado escrito que ainda se consagra como uma das mais elucidativas formas de introdução ao pensamento do revolucionário russo já feitas, embora não sejam impassíveis a críticas.

É fato que a notoriedade de Mandel como um príndigo intelectual obscureceu a sua trajetória controversa na Quarta Internacional. O seu caminho no partido iniciou-se ainda na juventude. Já advindo de uma família de judeus e socialistas, Mandel filiou-se à seção

belga da Quarta Internacional aos dezesseis anos de idade, quando então se encontrava na atividade clandestina contra a invasão nazista na região.

Já no interior da Quarta Internacional, a opressão da guerra abriu espaço para que uma nova geração, recentemente iniciada no partido, ascendesse à sua direção. Embora não tenha sido oficialmente um dirigente no imediato momento após a guerra, Mandel, então um jovem economista, ocupou um lugar de grande importância teórica no partido, em meio a um cenário em que uma parcela considerável dos jovens membros provinha da luta clandestina contra o nazismo, sem ter ainda um aprimoramento teórico no marxismo. Em meio às discussões acaloradas sobre o Leste Europeu e a conjuntura subsequente à Segunda Guerra Mundial, Mandel foi o representante teórico de uma seção inicialmente majoritária no partido acerca desses temas. Essa seção era informalmente conhecida como "ortodoxa" por se apresentar como mais coadunada com os prognósticos e formulações de Trótski para a conjuntura em discussão.

Apesar dessa alcunha, tal tendência não complementava e atualizava as contribuições de Trótski ou as submetia a uma ótica crítica, de modo que o acordo com o revolucionário se mostrava muito mais semântico e dogmático do que um instrumento de atuação e de inteligibilidade da realidade. A contrariedade à tendência "ortodoxa" e suas interpretações fomentou uma diversidade de respostas nas fileiras da Quarta Internacional. Entre estas, a interpretação pablista, em referência a Michel Pablo, tornou-se a mais significativa e veio a ocupar o lugar dos ortodoxos como a seção majoritária da QI, no desdobrar dos anos de 1951 a 1953. Tal seção representada por Pablo foi informalmente designada como "heterodoxa", em alusão às diferentes perspectivas que adotara em relação aos chamados ortodoxos, e veio a ter para si o próprio Mandel como um de seus principais representantes após uma mudança de posição.

Após a sua aproximação ao pablismo, Mandel começou a demonstrar posicionamentos contraditórios em relação aos movimentos críticos ao stalinismo nos Estados operários. Para exemplificar de modo bastante sumário, Mandel não defendeu a retirada das tropas soviéticas durante os levantes por um socialismo democrático na Berlim oriental, em 1953, mas criticou duramente a repressão sobre a Revolução Húngara e a Primavera de

Praga pelas tropas soviéticas. Em adição, defendeu a necessidade de um partido revolucionário independente da burocracia na Hungria de 1956, mas observou na ala reformista do Partido Comunista da Tchecoslováquia uma alternativa para conduzir o desmonte da ditadura stalinista. Esse mesmo movimento se fez presente na URSS da década de 1980, quando Mandel capitulou a Gorbachov e aos movimentos de massa de orientação liberal, mas, por outro lado, foi crítico às mobilizações favoráveis à reunificação alemã, em 1989. Essas posições contraditórias foram a nota dominante da atuação política de Ernest Mandel desde a sua juventude até o final de sua vida.

Além disso, essas movimentações distanciavam o marxista belga de Trótski no âmbito da revolução política. Para aquele, a revolução política seria alcançável por meio de mais amplas reformas e pressões, mas para este, o conceito seria indissociável da necessidade de uma ruptura revolucionária com a burocracia stalinista, com a finalidade de tirar desta o controle político e assegurar um caráter socialista e democrático ao desenvolvimento subsequente dos Estados operários.

Não apenas esses câmbios se verificaram nos acontecimentos que registraram o fim dos Estados operários, mas a própria origem do SU foi também resultante de uma mudança similar, quando a maioria das organizações antipablistas, integradas ao Comitê Internacional (CI), uniram-se ao Secretariado Internacional de Pablo e Mandel em torno do tópico da Revolução Cubana. Em síntese bastante sumária, o SI e as duas principais tendências do SWP interpretaram com ceticismo e distanciamento o Movimento 26 de Julho (M26J), visto como um partido pequeno-burguês e sem um programa socialista, e defenderam a fundação de uma organização trotskista independente para liderar as massas e transitar as mobilizações ao socialismo. Após iniciadas as expropriações sob a liderança do M26J, porém, Cuba tornou-se, aos olhos dessas organizações, um pleno Estado operário, o guerrilheirismo passou a ser observado como a nova via ao socialismo e Fidel Castro passou a ser uma figura particularmente enaltecida e vista como uma liderança passível de ser convertida ao trotskismo. O acordo entre essas posições originou o SU em 1963, a partir da união dos mencionados grupos, e Ernest Mandel foi o mais importante representante dessa organização, a qual se tornou a maior internacional trotskista após sua

fundação.

Um fator digno de nota para essa diferença entre Trótski e Mandel é que o SU era a maior organização trotskista da Europa continental, e atuante em sindicatos e movimentos estudantis. Havia uma influência particularmente forte do reformismo e da socialdemocracia nas fileiras desses espaços de atuação, o que contribuía para pressionar as ações do SU em direções reformistas.

Devido aos posicionamentos contraditórios que marcaram sua trajetória, com mudanças eventualmente repentinas, Mandel é considerado por alguns de seus oponentes como uma figura centrista¹⁴⁰. O que expressaria esse centrismo seria a estratégia revolucionária de Mandel não ser centrada no proletariado, no papel dirigente do partido marxista, mas na busca de sujeitos sociais e políticos alternativos para conduzirem a revolução.

O objetivo deste capítulo é investigar como Mandel interpretou a desintegração da URSS. A importância dessa escolha, de forma similar a como se procedeu com a de Tony Cliff e de uma parcela de seus principais seguidores, é devido ao destaque que Mandel possui no debate acadêmico marxista, e também devido ao papel íntegro com o qual o dirigente é muitas vezes visto por adeptos e simpatizantes do trotskismo, sem informações sobre os principais capítulos de sua trajetória política.

A avaliação de Mandel acerca das reformas econômicas da URSS na década de 1980 envolveu importantes mudanças conforme se manifestou um processo de radicalização das massas no Bloco Soviético. Essa mobilização o fez acreditar que tais contestações poderiam pressionar à esquerda a ala reformista da burocracia, possibilitando derrotar o stalinismo por meio de uma ampliação de reformas democráticas, consolidando, dessa forma, uma revolução política segundo a compreensão do dirigente belga. Essa finalidade não pôde ser cumprida somente com os escritos de Mandel. Para os propósitos desta pesquisa, foram consultados diversos artigos do autor nos periódicos *International Viewpoint*, *Marxism Today* e o *Inprecor*, estes pertencentes ao SU, publicados entre 1985 e 1992. O que se constatou, em momentos determinados, foi que Mandel não escreveu dedicadamente sobre todos os acontecimentos que integraram o colapso da URSS, mas que

¹⁴⁰ Ver, por exemplo, ERNEST Mandel: *A Centrist For All Seasons* [1978]. Disponível em: <https://bolshieviktendency.org/2020/01/02/ernest-mandel-a-centrist-for-all-seasons/> Acesso: 03/04/2025.

emitiu declarações que mostravam seu acordo com a direção geral do SU ou com a posição de outros membros da organização, ainda que isso não se desse de forma explícita. Assim, para melhor compreender a sua percepção, e eventualmente compará-la com as de outros membros do grupo dedicados aos assuntos do Leste, foram também consultadas publicações de outros membros do SU, no decorrer do mesmo período e nos mesmos periódicos.

Investigar como Ernest Mandel, em diálogo com o SU, posicionou-se em relação às reformas, à ascensão de Gorbachov e ao Golpe de Agosto de 1991 é uma forma de compreendê-lo como um militante, como um intelectual ativo nos acontecimentos de seu tempo. Em uma obra dedicada a examinar como diferentes teóricos marxistas ocidentais analisaram a URSS, desde a Revolução de Outubro até o seu colapso, Marcel van der Linden examina a produção de Mandel de modo apartado da história da Quarta Internacional e do SU, não o tratando como um militante e dirigente, para além de um marxista acadêmico. Ademais, a investigação sobre como Mandel interpretou o colapso é demasiadamente superficial, sem menção a mudanças analíticas ou a posicionamentos adotados no período. Assim, a obra de Linden é muito breve ao abordar Mandel na década de 1980 e não fornece sequer menções ao SU.

Como limitação, salientamos que não foi possível acessar detalhes pessoais da biografia de Mandel para construir de modo mais completo a sua percepção. Isso se deu por restrição de tempo, não de acesso especializado, uma vez que há a biografia *A Rebel's Dream Deferred*, de Jan Willem Stutje, e relatos sobre Mandel presentes em uma variedade de artigos de discussão¹⁴¹.

Por fim, pontuamos que não foi feita uma análise mais ampliada sobre o SU, ou ao menos em torno de alguns de seus principais dirigentes, porque há a tese de Marcio Monteiro¹⁴², que abrange o partido. Por esse motivo, tivemos uma dedicação mais dedicada a Ernest Mandel, e a consulta às publicações de outros dirigentes foi para compreendê-la

¹⁴¹ STUTJE, Jan Willem. *A Rebel's Dream Deferred*. Londres: Verso, 2009.

¹⁴² MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes Monteiro. *Stalinismo, revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a teoria do Estado operário burocratizado aplicada ao bloco soviético (1953-91)*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

de melhor maneira e para mencionar pontuais contrastes e acordos com a organização que dirigia.

3.2 Uma síntese sobre sistema soviético e a burocracia segundo Ernest Mandel

A análise de Ernest Mandel sobre a União Soviética baseava-se com bastante fidelidade àquela desenvolvida por Leon Trótski e pela Quarta Internacional antes da guerra. O Estado soviético não seria um Estado operário saudável, nem uma sociedade capitalista de novo tipo, mas uma **formação socioeconômica híbrida**, marcada pela coexistência contraditória entre elementos socialistas e heranças da sociedade burguesa. Essa ambiguidade se expressava, sobretudo, na tensão constante entre o planejamento econômico e a persistência da lei do valor¹⁴³.

O planejamento econômico e a economia nacionalizada, conquistas fundamentais da Revolução de Outubro, representariam, para Mandel, uma ruptura com o capitalismo. Em princípio, uma sociedade de transição ao socialismo deveria ser superior ao capitalismo tanto no desenvolvimento da técnica, quanto no ampliado atendimento das necessidades sociais. Isso exigiria não apenas um controle consciente de uma economia em grande escala, mas também um nível de produtividade capaz de superar a escassez relativa de recursos para o usufruto social ampliado. O Estado operário teria, assim, a tarefa de distribuir de forma racional os recursos produtivos e a força de trabalho entre os diferentes ramos da produção, utilizando-se inclusive de mecanismos herdados do capitalismo, como o regimento salarial e incentivos materiais, para estimular a produtividade e garantir o crescimento econômico¹⁴⁴.

No entanto, na URSS, esse planejamento teria sido distorcido pela burocracia, que o transformou em um instrumento de controle verticalizado e submetido a um sistema de cargos e nomeações, sem a participação democrática dos trabalhadores. Ao mesmo

¹⁴³ MANDEL, Ernest. *The Laws of Motion of the Soviet Economy*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1981/xx/sovecon.htm>. Acesso em: 27 abr. 2025.

¹⁴⁴ MANDEL, Ernest. *The Soviet Economy Today: Towards Capitalism or Socialism?*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1972/06/sovecon.htm>. Acesso em: 27 abr. 2025.

tempo, a lei do valor — mecanismo regulador por excelência do capitalismo, que organiza a produção e a distribuição de recursos a posteriori, através e após a troca de mercadorias — não teria sido completamente superada na URSS, mas operaria de forma limitada¹⁴⁵.

Embora o mercado tivesse sido suprimido em grande escala, este continuou a operar nos setores de distribuição de bens de consumo, devido ao fato de tal acesso se dar por meio da troca monetária e, por conseguinte, desigualmente, a depender da dimensão dos salários e dos cargos ocupados na produção; ou seja, não havia uma distribuição de acordo com as necessidades. Isso era derivado diretamente da indisponibilidade de recursos para uma ampla repartição de bens e serviços independentemente do trabalho individualmente fornecido, e do fato de que essa escassez relativa fomentava o surgimento de setores na administração de recursos desejosos de se beneficiarem do acesso aos melhores insumos disponíveis. Isso gerava uma desigualdade social não em matéria de acumulação de capital, uma vez que a propriedade na URSS não era privada e o dinheiro não possibilitava a aquisição de meios de produção, mas de acesso a bens de consumo. Por isso a burocracia seria tão afeita à preservação de seus cargos administrativos¹⁴⁶.

Além disso, para Mandel, o fato de a lei do valor se encontrar subordinada a um planejamento significava, para além de outros elementos, que a URSS teria sido capaz de se desenvolver independentemente das prioridades de investimento derivadas do lucro, e que teria evitado crises periódicas de superprodução e desemprego em ampla escala. Ademais, o Estado soviético teria registrado taxas médias de crescimento de longo prazo superiores às dos países capitalistas industrializados e teria conquistado resultados impressionantes em matéria de educação, moradia e saúde pública¹⁴⁷. Portanto, a URSS seria, para Mandel, superior ao capitalismo, apesar da gestão da burocracia.

Essa combinação instável entre planejamento burocrático e resquícios da lei do valor transformava a URSS em uma sociedade de transição bloqueada. Inserida em um cerco capitalista hostil, a URSS via-se obrigada a acelerar seu desenvolvimento produtivo como forma de defesa contra as pressões externas do imperialismo. No entanto, a ausência de

¹⁴⁵ *Idem, Ibidem.*

¹⁴⁶ *Idem, Ibidem.*

¹⁴⁷ MANDEL, Ernest. *The Laws of Motion of the Soviet Economy*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1981/xx/sovecon.htm>. Acesso em: 27/04/2025.

democracia proletária e a crescente autonomia da burocracia teriam impedido que o Estado avançasse rumo a uma efetiva superação do capitalismo. Em diferentes publicações, Mandel afirma que a produção soviética registrava uma combinação paradoxal de crescimentos e desperdícios provenientes do modelo de gestão da burocracia, pois esta criava obstáculos em sua própria estrutura para a livre circulação de informações na esfera produtiva, em benefício de sua própria preservação, mas em detrimento do desenvolvimento técnico e científico da URSS¹⁴⁸.

Longe de essa transição bloqueada significar uma paralisia da sociedade, a URSS seguia em movimento com essa configuração específica de transição e burocratização, duplamente marcada por dinamismo e imobilidade. Disso vem a qualificação feita por Mandel da URSS como um sistema específico¹⁴⁹.

Seguindo a análise de Trótski, Mandel via a burocracia soviética como um estrato social parasitário que, embora administrasse um Estado baseado na propriedade estatal, não seria uma nova classe dominante. A existência desse “estrato social” seria derivada das condições materiais precárias da Rússia antes e depois da revolução, assim como o próprio isolamento desta. Esses fatores teriam conduzido à consolidação de um estrato materialmente privilegiado no aparelho estatal-partidário¹⁵⁰.

Essa burocracia, no entanto, não teria base social independente: seu poder dependeria da manutenção das formas de propriedade nacionalizadas, ainda que as administrasse de maneira autoritária e antidemocrática. Para Mandel, assim como para Trótski, a burocracia seria um fenômeno parasitário, cuja superação exigiria uma revolução política que restabelecesse o controle da classe trabalhadora sobre o Estado e a administração econômica de forma combinada a uma revolução internacional, sob o risco de haver uma degeneração completa do sistema e o retorno ao capitalismo.

¹⁴⁸ *Idem, Ibidem*; MANDEL, Ernest. *Bureaucracy and Commodity Production*, 1987. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1987/04/bur-cp.htm> Acesso em: 27/04/2025.

¹⁴⁹ MANDEL, Ernest. The significance of Gorbachov. *International Marxist Review*, vol. 2, n. 4, p. 7-40.

¹⁵⁰ MANDEL, Ernest. *The Laws of Motion of the Soviet Economy*. Op. Cit.

3.3 O início da era Gorbachov e as primeiras reformas da economia (1985 – 1987)

A plenária do Comitê Central do PCUS de abril de 1985 marcou o início da era de Gorbachov como o principal dirigente do país. Apesar de sua chegada refletir um equilíbrio instável entre camadas dirigentes, Gorbachov buscava se mostrar como um dirigente vívido, distinto e capaz de revirar a economia soviética para uma direção promissora e inovadora. Frente a uma União Soviética considerada cada dia mais claudicante e tecnologicamente estancada, o sentimento de otimismo que o líder soviético buscava transmitir não assegurou unanimidade.

Em dois artigos publicados na *International Viewpoint* no ano de 1985, Ernest Mandel, de modo similar a outros membros do SU que regularmente escreviam sobre o Leste soviético, como Gerry Foley e David Seppo, mostrava-se cético sobre a efetividade das reformas anunciadas para combater o diagnóstico negativo da economia. A avaliação que promoveu foi muito similar à do líder soviético: haveria uma crescente disparidade tecnológica entre a URSS e os países ocidentais, uma baixa qualidade dos bens de consumo disponíveis, amplos investimentos frequentemente não realizados e um planejamento desbalanceado, extremamente desperdiçador de força de trabalho e de matérias-primas. Quedas periódicas também afetavam a produção industrial. Esses problemas refletiam, segundo afirma, um problema de maior magnitude, o da queda da taxa de crescimento econômico¹⁵¹.

Como consequência, essa baixa regular resultaria em escolhas desafiadoras de investimentos para os dirigentes da burocracia. Para exemplificar, Mandel afirma que, caso a taxa de crescimento fosse igual ou superior a 4% ou 4,5%, seria possível prosseguir com a industrialização e com a modernização tecnológica do país; de modo complementar, os dispêndios com defesa e elevação do padrão de vida das massas ainda poderiam ser equilibrados e até mesmo impulsionados. Em caso inverso, se a taxa de crescimento de-

¹⁵¹ MANDEL, Ernest. The first six months of Gorbachov's reign. *International Viewpoint*, n. 83, 30/09/1985, p. 3-5.

clinasse a 3% ou menos, esses três objetivos centrais para a burocracia não poderiam ser atingidos simultaneamente¹⁵².

Como explicação, o autor salienta que o regime já não possuía as mesmas reservas do período mais próspero para o consumo, de 1953-1973, e não seria mais viável permanecer com elevados gastos militares e altos investimentos em projetos e na melhoria do padrão de vida da população. Seria, pois, necessário crescer com menos investimentos, isto é, crescer de forma intensiva. As reformas buscavam esse objetivo por meio de duas frentes, uma seguindo a "modernização", e a outra, a "disciplina"¹⁵³.

A primeira seria o centro das reformas e se referia à Revolução Técnico-Científica, isto é, ao processo de automação, computação e robotização da produção. A segunda, por sua vez, envolveria um uso mais "racional" da força de trabalho e dos recursos disponíveis de matérias-primas, com o objetivo reduzir custos e demandas para investimentos adicionais, requisitados frequentemente pelas empresas para o cumprimento das metas estabelecidas nos planos anuais¹⁵⁴.

O centro da crítica de Mandel é que não haveria um programa com caminhos concretos para atingir esses objetivos. A transição a um modelo intensivo de desenvolvimento demandaria a liberdade de pensamento e livre circulação de informações para possibilitar inovações técnicas e científicas, o que não seria possível sob a ditadura da burocracia. Isso devido, em primeiro lugar, à necessidade da burocracia de controlar a produção para assegurar a estabilidade de seus postos, e, em segundo lugar, ao fato de que a maior circulação de informações viabilizaria o surgimento de oposições organizadas. Além disso, o incentivo à maior produtividade do trabalho também só poderia ser efetivamente assegurado caso houvesse o controle democrático da produção nas mãos dos trabalhadores, o que os incentivaria a produzir mais¹⁵⁵.

A verdadeira natureza social dos problemas da economia seria a manutenção de um regime baseado em falsas e controladas informações. Ao ser incapaz de reconhecer esse problema, restaria à burocracia combater os males econômicos com reformas administra-

¹⁵² MANDEL, Ernest. Gorbachov's reforms. *International Viewpoint*, n. 84, 14/10/1985, p. 13-17.

¹⁵³ *Idem, Ibidem.*

¹⁵⁴ *Idem, Ibidem.*

¹⁵⁵ *Idem, Ibidem.*

tivas, autoritárias e repressivas. Por isso as reformas iniciais teriam promovido campanhas contra o alcoolismo, a corrupção nos ministérios das repúblicas e do centro e contra diretores de empresa, na tentativa de enfraquecer o poder dos estratos médios da burocracia, fortalecer o poder central e buscar de uma maior disciplina dos trabalhadores. Assim, as reformas teriam uma essência muito mais administrativa do que estrutural¹⁵⁶.

Ademais, os artigos mencionam a possibilidade da burocracia recorrer a medidas de coerção econômica, ao exemplo da implementação do desemprego associada a um aumento do poder dos gerentes, mas a consideram como improvável, pois esse movimento poderia resultar em uma explosiva resistência dos trabalhadores.

Salientava o dirigente que nenhuma reforma feita desde o topo, utilizando-se de métodos essencialmente burocráticos, como decretos, medidas administrativas, repressão e punições, poderia assegurar a transição a um modelo intensivo de desenvolvimento e solucionar os problemas econômicos. A única saída para a crise estabelecida seria a gestão democraticamente centralizada da economia sob o controle dos próprios trabalhadores. A introdução desse modelo de gestão democrática envolveria abolir a *nomenklatura*, eliminar o monopólio do poder político da burocracia, introduzir o pluralismo político e legalizar os partidos e demais agrupamentos sociais. Tais medidas remetiam a uma revolução política¹⁵⁷.

3.4 As reformas e seus dilemas

O conjunto das propostas de Gorbachov se resumia às formulas da perestroika e da glasnost, a última seria pré-condição para a realização da primeira. Mandel é inicialmente crítico à falta de uma definição precisa da perestroika e à ausência de um caminho preciso para contornar o contínuo declínio dos índices de crescimento econômico e o anúncio de um quadro mais geral de estagnação. O andamento da perestroika parecia obedecer a um puro pragmatismo de Gorbachov e de sua equipe, que desvendavam com prudência os alcances da política que haviam promovido¹⁵⁸.

¹⁵⁶ MANDEL, Ernest. *The first six months of Gorbachov's reign. Op. Cit.*

¹⁵⁷ *Idem, Ibidem.*

¹⁵⁸ MANDEL, Ernest. *Para além da perestroika*, vol.1. São Paulo: Busca Vida, 1989, p. 105-107.

Para Mandel, a dificuldade de encontrar termos precisos para definir a reforma residiria nos polos contraditórios que a compunham, isto é, ao fato de a reforma almejar uma descentralização econômica acompanhada da criação de estruturas hipercentralizadoras.

A economista Catherine Samary, uma histórica dirigente do SU citada por Mandel, definiu a perestroika como uma "utilização maior de mecanismos de mercado em uma economia na qual o planejamento domina"¹⁵⁹. Nesse sentido, a perestroika buscava "racionalizar" os investimentos estatais por meio da introdução de mecanismos de mercado, ao mesmo tempo em que buscava um reforço das instâncias centrais do planejamento e do poder dos dirigentes de empresa, em detrimento de organismos intermediários, ao exemplo dos ministérios¹⁶⁰.

Em conteúdo, a reforma pouco se diferenciava de suas precedentes principais, como as de Andropov e de Liberman-Kossiguin. Assim como elas, a perestroika almejava ampliar a atuação do setor privado na agricultura e nos serviços; modernizar a agricultura e as empresas existentes; priorizar os investimentos em tecnologia; associar os salários à produtividade; reprimir a corrupção, o mercado "negro" e os intermediários ilegais; e reduzir o poder dos ministérios em proveito dos mais altos e mais baixos escalões do planejamento¹⁶¹. O problema não seria o conteúdo, mas como realizar essas mudanças.

Mandel considerava que havia obstáculos de domínio institucional e de ordem estrutural-econômica para a ampliação de reformas de mercado, uma combinação que ainda avaliava como danosa para a classe trabalhadora e incapaz de resolver os problemas em questão¹⁶².

Tais obstáculos seriam conferidos pela natureza totalmente nacionalizada e planejada da economia, com alocação direta de recursos humanos e materiais, que não poderia comportar a ampliação do mercado sem ser em domínios particulares, sob a vigilância da burocracia, tal como se procedia então na União Soviética¹⁶³.

As dificuldades institucionais seriam concernentes aos obstáculos que as camadas intermediárias da burocracia, mais obstinadas a conservarem seus cargos nos ministérios e

¹⁵⁹ *Idem, Ibidem.*

¹⁶⁰ *Idem, Ibidem.*

¹⁶¹ MANDEL, Ernest. Gorbachov's reforms. *Op. Cit.*; MANDEL, Ernest. The CPSU's Congress offers few surprises. *International viewpoint*, n. 110, 23/06/1986, p. 12-18.

¹⁶² MANDEL, Ernest. The CPSU's Congress offers few surprises. *Op. Cit.*

¹⁶³ MANDEL, Ernest. The significance of Gorbachov. *Op. Cit.*

empresas, imporiam ao prosseguimento das reformas¹⁶⁴.

A gestão burocrática tinha entre as suas características uma interlocução verticalizada entre instituições de controle, ministérios e espaços produtivos, assim como a transmissão de informações distorcidas às instâncias superiores. A centralidade das metas de planos anuais e as dificuldades de abastecimento de recursos resultavam em uma resistência das empresas em adotar novas tecnologias que poderiam interferir na organização do cotidiano produtivo, fosse devido à necessidade de adaptação, treinamento ou mesmo de modificações em outros maquinários. Essa interferência poderia abalar as metas e os cargos e benefícios de ministros e gerentes. Assim, para o cumprimento de metas e preservação de cargos, falsas informações sobre a produção eram transmitidas ao Estado, resultando em estimativas não confiáveis de crescimento da economia. Tal era o conjunto de hábitos que Gorbachov se referia ao denunciar a “inércia” que se propagava nos estratos intermediários da burocracia.

Mandel avaliava que uma reforma que democratizasse o fluxo de informações não somente na hierarquia do planejamento, mas em toda a sociedade, seria contrária aos interesses dessa parcela da burocracia. Por esse motivo, o autor considera que a *glasnost* seria fundamental para promover a *perestroika*, uma vez que afastaria de todos os escalões do aparelho estatal-partidário os representantes dos setores mais inertes e conservadores do estrato burocrático, e, de modo complementar, contribuiria para liberar as energias criadoras das esferas inferiores da sociedade, cujo suporte seria indispensável para o sucesso da *perestroika* devido à resistência das camadas médias, superiores e mais velhas da hierarquia do regime¹⁶⁵.

Como era minoritário o suporte ao secretário geral vindo das camadas médias, superiores e mais velhas da burocracia, ao contrário do apoio que ele tinha da intelectualidade liberal e da tecnocracia nas esferas da administração, seria necessário um suporte mais amplo, popular e de massas, para que a *perestroika* seguisse adiante. É nesse sentido que Mandel enxergava, em geral, a *glasnost*, como uma medida de liberdade de expressão e

¹⁶⁴ *Idem, Ibidem.*

¹⁶⁵ *Idem, Ibidem*; MANDEL, Ernest. Prefácio. In: *Para além da perestroika*, vol.1. São Paulo: Busca Vida, 1989, s. p.

de flexibilização de poder que permitiria Gorbachov, primeiramente, ampliar a sua base de apoio para além dos reformadores e da intelectualidade, alcançando as massas; afastar os representantes considerados mais conservadores dos escalões do aparelho estatal-partidário; e liberar as energias criadoras das escalas inferiores da sociedade, viabilizando a inovação produtiva¹⁶⁶.

Apesar disso, a perestroika e a glasnost não se auxiliariam mutuamente. O desenvolvimento da primeira incitaria a população a trabalhar mais, enquanto reduzir-se-iam prêmios e aumentar-se-iam os preços de artigos de primeira necessidade. Em suma, para que a perestroika avançasse, seria necessário que os trabalhadores recebessem benefícios em troca.

Sem ceder aos trabalhadores benefícios no plano material, restaria a Gorbachov e os seus oferecerem-lhe concessões no plano político, com a glasnost. Esta, para os trabalhadores, só lhes serviria como meio para articular seus descontentamentos e reivindicações, uma vez que a democratização só faria sentido se conduzisse a mais direitos sindicais e políticos¹⁶⁷. Desse modo, apresentava-se a Gorbachov o dilema de permitir o desenvolvimento sem entraves da glasnost, o que resultaria, nos termos de Mandel, em um "controle operário e popular", ou, em contrapartida, de canalizar tal despertar da atividade das massas aderindo à repressão aos trabalhadores. A última via destruiria em um só tempo a credibilidade popular da glasnost e o apoio ao secretário-geral.¹⁶⁸

Em sentido geral, a perestroika foi avaliada, entre 1985 e 1986, como um conjunto de medidas abstratas e voltadas a combater a corrupção e o alcoolismo, sem efetivamente atingir as raízes dos problemas de crescimento.

No entanto, a partir de 1987, as reformas foram aceleradas e aprofundadas. O seu conteúdo principal não seria mais direcionado à corrupção e ao alcoolismo, mas à renovação das estruturas políticas e econômicas, e aqui entra em cena a oferta de liberdades parciais de manifestação.

Em dois artigos dedicados a analisar a 27ª plenária do PCUS, Mandel continua a

¹⁶⁶ MANDEL, Ernest. Para além da perestroika, vol.1. *Op. Cit.*, p. 127-130.

¹⁶⁷ *Idem, Ibidem*, p. 89-90.

¹⁶⁸ *Idem, Ibidem*.

argumentar que as reformas anunciadas por Gorbachov seriam pretensamente radicais, sem indicarem novas ou significativas mudanças. As reformas continuavam a ter a finalidade de internalizar mais disciplina nos quadros da própria burocracia para promover reformas mais profundas na economia. Consequentemente, a promessa de liberdade de pensamento e crítica continuaria a ser uma retórica vazia e a reforma da economia ainda faria os trabalhadores arcarem com o fardo da crise. Nessas circunstâncias, seria fundamental colocar em questão o poder e os privilégios da burocracia para se ter uma genuína democratização¹⁶⁹.

Tal plenária teria atestado a resistência de setores conservadores da cúpula burocrática em adotar as reformas propostas. Por outro lado, também teria sido marcada por uma ainda modesta renovação de quadros a favor da tecnocracia. Isso evidenciaria uma disputa interna à burocracia, dada entre um setor de inclinação conservadora, preservado durante a era Brejnev, e uma ala mais disposta a promover as reformas econômicas.

O ceticismo de Mandel também se estende ao líder soviético. O fato de Gorbachov ter se levantado contra a resistência conservadora do aparelho estatal-partidário não significava que ele fosse um elemento fundamentalmente antiburocrático, ou mesmo renovador em relação ao ordenamento vigente do Estado e do partido. O líder interiorano representava, segundo a percepção de Mandel, uma tendência mais lúcida da burocracia que se apercebera da gravidade da crise e da urgência de reformas parciais para saná-la; Gorbachov agiria para "salvar o regime burocrático, não para revertê-lo". A sua defesa se reverteria em prol de uma ditadura esclarecida da burocracia, orientada por intelectuais e membros da tecnocracia¹⁷⁰.

Haveria um conflito entre o que Mandel chama de "autogestão popular" e o controle estrito dos administradores sobre o aparelho estatal-partidário, motivo pelo qual Gorbachov não levaria a reforma política até o fim, autorizando e reabilitando a publicação da obra de Leon Trótski, o que, segundo Mandel, daria a esse processo uma coesão em termos de programa para a atuação das massas contra a burocracia. Nesse sentido, os

¹⁶⁹ MANDEL, Ernest. The CPSU's Congress offers few surprises. *Op. Cit.*; MANDEL, Ernest. Où va Gorbatchev? Le cours d'auto-réforme de la bureaucratie s'accélère. *Inprecor*, n. 237, 02/03/1987, p. 7-12.

¹⁷⁰ *Idem, Ibidem.*

chamados da glasnost à democratização e à iniciativa popular teriam se chocado com a recusa do regime em pôr o monopólio do exercício do poder em questão.

Como evidências da defesa desse modelo de regime nas declarações do líder soviético, Mandel destaca o apoio deste ao princípio do partido único, assim como ao dogma da necessidade da liderança do partido na esfera política. Os elogios prestados à instituição da KGB e a defesa do centralismo democrático, tal qual o existente após a vitória da fração stalinista, também seriam manifestações de tal posição. Assim, o dirigente trotskista conclui que as extensões da própria glasnost seriam ainda constrangidas pelo domínio da censura e falta de organismos de representação independentes da classe trabalhadora, baseados em eleições democráticas e sem o mecanismo de nomeações¹⁷¹.

Apesar desses limites, Mandel pondera ao afirmar que tal liberalização, assim como as divisões internas à burocracia, poderiam abrir brechas pelas quais a ação autônoma das massas, cedo ou tarde, poderia se manifestar, de modo que as reformas não seriam de todo negativas.¹⁷² O chamado oficial a “mudanças radicais” reverberava, em alguma medida, uma crescente pressão vinda de baixo¹⁷³.

Tal autor identifica a possibilidade de um amadurecimento de consciência social entre os trabalhadores em decorrência da busca das reformas em responsabilizá-los pela crise. Como exemplo, cita que uma das medidas propostas pela perestroika teria sido atar os salários dos trabalhadores à performance individual, embora esta fosse muito mais afetada por disfunções econômicas de maior ordem, como o suprimento irregular de matérias-primas, a baixa qualidade dos equipamentos disponíveis, entre outros fatores. As difíceis condições de provimento e proteção para a realização do trabalho teriam suscitado descontentamentos e a possibilidade de insurgência dos trabalhadores em seus espaços de trabalho. Assim, devido à oposição popular a essa individualização dos salários, Mandel interpretava que poderia estar em maturação uma conscientização política, mas que esta ainda demoraria a se desenvolver.¹⁷⁴

Em contraposição às mencionadas reformas parciais, Mandel apresenta um programa

¹⁷¹ *Idem, Ibidem.*

¹⁷² *Idem, Ibidem.*

¹⁷³ MANDEL, Ernest. The CPSU's Congress offers few surprises. *Op. Cit.*

¹⁷⁴ *Idem, Ibidem.*

alternativo de liberdades democráticas, no qual defendia a libertação de prisioneiros políticos, a instauração de *habeas corpus*, a supressão dos limites da liberdade de expressão no código penal, o fim das reservas especiais para a burocracia em diferentes espaços e serviços públicos, entre outras demandas que também resultariam no fim de privilégios materiais. É importante mencionar que, para o autor, tal programa só poderia ser implementado por meio da própria "ação das massas", e não a partir das decisões do alto escalão regime¹⁷⁵.

Como observação crítica a Mandel e ao seu programa sugerido, pode-se notar que há uma defesa muito mais enfática de democratizar instituições existentes - isto é, legislativo, código penal, sindicatos e polícia -, mas não de destruí-las, o que demandaria uma revolução política que sequer foi mencionada dessa vez. Em complemento, a falta de um pluripartidarismo é citada como uma das limitações da *glasnost*, mas não consta a liberdade para a formação de partidos entre as demandas propostas pelo dirigente.

Em relação aos anos precedentes, percebe-se um recuo de Mandel em relação às reformas. Em sua avaliação inicial, Mandel ainda reivindicava as demandas de um programa de revolução política. Para exemplificar, defendia a abolição do sistema de nomeações e do monopólio do poder político da burocracia, a instauração do pluripartidarismo, a legalização dos partidos e demais agrupamentos sociais, e a gestão democrática dos produtores sobre a organização da vida econômica.

Nas publicações de 1987, a menção à importância dos partidos cedeu lugar a uma percepção um pouco mais otimista sobre as reformas. Apesar de ainda conservar uma posição cética sobre o remédio que as reformas poderiam conceder à economia, o dirigente observava uma gradual e lenta politização das massas soviéticas nas fissuras das intrigas burocráticas e das limitadas liberdades concedidas pelas reformas.

3.5 Uma síntese da política externa

O ceticismo inicial acerca das reformas também se transmitiu à política externa. Embora Mandel e o SU pouco tenham escrito sobre o tema, as suas posições foram ambíguas,

¹⁷⁵ MANDEL, Ernest. Où va Gorbatchev? Le cours d'auto-réforme de la bureaucratie s'accélère. *Op. Cit.*

pois houve críticas severas ao aprofundamento da lógica de "coexistência pacífica" com o imperialismo com a finalidade de ampliar relações econômicas entre a URSS e o Ocidente, mas houve também o apoio ao desarmamento unilateral da URSS, sem conceberem que essa ação poderia facilitar uma contrarrevolução.

A reorientação da política externa sob Gorbachev representou uma ruptura significativa com a de Brejnev. O núcleo dessa mudança residia na tentativa de Gorbachov de reduzir os gastos militares e de promover internamente as reformas através de concessões unilaterais e de uma nova retórica de "problemas globais", que Mandel interpretou como uma "degeneração teórica" do regime¹⁷⁶.

A abordagem brejneviana operava sob a premissa de que a paridade militar seria uma pré-condição indispensável para realizar qualquer negociação econômica ou diplomática com o Ocidente. Tratava-se de uma política que, segundo o militante David Seppo, seguia uma orientação defensiva em relação aos Estados Unidos e que tinha o objetivo de buscar acordos para colocar um fim ao pesado fardo da competição de armamentos.

Por outro lado, a política soviética também se manteria na corrida armamentista ao partir do pressuposto de que os EUA somente a veriam como uma igual se a percebessem tão poderosa quanto eles. Essa postura, porém, revelou-se um círculo vicioso: ao buscar equiparar-se ao poderio bélico estadunidense, a URSS não apenas fez escalar os investimentos armamentistas de ambas as economias, como também forneceu uma justificativa à propaganda ocidental sobre a "ameaça soviética". O resultado foi uma corrida armamentista que consumiu recursos imensos da URSS¹⁷⁷.

Gorbachov inverteu essa lógica ao adotar o desarmamento como ferramenta política para influenciar os EUA a também diminuírem seus arsenais. Assim, propagou em seus discursos a noção de mundo globalizado, com problemas e soluções em comum, sem falar de distinção de classes e do socialismo como meta objetiva.

Mandel, em um artigo de 1986, foi duramente crítico a essa mudança, afirmando que o novo programa do PCUS, anunciado por Gorbachov, era um recuo das metas históricas, uma vez que o programa elencava, primeiramente, apenas reformas imediatas, como o

¹⁷⁶ MANDEL, Ernest. Le nouveau programme du PCUS. *Inprecor*, n. 222, 23/06/1986, p. 12-16.

¹⁷⁷ SEPPO, David. Perestroika and the arms race. *International Viewpoint*, n. 137, 07/03/1988, p. 13-15.

aumento de consumo, produtividade, aceleração econômica e assim em diante. A extinção do Estado e das classes foi transposta a uma “fase superior” do comunismo, e não se falava mais em revolução mundial ou em socialismo. Essa revisão evidenciava que a burocracia havia abandonado de vez o programa da revolução proletária mundial em nome de uma “coexistência pacífica” com o imperialismo, como fruto das condições sociais de privilégios e do monopólio político. Como conclusão, Mandel afirma que a burocracia, frente a essa degeneração programática, não poderia se autoreformar¹⁷⁸.

Tal abordagem de Gorbachov, contrariamente à defesa competitiva do período anterior, seria orientada por concessões unilaterais. O regime prestaria apoio a movimentos pacifistas no Ocidente e reduziria seu investimento bélico e nuclear como formas de pressionar os EUA a adotarem a mesma prática e de enfraquecer a retórica da “ameaça soviética”, criando espaço para uma reaproximação econômica e diplomática. No entanto, apontou Seppo, o Kremlin teria cometido um erro estratégico ao presumir que a contraparte imperialista responderia com reciprocidade, quando, na realidade, interpretou as concessões soviéticas como sinal de fraqueza¹⁷⁹.

A despeito da aproximação soviética com os movimentos pacifistas sobretudo fortes na Europa, o SU afirmava que as reformas não forneceriam as bases para uma consistente política externa internacionalista. Para que houvesse uma redução dos arsenais e programas militares, seria necessária uma aliança internacionalista entre movimentos sociais de países imperialistas, mas isso dependeria da democratização da URSS para um regime dos trabalhadores.¹⁸⁰ Mandel e Seppo defendiam que a mobilização independente da classe trabalhadora seria o caminho para se conquistar o desarmamento e consolidar uma união de fato internacionalista entre trabalhadores, mas o último autor já mencionava que essa mobilização independente poderia envolver uma aliança com os setores radicais e reformistas da burocracia, uma possibilidade que Mandel, em 1987, ainda não defendia¹⁸¹.

Ainda assim, o SU defendeu que a URSS aprofundasse a redução unilateral de seu

¹⁷⁸ MANDEL, Ernest. Le nouveau programme du PCUS. *Op. Cit.*

¹⁷⁹ SEPPO, David. Perestroika and the arms race. *Op. Cit.*

¹⁸⁰ *Idem, Ibidem.*

¹⁸¹ SEPPO, David. Perestroika and the arms race. *Op. Cit.*; MANDEL, Ernest. Thee aims and contradictions of Gorbachev's foreign policy. *International Viewpoint*, n. 140, 11/07/1988, p. 20-26.

arsenal, mesmo no caso de não haver um desarmamento mútuo. Entendia-se que a iniciativa de Gorbachov eliminaria a retórica da “ameaça soviética”, usada para justificar investimentos bélicos de nações imperialistas. Em adição, o SU também participou dedicadamente de movimentos pacifistas que demandavam o fim de armas nucleares e a redução de arsenais bélicos para os Estados imperialistas e operários degenerados. As demandas contra as bombas atômicas e pelo fechamento de usinas nucleares tomaram forma mais contundente após o acidente nuclear de Chernóbil, em abril de 1986. Segundo o próprio Mandel afirmou em 1989, quando algumas de suas posições já haviam mudado em relação a 1986:

Pode-se lamentar que a burocracia soviética tenha esperado pela vitória de Gorbachov para tomar iniciativas, cujos efeitos positivos e estimulantes para o movimento antibelicista nos países imperialistas seriam maiores quando este estava em seu auge, no começo da década de 1980. Naquela época, **pronunciamos a favor de tais iniciativas, inclusive de medidas audaciosas de desarmamento nuclear unilateral parcial que a URSS devia e podia tomar com vistas a reforçar o movimento de massa em favor de um desarmamento unilateral nos países imperialistas**¹⁸².

Assim, o SU, em uma possível influência da ampla contestação à faceta bélica da Guerra Fria, aproximou-se de grupos sociais para os quais a URSS e as nações imperialistas seriam igualmente ameaçadoras à paz mundial. Para o trotskismo, em sua estrutura original, a posição de um Estado na exploração mundial de outras nações cumpre um papel para a decisão de defendê-la ou não militarmente em caso de conflitos. No caso dos Estados operários, a defesa militar deveria ser muito mais contundente do que em situações de conflito entre nações capitalistas. Sob essa ótica, o SU adotou um movimento perigoso à preservação da URSS, contrariando a premissa de defendê-la incondicionalmente do ponto de vista militar.

3.6 A interpretação das reformas entre 1988 e 1991

O ano de 1988 inicia um momento de mudanças não somente em Ernest Mandel, mas na imprensa do SU. Primeiramente, o que se tornou predominante foi a defesa da demo-

¹⁸² Cf. MANDEL, Ernest. *Para além da perestroika*, vol.1. Op. Cit., p. 153. Ênfases nossas.

cratização por meio de reformas e mobilizações, sem explicações detalhadas sobre como esse objetivo seria efetivado. Além disso, as publicações de Mandel e do partido passaram a analisar as mudanças na URSS e no Leste Europeu de uma forma positiva, restando apenas um menor número de artigos que davam relevo aos limites dessas transformações.

No entanto, o prestigiado dirigente da Quarta Internacional foi precocemente mais além do que o restante da organização ao demonstrar otimismo, entusiasmo e apoio às reformas e à persona de Mikhail Gorbachov. Em uma entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, em 8 de março de 1988, Mandel realizou uma autocrítica por ter sido cético sobre as reformas e sobre o líder soviético: *”Tenho de fazer a autocrítica de não haver percebido, quando Gorbachev chegou ao poder, o que isso significava em termos de transformação na União Soviética”*¹⁸³.

Na mesma reportagem, o dirigente reconhece que a perestroika seria irreversível devido à ampla conscientização em torno das reformas consideradas necessárias para reestruturar a economia, e, a partir do exemplo que cita das mobilizações despertadas na Armênia, ocorrido poucas semanas antes, Mandel demonstra otimismo em relação à *glasnost* como um meio para fazer renascerem os movimentos sociais na URSS. O perigo que observa seria a possibilidade de Gorbachov reprimir o movimento das massas e frear os efeitos da *glasnost*, dando poder à ala conservadora da burocracia, contrária às reformas.¹⁸⁴

Em outra entrevista concedida ao mesmo jornal poucos dias depois, Mandel afirmou que o stalinismo estaria “morto e sepultado” na União Soviética. Para o marxista belga, mesmo se houvesse um recuo da *glasnost*, resultando na vitória da ala conservadora e na substituição de Gorbachov, o retorno do stalinismo lhe pareceria impossível, pois a sociedade soviética estaria “muito madura para isso”, em referência ao alto nível de escolaridade e transformação da sociedade¹⁸⁵.

Nessa mesma entrevista, o dirigente reproduz a autocrítica ao seu próprio ceticismo em relação a Gorbachov, e ainda acrescenta, em tom de justificativa para a sua mudança

¹⁸³ VILLAS-BÔAS, Luciana. O otimismo trotskista na “glasnost”. *Jornal do Brasil*, 08/03/1988, p. 8.

¹⁸⁴ Idem, p. 10-11.

¹⁸⁵ VILLAS-BÔAS, Luciana. Nem a URSS escapa do mercado. *Jornal do Brasil*, 13/03/1988, p. 7.

de avaliação, que o líder soviético pertencia a uma camada nova da burocracia, modernista, jovem, tecnocrática e preocupada com o declínio econômico da URSS sem as obsessões ideológicas do passado que criariam um obstáculo para a desestalinização. Para o trotskista, não haveria uma volta para trás nesse processo: ou Gorbachov fortaleceria o movimento social e se fortaleceria com ele, ou a tendência conservadora o substituiria e daria prosseguimento a uma perestroika sem glasnost¹⁸⁶.

Nota-se uma mudança de posição entre as duas entrevistas, ocorridas com poucos dias de diferença. Na primeira, embora demonstrasse entusiasmo com as mudanças em curso, Mandel destacava que Gorbachov ainda seria um quadro da burocracia e que não poderia, em função disso, ser considerado como um "democrata"¹⁸⁷. Além disso, Mandel salienta que o líder soviético poderia intervir de forma repressiva nas mobilizações pró-democráticas. Havia, pois, um distanciamento crítico em relação a Gorbachov que não se verificou na segunda entrevista¹⁸⁸.

Nas publicações de 1988, os temas da desestalinização, da reabilitação dos condenados pelos Processos de Moscou e também de Leon Trótski ganharam bastante proeminência e se conjugaram à campanha pelo aprofundamento da glasnost. Esses dois temas cumpriram um importante papel para que a avaliação de Mandel acerca das reformas se tornasse mais positiva.

Em um artigo de 1987, Mandel salientou a relevância da reabilitação e a necessidade de uma pressão internacional para a reabilitação de todas as vítimas, sobretudo de Leon Trótski. Essa medida estimularia um olhar crítico ao passado e a avaliação sobre o papel do stalinismo. Todavia, como teriam havido poucas substituições e renovações em benefício da tecnocracia e os movimentos sociais não haviam despertado de forma palpitante até então, Mandel ainda interpretava que a glasnost, apesar de importante, estaria muito limitada e circunscrita ao aparelho estatal-partidário. Sem presenciar mudanças de maiores proporções até então, Mandel não se dedicava a realizar uma campanha por esses

¹⁸⁶ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁷ VILLAS-BÔAS, Luciana. O otimismo trotskista na "glasnost". *Op. Cit.*, p. 8.

¹⁸⁸ *Idem, Ibidem..*

temas de forma tão dedicada como passou a fazê-lo a partir do ano seguinte¹⁸⁹.

O evento modificador foram as manifestações pró-democráticas na Armênia (Nagorno-Karabakh), em março de 1988, e o surgimento de grupos sociais de oposição em todo o Leste Europeu. As manifestações da Armênia registraram greves gerais, a criação de comitês autônomos e foram concomitantes às entrevistas concedidas por Mandel ao Jornal do Brasil. O próprio dirigente citou-as como sintomas de um vigor inicial dos movimentos sociais na União Soviética, viabilizado pela glasnost mesmo em sua forma limitada¹⁹⁰.

A ocorrência dessa primeira manifestação de massas foi o principal fator para que Mandel passasse a associar a glasnost a um processo de desestalinização considerado efetivo, pois então teria se verificado o "*despertar do proletariado soviético para a atividade de massa*"¹⁹¹; as iniciativas enfim advinham de baixo, e não mais do topo. Esse seria o mais importante feito registrado na URSS da década de 1980, pois anunciava um despertar irreversível contra o stalinismo, embora o autor não seja claro sobre como essa desestalinização se desdobraria em um socialismo.

Em uma primeira compilação de artigos intitulada *Para além da perestroika*, contendo artigos publicados ao longo de 1987 a 1988, Mandel compreendeu que Gorbachov e seu programa resultariam da modernização da sociedade soviética, urbanizada, educada e para quem o stalinismo teria se tornado um "fardo insuportável"¹⁹², assim como seriam frutos dos desgastes da economia, que, em decorrência da administração, não teria condições para realizar a transição a um desenvolvimento intensivo.

Antes de apresentar em mais detalhes sobre o que seria a desestalinização e sua relação com a glasnost, é pertinente demonstrar que a posição de Mandel em relação a Gorbachov não era uma unanimidade no SU, ainda que o evento armeno tenha incentivado a organização a defender com mais dedicação as reformas e mobilizações como revoluções políticas.

Para citar um exemplo, pode-se mencionar Gerry Foley. Este foi um integrante do

¹⁸⁹ MANDEL, Ernest. Moves to rehabilitate the Moscow trials defendants. *International Viewpoint*, n. 128, 26/10/1987, p. 11-16.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 8.

¹⁹¹ MANDEL, Ernest. Prefácio. In: *Para além da perestroika*, vol.1. São Paulo: Busca Vida, s. p.

¹⁹² *Idem, Ibidem*, p. 133

SU conhecido por escrever artigos sobre política internacional. Dentro do partido, foi o principal membro a publicar sobre os eventos do Leste Europeu. Embora seus artigos não se dedicassem a transmitir conteúdos programáticos, com demandas e análises condicionais para orientar a prática política, eram amplos os seus relatos jornalísticos e suas análises se encontravam em um prisma crítico em relação ao capitalismo e ao stalinismo. Contrariamente a Mandel, Foley não compartilhou perspectivas entusiasmadas sobre a democratização ao escrever sobre as manifestações de 1988.

Nos diversos artigos em que dedicou ao tema, Foley foi muito crítico às ações das autoridades soviéticas. Denunciou o uso da repressão contra as lideranças dos protestos armenos e afirmou que as críticas ao passado stalinista, por parte das autoridades oficiais, não teriam impedido Gorbachov de repetir os mesmos métodos de repressão, o que evidenciava que a burocracia não seria capaz de resolver as questões nacionais.

Assim, Foley não compartilhava uma visão positiva sobre o líder soviético. Salienta o ativista que as limitações da glasnost e de suas promessas de democratização ficariam em evidência nos momentos de despertar dos conflitos reais, uma vez que o regime se defrontaria com a ameaça de perda de seu controle e reagiria de forma repressora¹⁹³. Isso é um exemplo de como as expectativas positivas de Mandel em relação a Gorbachov e à glasnost foram mais profundas e mais repentinas do que o restante da organização até então demonstrava.

Apesar de não avaliar Gorbachov de forma positiva, Foley, assim como Mandel, também exaltou as mobilizações da Armênia. Estas indicavam que a democratização viria das nacionalidades não-russas, uma vez que só os movimentos nacionalistas conseguiam mobilizar as massas contra a burocracia. Não seria diferente, para o autor, em relação à região de Nagorno-Karabakh, localidade então em disputa entre o Azerbaijão e a Armênia. A região não apenas registrara massivas manifestações, como teria sido palco de uma situação de "duplo poder", tanto devido ao fato de Gorbachov ter necessitado dialogar com o comitê organizador das manifestações em vez do Partido Comunista local, quanto

¹⁹³ FOLEY, Gerry. Soviet Armenian masses mobilize. *International Viewpoint*, n. 137, 21/03/1988, p. 3-5; Idem. Kremlin attempts to suppress Armenian protests. *International Viewpoint*, n. 138, 04/04/1988, p. 3-4.

devido ao surgimento de comitês de autodefesa, feitos para resguardar a população armenia dos *pogroms* azerbaijanos. Aliado a isso, a região havia registrado uma greve geral de três meses, um feito até então inédito.

Ao final de seu artigo, Foley defendeu a ampliação do debate e da crítica para a ocorrência da democratização, em uma clara alusão à *glasnost*, assim como defendeu que os armenos deveriam se unir a um movimento mais amplo para a resolução da questão nacional na URSS. Foley não explica como deveria ocorrer essa união, nem como as questões nacionais seriam resolvidas, mas a sua defesa da *glasnost*, também expressa em outra publicação em que observou com entusiasmo o ataque aos setores conservadores nas páginas do *Pravda* após o caso armeno, indica que a percepção sobre a democratização soviética a partir das reformas seria um elemento de unidade no SU, não sendo uma demanda presente somente nos escritos de Mandel.

Tal ataque aos conservadores faz referência ao caso da carta de Nina Andreeva, que necessita de uma melhor abordagem por se vincular ao que seria considerada uma “desestalinização”, para Mandel.

3.7 A desestalinização e a revolução política

Em abril de 1988, imediatamente após o caso de Nagorno-Karabakh, desdobrou-se uma dura oposição aos setores conservadores nas páginas do *Pravda*, o principal periódico do PCUS. Esse também foi um evento importante para que Mandel associasse a *glasnost* ao que considerava ser um real processo de democratização efetivamente socialista contra a burocracia.

Tratava-se de um contexto de mais acirrada oposição entre reformadores que passaram a defender o aprofundamento das reformas em direção a um “socialismo de mercado”, conservadores que afirmavam que as reformas estariam piorando a situação econômica e um terceiro setor de reformadores críticos à postura conciliatória de Gorbachov em relação aos dois primeiros. Tal último setor, cuja liderança se tornara Iéltsin, defendia um enfrentamento mais intenso aos conservadores e uma implementação mais rápida das reformas.

Entre as duas primeiras alas, o conflito dava-se de forma mais intensa entre Yakovlev e Ligachov, ambos responsáveis pelos trabalhos "ideológicos" do Departamento de Agitação e Propaganda do Comitê Central. O primeiro era favorável a uma imprensa independente das autoridades do regime, dotada de conteúdo crítico em relação à burocracia e ao stalinismo. O segundo, por sua vez, representante da ala conservadora, almejava ter controle sobre a mídia e defender o que entendia ser "princípios do socialismo", isto é, a centralização do regime em um partido único. As tensões entre as alas começaram a transbordar para além dos limites da cúpula do regime e a se mostrarem ao público.

O ponto de partida para o que Mandel considera ser a adesão de Gorbachov à desestalinização teria sido o caso do envio da carta de uma professora de química chamada Nina Andreeva ao jornal *Sovietskaia Rossia*, em março de 1988. Nessa carta, criticava-se a perestroika como um ataque ao socialismo, os reformadores eram chamados de restauracionistas e defendia-se explicitamente o legado de Stálin contra os ataques frequentes a que estava sujeito.

Ligachov promoveu a publicação da carta em diversos jornais, os quais a publicaram sem críticas ou comentários, enquanto Gorbachov e Yakovlev estavam ausentes. Mandel e Foley enfatizaram que essa prática significaria uma prevalência dos métodos stalinistas de obedecer sem questionamento às ordens vindas de cima, em uma clara referência aos limites da democratização no período.

Três semanas depois, o *Pravda* emitiu uma resposta oficial, sem assinatura, contra a carta de Andreeva e crítico à passividade da imprensa que não a respondeu por conta própria. Após isso, Yakovlev alterou os editores de diversos periódicos para pessoas alinhadas com a abertura política e defensores das reformas¹⁹⁴. O resultado foi a liberalização da imprensa para criticar o regime e denunciar os problemas sociais do país.

O *Pravda* ainda recebeu, segundo relata Mandel, numerosas cartas de intelectuais e demais cidadãos comuns com diversas críticas aos conservadores, ao monopólio do poder pelo PCUS, aos privilégios da burocracia e ao passado stalinista¹⁹⁵. Questões direta-

¹⁹⁴ *Idem, Ibidem.*

¹⁹⁵ MANDEL, Ernest. A new stage of destalinization in the USSR. *International Viewpoint*, n. 143, 13/06/1988, p. 3-6.

mente mais cotidianas, como o alcoolismo, a má qualidade e escassez relativa dos bens de consumo, a corrupção generalizada e o uso de drogas foram também contemplados. O caminho que se seguiu foi a própria imprensa divulgando esses problemas e publicando críticas a Stálin e aos seus crimes, assim como reabilitações de obras, de figuras expurgadas e o surgimento de grupos sociais em torno de debates diversos, como feminismo, ecologia e assim em diante¹⁹⁶.

Mandel interpretou esse movimento mais livre para a crítica como uma importante engrenagem para a desestalinização, embora ele nunca tenha sido preciso sobre qual seria o significado desse processo. O termo apareceu pela primeira vez em outubro de 1987, citado apenas uma vez em tal ano, apresentado entre aspas e associado à ideia oficial de enfraquecimento político dos setores conservadores da burocracia, mais determinados a preservar o controle estrito do PCUS sobre o planejamento e sobre o Estado¹⁹⁷. Contudo, foi após o caso de Andreeva e às manifestações de 1988 que o termo começou a aparecer com recorrência nos artigos de Mandel de modo associado a um movimento de revisão crítica sobre o passado stalinista e de “autoconscientização” das massas em um momento de crise de legitimidade da burocracia. Apesar de sempre acompanhar esses elementos, nunca chegou a haver uma explicação sobre o que seria e como teria se desdobrado a desestalinização, ou o fim propriamente dito do stalinismo.

O que se percebe é que seria um processo estreado no desenvolvimento da glasnost e da revisão da história pregressa da URSS. Por isso, essa revisão dependeria da plena liberdade de crítica, discussão e acesso a documentos, assim como teria a censura como principal obstáculo. Nesse sentido, o seu avanço dependeria dos limites da glasnost, que, apesar de ser uma medida vinda de cima, poderia se ampliar com a pressão das massas. Tais limites seriam referentes ao sistema de partido único, ao mito da liderança necessária do partido, a ausência do direito de tendências e à contradição entre proclamar liberdades democráticas irrestritas e ter um partido único, limitando-as¹⁹⁸.

¹⁹⁶ PAULINO, Robério. *Socialismo no século XX: o que deu errado?*. São Paulo: Kelps, 2008.

¹⁹⁷ MANDEL, Ernest. Moves to rehabilitate the Moscow trials defendants. *Op. Cit.*, p. 14; MANDEL, Ernest. A new stage of destalinization in the USSR. *Op. Cit.*; MANDEL, Ernest. *Para além da perestroika*, vol.2. São Paulo: Busca Vida.

¹⁹⁸ MANDEL, Ernest. A new stage of destalinization in the USSR. *Op. Cit.*

A desestalinização teria sido promovida por Gorbachov, que, a despeito de pertencer à burocracia, estaria cada vez mais hesitante e favorável à democratização devido, primeiramente, à sua oposição aos setores conservadores, mas também devido às pressões exercidas pelas mobilizações populares¹⁹⁹. Análise similar é feita por David Seppo, que afirma, em primeiro plano, que Gorbachov buscava uma verdadeira transformação do regime, mas por uma via reformista, não revolucionária, mas também considera que uma aliança entre as massas e os reformadores seria uma possibilidade na busca pela democratização²⁰⁰.

No entanto, em 1989, Mandel ainda se mostrava bastante crítico às limitações do que chamava de desestalinização, e isso fica em evidência nos dois artigos que escreveu sobre as eleições legislativas ocorridas em abril do referido ano. Apesar de tê-las considerado importantes, o autor pontua que os candidatos apoiadores das reformas e do aprofundamento destas não estariam comprometidos com os interesses da classe trabalhadora, nem mesmo com o direito de greve, um direito democrático considerado fundamental.

Ademais, a concessão da possibilidade de escolhas à população, ainda que restrita, seria em si uma demonstração que a burocracia tentava recuperar a legitimidade em um contexto de crise política generalizada, ocasionada por fatores diversos, como as dificuldades econômicas, a reabertura ao mercado por parte de setores da burocracia, a entrada em cena das massas, pressões imperialistas por reformas políticas e assim por diante. Em contraponto ao que observava, Mandel propôs a ocorrência de eleições realmente livres, com múltiplos candidatos de diferentes plataformas e sem restrições ideológicas²⁰¹.

Nessas eleições, Boris Iéltsin foi a figura que mais se destacou e demonstrou popularidade. Embora tenha considerado que a popularidade de Iéltsin entre os trabalhadores se relacionava com uma postura "populista" de apelar à população para denunciar os privilégios da burocracia, e que esse comportamento não significava que Iéltsin fosse um defensor dos interesses da classe trabalhadora, Mandel avaliou de modo positivo o fato de Iéltsin levantar a questão de um modelo multipartidário de governo, pois o dirigente

¹⁹⁹ *Idem, Ibidem*; MANDEL, Ernest. Para além da perestroika, vol. 2. *Op. Cit.*

²⁰⁰ SEPPO, David. Perestroika and the arms race. *Op. Cit.*

²⁰¹ MANDEL, Ernest. Crisis in the East. *International Viewpoint*, n. 160, Apr. 1989, p. 11-13.

trotskista considerava que essa medida contribuiria para um potencial mais profundo das reformas políticas²⁰².

Em complemento, Mandel destaca três características consideradas positivas nos reformadores eleitos, entre estes, Iéltsin e Sakharov: a contrariedade que tinham aos privilégios da burocracia, o apoio a um maior igualitarismo e também à multiplicação de plataformas políticas. Entretanto, Mandel não chegou a tecer comentários sobre o fato de Iéltsin e Sakharov serem dois conhecidos defensores de uma abertura mais profunda às relações de mercado²⁰³. A falta de críticas aos mencionados candidatos está relacionada à percepção de que uma disputa se estabelecia entre a a revolução política (sob a forma de uma democratização em processo) ou o recrudescimento do regime burocrático; ou seja, a contrarrevolução capitalista não estaria colocada, e, por isso, tais candidatos não figurariam como uma ameaça, mas a chamada “linha-dura” da burocracia, sim.

Mandel negava tal possibilidade de reação pró-capitalista. Em um artigo de 1989²⁰⁴, o autor argumenta que a pequena e a média burguesias do Leste Europeu seriam demasiadamente frágeis para liderarem um movimento de grandes proporções, ainda que se aliassem a nações imperialistas.

Na hipótese de uma restauração, a tendência reformista da burocracia seria a provável liderança desse processo, mas esse estrato perderia seus poderes e seus privilégios materiais, e, em função disso, não estaria a favor de seguir tal rumo.

Ademais, as massas deveriam sofrer uma derrota decisiva, em um violento conflito social, para que uma restauração se efetivasse, pois teriam consciência de que o capitalismo seria uma derrota para seus direitos sociais e que não seria uma chave para o fim da exploração. Portanto, a restauração seria contrária aos interesses objetivos da burocracia e da classe trabalhadora.

Em outra publicação pertencente à compilação *Para além da perestroika*²⁰⁵, de 1989, Mandel formula três cenários possíveis para a URSS. A primeira possibilidade aventada

²⁰² *Idem, Ibidem.*

²⁰³ MANDEL, Ernest. Soviet elections get out of hand. *International Viewpoint*, n. 161, Apr. 1989, p. 3-4.

²⁰⁴ MANDEL, Ernest. Glasnost and the crisis of the communist parties. *International Viewpoint*, n. 172, Oct. 1989, p. 19-27.

²⁰⁵ MANDEL, Ernest. Prefácio. In: *Para além da perestroika*, vol. 1. São Paulo: Busca Vida, 1989, s. p.

seria a vitória da perestroika. A pressão crescente, embora limitada das massas seria capaz de obstruir a resistência conservadora; o aparelho renovar-se-ia gradualmente sob o efeito da glasnost; os créditos capitalistas afluiriam e a liderança de Gorbachov não sofreria reversão. Tal cenário era considerado por Mandel como o mais improvável de acontecer, devido aos obstáculos imputados às reformas e por subestimar demais as resistências das massas obstinadas a vencerem.

O segundo envolveria a ampliação em larga escala dos movimentos de massa, de tal maneira que a ala conservadora consideraria Gorbachov como um "mal menor" em relação ao risco de uma revolução vinda de baixo.

O terceiro, por sua vez, seria a hipótese mais pessimista de acontecer: a perestroika se mostraria como um fracasso econômico, as condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora se deteriorariam, as mobilizações não se desenvolveriam e a fração conservadora recrudesceria a sua ditadura, ainda que sem retornar aos moldes brejnevianos os stalinianos.

A última possibilidade aventada é a de uma revolução política. O atraso na melhora das condições de vida transformaria o ceticismo passivo da classe trabalhadora em um descontentamento virulento, que se traduziria em mobilizações de massa cada vez mais amplas. Os trabalhadores se aproveitariam das brechas abertas pela glasnost para se auto-organizarem de forma cada vez mais centralizada e tomarem para si o exercício do poder.

As duas últimas hipóteses eram consideradas por Mandel como mais prováveis de acontecer a longo prazo do que as duas primeiras, sobretudo a vitória da revolução política. Tal menção ao termo não é fortuita, uma vez que o ano de 1989, com o seu registro de efervescentes mobilizações sociais, estimulou outros autores do SU a observarem as insurreições no Leste Europeu como processos desse gênero, ao exemplo de Seppo²⁰⁶; contudo, se considerava que os trabalhadores lutavam de forma independente e em prol de uma autogestão, e não que a oposição que nutriam contra o stalinismo poderia se reverter em uma contrariedade a tudo que remetesse à ideia de socialismo, como a gestão estatal da economia.

²⁰⁶ SEPPO, David. What are Soviet workers thinking?. *International Viewpoint*, n. 178, 12/02/1990, p. 13-15.

Mandel vislumbra com mais ênfase essa possibilidade ao considerar, em primeiro plano, que a restauração iria contra os interesses objetivos da burocracia, fosse ela reformista ou conservadora; ademais, na Hungria e na Polônia, era a burocracia que permanecia no controle do Estado, e não forças pró-capitalistas. Como tal estrato havia demonstrado grande capacidade para a conservação de seu poder e de seus privilégios, ele só poderia ser apeado do controle estatal por meio de uma ação política consciente do proletariado ou da burguesia; entretanto, o proletariado mesmo não aceitaria uma restauração pacificamente, de maneira que deveria ser derrotado em um conflito social violento²⁰⁷ Por isso é que o conflito real se estabeleceria entre a democracia socialista e o recrudescimento do regime, com maior possibilidade de vitória para aquela.

Em vez de se opôr a tal prognóstico, Mandel afirmou concordar, ainda que com reservas, com o desmantelamento do planejamento econômico centralizado e também se dizia favorável ao uso de mecanismos de mercado na economia. Ao ser questionado sobre qual seria a sua posição em relação à perestroika, em uma entrevista concedida ao *New Times* em 1990, o dirigente respondeu:

Em vista do exposto, nossa posição pode ser resumida, em poucas palavras, da seguinte forma: um ‘sim’ entusiástico à glasnost, e uma aprovação igualmente entusiástica às iniciativas e propostas de desarmamento do governo soviético, à retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, à rejeição da doutrina Brejnev da ‘soberania limitada’ dos países do Leste Europeu e ao restabelecimento de relações interestatais normais com a República Popular da China.

(...)

Um ‘sim’ contido, cauteloso e esperançoso ao desmonte da ‘economia de comando’ supercentralizada. E um ‘sim’ comedido e gradual à introdução de mecanismos de mercado nos setores de distribuição, serviços, indústria leve de pequeno porte e agricultura.²⁰⁸

O que está contido nessa declaração é a defesa de uma “terceira via” de planejamento, tanto contrária ao planejamento econômico burocratizado e centralizado, quanto à economia dominada pelas relações de mercado. Nesse sentido, Mandel defendia que o mercado deveria ser um auxiliar da economia planejada no período de transição, assim como reivindicava um modelo que considerava ser democrático e descentralizado. Segundo essa

²⁰⁷ MANDEL, Ernest. Glasnost and the crisis of the communist parties. *Op. Cit.*.

²⁰⁸ MANDEL, Ernest. *The Trotskyite view of Soviet reforms*. Disponível em: <https://ernestmandel.org/ancien-site/en/debat/txt/sovietreforms.htm> Acesso: 02/05/2025 [s.p.]

percepção, o planejamento demandaria certa flexibilidade por estar associado a uma “democracia plural das massas”. De acordo com os termos do autor:

Essa autogestão deve pressupor certa flexibilidade, ou seja, as massas precisam ter a oportunidade de tomar suas próprias decisões, escolher entre projetos alternativos e determinar por si mesmas as proporções da produção a serem distribuídas nos níveis nacional, republicano, municipal e nas indústrias e empresas locais.

(...)

Portanto, o planejamento descentralizado está intrinsecamente ligado à democracia e ao pluralismo político. Sem essa conexão, não há nem livre escolha por parte dos trabalhadores nem motivação real para a prática da autogestão operária²⁰⁹.

Essa citação indica que Mandel passara a minimizar as diferenças entre planejamento e mercado com a finalidade de sustentar que uma contrarrevolução não se anunciava.

A percepção de Mandel se assenta em um objetivismo, pois a consciência e o programa político a serem seguidos tanto pela burocracia stalinista, quanto pela classe trabalhadora, não poderiam contrariar os interesses objetivos destas. Consequentemente, Mandel não concebe a possibilidade de que a classe trabalhadora, por meio de greves e manifestações, pudesse cumprir um papel reacionário ao apoiar em peso a figura de Iéltsin e a restauração de uma democracia liberal-representativa, ou que a burocracia poderia se converter em burguesia como forma de salvaguardar seus privilégios, aliando-se ao imperialismo e seus canais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, para desmontar um Estado operário, tal como se procedera na Polônia com poucos anos de diferença da URSS.

De maneira ainda associada, o objetivismo também se encontra na avaliação do fim do stalinismo. Tal fenômeno, de acordo com o argumento de Mandel, não seria mais viável em uma sociedade urbanizada e qualificada, culturalmente amadurecida para tolerá-lo. Nesse sentido, a desapareição de algumas características e condicionantes materiais do stalinismo, como a penúria acentuada, a baixa qualidade de vida e a repressão em larga escala representariam o fim desse fenômeno, enquanto outros fatores de grande importância para a sua origem, como o isolamento e a escassez relativa de recursos materiais, esta causadora de desigualdades sociais, não seriam considerados. Assim, tal como na década

²⁰⁹ *Idem, Ibidem*, s. p

de 1940, quando a questão do rompimento entre Stálin e Tito se colocou aos trotskistas, Mandel ainda demonstrava associar o stalinismo a um arquétipo do regime subordinado a Stálin em seus anos mais duros, sem concebê-lo como um fenômeno capaz de se reproduzir sem a faceta mais rígida da perseguição policial. Esse objetivismo não deixa de se associar ao reformismo, no sentido de interpretar que a eliminação de determinadas características poderia cessar um fenômeno social por completo.

Além disso, não é explicado como o stalinismo teria tido um fim, é apenas saudada a desestalinização como um processo em direção ao socialismo. O primeiro conceito, para o trotskismo, designa um regime de ditadura da burocracia situado em um Estado operário, e caso esse modelo de regime tenha tido um fim, seria necessário explicar a forma pela qual isso se sucedeu e o que teria ocupado o seu lugar no controle político. Em vez disso, o que é apenas mencionado é que esse seria o desfecho do processo de conscientização das massas através de “minimeios sociais”²¹⁰, com o apoio de reformistas e do acesso ao legado de Trótski e do trotskismo. O mais grave alcance dessa percepção de reformas e pressões foi ver os reformadores como aliados dos socialistas, com elogios a Iéltsin e Sakharov e críticas tardiamente feitas.

Em complemento, embora Mandel afirmasse corretamente que os mecanismos de mercado seriam inevitáveis durante o período de transição ao socialismo e que o planejamento deveria estar subordinado ao controle dos trabalhadores organizados, não era isso que estava em questão nos anos de 1989 e 1990, assim como não era um fato a luta das massas por uma autogestão socialista, tal como chegou a afirmar.

As medidas que anunciavam o desmonte dos pilares da economia soviética já estavam em vigor em tal momento. Havia cortes de subsídios a empresas locais e do Leste, assim como aos artigos de consumo e aos países congêneres, o que desencadeou uma crise sem precedentes nessas localidades na década de 1990; já se iniciava, ademais, a habilitação do desemprego e da falência de empresas; havia a reintrodução recuada da propriedade privada sob o título de “propriedade coletiva”; a permissão de contratação de mão de obra, bem como o desmonte do monopólio sobre o comércio exterior por meio da introdução

²¹⁰ MANDEL, Ernest. Prefácio. In: Para além da perestroika, vol. 1. *Op. Cit.*

de *joint ventures* e da permissão para o investimento direto de capital estrangeiro no país. Assim, não mais se tratava de ter mecanismos de mercado como auxiliares de uma economia transitória e mais democrática, mas da concretização de um projeto restauracionista da propriedade privada e do império da busca ampliada pelo lucro.

3.8 O Golpe de Agosto de 1991

O Golpe de Agosto foi a última tentativa dos setores conservadores do PCUS, das Forças Armadas e da KGB de preservar a existência União Soviética diante das reformas de Gorbachov e do crescente movimento separatista das repúblicas soviéticas. A derrota do Golpe não apenas selou o fim da URSS, como também consolidou Iéltsin como a liderança política mais poderosa do país. Antes de explicar a posição de Mandel e do SU sobre esse evento, é pertinente explicá-lo, até mesmo para compreender a centralidade que tal acontecimento possui para o fim do Estado operário soviético e por que a posição política em torno dele é tão importante na biografia de um partido trotskista.

3.8.1 Uma síntese sumária do Golpe de Agosto

Houve dois importantes precedentes fundamentais para o desfecho da URSS: a criação do cargo de presidente da URSS, que era eleito pelo Congresso dos Deputados do Povo e então ocupado por Gorbachov, e o fim do monopólio do poder do PCUS. Essas duas medidas juntas garantiram que o chefe das Forças Armadas passasse a ser uma figura estatal não partidária, isto é, o presidente constitucional. Isso dividiu o exército entre aqueles que apoiavam e outros que se opunham a reconhecer o PCUS como uma autoridade legítima, mas como já não havia mais a obrigação de funcionários públicos obedecerem às diretivas partidárias, o PCUS perdia a sua rede de controle para mobilizar o exército. Instaurava-se assim um cenário em que a lealdade dos militares estava em disputa.

As reformas de Gorbachov aceleraram e aprofundaram a crise econômica soviética, permitindo, inclusive, o surgimento de movimentos nacionalistas que passaram a exigir

independência. Nesse cenário que combinava um furacão de acontecimentos, os conservadores temiam um enfraquecimento da URSS advindo da descentralização do poder, da perda do controle partidário sobre as instituições e da dissolução do Pacto de Varsóvia, que reforçava a presença militar da URSS nos países do Leste Europeu a fim de evitar o ataque de países da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte). Contudo, somado a isso, Gorbachov estava negociando um novo Tratado da União que concederia mais autonomia às repúblicas, transformando a URSS em uma federação mais frágil. Para os conservadores, isso seria o fim da URSS, e a iminência da assinatura desse tratado foi o estopim para o início da tentativa de golpe contra Gorbachov.

Ao prender o líder soviético em sua residência, um comitê de emergência assumiria o controle do país a fim de reverter as reformas, restaurar a autoridade central de Moscou e impedir a fragmentação da URSS. Contudo, o golpe fracassou não apenas devido à falta de apoio popular, mas também porque os conservadores não conseguiram garantir o apoio unânime das Forças Armadas, uma vez que muitos oficiais, sobretudo os mais jovens, não reconheciam a legitimidade das ordens do PCUS uma vez que era Gorbachov o presidente da URSS e a quem deveriam oficialmente deveriam obedecer.

Iéltsin, como primeiro presidente popularmente eleito da Rússia (o que lhe garantiu uma forte base política), obteve o apoio da população e a lealdade de uma parcela muito mais significativa das Forças Armadas, as quais foram mobilizadas contra os conservadores. Estes, sem terem os meios de controle sobre o exército, não conseguiram dele o apoio que esperavam, selando a derrota do golpe em apenas três dias.

Imediatamente após o golpe, Iéltsin eliminou todo o poder dos conservadores e do PCUS ao emitir um decreto que suspendia todas as atividades do partido em todo o território russo e confiscar suas propriedades. Além disso, Iéltsin iniciou um expurgo nos altos escalões das Forças Armadas e veio a assinar o Acordo de Belaveja, encerrando a existência formal da URSS.

Em decorrência do fim do monopólio do poder do PCUS – fato que originou um sistema multipartidário inicialmente bastante frágil – e da divisão das Forças Armadas, um cenário bastante propício para a disputa pelo poder se instalou. Ao derrotar os setores

conservadores e conseguir a lealdade do exército, Iéltsin e seus adeptos conseguiram eliminar o que restava dos aparatos estatais nas repúblicas e se assenhoraram da propriedade antes administrada pelo partido, adquirindo os meios para restabelecer e assegurar a reprodução capitalista plena. Por isso é que o golpe é tão central para o encerramento da URSS, pois foi o momento em que ascendeu ao Estado uma fração da burocracia, sobretudo composta por setores intermediários mais próximos às empresas, que queria se tornar proprietária privada de meios de produção e que estava decididamente comprometida em estabelecer outras formas de propriedade que não a nacional e planejada. Esse era o desfecho antevisto por Trótski no caso de não haver a vitória da revolução política ou da revolução mundial.

3.8.2 Mandel, o SU e o Golpe de Agosto

Mandel, entretanto, não partilhava dessa interpretação, pois, para ele, uma não havia ocorrido uma contrarrevolução. Apesar disso, o dirigente não deixou de reconhecer, após 1991, que o Golpe de Agosto tinha uma centralidade histórica, ainda que tenha apoiado a sua derrota. Em um artigo publicado em 1992, Mandel afirmou:

A tentativa de golpe neoestalinista na ex-URSS e suas dramáticas consequências mostram que estamos entrando em um ponto de inflexão na história mundial. Eu pertenço à Quarta Internacional, que, assim como o SWP britânico, condenou o golpe desde o início e aplaudiu as mobilizações de massa dos trabalhadores que contribuíram decisivamente para sua derrota. Entretanto, agora, como já está claro há muito tempo, a questão que se coloca é se o capitalismo será restaurado no Leste Europeu, na antiga União Soviética, em Cuba e na China²¹¹.

O posicionamento de Mandel não pode ser compreendido isoladamente. Em uma publicação de 1992, dedicada a fazer uma ampla avaliação acerca dos últimos eventos que marcaram o fim da União Soviética, o marxista belga afirmou que a queda de Gorbatchov seria inevitável e que a burocracia não seria passível de reformas. As medidas de transformação só teriam sido adotadas devido à necessidade da burocracia em defender os seus próprios privilégios em meio a um cenário estagnação econômica, ocasionada pela

²¹¹ MANDEL, Ernest. The impasse of schematic dogmatism. *International Socialism*, 2:56, Autum 1992, p. 134-172.

própria administração desse estrato²¹².

De acordo com o autor, tal situação só poderia ser revertida por meio de uma revolução a partir de baixo, e a glasnost teria conferido mudanças positivas no sentido de uma democratização e expansão das liberdades civis, como o direito de greve e de organizações independentes, conquistas as quais as lideranças do Golpe de Agosto desejariam eliminar²¹³.

A queda de Gorbachov é explicada como um resultado de disputa interna da burocracia, pois não teriam ocorrido mobilizações de massa ou ofensivas imperialistas no momento de ocorrência do Golpe. O secretário-geral teria sido derrubado por uma fração da burocracia liderada por Boris Iéltsin, com quem pouco se diferia. Ambos seriam representantes da alta cúpula burocrática, e tal essência não se alteraria com o fato de Iéltsin defender abertamente a restauração capitalista.

Ao interpretar que o apeamento de Gorbachov do poder se dera como resultado de disputas intraburocráticas, Mandel concluía que não teria havido uma contrarrevolução capitalista. O aparelho de Estado da URSS não teria sido destruído e um longo período de "decomposição e caos" estaria ao aguardo da sociedade soviética²¹⁴.

Para sustentar tal posicionamento, Mandel argumentava que os bens de produção e a força de trabalho precisariam ser transformados em mercadoria, o que, caso feito, contrariaria uma forte resistência da classe trabalhadora. Assim, o enfoque se direciona a medidas econômicas, e não na mudança da classe no poder do Estado.

A fim de maior complementação, pode-se apresentar a avaliação do SU sobre tal evento. Segundo o documento da organização, emitido somente em outubro de 1991, o Golpe foi uma tentativa da fração conservadora de manter o controle sobre os órgãos centrais do partido e do Estado, a fim de preservá-los do novo Tratado da União, que, assim como explicado, transformaria a URSS em uma república descentralizada de federações autônomas. No contexto de 1991, o Tratado era visto pelos setores conservadores do PCUS, da KGB e do Exército Vermelho como o ato que acabaria com a URSS.

²¹² MANDEL, Ernest. The irresistible fall of Mikhail Gorbachev. *International Viewpoint*, n. 221, feb. 1992, p. 26-27.

²¹³ MANDEL, Ernest. Socialism and the future. *International Viewpoint*, n. 221, feb. 1992, p. 26.

²¹⁴ *Idem, Ibidem.*

Para a organização, os propósitos do Golpe seriam a instauração de um regime ainda mais autoritário e a reversão das liberdades democráticas conferidas pela glasnost, como o direito de greve, de liberdade de imprensa e o de livre organização política. Por isso, o SU qualificou-o como "totalmente reacionário" e saudou as mobilizações que a ele se opuseram²¹⁵.

Segundo tal documento, embora a derrota do Golpe tenha permitido um importante avanço para a luta das nações oprimidas, ele também fortaleceu, em contrapartida, a dinâmica em direção a uma restauração capitalista e consolidou a posição dos EUA como única superpotência no pódio.²¹⁶ Isso teria ocorrido porque não houvera uma força representativa da classe trabalhadora na oposição ao Golpe, culminando no "confisco" de sua derrota por parte de Iéltsin e das seções pró-capitalistas e liberais da burocracia. Como último ato, o Golpe teria resultado na mudança de poder dentro da própria burocracia, em detrimento dos conservadores e também dos centristas organizados em torno de Gorbachov.

Essa mudança não significaria uma vitória de uma democracia institucional plena, uma vez que Iéltsin não somente seria pró-capitalista, mas também seria autoritário. Como um aspecto de sua personalidade, a primeira medida adotada por Iéltsin após o Golpe teria sido a suspensão das atividades do PCUS e das estruturas de poder central das repúblicas e da economia soviéticas. Apesar de tecer essas críticas e constatações sobre a dissolução dos pilares econômicos dessas localidades, a organização não considerou que o Estado operário degenerado da URSS teria se findado.²¹⁷

O documento oficial afirma que o PCUS há muito tempo deixara de ser o partido dos bolcheviques e que perdera a legitimidade aos olhos da população; em complemento, a organização reitera que o PCUS continuaria a exercer poder sobre uma parcela das repúblicas e que o desmantelamento do aparelho central e da própria união das repúblicas teria sido uma "legítima reação contra um centro opressor"²¹⁸. Ainda que a fragmentação das

²¹⁵ Cf. UNITED Secretariat of the Fourth International. The Soviet Union after 19 August 1991. *International Marxist Review*, n. 13, Spring 1992, p. 27-40.

²¹⁶ *Idem, Ibidem*, p. 27-28.

²¹⁷ *Idem, Ibidem*.

²¹⁸ *Idem, Ibidem*.

repúblicas tenha envolvido casos de restauração capitalista e de acentuação das desigualdades entre elas, o direito à autodeterminação não o permitiria defender o poder central e a união não democrática das repúblicas²¹⁹.

No que concerne à dissolução do PCUS, o SU posicionou-se contra essa medida, apesar de ter considerado o desmantelamento do partido uma ação legítima. O SU não se posicionou dessa forma com a finalidade de defender a URSS de um espólio da propriedade pública, mas sob a justificativa de que a dissolução do partido seria a violação de um direito democrático.

Em um artigo de outubro de 1991, Mandel reconhece que o desfecho do Golpe teria acelerado as tendências à restauração do capitalismo, mas que esse processo ainda não teria triunfado nos domínios econômicos e de poder. Segundo os termos da publicação, os centros de poder ainda não teriam sido “reconvertidos e substituídos” em propriedade privada, assim como o funcionamento das estruturas econômicas da URSS ainda não obedeceria a critérios de desenvolvimento capitalistas, embora não haja maiores explicações. Tal última mudança mencionada demandaria uma privatização de ampliada escala, para a qual faltariam recursos e contra a qual a resistência popular seria o principal obstáculo.

Assim, a contrarrevolução não teria ocorrido porque a deterioração das condições de vida fomentaria confrontos e a resistência ativa da classe trabalhadora, e também porque Iéltsin não seria o representante de uma classe burguesa, mas cumpriria um papel similar ao de Gorbachov e seria um representante reformista da burocracia, com feições mais autoritárias. Nessas condições, o cenário que se avizinhava não seria o de um retorno ao regime stalinista, de uma restauração capitalista ou mesmo de uma real democracia proletária, mas o de uma “prolongada e caótica decomposição do sistema” em direção ao capitalismo²²⁰.

Essa avaliação demorou a se modificar para enfim reconhecer que a restauração do capitalismo havia ocorrido na URSS. Em 1994, pouco antes de falecer, Mandel ainda afirmava que seria possível impedir a restauração, e o SU, por sua vez, não considerou

²¹⁹ *Idem, Ibidem.*

²²⁰ *Idem, Ibidem.*

mais essa questão com a devida relevância²²¹. Foi somente em 2003 que organização veio a qualificar os Estados antes integrantes da URSS e do Bloco Soviético como “Estados burgueses” e a reconhecer, enfim, que havia se concluído uma restauração nessas localidades²²². No entanto, não foi fornecida uma explicação detalhada sobre como teria sido conduzido esse longo processo restaurador na URSS e em seus Estados congêneres. No documento *A new world situation*, datado de agosto de 2003, a organização emite a seguinte avaliação:

A restauração capitalista foi levada a cabo após a explosão da ex-União Soviética e na Europa do Leste, países em grande parte industrializados, num contexto histórico sem precedentes, caracterizado, para começar, pela ausência de todos os elementos necessários ao funcionamento de um mercado capitalista e pela falta de uma base “orgânica”, apesar de a grande maioria dos burocratas do antigo regime aspirar a transformar-se em capitalista ou colocar-se ao serviço do capital estrangeiro.

(...)

A submissão dos novos governos aos programas impostos pelo FMI ou pela UE implicou o desmantelamento de todas as formas de autogestão - e mesmo dos soviets, ainda que burocratizados - por receio de que os trabalhadores se apoderassem deles, transformando os meios de produção em mercadorias, junto com o alargamento das funções do dinheiro e da generalização dos programas de privatização como “prova” da ruptura com o passado e de critérios supostamente universalmente eficazes²²³.

Percebe-se, em primeiro lugar, que ao defender a legitimidade da luta do Bloco Soviético contra a URSS, o SU sobrepôs o direito da autodeterminação nacional à defesa e sobrevivência de um Estado operário em meio a um processo de restauração capitalista, cujos resultados seriam ainda mais danosos para a qualidade de vida da classe trabalhadora. A organização não reconheceu, após 1988, que a piora das condições de vida eram provenientes do desmantelamento paulatino do planejamento central. Tal reconhecimento não envolveria afirmar que as condições de vida na URSS antes das reformas desconheciam problemas, e diversos deles chegaram a ser aqui mencionados, mas que a sobrevivência da URSS e de seus Estados congêneres, ambos legados concretos de lutas

²²¹ Ver STRUGGLE for World Socialist Revolution, The - The Spartacist League Debates Ernest Mandel [1994]. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/mandel/1994/11/sparts.html>. Acesso: 14/02/2025.

²²² STATEMENT on Capitalist Restoration, A. [2003]. Disponível em <https://internationalviewpoint.org/spip.php?article173>. Acesso: 14/02/2025.

²²³ NEW World Situation, A. Disponível em: <https://internationalviewpoint.org/spip.php?article172>. Acesso: 14/02/2025.

sociais, seria ainda fundamental para a transição ao socialismo.

Ademais, o fim do PCUS foi contestado pelo SU sob a ótica de um direito democrático, e não porque o partido era o pilar fundamental da economia estatizada, sendo o gestor e mantenedor da propriedade nacional, ainda que sob a forma de uma ditadura burocrática. Sem o partido da burocracia e sem uma alternativa revolucionária para lhe ocupar o lugar, acabava-se o planejamento em troca de um espólio da propriedade estatal.

Por fim, para o trotskismo, assim como para o leninismo, a mudança da classe no poder é a premissa fundamental para que se estabeleçam novas formas de propriedade e de relações econômicas de uma organização social específica. A burocracia não era considerada por Trótski como uma classe, entre outras razões, porque não carregava consigo formas de propriedade que lhe fossem organicamente próprias, o que resultava no fato de a economia soviética ser mais funcional sem a gestão da burocracia, reconhecida como a causadora dos sintomas de estagnação econômica. Por não ter formas próprias de reprodução, a burocracia se aproveitava das formas de propriedade instituídas por Outubro, obstruindo-as até restar o capitalismo como escolha de sobrevivência. Ao não reconhecer que o declínio de Gorbachov havia sido uma consequência da derrota do Golpe de Agosto, Mandel e o SU não identificaram esse fato como o primeiro e mais importante ato de um processo de restauração capitalista.

3.9 Conclusão

Ernest Mandel interpretava a URSS como uma formação transitória, e não um modo de produção plenamente estabelecido. Isso significa que o Estado poderia retroceder ao capitalismo, ou avançar em direção ao socialismo. O principal obstáculo à última transição seria a burocracia, devido ao fato de seu regime, tão sujeito a instabilidades internas e externas à URSS, não permitir a livre circulação de informações dentro do próprio espaço produtivo. Tal circunstrução era feita por meio de uma estrutura verticalizada de comando e nomeações sobre a gestão da economia, que desencadeava uma série de problemas sociais e administrativos. Os males diversos da gestão cotidiana do stalinismo sufocavam os benefícios proporcionados pela transformação revolucionária da Rússia, como a in-

dustrialização em tempo recorde, a ampla formação educacional, a habitação em massa em escala, o acesso de uma grande população à aposentadoria, ao emprego e a serviços médicos gratuitos. Em tempos pretéritos à restauração, Mandel afirmava que a derrota da burocracia era uma medida de primeira necessidade, assim como a defesa da URSS em uma situação de ataque imperialista.

Apesar de compartilhar a percepção clássica de Trótski sobre o stalinismo e a URSS, Mandel foi politicamente formado em um período conturbado para o trotskismo, do qual o movimento jamais se reergueu.

O fim da Segunda Guerra Mundial foi um momento de difíceis condições para o crescimento da Quarta Internacional, enfraquecida diante do vigor do stalinismo e do capitalismo, e o trotskismo necessitava apresentar-se como alternativa. Sem um manual de instruções para compreender a conjuntura do pós-guerra, ou mesmo uma formação teórica mais consistente, Mandel aplicava inicialmente as previsões de Trótski à leitura dos eventos como se fossem um dogma, mas essa estratégia não foi eficaz para a Quarta Internacional. Não tardou para que Mandel se aliasse a Pablo, que oferecia uma estratégia de programa que facilitaria os trotskistas a se inserirem nos movimentos sociais, ainda que abrindo mão de serem uma vanguarda.

O momento de aliança com Pablo foi marcado por uma mudança repentina de Mandel em relação aos países do Leste Europeu e a Tito, liderança do Estado e do PC iugoslavos. Assim como mencionado ao longo do segundo capítulo, o hábito de transitar entre posições “ortodoxas”, afinadas com as de Trótski, e de suporte a forças não socialistas foi uma tônica da atuação política de Mandel e também do SU.

Como legado da crise do trotskismo, Mandel adotou uma orientação de programa político que tornava os trotskistas e as massas forças de pressão sobre lideranças stalinistas e socialdemocratas. Essa percepção resultou em uma releitura sobre a revolução política, que, em Trótski, remetia a uma derrota revolucionária da burocracia sem a destruição dos pilares econômicos da URSS; isto é, diferenciando-se de uma revolução social.

Em Mandel, tal como foi possível constatar, o conceito remetia a uma ampliação de reformas democráticas, conferida pela pressão das massas sobre as referidas lideranças da

burocracia. Tal postura do dirigente reduzia ou dispensava o papel da liderança política dos trotskistas e revolucionários. Havia, em vez disso, uma crença objetivista na capacidade das massas de pressionarem as lideranças em direção aos fins socialistas almejados. Considerava-se impossível que parcelas das massas apoiassem programas reacionários, e caberia aos trotskistas, por sua vez, apoiá-las na luta contra o stalinismo. Por conseguinte, um impressionismo com a insurgência das massas se verifica nos escritos de Mandel.

De amplo modo, essa foi a percepção de programa que perpassou a interpretação de Mandel e de seu partido sobre o colapso da União Soviética, de forma aliada ao “centrismo” que se apresentava em seus posicionamentos pendulares.

Inicialmente, entre 1985 e 1987, Mandel e outros mencionados membros do SU mostravam-se reticentes sobre as reformas e davam relevo aos desafios e limites que estas enfrentariam para vigorarem na União Soviética. Até então, a demanda por uma revolução política, no sentido de uma ruptura, ainda que sem a apresentação explícita do termo, ainda se encontrava nos periódicos da organização.

A situação mudou notadamente após o início de 1988, com o primeiro despertar de massas na Armênia. A partir desse momento, Mandel defendeu que uma “desestalinização” estaria em curso e com o apoio de Gorbachov. As massas soviéticas teriam despertado contra o stalinismo e a ampliação da glasnost fazia-se imperiosa para uma efetiva democratização. Mandel e o SU, apesar de seus contatos com grupos sociais e intelectuais socialistas na URSS, engajaram-se na campanha pela reabilitação oficial de Trótski para que as massas descobrissem uma alternativa de rumo histórico para o país.

O caso de Nina Andreeva foi um potencializador para que Mandel e o SU considerassem que um processo de revolução política sob a condução de reformas estaria em curso, pois, primeiramente, os conservadores se enfraqueceram, e, ademais, uma oposição pública, emitida nos veículos de imprensa, denunciou o legado de Stálin e seus crimes.

A partir desses casos, o planejamento não mais seria incompatível com as reformas; Mandel passaria a minimizar as possibilidades de contradição entre uma economia planejada e uma capitalista, mediada pelas relações de mercado. Essa avaliação, embora não se mostrasse incorreta nos termos apresentados por Mandel, deu-se em um período de maior

aprofundamento da perestroika, em que se abriam “brechas”, por meio de propriedades coletivas, para a aquisição de propriedade privada, contratação privada de mão de obra, possibilidade de falência de empresas e assim em diante. Em síntese, era um momento de restauração, no qual a dissolução do planejamento resultava em surpreendentes aumentos do custo de vida, escassez de bens essenciais e cortes de subsídios diversos, sobretudo voltados à produção de países dependentes da URSS. Ao se apresentar otimista com as mobilizações em efervescência, Mandel contestava que uma restauração estaria em curso, e, assim como a organização, apoiou o Golpe de Agosto como um movimento legítimo das massas contra as estruturas centrais do Estado e partido soviéticos, sem perceber com isso que o planejamento desmoronava e uma fração determinada a ser capitalista chegava ao poder do Estado. Somente em 2003, oito anos após o falecimento de Mandel, foi que o SU enfim reconhecia, de maneira reservada e sem detalhamentos, que uma restauração capitalista havia sido vitoriosa na URSS e no Leste Europeu.

Portanto, características de centrismo, de impressionismo com as massas e de reformismo relacionado à transição de regimes políticos são pertencentes ao que se chama de “mandelismo”, entendido como corrente política representada por Mandel, com o arcabouço programático de Pablo.

Capítulo 4

Tony Cliff, o IS/SWP e a crise soviética

4.1 Introdução

A tradição política liderada pelo marxista palestino Tony Cliff (pseudônimo de Ygael Gluckstein, 1917-2000) é oriunda da esquerda trotskista e chegou a ocupar nas localidades britânicas um espaço de importância em termos de proporção numérica²²⁴. Trata-se de uma tendência com importantes quadros acadêmicos no mundo anglo-saxão e com alguns grupos em diferentes países, mas cuja internacional não é centralizada, a chamada de *International Socialists Tendency* (IST). Isso significa que as organizações adeptas a esta não seguem um programa específico e, conseqüentemente, adotam posicionamentos de forma independente. O que as unificou durante o período de 1960 a 1990 foi a variante da teoria do capitalismo de Estado formulada por Tony Cliff, a qual deu a base para uma interpretação muito singular acerca do colapso soviético e tornou-se notória por apoiá-lo.

No entanto, tal teoria não mais representa um elemento de unidade entre os grupos da IST na atualidade. Sem uma coesão programática centralizada, essas organizações não mais compartilham uma característica em comum que seja particularmente destacável, senão a adesão mais significativa de quadros acadêmicos da esquerda anglo-saxã.

Um elemento de unidade entre os grupos da IST que teve uma importância muito mais significativa do que a própria teoria de Cliff foi o posicionamento expresso no *slogan* “nem Washington, nem Moscou”, que estampou os periódicos da organização durante décadas. De modo geral, esse *slogan* remetia a uma rejeição aos “dois lados” da Guerra Fria e a uma defesa da ação independente dos trabalhadores, que nada teriam a ganhar

²²⁴ SULLIVAN, John. Socialist Workers Party. In: *As Soon As This Pub Closes*. [2004]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/critiques/sullivan/pub-index.html> Acesso: 20/04/2025 [s.p.]

com a URSS ou com os Estados Unidos. Essa diretriz, ainda que modificada, continua a fundamentar as posições dos grupos vinculados à IST, principalmente em relação a Cuba, China e Coreia do Norte, mas não é mais um elemento de diferenciação pública, prontamente colocado em discussão com outras organizações.

O grupo mais importante dessa internacional foi o *Socialist Workers Party* da Inglaterra. Em seus primeiros anos como organização independente, o grupo intitulava-se *Socialist Review Group* (SRG), e, posteriormente, veio a chamar-se *International Socialists* (IS). Até 1977, o IS era uma tendência autônoma no *Labor Party*, e ao separar-se deste, veio a chamar-se *Socialist Workers Party* e fundou a referida internacional com os grupos por ele influenciados²²⁵.

Nos referiremos ao grupo britânico por meio da sigla IS/SWP, uma vez que há outro grupo chamado *Socialist Workers Party*, localizado nos Estados Unidos, que também compartilha uma importante trajetória no trotskismo.

A principal finalidade deste capítulo é investigar como Tony Cliff e alguns intelectuais expoentes do IS/SWP, nomeadamente Alex Callinicos, Chris Harman e Mike Haynes – o único entre os quatro que não foi um dirigente –, interpretaram o colapso da União Soviética e as causas para a sua acentuada desaceleração econômica na década de 1980. A escolha por esse grupo se justifica porque os seus membros mais destacados ocupam um espaço de relevância no debate acadêmico marxista, sobretudo Alex Callinicos e Mike Haynes, que receberam uma forte influência de formação de Chris Harman e Tony Cliff.

Para cumprir esse objetivo, foram consultados diversos artigos do periódico semanal *Socialist Worker* e da revista teórica *International Socialism*, assim como publicações bibliográficas de Tony Cliff e de Alex Callinicos dedicadas a tal tema.

Consoantemente ao que foi mencionado no capítulo 2, interpretamos que a crise do trotskismo após a Segunda Guerra Mundial foi um fator de primeira importância para o surgimento do chamado “cliffismo” como tendência política oriunda do trotskismo. O erro dos prognósticos de Leon Trótski, a entrada em cena de uma nova geração inexperi-

²²⁵ OBITUARY: Tony Cliff (Ygael Gluckstein) 1917-2000. Disponível em: <https://martinshaw.org/2009/12/13/obituary-tony-cliff-ygael-gluckstein-1917-2000/> Acesso: 20/04/2025 [s.p.].

ente como protagonista da reconstrução da Quarta Internacional e o manuseio imprudente do legado teórico do revolucionário russo por parte das duas seções da direção desse partido mundial assentaram o caminho para o surgimento de uma variedade de tendências políticas nas fileiras do trotskismo, e o cliffismo foi uma delas.

No final da década de 1940, em meio aos debates sobre a expansão stalinista ao Leste Europeu e o rompimento de relações entre o PC iugoslavo e o PCUS, Tony Cliff elaborou uma releitura singular sobre a experiência soviética a partir do contraponto às interpretações de Pablo e Mandel sobre a caracterização dos Estados do Leste Europeu e sobre a avaliação do stalinismo como um fenômeno centrista ou contrarrevolucionário. Essa releitura estava fundamentada na teoria do capitalismo de Estado como uma chave para condenar irredutivelmente o stalinismo e a URSS após 1930.

Apesar de apresentar sofisticação nas publicações dedicadas a divulgá-la, essa teoria continha lacunas significativas, e a leitura comparativa dos periódicos da organização indica que a teoria se modificava a depender dos acontecimentos em voga. Além disso, o acompanhamento dos periódicos e artigos também demonstra a existência de lacunas jamais resolvidas e esquecidas entre seus proponentes. Essas afirmações serão desanuviadas nas próximas seções do capítulo.

Em ampla perspectiva, o IS/SWP foi uma organização cuja base e direção eram principalmente integradas por intelectuais e acadêmicos. Havia uma grande dedicação do próprio grupo em formar quadros dessa natureza. Nos mencionados anos de 1960 e 1990, o diferencial dessa organização na esquerda britânica foi a sua oposição intransigente ao stalinismo e à URSS, distintamente da direita, mas também do próprio trotskismo. Essa característica adversa se justifica porque o trotskismo, norteado por uma teoria distinta e pelo princípio de defesa incondicional dos Estados operários, seria capaz de defender o regime stalinista em circunstâncias específicas de ameaça à existência daqueles como uma formação transitória. Em outros termos, para o trotskismo, havia ganhos da Revolução de Outubro a serem preservados, enquanto os cliffistas argumentavam que os trabalhadores em nada teriam a ganhar com o que havia na URSS²²⁶.

²²⁶ Ver CLIFF, Tony. *Trotskyism after Trotsky*. London: Bookmarks, 1999.

Na perspectiva deste trabalho, a teoria do capitalismo de Estado, em vez de ser um instrumento direcionado para uma atuação na luta de classes em prol do socialismo e da construção de um partido revolucionário independente, mais se direcionava, nas mãos dos dirigentes, para preservar essa base organizativa intelectualizada por meio de uma transparência de sofisticação e de intransigência radical ao stalinismo. Essa teoria, por mais que se tenha originado com base em questionamentos legítimos sobre a contrariedade que o stalinismo representava para a democracia proletária, jamais foi utilizada para apoiar revoluções, ainda que criticamente, mas para dar suporte a processos ainda mais reversivos aos Estados pós-revolucionários existentes. Da parte dos dirigentes – fato que muda completamente a finalidade do uso político da teoria –, tal percepção mais se demonstrou como um artifício de autopreservação e pilar de diferenciação política em relação a Pablo e a Mandel do que uma teoria, propriamente dita, em função de suas modificações silenciosas e repentinas para ocultar as lacunas que se apresentavam diante dos acontecimentos.

A referida releitura serviu como instrumento de interpretação sobre os Estados pertencentes à chamada “zona tampão”, submetidos à influência soviética após a guerra. Tony Cliff diferenciou-se solidamente das proposições predominantes da Quarta Internacional, mas desde então precisou sustentar o seu posicionamento. Entretanto, evidentemente, a base organizativa não tinha a necessidade de preservar a tendência constituída em torno das ideias de Cliff na mesma proporção que seus dirigentes, os quais também acreditavam genuinamente no que propunham. De todo modo, a teoria serviu à tendência de Cliff como um pilar de diferenciação que necessitava mostrar-se a todo tempo consistente, correto e contrário à variante do trotskismo representada por Mandel.

Apesar de ter sido mencionado que a mudança na percepção de liderança revolucionária ter sido sujeita a questionamentos e até mesmo rebaixada como diretriz programática para diferentes tendências nas fileiras trotskistas, a teoria do Estado também guarda a sua importância na formulação de posicionamentos políticos. A premissa segundo a qual somente as massas poderiam liderar revoluções e deter o poder político para que houvesse uma formação transitória, sem uma explicação sobre qual seria o papel dos trotskistas ou de um partido revolucionário nesse processo, foi fundamental para que a teoria de Cliff

ganhasse forma. Assim como será demonstrado, a percepção do capitalismo de Estado foi mobilizada para fundamentar um apoio dos cliffistas ao fim da União Soviética, posicionamento este que não recebeu até os presentes dias uma reavaliação crítica.

Neste capítulo, serão tratadas a teoria mencionada e abordadas as análises sobre a desaceleração econômica soviética e o seu último desfecho, em 1991, segundo a abordagem de Cliff e demais dirigentes do IS/SWP.

4.2 Uma releitura singular: a contrarrevolução soviética de 1928-1929

A crise que se estabeleceu na Quarta Internacional semeou um grande terreno de formulações interpretativas sobre a conjuntura do pós-guerra, o stalinismo, a URSS, o Leste Europeu e o próprio significado de um sujeito revolucionário. Frente aos posicionamentos predominantes no partido fundado por Trótski sobre a URSS e o Leste Europeu, oriundas do Secretariado Internacional e do SWP dos Estados Unidos, uma dessas novas proposições veio de Tony Cliff, sob o norte conferido pela avaliação acerca do Leste Europeu como uma formação capitalista estatal, a qual se estendeu à URSS devido às similaridades que tais localidades compartilhavam.

Desde 1917, houve várias teorias do capitalismo de Estado, a começar no interior da Socialdemocracia alemã. O primeiro reprodutor dessa perspectiva, a qual ainda não se enquadrava como uma teoria propriamente dita, foi Karl Kautsky, que a proclamou como um epíteto de reprovação à Revolução de Outubro. Em sequência, essa avaliação também se fez presente entre comunistas conselhistas, como Anton Pannekoek, Otto Rühle, Herman Gorter, Paul Mattick, entre outros comunistas contemporâneos à chegada dos bolcheviques ao poder do Estado russo.

No trotskismo, Jock Haston, uma das principais lideranças do RCP inglês, defendeu essa avaliação para a URSS até 1948, quando enfim mudou de posição devido à análise sobre as localidades do Leste, em um movimento conferido pela ocasião do rompimento

entre Tito e Stálin²²⁷. Tony Cliff, entretanto, também à época em diálogo com um grupo dissidente do SWP dos EUA devido às divergências com Trótski sobre a defesa e avaliação da URSS, o Worker's Party, de Max Schatchman, seguiu um rumo inverso²²⁸.

Submetido a essas influências e ainda integrado ao RCP até aproximadamente 1950, Tony Cliff publicou dois documentos, na forma de boletins internos, a fim de formular e propagar suas percepções em meio aos embates internos à QI sobre Tito e a Iugoslávia. Esses documentos foram *The Class Nature of Stalinist Russia*, de 1948, e *On the Class Nature of People's Democracies*, de 1950, já sinteticamente analisados no capítulo dois como respostas do autor palestino a Pablo e a Mandel. Em síntese, Cliff concluiu que Tito e Stálin eram basicamente idênticos, com a diferença que aquele, ao posicionar-se para obter maior autonomia em relação à burocracia soviética, teria causado uma espécie de quebra no monolitismo e subserviência ao PCUS, de modo que a questão iugoslava teria como essência a luta por independência nacional frente ao que chamou de “imperialismo russo”²²⁹.

Entretanto, o papel que a Quarta Internacional teria a cumprir nesse processo não é em nada citado, isto é, o papel dos trotskistas não é definido. Embora não seja explícito, é possível notar que o autor defende que a QI deveria prestar um apoio a qualquer custo a revoltas que viessem das massas por independência nacional, independentemente da liderança à frente de tal processo. Observa-se que Cliff, tal como Pablo e, posteriormente, Mandel, não atribuía aos trotskistas um papel de liderança revolucionária de mobilizações de massas, e nota-se isso precisamente devido à ausência de uma demanda pela fundação de oposições trotskistas em tal localidade, uma prática que também se verificou em outros documentos dedicados à questão soviética nos anos posteriores. Tratava-se de uma defesa incondicional a revoltas contra o stalinismo, em amplo sentido.

No caminhar dos anos, o primeiro documento foi expandido e modificado até ganhar a sua forma definitiva em 1974, na obra do *State Capitalism in Russia*. Ambas as pu-

²²⁷ HASTON, Jock. *Carta Sobre a Iugoslávia* [1949]. Disponível em: <https://rr4i.milharal.org/2012/01/04/arquivo-historico-carta-sobre-a-iugoslavia/> Acesso 27/07/2024

²²⁸ CHOONARA, Joseph. *The monetary and the military: revisiting Kidron's permanent arms economy* [2021]. Disponível em: <https://isj.org.uk/kidron-pae/> Acesso: 27/07/2024.

²²⁹ CLIFF, Tony. *On the Class Nature of the "People's Democracies"* [1950]. Disponível em <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1950/07/index.htm> Acesso: 27/07/2024.

blicações consolidaram a principal base teórica para os grupos legatários de Tony Cliff inicialmente mencionados.

Tal variante britânica dessa teoria consolidou-se com a principal finalidade de se contrapor à abordagem de Leon Trótski sobre o stalinismo e a União Soviética, mas de acordo com uma via própria de orientação teórica, duplamente distinta do espectro político à direita, mas também do trotskismo. Tratava-se de uma contrariedade explícita à avaliação sociológica da teoria do Estado operário degenerado e à demanda por uma defesa incondicional da URSS – no sentido militar, e não de suporte político à burocracia, contra a qual deveria haver uma revolução política liderada por oposições trotskistas –.

A teoria de Trótski sempre atravessou as publicações dos grupos organizados em torno de Tony Cliff, independentemente de ser explicitamente mencionada. O revolucionário russo era constantemente referenciado como um alvo a ser contrastado, isto é, como um interlocutor equivocado ao qual se deveria buscar uma constante diferenciação. As citações de seu nome, quando vindas de Tony Cliff, eram ligeiramente lisonjeiras apenas quando havia uma tentativa forçada de aproximar o primeiro autor à teoria que exercia o sustentáculo do cliffismo enquanto tendência política.

Em sentido próximo, Callinicos apresenta Trótski como uma figura de influência no específico aspecto da oposição deste ao stalinismo, mas não há uma reivindicação de legado em termos de programa político²³⁰. Nota-se que o trotskismo tem o seu significado indevidamente ampliado para envolver uma oposição ao stalinismo, mas é destituído de seu propósito de solucionar a crise de liderança que se estabelece sobre o proletariado submetido a lideranças reformistas e stalinistas, para referenciar a problemática citada por Trótski no *Programa de Transição*²³¹.

As vias de análise de Tony Cliff e de Trótski conduzem a caminhos contrários em termos de conclusão teórica e de atuação política, conforme será possível constatar ao final deste trabalho. A isso se acrescenta o fato mencionado de que os dirigentes do IS/SWP utilizavam-se de Trótski como um alvo explícito de diferenciação política. Embora Cliff

²³⁰ CALLINICOS, Alex. *A vingança da história: o marxismo e as revoluções do Leste Europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

²³¹ TROTSKY, Leon. Programa de Transição. In: *Documentos de fundação da IV Internacional*. São Paulo: Sundermann, 2008.

tenha tentado manter uma aproximação com Trótski ao argumentar que a URSS se preservara como Estado operário até a coletivização forçada e que a revolução permanente, no pós-guerra, seguira rumos “defletidos” nos países periféricos que passaram por revoluções, transformando-os em nações capitalistas independentes, essa é uma aproximação que não se sustenta²³². A revolução permanente é transformada em uma formulação para a realização de revoluções burguesas, e perde a sua essência de ser uma teoria direcionada a pensar a revolução socialista na periferia do capitalismo em sua fase imperialista; e a percepção da URSS como Estado operário até 1930 é formulada de modo a ser contrária aos objetivos de industrialização nacional e à adesão dos camponeses às fazendas coletivas (sem seguir a via coercitiva), finalidades essas que pertenciam ao programa da Oposição de Esquerda, apesar da crítica dos métodos repentinos e nefastos do stalinismo.

O historiador John Marot, adepto do cliffismo, é duramente crítico à tentativa de Cliff de tentar se aproximar de Trótski. O historiador, ainda que de modo parcialmente equivocado, afirma que Trótski e a Oposição de Esquerda não se opunham às políticas de Stalin de industrialização forçada e coletivização, e que ambos não apoiaram a resistência camponesa a tais medidas, de modo a não se tornar sustentável afirmar que Trótski e a Oposição estavam a combater a crescente burocratização stalinista. Além disso, Marot ainda afirma que Trótski defendia um substituísmo do partido sobre o poder real da classe trabalhadora, e nenhuma das medidas mencionadas era defendida por Tony Cliff, tornando a conciliação entre ambos inviável.

Embora Marot cometa equívocos ao tecer suas considerações sobre Trótski e a Oposição de Esquerda – um comportamento, ademais, também praticado por Callinicos ao afirmar que Stálin teria cumprido o programa da Oposição tal como formulado por Preobrajenski²³³ –, manifestamos acordo com o historiador quando ele defende que o cliffismo tornou-se uma tradição política própria, ainda que advinda do trotskismo. A divergência em relação aos pilares teóricos reivindicados e à orientação de programa político, na qual uma se edifica sobre a necessidade do partido e defesa incondicional da URSS, e a ou-

²³² Ver TONY, Cliff. *Deflected Permanent Revolution* [1963]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1963/xx/permrev.htm> Acesso: 24/04/2025.

²³³ CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*

tra, no controle e conscientização pelas próprias massas que deveriam abominá-la, não torna possível uma convergência em termos de método e teoria entre o cliffismo e o trotskismo²³⁴.

Torna-se necessário apresentar a releitura formulada por Cliff à época dos embates citados a fim de compreender a lógica explicativa sobre a crise e o subsequente colapso da União Soviética. Em seguida, serão feitos apontamentos críticos a tal avaliação.

Em síntese, os anos de 1928 e 1929 são considerados como paradigmáticos na história da União Soviética. Na percepção do cliffismo, a coletivização das terras para sustentar a industrialização acelerada teria significado uma ruptura definitiva entre o Estado operário, até então vigente, e o início de um capitalismo de Estado. Essa disrupção teria, portanto, seguido uma via inglesa de instauração do capitalismo.

Tony Cliff, em sua mencionada obra *State capitalism in Russia*, e o acadêmico e dirigente britânico Alex Callinicos avaliam esse processo como uma contrarrevolução situada em um contexto afetado pela queda na produção de cereais, assim como pelas possibilidades de ameaça estrangeira e de greves nas fábricas locais²³⁵.

O autor britânico, que explica com mais detalhes esse processo contrarrevolucionário, afirma que frente ao contexto de crise de abastecimento, que afetara dramaticamente as cidades e todos os ramos econômicos, a fração de Stálin teria recorrido ao confisco de cereais dos camponeses privados, forçando camponeses a aderirem às fazendas coletivas²³⁶. Essa ação teria dado forma a uma coletivização em massa e ao liquidacionismo dos culaques enquanto classe.

Uma das causas da coletivização teria sido a urgência da industrialização. Essa necessidade de rápida industrialização nacional estaria vinculada à garantia de defesa da União Soviética, pois um país economicamente frágil e desindustrializado facilmente sucumbiria ao avanço hostil das nações em seu entorno²³⁷.

A URSS teria buscado superar a sua condição de fragilidade e isolamento ao recorrer a

²³⁴ Ver MAROT, John. *Trotsky, the Left Opposition and the Rise of Stalinism: Theory and Practice* [2008]. Disponível em: <https://libcom.org/article/trotsky-left-opposition-and-rise-stalinism-theory-and-practice-john-eric-marot> Acesso em 02/08/2024 [s.p.].

²³⁵ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*; CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, p. 42-49.

²³⁶ *Idem, Ibidem.*

²³⁷ *Idem, Ibidem.*

uma industrialização pesadamente edificada em bens de produção que lhe permitisse produzir “modernos sistemas armamentistas”²³⁸. Dessa forma, Callinicos e Cliff argumentam que a URSS teria respondido à concorrência militar das potências capitalistas mais avançadas com uma industrialização em ritmo surpreendente acelerado, e comportando-se como uma “autarquia econômica”, uma vez que esse procedimento estrutural não atraído a assistência de empréstimos ou investimentos estrangeiros²³⁹.

Essa transformação “autárquica” teria sido viabilizada pela concentração nas mãos do Estado dos recursos dos camponeses, do repasse dos recursos da indústria para a agricultura e também devido aos pesados investimentos estatais em maquinaria agrícola. Esse controle de recursos asseguraria o abastecimento das cidades em rápido crescimento, promoveria um salto nas exportações a baixo custo e também impulsionaria a industrialização nacional de forma mais independente do mercado internacional.

Outro aspecto da contrarrevolução teria sido a exploração da classe trabalhadora para financiar a industrialização, somada a um rebaixamento mais geral das condições de vida do proletariado soviético durante a realização do Primeiro Plano Quinquenal. Seguindo a mesma argumentação de Tony Cliff em *State capitalism in Russia*, o autor britânico enfatiza que antes do Plano, os trabalhadores ainda teriam uma considerável proteção jurídica e que os sindicatos teriam conservado alguma autonomia em relação ao Estado. Todas essas garantias, no entanto, teriam sido abolidas após 1928, e a isso se somaria o maior poder dado à polícia secreta (GPU) e a procedência de expurgos contra dissidentes e antigos quadros bolcheviques²⁴⁰.

Tal quadro coercitivo ainda se estenderia aos demais setores da população por intermédio de leis trabalhistas repressivas, como, por exemplo, a criminalização da mudança de emprego e da falta ao trabalho, assim como a imposição de passaporte interno para o deslocamento entre cidades e de registro compulsório em sistema policial. Nesse cenário de cerceamento e repressão, uma minoria da população, sobretudo ativistas jovens do PCUS, teria se beneficiado com melhores condições materiais e mobilidade social,

²³⁸ *Idem, Ibidem*; CLIFF, Tony. *Perspectives of the Permanent War Economy* [1957]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1957/05/permwar.htm> Acesso em 23/03/2025.

²³⁹ CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*

²⁴⁰ *Idem, Ibidem.*

enquanto as massas seriam vitimadas por um agudo declínio das condições de vida.

Como um outro elemento integrante desse processo contrarrevolucionário, haveria a consolidação da base social do regime stalinista, constituída por meio de uma “revolução cultural” que abriu amplas margens para que trabalhadores sem qualificação tornassem-se operários técnicos especializados. Isso ocorreu a fim de atender à demanda de uma larga industrialização, mas resultou em um ingresso de operários nas fileiras do PCUS, uma vez que o pertencimento ao partido muitas vezes figurava como condição para o acesso a cargos superiores. Dessa forma, operários poderiam ocupar funções burocráticas e ser premiados por desempenho no trabalho²⁴¹.

Segundo afirma Cliff, a burocracia teria antevisto a instauração do Primeiro Plano Quinquenal como um meio para direcionar o Estado a uma acumulação de bens de capital, criar para si um proletariado e cumprir o papel histórico da burguesia de tornar-se uma classe dominante capitalista, ou uma personificação do capital que trabalha para *acelerar a acumulação*. Nos termos do autor:

Nessas condições, a burocracia, transformada em personificação do capital, para quem a acumulação de capital é o essencial e o fim de tudo, deve se livrar de todos os resquícios de controle dos trabalhadores, deve substituir a convicção no processo de trabalho pela coerção, deve atomizar a classe trabalhadora, deve forçar toda a vida político-social a um molde totalitário. É óbvio que a burocracia, que se tornou necessária no processo de acumulação de capital, e que se tornou opressora dos trabalhadores, não tardaria em fazer uso de sua supremacia social nas relações de produção para obter vantagens para si nas relações de distribuição. Assim, a industrialização e a revolução técnica na agricultura (“coletivização”) em um país atrasado em condições de cerco transformam a burocracia de uma camada que está sob a pressão e controle direto e indireto do proletariado em uma classe dominante, em um gerente dos ‘negócios gerais da sociedade: a direção do trabalho, os assuntos de Estado, a justiça, ciência, arte e assim por diante.²⁴²

O lugar da burocracia na produção não é explicado por Cliff, apesar de este afirmar que ela possuiria um papel central nesse processo. Em vez disso, Cliff a compara a uma classe de comerciantes situada entre produtores e exploradores, e com um papel de mediação entre ambos, atuando, portanto, como uma “classe de parasitas”. O autor utiliza-se de diversas citações para reforçar essa posição, de autores variados, mas a de Engels é a

²⁴¹ *Idem, Ibidem.*

²⁴² CLIFF, Tony. *State Capitalism in Russia*. London: Bookmarks, 1988, p. 177. [Tradução nossa]

mais destacada:

Uma classe que se torna o mediador indispensável entre dois produtores e os explora a ambos sob o pretexto de lhes poupar o trabalho e o risco da troca, de alargar os mercados dos seus produtos a regiões distantes e de se tornar assim a classe mais útil da sociedade: uma classe de parasitas [...] que se aproveitam da nata da produção nacional e estrangeira como recompensa por serviços muito insignificantes; que rapidamente acumulam enormes riquezas e adquirem, em consequência, uma importância social; que, por esta razão, colhem cada vez mais honras e controlam cada vez mais a produção durante o período da civilização, até que finalmente conseguem fazer surgir um produto próprio - as crises periódicas da indústria²⁴³.

Portanto, a burocracia ainda não participaria diretamente do processo de produção, mas seria uma classe porque se apropriaria do trabalho alheio e acumularia riquezas, ainda que sem propriedade privada.

Já o contraste entre os dois momentos históricos separados pelo Plano seria ilustrado pelas mudanças no controle das fábricas. Assim, primeiramente, após a Revolução de Outubro, uma triarquia de sindicatos, células do partido e de comitês proletários repartiria a gestão fabril, e de forma conjunta e subordinada aos comitês, atuaria o gerente técnico.

Posteriormente, entretanto, essa triarquia veio a se sobrepor às massas no compasso da burocratização, e tornou-as cada vez mais acessórias. Ainda assim, essas lideranças teriam permanecido suscetíveis à pressão das massas e guardado dentro de si alguns elementos de controle proletário até a implementação do Plano. Assim, a despeito da burocratização, os diretores ainda seriam supervisionados e os órgãos de controle proletário também permaneceriam capazes de intervir nas decisões daquele.

Essa situação mudaria completamente a partir de 1928, quando a industrialização teria se tornado uma política de prioridade. Nesse momento, a triarquia dos sindicatos, comitês proletários e células do partido não poderia ser mais tolerada, pois a sua existência ameaçaria a subordinação completa dos trabalhadores às necessidades de acumulação de capital da burocracia. Desse modo, estabeleceu-se o fim definitivo dessa triarquia em benefício do comando total e irrestrito dos gerentes nas fábricas, interpretados por Cliff como genuínas personificações do capital.

Embora o conceito não seja mencionado pelo autor, o fenômeno descrito designa o

²⁴³ CLIFF, *Op. Cit.*, p. 192. [Tradução nossa]

chamado “comando de uma só pessoa”, no qual os gerentes seriam diretamente responsáveis pelas ordens econômicas aos trabalhadores e setores administrativos da fábrica que lhes fossem subordinados; todavia, Cliff, não explicitamente, interpreta esse conceito como um sinônimo de capitalista.

Em síntese, o processo a que remete o autor é a formação da administração econômica e centralizada da burocracia, a qual tomou o lugar do controle proletário centralizado pelos bolcheviques. Esse processo teria concedido aos diretores todo o poder de decisão e regulação das fábricas, de modo que eles teriam se tornado personificações do capital, responsáveis por estabelecer as normas e escalas salariais nos locais de trabalho.

Com perdas de direitos sociais e falta de representatividade sindical independente, os trabalhadores teriam sido as principais vítimas desse processo. Segundo o autor, nos tempos de Lênin e Trótski, os trabalhadores teriam sido livres para se defenderem do próprio Estado, mas a partir do ano da coletivização, estes não mais seriam livres para trocar de local de trabalho segundo critérios próprios, mas necessitariam de uma autorização especial e de um passaporte interno; as medidas disciplinares também ganhariam proeminência, sendo desferidas a quem faltasse ou se atrasasse para o trabalho. Somado a isso, a acumulação de capital, proporcionada pelo Plano, crescera a proporções inauditas, mas foi acompanhada por um aumento da pobreza, sem uma elevação real de salários e com uma queda abrupta do padrão de vida das massas. Em complemento, os acordos coletivos seriam, a partir de então, secundarizados e permitidos dentro de estritos limites legais. A pauta salarial, em especial, era decidida por meio de decretos normativos, com base em diretivas governamentais, embora Cliff igualmente afirme, na citada obra, que os gerentes seriam os únicos responsáveis por essa determinação. Essa perda de representatividade e de poder decisório teria ocorrido porque as decisões não mais poderiam ser tomadas de forma independente do planejamento, o qual, a partir de então, se tornaria o aspecto decisivo do desenvolvimento econômico.

Nota-se, portanto, que, para Cliff, a contrarrevolução soviética, desferida em 1928, teria como aspectos principais o aumento da coerção, a melhoria das condições materiais de vida para estritos setores sociais e a coletivização da terra, ações essas dadas com a

finalidade de garantir a industrialização imediata do país.

Além disso, como evidências da instauração capitalista da URSS, haveria a maior autonomia dos gerentes e as piores condições de vida da classe trabalhadora. Apresentada a narrativa dessa releitura histórica, torna-se possível analisar a teoria do capitalismo de Estado, as causas para a crise soviética e a interpretação acerca do colapso desta, mas é também pertinente mostrar os problemas dessa releitura histórica, antes de seguir para os passos seguintes.

Primeiramente, há um problema em torno do marco histórico escolhido como paradigmático para essa contrarrevolução. As justificativas em maior relevo são a pauperidade das condições de vida, a consolidação de setores privilegiados associados à burocracia, a expropriação camponesa e o maior poder dado aos gerentes de fábrica.

No que concerne aos dois primeiros tópicos, pode-se citar o acadêmico soviético Aleksandr Podtchekoldin e o historiador trotskista francês Jean-Jacques Marie como referências de contestação²⁴⁴. De fato, o ano de 1928 foi um momento de transformação qualitativa para a consolidação do regime, uma vez que marca o momento de derrota de Bukharin e de pós-expulsão da Oposição Unificada. No entanto, tal como salientam os autores mencionados, a primeira transformação qualitativa do partido e do regime deu-se em 1922, quando a fração burocrática representada por Stálin consolidou-se vitoriosa e iniciou uma série de mudanças impactantes na sociedade soviética, pois foi o início, de fato, do regime de ditadura da burocracia, do stalinismo.

As condições de vida das massas já se encontravam profundamente afetadas já em 1922, antes, portanto, desse marco temporal de 1928. Tratava-se do momento de imediato fim da Guerra Civil, o proletariado já se encontrava virtualmente inexistente como classe, pois fugira para o campo ou fora para as frentes de batalha, o desenvolvimento industrial retrocedeu mais do que o período precedente à Primeira Guerra Mundial, a troca monetária cedeu lugar ao escambo e ao plantio de subsistência, e houve a retirada coercitiva de grãos dos camponeses para alimentar as cidades e o exército em batalha, uma evidente medida de emergência. No entanto, mesmo após 1928, o declínio das condições

²⁴⁴ PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. O Novo Curso: prólogo da tragédia. In COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994; MARIE, Jean-Jacques. *Stálin*. São Paulo: Babel, 2011.

materiais e a punição aos trabalhadores no período de mais intensa repressão stalinista não se constitui como prova de que os meios de produção e a força de trabalho tenham se transformado em mercadoria.

Aliado a isso, a ascensão burocrática também se sustentou na concessão de privilégios a membros do partido ainda nesses momentos iniciais. Para além de salários superiores aos de um operário comum, Podtchekoldin e Marie exemplificam como itens e serviços de grande valia a carne, a manteiga, o açúcar, o acesso a cuidados médicos, férias e transporte eram mais acessíveis a tais estratos. Já em 1922, essas benesses estavam muito distantes do acesso de um cidadão comum, e sem elas, a burocracia não teria consolidado a sua base de apoio para ascender à direção partidária em substituição a Lênin.

No âmbito do partido, enquanto Lênin retirava-se temporariamente para cuidar de sua saúde, houve a rápida instalação de um pesado sistema de vigilância, perseguição e punição a quadros opositores. Esse sistema de coerção e monitoramento foi encabeçado pelo Secretariado Geral, em torno do qual toda a hierarquia partidária ficou subordinada. O princípio de publicidade do partido foi aniquilado em proveito do que Marie chama de uma “cultura do segredo”, na qual um complexo sistema de vigília sobre os documentos de instâncias partidárias foi colocado sob a responsabilidade estrita do Secretariado e da GPU. Tratou-se de um expediente de guerra transformado em norma política, e todo esse processo de transformação do partido acompanhou o desenho do sistema ditatorial do stalinismo, também acompanhado pelo enfraquecimento dos sindicatos e pela adoção das nomeações em lugar das eleições. Portanto, a burocracia consolidou o seu poder muitos anos antes de 1928²⁴⁵.

Além disso, o estudo de Victor Meyer²⁴⁶ elucida que os comitês proletários, em 1918, já estavam em processo de substituição em benefício dos órgãos oficiais de planejamento, e que os decretos já começavam a sobrepor as determinações dos comitês locais. Era um momento de muita discussão no partido sobre qual seria o limite para a contratação de funcionários para ainda preservar o controle dos comitês, pois era preciso assegurar um controle de grande escala do Estado e da economia, e ainda reconstruir diversas de

²⁴⁵ MARIE, Jean-Jacque. *Op. Cit.*

²⁴⁶ MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EDUFBA, 1995.

suas instâncias. Toda essa situação se agravou de forma muito mais significativa após a Guerra Civil, quando os comitês esvaziaram-se e o partido necessitou tirar mais membros de suas próprias células para transformá-los em gerentes, selando o seu distanciamento das massas.

Ademais, a consideração sobre os gerentes é direta e pouco cuidadosa sobre a relação que estes mantinham com os trabalhadores. Sovietólogos célebres, como Moshe Lewin e Donald Filtzer, salientam como os gerentes se situavam em uma camada intermediária no conflito entre os trabalhadores e o regime, necessitando fazer negociações constantes com os trabalhadores a fim de não prejudicar seus próprios benefícios e emprego.

Diante do fato de a resistência dos trabalhadores soviéticos ter se tornado mais “atomizada”, de caráter individual, as maneiras de oposição deliberadas ganhavam a forma de uma constante emigração de emprego, lentidão para realização das tarefas, danos ao maquinário, roubo de peças, insubordinação à gerência e faltas ao trabalho. Assim, se as condições do trabalho fossem desagradáveis, os empregados adaptados à rotina da fábrica partiam e um novo ciclo de captação de novos funcionários se iniciava. Por outro lado, os gerentes precisavam manter os trabalhadores em suas fábricas a fim de não interferir no cumprimento das metas impostas. Para atrai-los, poderia ser feita a promessa de cursos educacionais, moradias mais confortáveis, mercadorias de difícil acesso, melhores salários e assim em diante. Tornava-se melhor atrasar a produção e lidar com a insubordinação do que não ter trabalhadores para cumprir as metas, culminando no rebaixamento do próprio gerente²⁴⁷.

Estes, ademais, não eram proprietários do que se produzia na fábrica, a produção era destinada a cumprir demandas do Estado, que se ocuparia de encaminhar a produção ao atendimento de finalidades específicas, como o direcionamento a outras fábricas. Os gerentes tinham recursos limitados e concedidos para investirem na produção, não havia uma acumulação privada de capital com a exploração e a venda do produto do trabalho alheio, pois o que se produzia na fábrica não lhes pertencia.

²⁴⁷ FILTZER, Donald. Labour and the contradictions of Soviet planning under Stalin: The working class and the regime during the first years of forced industrialization. *Critique: Journal of Socialist Theory*, 20:1, 1993, p. 71-103.

A alocação de recursos feita pelo Estado não era feita de modo a buscar uma expansão da taxa de lucro, mas segundo critérios políticos, o que resultava em subsídios para mais setores industriais. O que Cliff e Callinicos deixam em evidência é que a industrialização promoveu uma aceleração do crescimento econômico sob formas específicas, notadamente desastrosas, repentinas, desnecessariamente opressoras, mas não demonstram que eram capitalistas. De fato, tal industrialização resultou em derrotas políticas e sociais para a classe trabalhadora, uma vez que foi direcionada a aumentar os privilégios e a estabilidade política da burocracia, mas também significou uma derrota para o capitalismo, pois sem uma aceleração econômica, a restauração teria sido inevitável a curto prazo.

A despeito das significativas contradições, a industrialização promoveu um grande salto nas condições materiais de vida, pois viabilizou a construção de moradias em massa, sistemas de transporte e garantia de emprego.

É também válido pontuar que uma restauração capitalista na Rússia do século 20 não necessitaria repetir os moldes especificamente ingleses de uma transformação que estabeleceu o capitalismo no século 18. Expedientes de requisição forçada de grãos dos camponeses já haviam sido feitas anteriormente, durante a Guerra Civil, e o que se buscou estabelecer com um uso desnecessário de violência por parte do stalinismo foram as fazendas coletivas, as quais, a princípio, integravam um objetivo pedagógico da Oposição de Esquerda para conquistar a adesão dos setores camponeses ao socialismo, ao lhes mostrar a superioridade das fazendas coletivas em relação ao sistema de pequenas propriedades. Além disso, com o estabelecimento e vigência da Nova Política Econômica (NEP), o mercado e a propriedade privada foram restabelecidos, mas os cliffistas não deixaram de considerar que se tratava de um Estado operário, só passaram a fazê-lo depois que tudo foi estatizado. Para haver coerência, o período sob a NEP também deveria ser o de um capitalismo estatal.

4.3 Capitalismo de Estado: etapa superior do capitalismo

A percepção teórica que orientou a releitura histórica do clifismo não é notadamente precisa em termos de pilares estruturantes, apenas a narrativa a qual deu base a ela foi que se mostrou ser mais estável ao longo do tempo.

Nunca esteve suficientemente claro se o capitalismo de Estado seria distinto ou igual àquele analisado por Marx e Engels; ademais, sempre se mostraram contraditórias as declarações sobre a sua superioridade ou inferioridade em relação ao capitalismo concorrencial, variando essa avaliação a depender da situação econômica da URSS e do Bloco Soviético. Esses fatores tornam difícil haver uma definição propriamente das características constituintes de tal conceito, de forma mais independente da releitura histórica da URSS.

Para exemplificar essas declarações sobre a teoria de Cliff, pode-se mencionar que, em 1948, este afirmou que a URSS seria o “*extremo limite teórico que o capitalismo [poderia] alcançar*”, mas ainda de modo a ser um estágio no período de transição²⁴⁸. Nesse sentido, portanto, essa variante capitalista seria o último estágio de transição ao socialismo, assim como, comparativamente, o Estado operário seria o primeiro e mais baixo estágio da sociedade socialista, mas sem estar subordinado aos interesses de reprodução do capitalismo:

O capitalismo de Estado e um Estado operário são dois estágios no período de transição do capitalismo para o socialismo. O capitalismo de Estado é o extremo oposto do socialismo – eles são simetricamente opostos, e estão dialeticamente unidos um ao outro²⁴⁹.

Visto que o capitalismo de Estado é o limite teórico extremo que o capitalismo pode alcançar, ele necessariamente está o mais distante possível do capitalismo tradicional. Ele representa a negação do capitalismo com base no próprio capitalismo. Da mesma forma, visto que um Estado operário é o estágio mais baixo da nova sociedade socialista, ele deve necessariamente compartilhar muitas características com o capitalismo de Estado²⁵⁰.

²⁴⁸ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988, p. 186 [Tradução nossa].

²⁴⁹ Idem. *Op. Cit.*, 1948, cap. 5 [s. p.] [Tradução nossa].

²⁵⁰ Idem. *Op. Cit.*, 1988, p. 186 [Tradução nossa].

Essas citações revelam que há uma relação implícita entre ditadura do proletariado e capitalismo de Estado, pois ambos seriam estágios superiores ao capitalismo “ortodoxo” das economias ocidentais. O que Tony Cliff chama de união dialética entre o Estado operário e o capitalismo de Estado é a presença de aspectos de socialização na organização produtiva desses dois sistemas econômicos. Isso pode ser elucidado com a seguinte citação:

Tudo o que centraliza os meios de produção centraliza a classe trabalhadora. O capitalismo de Estado leva essa concentração ao estágio mais alto possível sob o sistema capitalista.

A negação parcial do capitalismo com base nas relações capitalistas de produção significa que as forças produtivas que se desenvolvem no seio do sistema capitalista o superam de tal maneira que a classe capitalista é obrigada a usar medidas “socialistas” e a manipulá-las em seus próprios interesses. Apesar de si mesmos, os capitalistas são arrastados, por assim dizer, para uma nova ordem social, uma ordem social de transição da livre concorrência completa para a completa socialização²⁵¹.

Assim, o capitalismo de Estado seria um novo patamar histórico do modo de produção capitalista, no qual a concentração de capital e a intervenção estatal atingiriam o seu mais alto patamar em detrimento da livre concorrência. De acordo com tal lógica explicativa, o capitalismo de Estado seria superior e mais “progressivo”, no sentido da proximidade ao socialismo, do que o capitalismo concorrencial.

A União Soviética, a fim de consolidar-se como uma nação industrializada e proteger-se da ameaça militar de outras potências econômicas, teria recorrido ao capitalismo de Estado como uma forma de assegurar o seu próprio desenvolvimento e acumulação de capitais. Dessa forma, internamente, a URSS teria abolido a concorrência entre produtores privados mediante a completa estatização da economia e submissão desta ao seu monopólio. Assegurada a sua transição como uma autarquia capitalista, a URSS teria se lançado à competição mundial.

Essa avaliação modificou-se significativamente ao final da década de 1980, mas explicitá-la neste momento envolveria deixar de lado outros aspectos importantes da teoria em questão. De todo modo, ao associar essa percepção inicial ao contexto, é possível identificar que se tratava de um momento no qual a URSS registrava notáveis alcances econômicos,

²⁵¹ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988, p. 186 [Tradução nossa].

uma industrialização concluída em tempo recorde e também havia acabado de sair como uma das potências vitoriosas da Segunda Guerra Mundial. Além disso, era igualmente surpreendente a sua expansão territorial em direção à Europa do leste. Assim, havia um fundamento para se pensar que a URSS seria superior em termos quantitativos, embora o conteúdo dessa superioridade se diferenciassse profundamente entre Cliff e Trótski. Para este, o fundamento da superioridade residia nas transformações conferidas pela Revolução que diferenciavam a economia soviética das capitalistas, e que se constituíam como pré-requisitos indispensáveis para uma transição socialista, a explicitar, a total nacionalização econômica, o sistema de planejamento e o monopólio do comércio exterior, fatores os quais permitiriam um maior controle consciente da vida econômica e limitariam significativamente a atuação e o impacto das relações de mercado. Por não se definir por estatísticas cambiantes, Trótski atribuía a essa superioridade uma adjetivação de *qualitativa*, e apregoava que a defesa desses legados da Revolução deveria ser incondicional, a despeito do dano que o regime burocrático causasse nos efeitos sociais daqueles.

Na perspectiva de Cliff, entretanto, é possível constatar que essa superioridade residia nos ganhos quantitativos, pois a expansão soviética, a força armamentista, a saída vitoriosa de uma guerra e os impactos de uma industrialização de ampla escala são os elementos de fato enfatizados pelo autor, e não se encontra nenhum fator social avaliado em uma chave positiva e digno de defesa. A superioridade expressa em avanços materiais quantitativos remete a um capitalismo possivelmente de nova categoria²⁵². Portanto, ao contrário de Trótski e da Quarta Internacional, o reconhecimento da superioridade da URSS jamais se traduziu em um princípio de defesa militar incondicional a ser reivindicado pelo cliffismo.

²⁵² “Possivelmente” porque a diferença entre o capitalismo estatal e o concorrencial não é suficientemente explicada, mas o que é mencionado por Cliff é que se trata de uma variante quantitativamente superior.

4.4 Lei do valor, força de trabalho e competição armamentista

Ao estabelecer que a formação soviética seria capitalista, Cliff e os seus adeptos não poderiam se furtar de tecer considerações sobre a atuação da lei do valor nessa localidade. Assim como explicado no capítulo 1, essa lei está subjacente a toda produção de mercadorias, mas encontra o seu ápice de manifestação no capitalismo, no qual se generaliza a produção mercantil.

Essa lei tem como base o valor das mercadorias, que tem a sua magnitude determinada pelo montante de trabalho socialmente necessário para produzi-las. No capitalismo, a natureza social do trabalho somente se manifesta por meio da troca de mercadorias, e, de forma aliada a isso, distribui os recursos produtivos e o montante de trabalho socialmente acumulado entre os ramos da produção de maneira completamente independente do controle e da vontade dos produtores privados de mercadorias.

Todavia, acima de tudo está o fato de que essa lei determina a produção de mercadorias de forma direcionada a **expandir** a taxa de lucro. Por intermédio da concorrência, esse capital flui para os setores em que a taxa de lucro está acima da média, enquanto afasta-se daqueles que apresentam uma taxa de lucro declinante. Isso significa que a lei do valor é o principal regulador da produção no capitalismo, e que ela é, ademais, um regulador *a posteriori*, isto é, que distribui os recursos e a força de trabalho após a realização da troca de mercadorias²⁵³.

Portanto, o que confere a tônica específica desse modo de produção não é a acumulação de capital, mas o fato de que todos os investimentos e a exploração da força de trabalho devam se direcionar à expansão da taxa de lucro e a uma maior mediação do mercado nas relações humanas, o que as torna mediadas pelo produto do próprio trabalho.

Comprovar a completa subordinação da União Soviética à lei do valor não seria uma

²⁵³ MANDEL, Ernest. The impasse of schematic dogmatism. *International socialism*, 2:56, autumn 1992, pp. 135-172.

tarefa imediatamente simples, pois o seu modelo de propriedade não era privado, mas inteiramente nacionalizado; a sua organização produtiva era dirigida por meio de um planejamento econômico, isto é, de maneira direta e a nível estatal, e não pela troca entre produtores privados; e a força de trabalho, por fim, não era uma mercadoria que poderia ser comprada e vendida no mercado de trabalho, uma vez que havia a garantia e a obrigação legal do emprego. De todo modo, é importante analisar como o dirigente se dedicou a essa tarefa.

O autor afirma que os chamados países capitalistas tradicionais seriam sociedades de produtores privados, nas quais a propriedade dos meios de produção estaria concentrada e submetida a mãos individuais ou a grupos de indivíduos. De igual modo, essas sociedades não teriam um centro de decisões responsável por determinar a produção de mercadorias e a distribuição da força de trabalho e dos recursos produtivos entre os ramos de produção²⁵⁴.

Na União Soviética, por outro lado, as empresas individuais e o conjunto da vida econômica estariam subordinados à regulamentação planejada da produção. Isso significa que o Estado, e não o mercado, seria o elo em uma relação direta entre as empresas. Devido ao fato de todas as empresas estarem subordinadas ao Estado, este responsável pelo estabelecimento de preços e controle da produção, não haveria uma real troca de mercadorias, pois a relação entre oferta e demanda não seria, por exemplo, um determinante para o aumento da produção²⁵⁵.

Aliado a isso, haveria somente um “comprador” da força de trabalho, o Estado. Esse fato tornaria inexistente um mercado de trabalho, assim como tornaria uma impossibilidade a venda da força de trabalho. Esses são fatores mencionados pelo autor para argumentar que a força de trabalho não seria uma mercadoria na URSS, assim como a lei do valor não se aplicaria internamente a esse Estado²⁵⁶.

No entanto, entre os próprios cliffistas, não houve um consenso sobre se a força de trabalho seria ou não uma mercadoria dentro da referida formação. Em contrariedade a

²⁵⁴ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988.

²⁵⁵ *Idem, Ibidem.*

²⁵⁶ *Idem, Ibidem.*

Cliff, Duncan Hallas e Peter Binns, também quadros intelectuais produzidos pelo partido, afirmaram, em 1976, que os trabalhadores soviéticos não se distinguiriam dos seus congêneres assalariados do capitalismo ocidental:

O trabalhador na URSS, portanto, vende uma mercadoria - sua força de trabalho - da mesma forma que um trabalhador nos EUA, por exemplo. Ele também não é pago com rações, como um escravo, ou com parte da produção, como um servo. Ele é pago em dinheiro. O que ele faz com esse dinheiro? Gasta-o em mercadorias, em bens produzidos para venda. [...] Em resumo, o modo de produção dominante na URSS inclui, como característica essencial, o trabalho assalariado - um sistema de salários na definição estritamente marxiana do termo. [...] O trabalho assalariado pressupõe o capital, assim como a escravidão pressupõe o dono de escravos (individual ou coletivo)²⁵⁷.

Em uma posterior publicação com Mike Haynes, datada de 1980, Binns abandona a sua posição precedente e posiciona-se a favor da posição de Cliff. Segundo aquele argumenta, devido ao fato de o Estado ser o único comprador da força de trabalho, não poderia haver uma compra e venda dessa força por capitalistas inseridos em um mercado competitivo. Dessa forma, não seria possível haver um trabalho assalariado no sentido da palavra de Marx. Essa ausência, contudo, não seria um problema teórico, uma vez que o capitalismo comportaria variadas relações de trabalho²⁵⁸.

A publicação de Haynes e Binns recebeu respostas críticas de Hallas e Callinicos. Estas argumentavam que a não consideração do trabalho como uma mercadoria na URSS implicaria a não existência de um proletariado e, conseqüentemente, de nenhuma forma de capitalismo. Por isso, de acordo com Hallas, tratava-se de uma discussão crucial para a sustentação da teoria do capitalismo de Estado²⁵⁹.

Apesar de ter sido considerado como crucial, esse debate nunca encontrou uma resolução e não recebeu grande repercussão, caindo no esquecimento.

No entanto, a fim de provar que a sua teoria estava correta, Cliff ainda necessitava demonstrar que a lei do valor atuava como uma reguladora e como uma potência motriz

²⁵⁷ BINNS, Peter; HALLAS, Duncan. *The Soviet Union State Capitalist or Socialist?* [1976]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/hallas/works/1976/09/sovietunion.htm>. Acesso: 17/07/2024 [cap. 6, s. p].

²⁵⁸ HAYNES, Mike; BINNS, Peter. *New theories of Eastern European class societies* [1980]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/binns/1980/xx/newtheories.html> Acesso: 17/07/2024.

²⁵⁹ LINDEN, Marcel. *Western Marxism and the Soviet Union*. Boston: Brill, 2007.

da economia soviética. Após considerar que essa lei não se manifestava internamente, Cliff e outros membros do IS/SWP buscaram essa submissão no âmbito externo, isto é, nas relações comerciais entre a União Soviética e o capitalismo internacional.

No entanto, o grau de participação da União Soviética no mercado mundial era muito diminuto em comparação à produção total do país, portanto não faria sentido caracterizar a URSS como um pilar capitalista somente com base nas trocas comerciais estabelecidas com o exterior. Determinado a resolver esse impasse, Cliff veio a concluir que a lei do valor não se expressaria na troca, mas na competição armamentista entre potências imperialistas rivais. Essa conclusão sobre a competição armamentista seria considerada como a característica mais fundamental do modo de produção capitalista, e cabe explicá-la²⁶⁰.

Para o IS/SWP, a competição armamentista associava-se ao conceito de “economia permanente de guerra”, que foi formulado por Ed Sarn, membro inicial do *Worker's Party*, de Max Schatchman, e o primeiro grupo a surgir como dissidência do SWP dos EUA, em 1940. No início da década de 1950, Tony Cliff e outros membros do *Socialist Review Group*, como Duncan Hallas, aproximaram-se do grupo de Schatchman, e, consequentemente, aproximaram-se também das ideias de Ed Sarn. Disso veio a centralidade da competição armamentista para a primeira organização liderada por Cliff²⁶¹.

Para os expoentes do IS/SWP, a burocracia teria direcionado o Estado com a finalidade de acumular bens de produção sobre uma base econômica de poder militar. Isso envolvia afirmar que a burocracia não tinha o intuito de acumular bens de consumo e serviços especiais de forma exclusiva para si, tal como argumentava Trótski. A URSS se subordinaria ao capitalismo na forma de uma competição armamentista, enquanto aniquilaria a concorrência em suas próprias fronteiras²⁶².

Essa economia armamentista, associada ao monopólio estatal, evitaria a tendência de queda da taxa de lucro e manteria elevados os patamares de acumulação, e isso se

²⁶⁰ Ver CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1999 e CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988.

²⁶¹ POZO, Gonzalo. *Reassessing the permanent arms economy* [2010]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/isj2/2010/isj2-127/pozo.html> Acesso: 24/04/2025.

²⁶² CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988; CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1957.

associaria a características específicas das armas como mercadorias²⁶³.

Segundo a perspectiva de Cliff, os armamentos seriam uma mercadoria de tipo peculiar. Em primeiro lugar, não seriam artigos a serem vendidos a compradores desconhecidos em um cenário de concorrência com outros produtores. Os armamentos seriam mercadorias à disposição direta do Estado que supervisionou a sua produção, e não seriam nem meios de consumo, nem meios de produção, mas “meios de destruição”. Em outros termos, as armas seriam um elemento de subtração do ciclo de produção, e em termos de função econômica, seriam mercadorias comparáveis ao consumo privado de itens de luxo da classe dominante²⁶⁴. Segundo um dos mais importantes dirigentes do IS/SWP, Chris Harman, o que seria necessário à acumulação capitalista seria o fato de as armas serem **comparáveis**, em termos de preço e eficiência, àsquelas possuídas por nações rivais²⁶⁵.

Para competirem uns com os outros, os países necessitariam se certificar que a produtividade do trabalho sob seu comando não estivesse abaixo da de seus rivais, e sempre necessitariam investir em novos equipamentos e tecnologias mais avançadas a fim de não ficarem para trás²⁶⁶.

Na URSS, segundo afirma Harman, que tem acordo, mas complementa as análises de Cliff, a lei do valor seria oriunda do âmbito externo e atuaria nas fábricas locais ao forçar os gerentes a competirem uns com os outros. A forma que estes teriam para se manterem à frente seria conferido pela pressão despótica para forçar a produtividade do trabalho. Por isso, o autor enfatiza que a “anarquia do mercado” determinaria a “tirania da fábrica”, submetendo a URSS à lei do valor²⁶⁷.

Apresentadas as percepções, serão mencionados seus aspectos críticos, segundo a perspectiva desta pesquisa.

Em primeiro lugar, a economia soviética recebia a incidência da lei do valor, era isso que conferia o seu caráter transitório, mas não havia uma mediação do mercado em todas as relações econômicas. O Estado, por intermédio do planejamento econômico, realizava

²⁶³ *Idem, Ibidem.*

²⁶⁴ POZO, Gonzalo. *Op. Cit.*, 2010; CLIFF, *Op. Cit.*, 1999

²⁶⁵ HARMAN, Chris. *From Trotsky to state capitalism* [1990]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/trotstatecap.html> Acesso em: 27/07/2024.

²⁶⁶ *Idem, Ibidem.*

²⁶⁷ *Idem, Ibidem.*

de antemão a distribuição de recursos às empresas, determinava o que seria produzido e controlava a distribuição de trabalho entre os ramos industriais. Nesse sentido, a lei da oferta e da procura encontrava um limite de atuação, não era possível à economia soviética estar submetida, de modo proporcional, tanto à lei do valor, quanto a um planejamento. Este predominava e subordinava aquela.

Como a URSS não era uma economia capitalista, integrada por produtores privados e por uma produção generalizada de mercadorias, nem uma de tipo socialista, na qual, tendo abundância de recursos, se cumpre a satisfação das necessidades humanas e a manifestação direta do caráter social do trabalho, uma economia híbrida – e, por conseguinte, contraditória – se manifestava. Portanto, uma sobrevivência parcial da produção de mercadorias se apresentava de forma combinada a uma regulação da alocação dos recursos produtivos²⁶⁸.

Em uma formação transição, ainda há a troca de mercadorias na forma de um dispêndio da força de trabalho em troca de bens de consumo, e essa troca é regulada com base na lei do valor. Isso ocorre porque, enquanto o suprimento de bens de consumo for insuficiente para atender às necessidades de toda a sociedade, haverá a necessidade de medir o que cada indivíduo contribui e recebe do conjunto de bens de consumo, e, dessa forma, a moeda também continuará a servir como um meio de circulação e de troca²⁶⁹. Essas foram manifestações da lei do valor na URSS.

Além disso, a apropriação da força de trabalho não se manifestava na URSS da mesma forma que no capitalismo. O fim do trabalho como mercadoria, ainda que em uma formação transitória, significaria a consolidação de uma sociedade comunista, pois esse será o momento no qual o trabalho se tornará uma atividade pela qual homens e mulheres se identificarão como seres humanos. O que é específico no capitalismo não é a apropriação do produto do trabalho, pois isso se manifestou em diferentes sociedades pretéritas. No caso soviético, o excedente era administrado pela burocracia, com uma pequena parcela sendo apropriada por ela e uma maior direcionada a melhorias nas condições de vida e

²⁶⁸ MANDEL, Ernest. *A theory which has not withstood the test of facts* [1990]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1990/xx/theory.html>. Acesso: 23/07/2024.

²⁶⁹ BELLIS, Paul. *Marxism and the USSR*. London: Macmillan Press, 1978.

à expansão econômica, mas o diferencial é que, nessa formação, a força de trabalho não assumia a forma de uma mercadoria feita para ser comprada e vendida no mercado por proprietários privados, nem tinha um preço determinado pelas leis de oferta e demanda atuantes em um mercado de trabalho. Isso impossibilitava que a burocracia se tornasse proprietária dos produtos do trabalho alheio²⁷⁰.

Por não poder ser proprietária, a burocracia usufruía de benefícios e privilégios muito abaixo do padrão de capitalistas ocidentais, uma vez que aqueles estavam vinculados a cargos e não à acumulação privada de capital. O dinheiro, na URSS, não permitia a compra de meios de produção. Por estarem vinculados a cargos de ocupação, apartamentos, *datchas*²⁷¹ e transportes concedidos a um secretário geral seriam muito maiores, mais confortáveis e melhor localizados do que os concedidos a um gerente de fábrica, mas não seriam adquiridos por recursos próprios, pertenceriam ao Estado e poderiam ser facilmente perdidos em caso de rebaixamento, penitências ou perda de emprego.

Em complemento, nessa formação transitória, os salários não variavam conforme as flutuações do mercado, mas eram correspondentes à oferta de emprego, isto é, quanto mais emprego, maiores os salários, e vice-versa. Isso se relaciona, em alguma medida, com o que foi mencionado sobre os gerentes. Estes poderiam oferecer maiores salários e benefícios sociais caso a fábrica necessitasse de mais funcionários, mas esse dispêndio financeiro era concedido por decreto, mediante autorização política, não advinha de recursos privados de capital, como se os gerentes fossem proprietários das fábricas pelo fato de integrarem a burocracia. O fato de o emprego ser obrigatório por lei, aliado à não existência de um mercado para a compra e venda da força de trabalho, mudava o modo de concessão salarial. Esse era um prisma que o mercado não atravessava da mesma forma que no capitalismo.

No que concerne à competição armamentista, não é possível haver lucro sem haver troca. Nota-se uma confusão semântica acerca da competição para a realização do lucro – isto é, a concorrência entre proprietários privados –, e a competição armamentista,

²⁷⁰ *Idem, Ibidem.*

²⁷¹ Pode-se definir *datcha* como uma casa de retiro, para descanso; é similar a um sítio ou a uma pequena fazenda.

propriamente dita. No caso de uma competição armamentista que também adquirisse o caráter de uma concorrência capitalista, a URSS seria forçada a comprar do exterior armas prontas ou maquinários específicos para a sua própria produção de armamentos. A sua produção local era mais dispendiosa do que no exterior. Consequentemente, as fábricas de armas da URSS necessitariam se fechar, entrariam em falência ao terem um preço de custo muito mais elevado do que as suas concorrentes. Entretanto, isso nunca aconteceu²⁷².

A partir do que foi mencionado, é possível concluir que a avaliação de Cliff e de Harman sobre a atuação da lei do valor da URSS não estava correta, mas buscava adaptar a URSS para receber uma caracterização capitalista a fim de condená-la a qualquer custo. Embora o stalinismo fosse um fenômeno nefasto e tenha colaborado para derrotas à classe trabalhadora em terreno mundial, a sua existência não eliminou de imediato ganhos importantes provenientes da Revolução de Outubro, embora o desgaste fosse uma questão de tempo. A brevidade da experiência democrática e a vitória da burocracia conviveu com as formas de propriedade e organização econômica conferidas pela revolução, que contribuíram para transformações sociais significativas em termos de alfabetização, autonomia industrial da URSS e de países sob a sua influência,

Tal lei se aplicava no âmbito interno da URSS, e essa internalização não se manifestava, tal como argumenta Harman, em uma competição entre gerentes para explorar mais a força de trabalho²⁷³. Tal lei se manifestava na formação soviética, mas de uma forma modificada e subordinada à predominância de um planejamento econômico, como foi constatado.

Além disso, a relação entre trabalhadores e gerentes tinha nuances, o que não significa que ela fosse ideal ou harmoniosa. Em conformidade ao que explica Lewin, o expediente do terror stalinista não foi uma constante na história soviética, e mesmo sob tal circunstância, a tessitura social mostrava-se complexa para além da agência única do Estado, sem

²⁷² MANDEL, *Op. Cit.* 1990.

²⁷³ HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990.

que os trabalhadores fossem apenas vítimas²⁷⁴. O historiador elucida, aliado a Filtzer²⁷⁵, que em resposta à deterioração das condições de vida, os trabalhadores aprenderam estratégias de autodefesa, contribuindo para o aumento da rotatividade da mão de obra e a indisciplina nos espaços de trabalho. Os camponeses, por sua vez, desde a coletivização, pouco dedicavam seu empenho em trabalhar em áreas coletivizadas, e em vários pontos, o governo concedeu um lote particular e uma vaca a famílias campesinas. A população comum criava gracejos e canções com sátiras e paródias de slogans oficiais e dos discursos de Stálin, transmitidas por comunicação pessoal, e a própria burocracia tinha as suas estratégias para mascarar a realidade nos relatórios de metas sobre seus desempenhos, assim como para se ajudar mutuamente para conseguir novos empregos quando havia tentativas – por sinal, nunca eficazes – de implementar redução de pessoal nos ministérios²⁷⁶.

4.5 Estagnação, crise e perestroika

No momento em que ficou evidente que a União Soviética se encontrava em um momento de última agonia, uma importante mudança se desdobrou na teoria basilar do IS/SWP, envolvendo seus apoiadores mais argutos nos assuntos da Europa do Leste. Em um primeiro momento, a URSS foi considerada o mais alto estágio que o capitalismo poderia alcançar; mas em décadas posteriores, a URSS foi caracterizada como um estágio inferior e piorado em relação ao capitalismo ocidental.

Essa mudança de avaliação ocorreu entre 1987 e 1988, e foi repentina e silenciosa, sem atrair qualquer alarde em torno de si. A importância dessa mudança é que ela foi utilizada para embasar o apoio do IS/SWP à contrarrevolução soviética, considerando-a de diferentes formas, como uma revolução parcial ou como uma revolução social, e sustentando que a derrota do Golpe de Agosto de 1991 havia sido uma vitória para a democracia.

Antes, no entanto, de investigar essas posições, é importante introduzir a avaliação dos

²⁷⁴ LEWIN, Moshe. Society and the Stalinist state in the period of the five year plans. *Social History*, 1:2, 1976, pp. 139-175.

²⁷⁵ FILTZER, Donald. *Op. Cit.*, 1993.

²⁷⁶ *Idem, Ibidem*; LEWIN, Moshe. *Op. Cit.*, 1976.

cliffistas acerca das dificuldades econômicas da URSS, anteriores às reformas promovidas por Gorbachov.

4.5.1 A crise pré-perestroika: as causas da desaceleração da economia

Em meados da década de 1970, a URSS vivenciava o início de um declínio mais preocupante das taxas de crescimento econômico, o que anunciava um desgaste da produção nacional que só viria a ter contornos mais graves nos anos subsequentes. Esse cenário já se tornava público, de modo que Mike Haynes, em 1976, dedicou uma primeira publicação dedicada ao tema e concluiu que a URSS se encontrava na pior crise até então vista desde 1930. Esse veredito se baseava no fracasso do nono Plano Quinquenal (1971-1975) em atingir as metas estabelecidas não apenas para o setor de bens de consumo, mas para todos os âmbitos produtivos, a despeito das metas terem sido as mais baixas até então estabelecidas²⁷⁷. Essa crise seria um sintoma direto da desaceleração da taxa de crescimento da economia.

As causas para esse declínio se localizariam no desgaste do modelo de crescimento de tipo extensivo, na incapacidade da economia em transitar para o padrão intensivo e na queda da taxa de lucro, esta, por sua vez, conferida pela queda da produtividade da força de trabalho e pelo crescimento da composição orgânica do capital²⁷⁸.

Segundo a explicação conferida pelo autor, a industrialização acelerada teria empregado uma escala crescente de trabalhadores oriundos do campo e iniciou um processo de urbanização na URSS. Essa expressiva movimentação de mão de obra campesina teria possibilitado um grande crescimento econômico na década de 1930. Entretanto, tal crescimento dependeria do emprego extensivo de força de trabalho e do uso da coerção policial do Estado. Nessas condições, a baixa produtividade do trabalho teria sido pouco sentida devido ao emprego escalonado de milhões de novos trabalhadores nas ocupações

²⁷⁷ HAYNES, Mike. *The USSR and the Crisis*. International Socialism (1st series), No. 88, May 1976, pp. 35-38.

²⁷⁸ *Idem, Ibidem.*

industriais²⁷⁹.

Aliado a isso, a melhoria dos padrões de vida acompanharia uma maior especialização da mão de obra e uma consequente obsolescência das antigas formas de coerção. Nesse sentido, o incentivo à produtividade do trabalho teria se tornado um desafio para o desenvolvimento econômico, assim como a mobilização extensiva de insumos e mão de obra começaria a se esgotar.²⁸⁰

Haynes ainda afirma que esse esgotamento não seria circunscrito à URSS, mas dependeria de fatores externos. O Estado soviético, desde o advento do primeiro Plano Quinquenal, estaria submetido à competição armamentista internacional contra outras nações capitalistas, estas igualmente submetidas ao controle estatal da economia²⁸¹. Devido à baixa produtividade e obsolescência das antigas formas de coerção, a URSS teria enfrentado cada vez mais dificuldade para manter seu lugar de primazia no pódio da competição armamentista internacional²⁸².

Ao longo de décadas, a direção do IS/SWP defendeu que a economia armamentista, associada ao monopólio estatal, evitaria crises de superprodução²⁸³. Essa assertiva foi uma das principais bases para que Tony Cliff argumentasse que o capitalismo de Estado seria uma *etapa superior* do modo de produção capitalista²⁸⁴.

Segundo explica Chris Harman, os armamentos teriam como característica o fato de serem meios de destruição capazes de evitar a tendência de queda da taxa de lucro e de manter os patamares de acumulação elevados, e semelhante definição é também promovida por Cliff²⁸⁵. A queda da produtividade do trabalho e o aumento da composição orgânica do capital, resultante do que observavam ser uma busca incessante pela acumulação de bens de produção a qualquer custo, teriam sido as causas da desaceleração econômica não somente da URSS, mas de todo o mundo capitalista.

²⁷⁹ *Idem, Ibidem.*

²⁸⁰ *Idem, Ibidem.*

²⁸¹ *Idem, Ibidem.*

²⁸² *Idem, Ibidem.*

²⁸³ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988; HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990.

²⁸⁴ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988; *Idem. Op. Cit.*, 1957.

²⁸⁵ HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990; *Idem. The Storm Breaks: The Crisis in the Eastern Bloc* [1990a]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/stormbreaks.html> Acesso: 17/07/2024; CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1999.

Quase duas décadas depois da publicação de Haynes, quando a URSS dava os seus últimos suspiros de existência, Harman defendeu que a URSS enfrentava uma crise de “superprodução de capital”, ou, em seus termos, uma crise de “superacumulação”. Ao referir-se à crise soviética, afirma: “[A] *superprodução de mercadorias é um subproduto de outra coisa – a superprodução de capital. [...] Trata-se de uma superprodução de capital – superacumulação – em relação ao mais-valor extraído da força de trabalho.*”²⁸⁶

No entanto, contrariamente às nações ocidentais, a URSS não teria conseguido superar essa crise. Tardamente inserido no pódio das principais potências mundiais, o Estado soviético teria permanecido isolado, enquanto as outras nações do capitalismo ocidental teriam começado a se integrar e a internacionalizar seus investimentos²⁸⁷.

Em complemento, Callinicos e Haynes, respectivamente em 1992 e 1994, também enfatizaram que os dispêndios militares teriam absorvido de sobremaneira os recursos que poderiam ter sido direcionados a outras áreas variadas da economia, ao exemplo da agricultura e do setor de bens de consumo. Por conta disso, defenderam que os gastos com defesa também teriam sido fundamentais para a desaceleração econômica, e, por conseguinte, da crise soviética²⁸⁸.

Apresentadas as posições sobre as causas da crise de estagnação da URSS, torna-se possível elaborar considerações críticas.

Primeiramente, os autores não explicam por que a economia armamentista teria deixado de ser um recurso efetivo para evitar crises de superprodução nos capitalismo estatais, algo bastante enfatizado por Cliff e até mesmo por Harman²⁸⁹. Caso o fizessem, não seria possível argumentar que os países capitalistas ocidentais e a URSS vivenciaram uma crise de mesma natureza.

As recessões generalizadas da economia capitalista nas décadas de 1970 e 1980 foram crises de superprodução amortecidas pela intervenção estatal na economia, a qual

²⁸⁶ HARMAN, Chris. *Criticism which does not withstand the test of logic - A Reply to Ernest Mandel* [1990b]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/mandel.html>. Acesso: 22/02/2025 [s.p.]. [Tradução nossa]

²⁸⁷ HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990a.

²⁸⁸ HAYNES, Mike. *The wrong road on Russia* [1994]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/haynes/1994/xx/wrongrd.htm>. Acesso: 28/07/2024; CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, 1992.

²⁸⁹ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1957; HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990a.

começou a buscar a internacionalização de investimentos e a aprofundar de sobremaneira o corte de direitos sociais de trabalhadores. Entretanto, não ocorreu essa variante de crise na URSS. O que se manifestava no antigo país dos soviets não era uma superprodução de mercadorias, mas uma subprodução de valores de uso, isto é, o estorvo dessa economia era a escassez de produtos e o desperdício de investimentos²⁹⁰.

Esses fatos decorriam, em primeiro lugar, da falta de uma comunicação horizontal entre ministérios, resultando em desperdícios de recursos em transportes e entesouramento de matérias-primas. A prioridade das metas quantitativas, por sua vez, conduzia a uma falta de incentivo ao desenvolvimento tecnológico; e a ditadura burocrática, a um freio para o desenvolvimento científico e criativo. Portanto, esses fatores que eram as verdadeiras dificuldades da economia da URSS, e resultavam do controle burocrático e de seu modelo de planejamento.

É importante pontuar que essa economia não era inteiramente de desperdício, mas combinava, tal como elucida Mandel, taxas de crescimento com altos índices de desperdício sem ter um mecanismo de correção para essas crescentes desproporções, devido à gestão ser hipercentralizada e hiperverticalizada, sem mecanismos de autogestão para substituir a regulação do mercado. Disso vinha a necessidade de um planejamento socializado²⁹¹.

Em segundo lugar, os armamentos não eram uma mercadoria de tipo especial, tal como afirmam os cliffistas, com capacidade de evitarem crises de superprodução devido a uma característica de serem “meios de destruição”. Isso ocorre porque as mercadorias produzidas, mas não vendidas, não poderiam resultar em acumulação e em uma realização do mais-valor, isto é, do lucro. Os produtores privados não são capazes de antever a demanda para a realização do valor, e por isso ocorrem as crises de superprodução²⁹².

Outro elemento digno de nota é que a URSS, considerada como uma nação de desenvolvimento capitalista isolado, é também considerada como uma formação imperialista

²⁹⁰ MANDEL, *Op. Cit.* 1990 e *Idem*, 1992.

²⁹¹ *Idem*, *Ibidem*.

²⁹² MANDEL, Ernest. The impasse of schematic dogmatism. *International Socialism*, 2:56, Autum 1992, p. 134-172.

devido à sua expansão e dominante presença em outras localidades do Leste Europeu²⁹³. Essa qualificação de imperialista não encontra fundamento, pois a participação soviética no comércio internacional era extremamente diminuta; além disso, as repúblicas integrantes do Bloco Soviético – com exceção da Alemanha Oriental – eram uma fonte de grandes dispêndios ao poder central, pois demandavam muitos subsídios, e o crescimento territorial da URSS no período subsequente à Guerra se efetivou por meio da expropriação de capitais nacionais e internacionais presentes em tais localidades. Não é possível ao imperialismo se estabelecer por meio da expropriação da burguesia.

Os investimentos eram constantemente direcionados a empresas ou setores deficitários, ao exemplo da agricultura, em detrimento de outros que seriam muito mais lucrativos, como, por exemplo, o setor automobilístico. De forma relativamente análoga, os países integrantes do Bloco Soviético necessitavam de subsídios e por isso eram dispendiosos à URSS. Tudo isso é impensável em uma economia capitalista. Os suportes financeiros a tais localidades só foram suspensos na década de 1980, quando a URSS começou a lidar com uma crise de maiores proporções. Isso reforça o argumento segundo o qual não era possível haver uma crise de superprodução na formação soviética.

Portanto, não há uma arguta explicação que relacione a competição armamentista à desaceleração da economia soviética, equivocadamente considerada como um sintoma de crise de superprodução. Essa lacuna não é acidental, uma vez que evidencia os limites da interpretação do IS/SWP, norteadas por uma hostilidade intransigente ao próprio objeto de análise. Uma reavaliação da posição promovida por tal organização destacaria os aspectos positivos e dignos de defesa da economia soviética em relação ao capitalismo. Contudo, uma importante característica do cliffismo sempre foi uma abordagem hostil aos países congêneres à URSS.

4.5.2 Capitalismo de Estado: etapa inferior do capitalismo

Tony Cliff afirmou que a URSS seria o “*extremo limite teórico que o capitalismo [poderia] alcançar*”²⁹⁴. Entretanto, conforme o crescimento econômico soviético começou a

²⁹³ Ver HARMAN, Chris. *Op. Cit.* 1990a; CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988

²⁹⁴ CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1988, p. 186 [Tradução nossa]

se mostrar claudicante, essa avaliação veio a se modificar.

Em termos estatísticos, a percepção de Cliff poderia ser plausível no período em que foi formulada, na década de 1940, em virtude da vitória soviética na Guerra e dos resultados notáveis de crescimento econômico dessa formação em relação aos países ocidentais.

No entanto, essa avaliação de superioridade não percorreu um caminho similar à de Leon Trótski, registrada em *A Revolução Traída*. Segundo tal revolucionário, a superioridade qualitativa da URSS estava assentada nos pilares da propriedade nacionalizada, do monopólio do comércio exterior e do planejamento econômico. Esses foram os verdadeiros fatores que proporcionaram os insumos necessários para a rápida industrialização, e não a administração stalinizada, a qual procedeu com a industrialização em moldes repentinos, brutais e altamente desastrosos para a economia com a finalidade de assegurar a própria defesa em relação a ameaças internas e externas²⁹⁵.

Em breves termos, a propriedade totalmente nacionalizada, inaugurada e consolidada por uma revolução que expropriou capitais internos e externos, era considerada por Trótski como um passo imprescindível para a transição ao socialismo. Conforme a revolução ultrapassasse fronteiras, o quadro de escassez fosse superado e as tarefas do Estado fossem transferidas para a ação dos comitês de trabalhadores, a gestão da propriedade nacionalizada tornar-se-ia cada vez mais socializada, sem a necessitasse de uma nova revolução social interna para a consolidação desse processo. No entanto, o controle administrativo da burocracia contrariava essa democracia proletária e a internacionalização da revolução, a despeito de não ser a princípio oxímora à manutenção da propriedade nacionalizada que administrava²⁹⁶. Nesse sentido, a oposição entre burocracia e propriedade nacionalizada seria reforçada com o passar do tempo, conforme o efeito danoso do próprio parasitismo desse estrato sobre a propriedade nacionalizada se fizesse sentir. Portanto, torna-se claro que, para Trótski, a superioridade da economia soviética não estava fundamentada em puras estatísticas da industrialização acelerada, mas no potencial que tinha essa forma de propriedade para assegurar a transição da economia soviética para o socialismo após a destruição da burocracia e a internacionalização da revolução.

²⁹⁵ TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. Lisboa: Antídoto, 1977.

²⁹⁶ *Idem, Ibidem*.

Essa análise fundamentava a orientação política de Trótski e da Quarta Internacional para defender incondicionalmente a URSS.

Tony Cliff, no entanto, coloca a percepção de Trótski em termos simplórios, como uma superioridade do Stalinismo sobre o capitalismo sustentada em ritmos e proporções ininterruptos do crescimento econômico. Os trechos de Trótski, Mandel e Deutscher citados pelo marxista palestino em *Trotskyism after Trotsky* sugerem que esses autores defendiam que a URSS estava habilitada a ter um progresso econômico *contínuo*, vindo a superar progressivamente o que o capitalismo estava habilitado a alcançar²⁹⁷. Essa qualificação de continuidade envolve afirmar a existência de desenvolvimento produtivo sem contradições, impasses ou limites, o que definitivamente não era a interpretação originária dos mencionados autores. Em seguida, Cliff apresenta a percepção segundo a qual o stalinismo viria a se constituir como um freio ao desenvolvimento das forças produtivas como uma assertiva de autoria dele próprio:

Uma análise capitalista estatal do regime russo apontava em uma direção exatamente oposta: a burocracia era e se tornaria cada vez mais um freio do desenvolvimento das forças produtivas. O documento de 1948, “A natureza de classe da Rússia stalinista”, tinha apontado que [...] o papel da burocracia era industrializar a Rússia aumentando a produtividade do trabalho, em um processo em que entrou em duras contradições [...] Até certo ponto, a burocracia poderia aumentar a produtividade do trabalho por meio da coerção, mas isso não pode continuar indefinidamente. O fracasso em elevar os padrões de vida já poderia estar levando a um declínio na taxa de crescimento da produtividade e a “desenvolvimentos bruscos da produção”²⁹⁸

Portanto, percebe-se que Cliff, enquanto defendeu a URSS como uma formação capitalista superior, baseava-se nos alcances econômicos atingidos até então por essa formação socioeconômica, e esse posicionamento nunca conduziu Cliff a defender a URSS ou outros Estados a ela congêneres do ponto de vista reprodutivo.

Conforme mencionado, ao parafrasear o posicionamento de Trótski, Cliff sugere que o revolucionário russo atribuía uma superioridade ao stalinismo, em termos de regime, e não aos pilares da economia soviética que eram, genuinamente, valorizados por Trótski.

Enquanto estavam influenciados pela percepção de superioridade, Harman e Haynes

²⁹⁷ CLIFF, Tony. *Op. Cit.* 1999, p. 38.

²⁹⁸ *Idem, Ibidem*, p. 38-39. [Tradução nossa]

afirmaram que a economia soviética, a despeito de enfrentar dificuldades, não corria o risco de ter um iminente colapso, assim como o sistema soviético também não estava prestes a entrar em decadência. Esse posicionamento foi propagado por esses expoentes até 1987. Para evidenciar essas posições, pode-se mencionar, primeiramente, um artigo de Harman, datado de 1985:

Haverá muitas pessoas com opiniões bastante variadas (...) que entenderão o discurso de Gorbachev como uma indicação do colapso iminente do stalinismo ou da impossibilidade de torná-lo eficiente o suficiente para competir com as economias baseadas no mercado. [...]

Na realidade, porém, as coisas não são tão simples (...) A Rússia é um país enorme, com a segunda maior economia do mundo e com uma dotação de recursos naturais melhor do que a de qualquer outro país. (...) Por mais que tenha sido mal administrada, ela ainda alcançou taxas de crescimento comparáveis às do restante da economia mundial (...) Além disso, ela arcou com o ônus de uma máquina de guerra bastante grande ao mesmo tempo²⁹⁹.

Em complemento, Mike Heynes afirmou, em 1987:

A União Soviética está sofrendo com problemas crescentes de longo prazo, mas os relatos de sua morte iminente têm sido muito exagerados. (...) [Pode haver] uma grande quantidade de ruína em uma nação e a União Soviética não é uma exceção. As coisas ficaram tão ruins durante o governo de Brejnev que alguma melhora parece quase inevitável. Contudo, as mudanças cosméticas de curto prazo não resolverão fundamentalmente as dificuldades estruturais subjacentes³⁰⁰.

Em outro artigo publicado em 1987, intitulado *Understanding the Soviet Crisis*, Haynes criticou aqueles que conjecturavam sobre um momento de crise terminal da União Soviética. De acordo com Haynes, o colapso não seria uma ideia concebível porque a URSS ainda teria um histórico econômico bastante respeitável e consistente³⁰¹.

Segundo afirma o último autor, as rígidas estruturas econômicas dessa formação haviam, de fato, contribuído para um elevado nível de desperdício, queda da acumulação de capital e para a desaceleração da taxa de crescimento econômico. Entretanto, as consequências desses fatores não poderiam ser exageradas; o nível de desperdício da URSS,

²⁹⁹ HARMAN, Chris. Gorbachev's reforms. *Socialist worker review*, No. 78, july/august 1985, p. 7. [Tradução nossa]

³⁰⁰ HAYNES, Mike. Tightrope to reform. *Socialist worker review*, No. 94, january 1987, p. 10. [Tradução nossa]

³⁰¹ *Idem*. Understanding the soviet crisis. *International Socialism*, 2:34, Winter 1987, pp. 3-41.

por exemplo, não seria muito superior ao das economias ocidentais.³⁰².

Além disso, o sistema soviético, por ser mais uma variante de capitalismo, não teria uma probabilidade maior ou menor de colapsar do que as economias ocidentais. Devido ao fato de estas não estarem à beira de uma crise terminal, parecia razoável para Haynes concluir que o sistema soviético também não estaria.³⁰³.

Quando ficou evidente que essa formação não conseguiria superar o seu estado crônico de crise, em um mesmo período no qual grupos sociais também emergiam de forma efervescente no Leste da Europa em oposição ao stalinismo, os citados membros do IS/SWP mudaram a sua avaliação, passando a considerar a URSS como uma formação *inferior* ao capitalismo de livre concorrência. Nesse segundo caminho, Trótski passou a ser diretamente referenciado como um autor que estava equivocado em sua avaliação acerca da superioridade qualitativa da URSS, embora Cliff não recebesse o mesmo tratamento crítico.

Em um balanço posterior, elaborado em 1996, o militante palestino argumenta que, se o stalinismo fosse superior ao capitalismo, aquele deveria ser capaz de desenvolver as forças produtivas de forma mais eficiente do que este. Contudo, a crise da URSS e do Leste Europeu não poderia ser explicada sem haver qualquer referência à queda do crescimento econômico entre o final da década de 1970 e início da de 1980, responsável pelo quadro de estagnação e distanciamento tecnológico entre essas formações e o Ocidente capitalista³⁰⁴. Nesse sentido, a partir do exemplo da Alemanha Oriental, Cliff procede com a seguinte constatação:

Se as economias da Europa do Leste fossem superiores, então a reunificação da Alemanha, por exemplo, deveria ter assistido ao florescimento da indústria da Alemanha Oriental em comparação com a da Alemanha Ocidental. De fato, a economia da Alemanha Oriental entrou em colapso após a unificação. [...] A produtividade do trabalho [da Alemanha Oriental] é apenas 29% do nível ocidental³⁰⁵.

Em uma mesma linha argumentativa, Alex Callinicos³⁰⁶, em 1992, reproduz o pano-

³⁰² *Idem, Ibidem.*

³⁰³ *Idem, Ibidem.*

³⁰⁴ CLIFF, Tony. Introduction [1996]. In: *State capitalism in Russia*. London: Bookmarks, 1988.

³⁰⁵ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 11. [Tradução nossa]

³⁰⁶ CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, 1992.

rama econômico da URSS elaborado por Abel Aganbegyan, ex-assessor da equipe econômica de Gorbachov. Nessa avaliação, o economista georgiano constata que houve uma queda de aproximadamente 40% da produção de todos os bens industriais no período entre 1979 e 1982, e que entre 1981 e 1985, não houve praticamente nenhum crescimento econômico. A partir disso, Callinicos defende que não se poderia afirmar que a economia soviética seria superior à ocidental devido ao quadro de estagnação que naquela se estabeleceu a partir do final da década de 1970. Pode-se constatar tal posicionamento neste trecho:

Na verdade, à medida que se acumulava cada vez mais a prova do desperdício e da ineficiência da URSS nas duas últimas décadas, a esquerda, tanto do Ocidente quanto do Leste, mostrou-se cada vez mais inclinada a considerar o stalinismo como uma forma de sociedade qualitativamente *inferior* ao capitalismo³⁰⁷.

Por sua vez, ao analisar a perestroika, Chris Harman é muito mais dedicado a dar relevo às mobilizações sociais que emergiam no período, um passo que foi importante para a organização começar a esboçar a sua interpretação sobre a desintegração, que começava a se anunciar a plenos olhos.

Segundo o diagnóstico de Harman, datado de 1990, o momento de chegada ao poder de Gorbachov marcou o período em que a URSS encontrava-se na pior crise já vista. Nessas circunstâncias, as forças de mercado precisariam substituir o controle burocrático, e os gerentes de fábrica descobriam que o aumento dos preços poderia fazer os lucros crescerem de forma aliada a outras benesses³⁰⁸. Dessa forma, os fracassos de desempenho econômico, os quais são sempre explicados por meio da busca incessante pela acumulação, teriam dividido a burocracia entre setores conservadores e pró-reformistas. Estes se dedicaram, segundo o autor, a encorajar as camadas sociais externas a fim de promoverem as reformas de abertura econômica da perestroika, e ao mesmo tempo enfraquecerem os setores conservadores que estavam resistentes a tais medidas. Assim, entre os reformadores, havia uma expectativa de apoio popular, apesar do enfraquecimento da ideologia oficial até mesmo nas instâncias partidárias. A estratégia de enfrentamento aos setores

³⁰⁷ Cf. *Idem, Ibidem*, p. 54.

³⁰⁸ HARMAN, Chris. Op. Cit. 1990a, s. p.

resistentes do aparato central seria conferida pela política da glasnost³⁰⁹.

Segundo Harman, a falha da perestroika residia na própria noção de possibilidade de reforma do sistema. A fim de promover reformas econômicas, a burocracia necessitaria mobilizar camadas sociais externas às suas próprias fileiras, ao mesmo tempo que teria como projeto continuar a impor demandas à população a partir de um poder centralizado. Por sua vez, Gorbachov não se mostrava preparado para lidar com as oposições fora da cúpula. Nesse sentido, as reformas buscariam o apoio popular de forma comprometida a reforçar a estrutura de classes existente. Contudo, quanto mais essas camadas adquirissem um comportamento próprio e independente, mais os reformadores recorreriam aos métodos de repressão e aos grupos da cúpula conservadora³¹⁰.

Entretanto, em 1985, Harman nutria uma perspectiva distinta acerca das reformas e de seus possíveis desdobramentos, embora não as apoiasse. Tal posição pode ser constatada neste trecho:

No entanto, apesar dessa pressão [da máquina de guerra que induz os gerentes a armazenarem enormes estoques de suprimentos], ainda há espaço de manobra suficiente para que as reformas nos moldes de Gorbachev tenham algum efeito.

Parece provável que as reformas de Gorbachev levem a uma maior liberdade dos gerentes de fábrica para demitir trabalhadores, aumentar as diferenças salariais e aumentar a aceleração [econômica]³¹¹.

Em diversas passagens do artigo *Storm Breaks*, datado de 1990 e publicado na imprensa do IS/SWP, Harman deixa em relevo o seu tom apologético aos desdobramentos da glasnost, a qual, de acordo com o autor, teria passado de uma pálida promessa advinda da cúpula para uma política central para a eclosão de uma súbita mobilização de massas em todo o país.

É válido pontuar que essa posição tem ligação com a defendida por Cliff no período de crise da Quarta Internacional, no sentido de defender que só as massas poderiam conferir um caráter “transitório” em uma localidade dominada pelo stalinismo, derrotando-o por meio de uma revolução social. Havia, assim, um enaltecimento das massas, mas não havia

³⁰⁹ *Idem, Ibidem.*

³¹⁰ *Idem, Ibidem.*

³¹¹ HARMAN, Chris. Gorbachev's reforms. *Socialist worker review*, No. 78, july/august 1985, p. 7. [Tradução nossa]

a defesa de uma oposição trotskista como liderança destas.

Em consonância com esse breve apontamento, Harman não procede com nenhuma análise acerca das lideranças ou dos programas políticos que norteavam esses movimentos, apenas enaltece as numerosas resistências nacionais à atuação militar da URSS, esta responsável por tentar manter as regiões unidas ao Bloco Soviético.

Isso não significa, entanto, que Harman não proceda com análise alguma. A interpretação de Harman sobre a desintegração da URSS envolve observar as movimentações das localidades do Leste. Embora não seja o objetivo deste trabalho analisar o fim de tais Estados, será necessário abrir menções a esses eventos, ainda que de forma passageira, a fim de elucidar a argumentação do principal membro do IS/SWP dedicado a investigar assuntos da Europa do Leste.

No artigo *Boiling Point*, datado de dezembro de 1988, Harman salienta que a origem das mencionadas mobilizações estaria localizada na repressão das nacionalidades não russas, dentro das quais o descontentamento social e econômico teria se unificado a um antigo ressentimento de opressão nacional. Esse processo de russificação teria sido iniciado por Stálin com a finalidade de criar um monolito burocrático e teria também sido marcado por uma discriminação aos grupos não russos em todos os níveis sociais, com frequência se manifestando no início da formação educacional, isto é, na alfabetização feita na língua russa em detrimento de outras nativas³¹².

Tal russificação teria declinado os padrões de qualidade de vida de diversos grupos nacionais e ampliado a hostilidade das nacionalidades entre si. Um dos diversos exemplos mencionados por Harman são os protestos de Karabakh, no Azerbaijão, onde as condições econômicas estariam entre as piores de todo o país. Sem relacionar a ocorrência das mazelas sociais com o preciso momento de desmonte do planejamento central, Harman cita a falta de suprimentos, os racionamentos de carne e manteiga, o desemprego, a falta de animais para famílias camponesas, entre outras carências, como fatores que teriam incentivado as manifestações de greves gerais na região. Aliada às dificuldades econômicas, haveria a opressão nacional, não investigada pelo dirigente de modo a obter maiores

³¹² HARMAN, Chris. USSR - Boiling point [1988]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1988/12/ussr.htm> Acesso: 27/07/2024 [s.p.]

especificidades³¹³.

Devido à discriminação às línguas locais a favor da língua russa, grupos não oficiais teriam surgido em Karabakh e na Armênia liderando greves gerais e massivas mobilizações. Outras regiões, como Estônia, Geórgia, Lituânia, entre outras, teriam registrado movimentos similares.

Essas contestações teriam criado divisões nas burocracias locais. Assim, de um lado, uma parcela das burocracias, com o objetivo de melhorar a própria condição frente aos acontecimentos e libertar-se do domínio do poder central, teria encorajado os sentimentos nacionalistas, por vezes favorecendo ações de repressão a outros grupos sociais. No entanto, não há maiores detalhamentos sobre como teria se desdobrado essa manipulação sobre os grupos em questão³¹⁴.

Por outro lado, uma parcela das cúpulas locais sentira-se confrontada e ameaçada por esses movimentos que haviam crescido de forma independente das autoridades oficiais. Por conseguinte, esse setor tentou integrá-los a fim de contê-los. Harman cita como exemplo o caso dos Estados bálticos, em que lideranças oficiais teriam participado de protestos e de frentes populares a fim de permanecerem firmes em suas respectivas posições³¹⁵.

Nessas circunstâncias, Gorbachov não poderia reprimir as manifestações nacionalistas sem encorajar elementos conservadores do PCUS, nem incentivá-las sem colocar em risco o próprio poder pessoal. Assim, a burocracia encontrar-se-ia dividida em função das revoltas da classe trabalhadora, viabilizadas por uma glasnost vinda de cima.

Entusiasmado com tal política e com as mobilizações em fervor, mas sem indicar o que uma organização revolucionária deveria fazer em termos de programa, Harman, em uma publicação ao lado de outros militantes, clama que os socialistas não deviam tomar nenhum lado da rivalidade burocrática, mas aproveitarem-se da crise do capitalismo do Estado para lutarem por uma glasnost ampliada e vinda de baixo:

Os socialistas revolucionários não devem se colocar em nenhum dos campos [da burocracia]. Não se trata de ser a favor ou contra as reformas de Gorbachev, mas sim de vê-las como uma expressão da profunda crise do capitalismo de

³¹³ *Idem, Ibidem.*

³¹⁴ *Idem, Ibidem.*

³¹⁵ *Idem, Ibidem.*

Estado. [...] Os socialistas devem responder voltando seu próprio slogan contra eles e insistindo na propagação da glasnost³¹⁶.

Esse posicionamento em relação à burocracia aproximava-se à citada proposta do *slogan* de “terceiro campo”, “nem Washington, nem Moscou”, que estampava os periódicos da organização. Em breves termos, tratava-se de uma rejeição aos dois lados da Guerra Fria, e uma defesa de que os trabalhadores em nada tinham a ganhar com aqueles. Por sua vez, em relação à burocracia, esse posicionamento de “terceiro campo” se traduzia em não apoiar a burocracia conservadora, desejosa de preservar o PCUS, o planejamento e a propriedade estatal, nem a fração reformista pró-capitalista, desejosa de privatizar a propriedade, acabar com o planejamento e estabelecer as relações de mercado. Assim, os trabalhadores deveriam buscar uma via independente.

Apesar dessa diretriz, a organização apoiou o lado pró-capitalista no Golpe de Agosto de 1991. Em breve síntese, o Golpe foi o momento no qual a fração conservadora da burocracia tentou desferir um golpe contra Gorbachov a fim de evitar a assinatura do Tratado de União, que tornaria a URSS uma federação muito mais frágil e menos centralizada. Embora não seja uma percepção compartilhada pelos cliffistas, esta pesquisa considera que o desfecho derrotista do Golpe para a fração conservadora selou o fim da URSS como um Estado operário degenerado, pois empurrou a fração de Iéltsin às rédeas do Estado e abriu as portas para a privatização da propriedade, fim do planejamento e encerramento de numerosos direitos e subsídios que asseguravam à população uma melhor qualidade de vida³¹⁷.

Na edição de 31 de agosto de 1991 do jornal *Socialist Worker*, a organização celebrou o desfecho do Golpe de Agosto como uma vitória para a classe trabalhadora internacional com base na “democracia”, alegando, em primeiro lugar, que as circunstâncias de então

³¹⁶ HARMAN, Chris; TERRY, Simon; ZEBROWSKI, Andy. *Crisis in Eastern Europe – No turning back* [1988b]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1988/07/2-noback.htm> Acesso em 27/07/2024.

³¹⁷ Trata-se de uma posição compartilhada por um pequeno grupo trotskista que, à época, posicionou-se a favor da tendência conservadora da burocracia com a finalidade de preservar a existência do Estado operário soviético, ainda que degenerado. Tal grupo, chamado *International Bolshevik Tendency* (IBT), produziu materiais primordiais sobre o colapso da URSS e sobre o Golpe de Agosto, assim como adotou posicionamentos opostos à contrarrevolução soviética que foram, curiosamente, minoritários entre os trotskistas.

seriam “o começo, não o fim”³¹⁸, e que “[O]s eventos da última semana trouxeram os trabalhadores da URSS mais perto do espírito da revolução socialista de 1917”³¹⁹.

Embora alegasse que Iéltsin não seria um herói e que o seu programa de privatizações não seria defensável, a publicação acaba por considerá-lo mais democrático que os setores stalinistas ao celebrar o evento que selou a vitória do principal representante da ala pró-mercado da burocracia.

De forma complementar, Harman afirmou:

O fracasso do golpe do mês passado foi um revés para os setores [conservadores] da classe dominante que buscam a repressão como uma solução para seus problemas. Todavia, de modo algum isso significou a sua derrota final. [...] Apenas uma minoria de trabalhadores teve a confiança para sair às ruas e fazer greve contra o Golpe. Felizmente, estes enfrentaram uma classe dominante dividida e as suas ações foram suficientes para fazer pender a balança contra aqueles que queriam uma repressão imediata. Nós temos que esperar que uma minoria seja capaz de instalar uma nova confiança na maioria dos trabalhadores nos próximos meses e que passe a ver a necessidade de uma total independência política em relação aos Ieltsinistas³²⁰.

Portanto, percebe-se que o IS/SWP apoiou a restauração do capitalismo, ainda que, segundo a leitura daquele, tivesse apoiado a democratização e a dinamização de uma sociedade capitalista estatal, regida por um regime ditatorial supostamente inferior ao capitalismo de livre concorrência e democrático.

Alex Callinicos, ao escrever sobre a desintegração da URSS no ano posterior, argumenta que esse conjunto de eventos poderia ser considerado como uma genuína revolução social. A eclosão de transformações tão abruptas e convulsivas, alimentadas por mobilizações populares, teriam suplantado o regime stalinista de partido único por uma democracia liberal. Tal última agonia dos regimes do Leste induziu Callinicos a pressagiar que um autêntico marxismo enfim voltaria a ver a luz do dia³²¹.

Na perspectiva desse histórico dirigente, as dificuldades e os desencantos proporcionados pela perestroika haviam originado as primeiras organizações independentes de

³¹⁸ HARMAN, Chris. The beginning, not the end. *Socialist Worker*, 31/08/1991, p. 7 [Tradução nossa].

³¹⁹ COMMUNISM has collapsed – now fight for real socialism. *Socialist Worker*, 31/08/1991, p. 3 [Tradução nossa].

³²⁰ HARMAN, Chris. On the Precipice [1991]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/harman/1991/09/sucoup.htm>. Acesso: 02/08/2024 [s.p.]. [Tradução nossa]

³²¹ Cf. CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, 1992, p. 16, 63-64.

trabalhadores desde o declínio dos soviets após 1917. Assim, em sua obra, são exaltadas algumas organizações, ao exemplo da Federação dos Sindicatos Socialistas Independentes e do Partido Socialista, como expressões de uma autêntica política proletária que estavam a reviver no antigo país dos soviets.

Entretanto, no interior dessa Federação, para além de estratos de direita da *intelligentsia*, estavam organizados os comitês de mineiros. Estes foram os principais aliados que empurraram Boris Ieltsin à presidência da Rússia e que pressionaram, por meio de uma greve geral de dois meses, Gorbachov a negociar um tratado de união que tornava a aderência à URSS um acordo voluntário. Esses comitês cumpriram um importante papel para o último desfecho soviético. Não se tratava de um agrupamento independente, que reivindicava ideias socialistas e o legado de Outubro, mas que defendia a restauração ao capitalismo liderada e abertamente vocalizada por Iélstin. Assim, há uma marca de impressionismo nas interpretações de Harman e Callinicos. Ambas as abordagens contém uma percepção acrítica dos movimentos sociais devido aos componentes de presença popular e de táticas combativas, ao exemplo de greves gerais. Nesse sentido, não há uma análise dos aspectos subjetivos, referentes à consciência, que nortearam essas mobilizações.

O período do colapso soviético incentivou posicionamentos profundamente contraditórios entre os dirigentes do IS/SWP, as posições sempre pareciam procurar peças para se construir no correr dos acontecimentos, ou após a conclusão destes. Desse modo, para não assumirem que uma revolução social em uma formação capitalista teria restaurado o capitalismo, sobretudo em um cenário em que a restauração não havia apresentado nenhum avanço socioeconômico na ex-URSS, Callinicos e, em menor medida, Haynes, enfatizaram o papel da classe trabalhadora como uma agente de pressão na destruição do partido, mas não do Estado. Em outros termos, a revolução teria se mostrado limitada ao registrar o fim do stalinismo, mas não a tomada do poder da classe trabalhadora para si³²². Segundo afirma Callinicos, a partir de algumas reflexões de Harman sobre os movimentos nacionalistas e as divisões da burocracia, não teria havido a tomada do po-

³²² Idem, Ibidem; HAYNES, Mike. Class and crisis – the transition in eastern Europe. *International Socialism*, 2:54, Spring 1992, pp. 45-104.

der do Estado pela classe trabalhadora, pois as burocracias locais teriam manipulado os sentimentos nacionalistas e incentivado as massas a apoiarem a transição para a democracia liberal-representativa³²³. No entanto, assim como em Harman, não há detalhamentos sobre como isso se procedeu.

Com exceção de Harman, que não deixou de celebrar as mobilizações contra o regime, todos os outros expoentes do IS/SWP chegaram a referir-se explicitamente aos eventos do Leste como revoluções, sem necessariamente haver uma explicação para essa avaliação³²⁴. De todo modo, a referência a esses eventos como revoluções parciais, isto é, que teriam destruído o Stalinismo, mas não tomado o poder do Estado, permitiria à organização celebrar o fim do Stalinismo, as ações da classe trabalhadora e, ao mesmo tempo, condenar a fatalidade que então se demonstrava o início da democracia liberal-representativa nos países do Bloco Soviético, com retrocessos sociais e econômicos a plenos olhos.

Ao mesmo tempo, fazia-se necessário ao IS/SWP estabelecer uma contraposição à teoria de Trótski e às organizações trotskistas que avaliavam o colapso soviético como uma contrarrevolução capitalista. Para isso, os referidos dirigentes defenderam que o Estado quase não havia sido tocado, pois o que procedera seria um movimento similar a uma mudança institucional em um mesmo modo de produção³²⁵.

Tomou-se essa posição porque, em primeiro lugar, afirmar que uma contrarrevolução havia ocorrido significaria concordar com o prognóstico de Trótski sobre a possibilidade de uma restauração capitalista em um Estado operário degenerado; de maneira congruente, também envolveria concordar com a existência de uma formação não capitalista precedente. Portanto, esse posicionamento dissiparia os pilares teóricos do IS/SWP.

Tais autores posicionaram-se contra Trótski de diferentes maneiras complementares. Em primeiro lugar, afirmaram que, se a URSS e os seus países congêneres fossem Estados operários, ainda que degenerados, teriam contado com a defesa dos trabalhadores nas

³²³ *Idem, Ibidem.*

³²⁴ Ver *Idem, Ibidem*; CLIFF, Tony. Introduction [1996], *Op. Cit.*, 1988; CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, 1992.

³²⁵ Ver CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1996 e 1999; HAYNES, Mike. *Op. Cit.*, 1992; HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990a; CALLINICOS, Alex. *Op. Cit.*, 1992.

circunstâncias de uma contrarrevolução capitalista situada no próprio Estado³²⁶.

Além disso, Trótski, na década de 1930, teria afirmado que uma derrocada da URSS se desdobraria na forma de uma violenta guerra civil. No entanto, contrapõe-se Harman³²⁷, isso não teria corrido de forma imediata, mas cinquenta e cinco anos depois do prognóstico; e, em vez de uma violenta guerra civil, a URSS se dissipara com poucas e frágeis manifestações em sua defesa, ao exemplo do esquálido Golpe de Agosto de 1991, protagonizado por setores da burocracia³²⁸.

Devido a esses fatores, não teria havido uma contrarrevolução capitalista, mas uma restauração não violenta dentro dos marcos do capitalismo: “[a] *máquina estatal quase não foi tocada em lugar nenhum*”, escreve Cliff em 1996, “[o] *exército soviético, o KGB e a burocracia estatal continuam a existir na Rússia, tal como em muitos de seus equivalentes em outros países*”³²⁹. Nesse sentido, a partir das reflexões de Harman em *Boiling Point*, Mike Haynes, em 1992, afirmou:

As classes dominantes existentes, a fim de manter o núcleo de seu poder, **mutaram de posição**, acomodaram-se ao clima popular, sacrificaram seus representantes mais odiados e se recompuseram para melhor poderem se manter no futuro.[...]

O Estado está sendo desmantelado até certo ponto, o planejamento está dando lugar a um maior controle do mercado, mas o mesmo grupo social, sem suas figuras de proa e a antiga polícia secreta, ainda está no controle. O que se sucedeu [no Estado] **foi o deslocamento parcial da base institucional de seu poder, de um “bolso estatal” para um “bolso privado”**. [...] No entanto, ao contrário daqueles que afirmam que o que estava em jogo era a substituição de um modo de produção socialista ou de uma nova forma de sociedade de classes por uma sociedade capitalista, não há evidências de que tenha ocorrido uma mudança fundamental na natureza da classe dominante. O que chama a atenção é a **pouca mudança que de fato ocorreu**. Demitir um general e promover um coronel dificilmente constitui uma revolução social, assim como vender uma empresa estatal para seus gerentes ou renacionalizá-la com um grupo semelhante de pessoas no poder. Em vez disso, isso sugere que o que está em jogo é uma **transformação interna dentro de um modo de produção, nesse caso, uma mudança na forma de capitalismo, de um capitalismo de Estado forte para um com formas mais mistas de Estado e mercado**³³⁰.

Assim, o comportamento da classe dominante capitalista-estatal teria sido o de “mover-se para o lado” dentro de um mesmo modo de produção, com a finalidade transitar de um

³²⁶ *Idem, Ibidem.*

³²⁷ HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990a.

³²⁸ Ver CLIFF, Tony. *Op. Cit.*, 1996 e 1999.

³²⁹ CLIFF, Tony. Introduction [1996]. *Op. Cit.*, p. 12. [Tradução nossa]

³³⁰ HAYNES, Mike. *Op. Cit.*, 1992, p. 46-47. [Ênfases e tradução nossas]

capitalismo burocrático de Estado para um capitalismo privado de mercado, e isso foi viabilizado pela manipulação da ação revolucionária das massas. Nesse sentido, se antes tal classe dominante se apropriava do lucro por meio do Estado, ela se apropriaria do lucro de forma privada a partir de então³³¹.

Esse não é, entretanto, um caminho coerente de análise. Em primeiro lugar, é uma superficialidade argumentar que não haveria um Estado operário porque os trabalhadores não o teriam defendido. No caso soviético, houve um prolongado desgaste da ideia de socialismo, que, ao final da década de 1980, havia sido tomado como um conceito sinônimo de stalinismo. Esse processo de desgaste, conferido por mais de seis décadas de dominação stalinista, foi ainda intensificado pela derrota das revoluções embrionárias no Leste Europeu, na década de 1950, e pelas consecutivas tentativas fracassadas de reformar o regime. Esse histórico foi fatal para consolidar um apoio popular ao fim do Estado soviético; e a herança repressiva do stalinismo dificultou os grupos de esquerda da URSS a superarem a condição de grupos de reunião.

Aliado a isso, o lugar de classe não determina diretamente a consciência; para isso, há associações, partidos e programas políticos. Essa percepção é um sintoma da própria estrutura organizativa do IS/SWP, notadamente frágil em centralizar posições não somente entre os seus próprios integrantes, mas também entre as suas seções internacionais. Conforme foi possível constatar, os membros da organização, inclusive os quadros dirigentes, tinham posições conflitantes entre si, debatiam-nas em jornais de circulação externa, não encontravam resoluções para as questões em debate e mudavam de posição no calor da hora, sem o estabelecimento de uma revisão explícita da posição anterior. É muito significativo que as duas mais importantes publicações de Tony Cliff, *State Capitalism in Russia* e *Trotskyism after Trotsky*, tenham avaliações contraditórias entre si, como foi o caso da superioridade da URSS e da avaliação sociológica da força de trabalho soviética. Essas contradições não eram resolvidas por essa liderança, mas colocadas aos seus legatários.

Ademais, as principais instituições do Estado soviético foram desmanteladas sem resistência armada porque o projeto de restauração capitalista na URSS já havia consoli-

³³¹ HARMAN, Chris. *Op. Cit.*, 1990.

dado para si um apoio muito consistente dentro e fora da cúpula do regime, de modo que o Golpe de Agosto de 1991 ganhou a forma de última aposta dos defensores do antigo aparelho estatal. Essa possibilidade de setores da burocracia converterem-se em capitalistas já havia sido prevista por Trótski no final da década de 1930. Tal fragilidade da defesa do Estado soviético não elimina o fato de o Golpe de Agosto ter sido o começo de um período de transição ao capitalismo, isto é, o momento de destruição do Estado operário degenerado.

Deve-se mencionar que a burocracia stalinista era um fenômeno historicamente novo, não se constituía como um bloco de interesses unificados, mas com interesses imediatistas de consumo e serviços, dotado de posições extremamente instáveis na produção e que também não era capaz de ter para si um projeto societário independente. Não obstante, o regime desse grupo social não se estabelecia sobre um capitalismo ou sobre uma democracia socialista, mas sobre um planejamento burocraticamente centralizado, marcado por desequilíbrios, desperdícios e incapaz de se manter a longo prazo.

Portanto, quando ficou evidente que a URSS não superaria os desdobramentos das reformas, amplas seções da burocracia aderiram a um projeto societário capitalista. Por meio das fissuras abertas pelas reformas de Gorbachov para a privatização de setores da economia, diversos membros da burocracia, independentemente de terem sido conservadores ou reformistas, mobilizaram-se para ter empresas; inicialmente, isso foi feito por meio de cooperativas nas quais a propriedade era conjunta, mas isso veio a mudar. Devido a esse precedente, foi possível emergir ao poder do Estado, após a derrota do Golpe de Agosto, uma fração de classe, propriamente dita, determinada a impôr as relações de propriedade necessárias à reprodução do capitalismo de forma eficiente, pois o regime, a partir de então, não mais estaria em contradição com a reprodução da propriedade privada. Não fortuitamente, imediatamente após o Golpe, Iéltsin e sua equipe de economistas promoveram dois planos de privatização de ampla escala que venderam o que restava da economia estatal, acabaram com os subsídios de milhares de itens, liberaram o controle político sobre os preços – conduzindo à inflação –, procederam com uma grande desindustrialização do país e substituíram, por meio de uma série de outras medidas, o

planejamento estatal por uma economia de mercado.

A presença de antigos quadros pertencentes à burocracia no então novo Estado em nada invalida o argumento de que houve a adesão desses setores a um novo projeto societário, que, para ser efetivamente implementado, teve como condição a destruição da economia planejada e o dramático declínio das condições de vida da classe trabalhadora. Esta, após o colapso, sofreu abruptamente com a queda da expectativa de vida, direitos sociais, aumento da mortalidade infantil, desemprego, desindustrialização, inflação, criminalidade e uma piora na dieta de alimentos.

4.6 Conclusão

É significativo que as avaliações do IS/SWP, no calor dos acontecimentos, modificavam-se, e as posições precedentes não eram revisitadas. Nota-se que a teoria não explicava os fatos, mas modificava-se com o fato já consumado, ou prenunciado. Houve ainda questões que não encontraram uma resolução explicativa até os presentes dias, como foi o caso da avaliação sociológica da força de trabalho soviética. As diretrizes políticas do IS/SWP também não se mostraram progressivas ao socialismo, uma vez que orientaram o apoio a movimentos restauracionistas no Leste Europeu. Não é fortuita a causa para essas ações. O objetivo da teoria em que se baseavam era proteger a organização das pressões às quais estava sujeita por meio de um artifício de sofisticação e de intransigência radical ao stalinismo.

Ao longo da existência da União Soviética, as esquerdas da Europa e dos Estados Unidos sofriam uma pressão para posicionarem-se em relação a essa formação socioeconômica, algo que não se manifestava com tanta intensidade na América Latina. No caso das primeiras localidades, a defesa ou a contrariedade a esse modelo societário pautava os programas políticos das organizações comunistas, sobretudo vinculadas ao trotskismo ou às unidades nacionais dos Partidos Comunistas.

Assim, o IS/SWP diferenciava-se dentro da esquerda britânica em função da sua contrariedade irreduzível à URSS, da avaliação sociológica que propagava, a qual era norteadada pela percepção de que só haveria Estado operário sob o controle político das massas, e,

por fim, devido à sua composição prioritariamente integrada por intelectuais acadêmicos. Dentro da organização, formava-se uma pressão para se opôr ao stalinismo de modo intransigente e por uma via de esquerda, diferenciando-se, portanto, do espectro político da direita, mas também do trotskismo, pois este entendia que havia ganhos sociais a serem preservados na URSS, ao exemplo dos pilares da economia planejada e nacionalizada e do monopólio do comércio exterior. Esse reconhecimento poderia envolver a defesa do regime stalinista em circunstâncias muito específicas de ataque imperialista e de restauração capitalista. Por outro lado, os cliffistas argumentavam que não havia nada de relevante na URSS a ser defendido pelos trabalhadores. Com base nos argumentos expostos, percebe-se que essa oposição ao stalinismo deveria ser feita de modo a permanecer com essa base intelectualizada, e aqui estava a utilidade da teoria do capitalismo de Estado.

Não fortuitamente, os documentos do IS/SWP eram escritos de modo sofisticado, eventualmente com muitas citações, variadas referências teóricas e a revista da organização (*International Socialism Journal*) era integrada por longos artigos sobre teoria. Notava-se um esforço da organização em formar intelectuais próprios, como foi o caso de Harman, Hallas, Michael Kidron, entre muitos outros. Apesar de transparecer uma sofisticação, sobretudo semântica, a teoria do capitalismo de Estado não conseguia fornecer explicações consistentes sobre a dinâmica de reprodução da URSS e das sociedades do Leste, e a recepção de críticas em torno desse tema não era em nada lisonjeira, uma vez que estas poderiam figurar como uma ameaça à preservação da principal base partidária.

Desde o fim da URSS, a teoria do capitalismo de Estado não possui mais a centralidade que já teve no IS/SWP, mas fundamenta a posição da organização sobre não defender o Estado cubano, nem o lado dos Estados Unidos, mas a ação independente dos trabalhadores. Isso não estaria errado, mas o IS/SWP não se propõe a defender a preservação das estruturas de planejamento da economia e as formas de propriedade nacionalizadas e coletivas da ilha caribenha.

Devido à oposição fervorosa contra Mandel e a sua defesa da teoria de Trótski após sua releitura sob o fio do pablismo, Cliff e os seus buscaram em uma teoria contraditória uma forma de se opor a Mandel e à maioria da Quarta Internacional. Contudo, após o

falecimento deste, o silêncio do SU sobre a restauração e o próprio fim da URSS, a teoria deixou de ser um elemento de identidade para os cliffistas.

Conclusão

As análises de Leon Trótski forneceram instrumentais importantes para compreender as dinâmicas de funcionamento e desfechos possíveis que se colocam às sociedades de transição entre capitalismo e socialismo, e por isso ainda expressam uma pertinência atual. Ao avaliar a URSS como uma formação híbrida, de caráter dual e contraditório, que estava submetida a um regime bonapartista adverso ao capitalismo e à democracia proletária, Trótski constatou, primeiramente, que seria uma questão de tempo até o avanço ao socialismo ou o retrocesso ao capitalismo se colocarem na ordem do dia, e que a burocracia muito bem poderia ser o veículo dessa contrarrevolução e beneficiar-se dela.

Na atualidade, são questões que se colocam, com ênfase ainda mais destacada, à China e à Cuba, uma vez que o desmembramento do planejamento central, por meio de aberturas à propriedade privada, abrem portas ao desemprego e aos cortes de subsídios e de benefício sociais, sem em nada beneficiar a classe trabalhadora. Tal desmonte vem de uma burocracia cada vez mais interessada em se tornar proprietária de meios de produção. Ao mesmo tempo, não há organizações revolucionárias que se apresentem suficientemente fortes, mas setores crescentes da classe trabalhadora que observam o capitalismo como saída possível ao regime burocrático situado nessas localidades. Assim, uma das questões mais marcantes pela qual Trótski lutou em vida se repete nos Estados operários degenerados existentes, e a construção de uma liderança alternativa ao capitalismo e ao stalinismo ainda se apresenta como uma demanda necessária e urgente. Por esses motivos, o estudo sobre a desintegração soviética e os posicionamentos políticos em torno desse evento em muito responde a problemas atuais e revela o que deve ser valorizado e evitado em termos de programa político para os revolucionários na luta pela transição ao socialismo.

No caminhar desta pesquisa, observou-se que as análises de Trótski sobre a burocracia e a URSS foram um referencial fundamental para os autores analisados, fosse para

acordos, fosse para discordâncias. No entanto, ainda que eventualmente, como foi o caso de Ernest Mandel, as diferenças em relação à matriz original não eram explicitadas nas publicações, tornando o acompanhamento de suas posições ao longo do tempo uma tarefa fundamental para identificá-las. Em contraponto, no caso de Tony Cliff, as diferenças eram prontamente localizadas, o que tornava a figura de Trótski um alvo constante de diferenciação teórica por parte do autor palestino e de seus adeptos.

Uma das principais questões que mobilizou esta pesquisa foi o fato de Cliff e Mandel serem ativistas contemporâneos na Quarta Internacional, adeptos de teorias distintas sobre a URSS e o stalinismo, mas ambos se posicionaram de forma similar no colapso da União Soviética; isto é, apoiaram-no, interpretaram que uma revolução estaria em curso e, ainda que em diferentes formas e proporções, apoiaram os setores liberais da burocracia que lideraram a restauração capitalista, assim como negaram que tal restauração havia ocorrido.

Interpretamos que somente a diferença estritamente teórica sobre a União Soviética não seria suficiente para explicar essa confluência entre abordagens tão distintas e opostas, pois uma avaliação correta sobre um Estado não diretamente resulta em uma posição política favorável ao socialismo. A resposta, por conseguinte, deveria se localizar no que ambos mais celebraram como paradigma de revolução: as mobilizações das massas por direitos democráticos. As contestações de uma sociedade se associam ao tema dos sujeitos políticos e sociais de uma revolução e essa era uma questão muito presente nas discussões da Quarta Internacional sobre o stalinismo, a URSS e o Leste Europeu nas décadas de 1940 e 1950, precisamente quando Mandel e Cliff compartilharam a atuação política.

Devido a isso, retornamos ao período da crise do trotskismo para compreender a percepção que tinham sobre essas temáticas e se haveriam possíveis comparações ao contexto de reformas e desintegração da URSS. Isso foi feito de forma sintética e panorâmica no segundo capítulo, no qual foram traçadas as origens e as marcas primordiais das tendências lideradas por tais autores, o “cliffismo” e o “mandelismo”, as quais se mantiveram nas décadas subsequentes.

No segundo capítulo, situamos o contexto da crise nas discussões sobre a caracterização do Leste Europeu e o rompimento entre o PC iugoslavo e o PCUS, ocorrido em 1948. Inicialmente, Mandel adotara uma posição inicialmente considerada “ortodoxa”, mas logo aderiu à diretriz programática de Michel Pablo, que se tornou em seguida uma maioria na Quarta Internacional, sobrepondo a chamada ala “ortodoxa”. Segundo essa proposta, em breves termos, o papel dos partidos trotskistas seria o de exercer pressões sobre forças sociais consideradas potencialmente revolucionárias, na expectativa de conduzi-las a aplicar o programa socialista. Assim, não seriam os trotskistas a direção do proletariado, mas a força de suporte a outros sujeitos sociais não necessariamente afeitos ao socialismo, como a pequena-burguesia, o campesinato e a burocracia, sem aplicar sobre estes nenhuma diferenciação interna.

Verificamos a primeira manifestação dessa postura em Mandel, no momento de ruptura entre Tito e Stálin, em que aquele, ao caminhar para uma independência em relação a Moscou, passou a ser visto como uma liderança centrista, potencialmente revolucionária e antistalinista; em complemento, a própria Iugoslávia foi vista como um pleno Estado operário. Contudo, anteriormente, Mandel havia interpretado Tito, a Iugoslávia e o Leste Europeu de forma completamente inversa, como uma figura pertencente a uma classe dominante, e o país, como um capitalismo de Estado; a URSS, enquanto isso, era um Estado operário degenerado. O rompimento com Stálin, da parte de Tito, foi o elemento central para que houvesse tal inversão conclusiva.

Interpretamos, a partir das fontes primárias e secundárias que consultamos, que a causa para essa mudança foi a situação de dificuldade em que se encontrava a QI para se reconstruir, crescer e se tornar significativa nas lutas da classe trabalhadora, principalmente diante da constatação de que o capitalismo não sucumbiria às próprias contradições no pós-guerra e que o stalinismo ganhava plenas forças. Nessas circunstâncias, com a QI ainda envolta por uma renovação geracional, construir um partido de vanguarda mundial, independente e centralizado seria particularmente desafiador e demorado, e a proposta de Pablo encurtava essa travessia ao propor o entrismo *sui generis* e o apoio dos trotskistas a forças alternativas e aos movimentos de massa. Os trotskistas poderiam ter uma prospec-

ção de crescimento mais palpável se seguissem para onde os ventos soprassem, e ainda se mantendo no prisma contrário ao stalinismo e ao capitalismo.

A tendência de Ernest Mandel em adotar posicionamentos contraditórios, procedendo com câmbios repentinos, adveio desse contexto. Essas mudanças não se davam de forma espontânea, mas em momentos nos quais novas forças políticas não afinadas com o socialismo emergiam contra o stalinismo ou realizavam ações parciais de superação do capitalismo, como, por exemplo, a expropriação de classes dominantes. Essa tônica, que pode ser chamada de “centrista”, teve como resultados objetivos a própria origem do Secretariado Unificado em 1963, organização da qual Mandel foi o mais importante representante, mas também a própria avaliação de Mandel sobre o colapso, conforme será mencionado.

Para além das marcas da crise da QI e da influência do pablismo, deve-se considerar também o fato de o SU ter sido a maior organização trotskista da Europa continental. Embora não fosse uma internacional centralizada, o partido estava inserido nos movimentos de juventude e sindicais, espaços esses muito sujeitos à influência do reformismo e da socialdemocracia. Essas influências do meio social exerciam pressões sobre a atuação do partido e influenciava seus revisionismos.

Em oposição a Pablo, a Mandel e aos “ortodoxos”, surgiu a resposta de Tony Cliff, a qual, contrariamente ao que defende tal autor e o dirigente Alex Callinicos, não foi a única e mais consistente resposta ao pablismo na QI³³². O militante palestino chegou à Inglaterra com a finalidade de defender no interior do RCP inglês a posição da direção da Quarta Internacional sobre o Leste Europeu, segundo a qual este seria integrado por formações capitalistas, enquanto a URSS permaneceria como um Estado operário degenerado. Cliff, entretanto, observa tantas similaridades entre essas formações que, no traçar de sua contrariedade às propostas de Pablo e à avaliação “ortodoxa” da conjuntura, estendeu a avaliação sobre o Leste Europeu à URSS, produzindo uma releitura singular sobre a experiência nascida em 1917. Para o palestino, o fato de haver diferença de avaliação para localidades tão similares indicava um problema na própria teoria do Estado operário

³³² Cliff, em *Trotskyism after Trotsky* (1999), e Callinicos, em *Trotskyism* (1990), colocam-se como a única tendência a se opor a Pablo, desconsiderando a existência do CI-QI, do RCP e da tendência Vern-Ryan. Para ler mais sobre isso, recomendamos a dissertação de Monteiro (2016).

degenerado, o que mobilizou Cliff a defender que os trotskistas deveriam superá-la a fim de manter esse movimento político relevante³³³.

Identificamos que Cliff partia de diferentes premissas. Primeiramente, o stalinismo – que também incluía a figura de Tito – seria um fenômeno intrinsecamente contrarrevolucionário; isto é, as expropriações e nacionalizações promovidas por suas lideranças no Leste não poderiam conferir uma transformação da natureza social de um Estado. Essa conceituação conduzia a uma segunda premissa, isto é, de que tal transformação deveria ser primeiramente política, e não econômica. Segundo Cliff, para as massas serem a classe economicamente dominante, elas deveriam estar no controle político, e apenas elas poderiam realizar e liderar revoluções. Apenas dessa forma haveria uma formação transitória entre capitalismo e socialismo, ou um Estado operário. Assim, em resumo, a transformação das estruturas econômicas seria secundária, e o caráter revolucionário pertenceria às massas, e não a nenhuma outra liderança.

Embora Cliff não seja claro sobre o papel dos trotskistas, não identificamos nas fontes qualquer menção à necessidade de haver um partido revolucionário como liderança das massas, apenas que os trotskistas teriam como tarefa apoiarem essas mobilizações contra o stalinismo e a este se oporem, sob o argumento de que as formações da URSS e do Leste Europeu seriam variantes capitalistas estatais. O resultado dessa postura seria uma posição de terceiro campo, nem favorável à URSS, nem ao chamado “capitalismo ocidental”, atribuindo um papel vago e simplista ao trotskismo, movimento ao qual Cliff se dizia adepto. Segundo a nossa percepção, tal ênfase sobre as massas, com uma definição muito vaga e pouco presente nos documentos sobre o sujeito político, resultou no impressionismo do IS/SWP em relação às mobilizações sociais do Leste Europeu e da URSS na década de 1980.

Além disso, o IS/SWP era uma organização numericamente relevante na esquerda anglo-saxã no período de 1960 a 1980. A sua base era principalmente integrada por uma intelectualidade progressista inglesa, com quadros acadêmicos, mas bastante avessa à URSS. Isso explica a forte dedicação do partido em produzir seus quadros intelectuais

³³³ CLIFF, Tony. *Trotskyism after trotsky*. London: Bookmarks, 1999, p. 15-20.

e em atribuir à teoria que os distinguia no período uma aparência altamente sofisticada. A essência de sua base também foi um fator importante para determinar a oposição intransigente do partido ao stalinismo e à sobrevivência da URSS, assim como para fazê-lo apoiar as massivas mobilizações do período.

A principal característica do chamado “mandelismo” foi o trânsito entre uma postura de ceticismo e oposição para um apoio a reformas e forças sociais alternativas. No capítulo 3, sobre Ernest Mandel, vimos que o dirigente interpretou com contrariedade e ceticismo as reformas e a liderança de Gorbachov. Sua avaliação inicial foi que as reformas eram coercitivas, administrativas, abstratas e limitadas, assim como o secretário geral pertencia a uma camada mais lúcida da burocracia sobre os problemas econômicos, mas que não era, de fato, um reformista. Enquanto sustentou essa posição, até o início de 1988, Mandel e outros quadros do SU defenderam que a única saída para a crise soviética seria a gestão democraticamente centralizada da economia sob o controle dos próprios trabalhadores, a abolição da *nomenklatura*, a eliminação do monopólio do poder político da burocracia, a introdução do pluralismo político e a legalização dos partidos e demais agrupamentos sociais, demandas as quais remetiam a uma revolução política no sentido trotskiano, uma vez que significavam uma ruptura revolucionária com o estrato no poder.

No entanto, após as manifestações na Armênia e o caso de Nina Andreeva, Mandel repentinamente mudou a sua posição inicial, de modo que começou a afirmar que uma “desestalinização” estaria em curso. Diferentemente no ano anterior, tal termo não mais era empregado entre aspas, para remeter a uma mudança de postos e remoção de quadros sob Gorbachov, tal como Kruschov havia tentado promover, mas a uma “revolução política” esteada na ampliação da *glasnost*, isto é, da liberdade de expressão, reabilitação de antigos bolcheviques e publicação de antigas obras proibidas. Nesse movimento, a própria figura de Gorbachov começou a ser enaltecida como uma engrenagem importante da desestalinização, e as reformas econômicas do programa da *perestroika*, antes tão criticadas, passaram a ser defendidas como uma necessidade elementar para solucionar os problemas de estagnação econômica, chegando ao ponto de o autor minimizar as diferenças entre planejamento e mercado.

O caso de Nina Andreeva foi particularmente marcante porque anunciou a olhos públicos que uma disputa intraburocrática se desdobrava, e que os setores conservadores, mais determinados a preservar o ordenamento soviético conforme se encontrava, eram amplamente atacados nos veículos de imprensa. A partir disso, Mandel chegou a prestar elogios a setores abertamente pró-capitalistas, aos exemplos de Iéltsin e Sakharov, e a considerar que as mobilizações sociais do período, contra o stalinismo, reforçavam que uma revolução política estaria em curso, em direção ao socialismo. O que estava norteadando essa percepção era que o setor reformista da burocracia, submetido à pressão das massas, seria um aliado dos socialistas na luta contra o stalinismo e a favor da democratização socialista. O caminho subsequente de Mandel foi apoiar o contragolpe de Iéltsin em 1991, e negar que uma contrarrevolução capitalista havia se sucedido, com base em argumentações objetivistas, ao exemplo de que a classe trabalhadora não seria capaz de apoiar a restauração por saber que o capitalismo seria mais danoso às suas condições de existência, e que a burocracia também não veria vantagem em apoiar esse processo por ir contra as bases materiais de seus privilégios; isto é, Mandel não considerou a possibilidade de a burocracia converter-se em burguesia diante do cenário econômico estabelecido.

Portanto, ainda que reivindicasse quase todos os pilares da teoria de Trótski sobre a URSS e o stalinismo, a diretriz de pressionar forças alternativas à esquerda conduziu Mandel a não conceber, na prática, a revolução política como uma ruptura revolucionária contra a burocracia conduzida por uma liderança partidária revolucionária, tal como defendia Trótski. Para o dirigente belga, assim como para o SU, a transição ao socialismo poderia ser conferida por meio de reformas democráticas promovidas por forças sociais até mesmo oponentes ao proletariado, submetidas a pressões dos trotskistas e das massas. Assim, a divergência fundamental e não explícita entre Mandel e Trótski estava na interpretação da revolução política, um dos componentes da teoria do revolucionário russo, e tal diferença também os separou no âmbito de defender incondicional e militarmente os Estados operários burocratizados frente a uma ameaça de contrarrevolução. Ao final do capítulo, foram feitos apontamentos críticos sobre o fato de Mandel não ter reconhecido que a chegada ao poder de Iéltsin, o desmonte do partido e o espólio da propriedade na-

cional significavam uma restauração capitalista. Enquanto se desdobrava esse processo, Mandel continuava a defender a perestroika e a independência das repúblicas, colocando a questão nacional acima da sobrevivência de Estados operários.

Por outro turno, a percepção do stalinismo como uma força irredutivelmente contrarrevolucionária e o pressuposto do controle político das massas como um critério para não haver capitalismo, no lugar das formas de propriedade e da trajetória do poder político, fizeram Tony Cliff e outros importantes dirigentes do IS/SWP, nominalmente Chris Harman, Alex Callinicos e Mike Haynes, se oporem ao conjunto da teoria do Estado operário degenerado. Tal conjunto, ademais, envolvia as ideias de revolução política e de defesa incondicional da URSS, e a forma com a qual o cliffismo traçou a sua oposição foi dada com a teoria do capitalismo de Estado.

No capítulo dedicado à percepção do cliffismo, concluiu-se que a teoria sustentada por Cliff não era, de fato, uma teoria, assim como a sua singular revisão histórica feita para sustentá-la não comprovava que a força de trabalho e os meios de produção haviam se transformado em mercadoria, assim como não evidenciava que a URSS seria prioritariamente regida pela lei do valor.

A teoria do capitalismo de Estado foi um caminho de diferenciação do cliffismo em relação ao pablismo, a Mandel – antes e depois de sua conversão – e a Trótski. Após o fim da URSS, à morte de Mandel – principal continuador de Pablo – e devido ao silêncio duradouro do SU sobre a restauração capitalista, essa teoria deixou de ser um elemento de identidade diferencial do cliffismo.

Essa percepção, devido ao esforço do IS/SWP em formar quadros intelectualizados e ter em suas fileiras importantes integrantes acadêmicos, fornecia uma transparência de sofisticação a fim de preservar essa base de militantes que se opunha ao capitalismo, mas que era também hostis ao stalinismo em vigor nos Estados operários em geral. O fato de a teoria ter proporcionado uma maior possibilidade de unidade entre seus militantes não significa que a adesão a ela não fosse genuína da parte dos setores da direção e da base, mas assegurar a sua consistência foi um elemento importante para os dirigentes do partido no período entre 1960 e 1980, quando havia a oposição do mandelismo e a vigência da

URSS exercendo pressões sobre os grupos europeus.

No entanto, a despeito de apresentar sofisticação, foi identificado que a teoria se modificava a depender dos acontecimentos, sem a ocorrência de debates internos e de reavaliações públicas. Na pesquisa, entre as mudanças que identificamos, uma particularmente significativa foi a da consideração sobre o capitalismo de Estado – ou a URSS, nominalmente – ser um estágio inferior ou superior do modo de produção capitalista. Em 1988, quando já estava evidente que a URSS não superaria a crise que vivenciava, sobretudo após o despertar das mobilizações nacionalistas e da intensificação das reformas, o IS/SWP deixou de observar a URSS como uma variante superior, tal como defendido por Cliff desde a década de 1940, e passível de superar as condições colocadas por meio de reformas – ainda que estas não fossem defendidas –. A partir de então, a URSS passou a ser considerada como um capitalismo inferior e mais opressor do que a variante ocidental, incapaz de superar a crise por meio de reformas; ademais, a glasnost foi celebrada, ainda que com apontamentos críticos, como um meio que poderia viabilizar revoluções, e as contestações nacionais foram vistas e apoiadas como revoluções sociais em curso. Em subsequência, houve o apoio à derrota do Golpe de Agosto como o início, e não o fim, de um caminho mais democrático para a luta socialista. A teoria do capitalismo de Estado foi utilizada a fim de defender o que se observava ser um capitalismo mais opressor e menos desenvolvido, do ponto de vista técnico, do que a variante ocidental, que seria mais interconectada e mundializada.

Após o desfecho do colapso, quando se evidenciou que a Rússia e as localidades do Leste vivenciavam uma crise sem precedentes, houve posições muito contraditórias no interior do IS/SWP. Aceitar que não havia ocorrido uma revolução significaria afirmar que uma contrarrevolução ganhara lugar e, conseqüentemente, que uma outra forma de organização socioeconômica existira; além disso, as novas condições das mencionadas localidades tampouco habilitavam afirmar que uma transformação positiva havia se estabelecido. Assim, para celebrar o papel das massas contra o stalinismo, o partido continuou a afirmar que uma revolução ocorrera, mas que foi limitada por não ter tomado o Estado, e, ao mesmo tempo, defendeu-se que o Estado quase não havia sido tocado, apenas havia

se desdobrado uma mudança institucional, passando de um capitalismo estatal para um de tipo privado. Criticamos essa posição sob o argumento de que o Golpe levou ao poder do Estado uma seção da burocracia determinada a estabelecer as condições para a instauração e reprodução do capitalismo, de modo que não somente a união das repúblicas deixou de existir, mas que o partido e o planejamento foram eliminados a fim de se proceder com a privatização da propriedade; ou seja, os pilares da economia nacional foram destruídos, e isso não ocorre somente com uma mudança institucional, uma nova classe precisa ascender.

No entanto, em contraste ao IS/SWP e ao SU, houve organizações trotskistas que adotaram avaliações e posições corretas e em maior conformidade com os pressupostos teóricos Trótski, como foi o caso, por exemplo, da Tendência Bolchevique Internacional (TBI).

Sem entrar em minúcias sobre a sua história, pois não foi uma organização analisada nesta pesquisa, a TBI pertenceu à chamada tradição espartaquista do trotskismo. Esta se originou no início da década de 1960, quando a Tendência Revolucionária, pertencente ao SWP dos EUA, foi expulsa de tal organização após nutrir divergências acerca da interpretação da Revolução Cubana e se opôr à fundação do SU.

Em 1987, quando as reformas se aprofundavam, a TBI se posicionava criticamente em relação à perestroika, à glasnost e à política externa de Gorbachov ao afirmar que tais reformas fortaleceriam as tendências existentes para uma restauração capitalista na sociedade soviética, e que não tardaria para que as contradições entre mercado e planejamento começassem a colidir internamente:

Os trabalhadores que obtêm sua renda diretamente dos lucros de sua “própria” empresa tenderão a ver seus interesses ligados à sua companhia, e não à economia como um todo. Aqueles empregados em empresas que obtêm bons resultados entrarão em conflito com outros setores da classe trabalhadora que atuam em fábricas subcapitalizadas ou mal administradas, incapazes de competir. O crescimento de pequenos agricultores produzindo para o mercado fornecerá outro ponto de apoio social para aqueles que desejam um retorno irrestrito à “liberdade” do mercado. Ainda mais perigosa é a proposta de romper o monopólio estatal do comércio exterior e permitir que empresas estabeleçam seus próprios vínculos com corporações estrangeiras. Os milhões de fios conectando empresários soviéticos a seus equivalentes internacionais e atando empresas individuais às flutuações da economia capitalista mundial só dariam

mais impulso às forças da contrarrevolução³³⁴

As reformas não seriam uma restauração capitalista por si mesmas, mas minariam as forças de uma economia já severamente enfraquecida por décadas de ditadura burocrática. Dessa forma, as reformas aproximavam a sociedade soviética do perigo de uma contrarrevolução social por forças decididas a realizá-las de forma mais abrangente: “As *“reformas” de Gorbachev representam um grande passo no sentido de estender as normas burguesas (isto é, a operação irrestrita da lei do valor) às relações de produção.*”³³⁵.

Por mais que a burocracia tentasse resolver o problema de crescimento da economia, a real solução para o incentivo à produção e ao desenvolvimento produtivo, como um todo, seria os próprios trabalhadores terem o controle da produção. Ao seguir essa condução de raciocínio e salientar detalhes sobre os problemas de desequilíbrios da economia soviética conferidos pela burocracia, o grupo enfatiza, a partir de Trótski, como seria elementar uma ruptura com o regime, conferido pela revolução política:

A única resposta historicamente progressista para a crise da economia soviética é a participação direta dos produtores na elaboração do plano e, em seguida, na verificação e controle de sua implementação. [...] Mas a democracia soviética significa a derrubada do poder político da burocracia pela classe trabalhadora — ou seja, uma revolução política³³⁶.

Nos anos subsequentes, essa posição não mudou. A organização foi duramente crítica aos partidos de Mandel e Cliff e teve o importante mérito de reconhecer que o Golpe de Agosto representava um momento paradigmático para a sobrevivência do Estado operário burocratizado da URSS, e agiu corretamente ao defender que seria necessário tomar crítica e momentaneamente o lado dos setores conservadores que tentavam assegurar a existência da URSS e de suas instituições fundamentais³³⁷. Embora a vitória dos conservadores não fosse eliminar os riscos de restauração, garantiria mais tempo de vida a tal formação e também para mobilizar forças e organizar a classe trabalhadora em prol

³³⁴ GLASNOST and ‘Market Socialism’ - Whither Gorbachev’s USSR? [1987]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no4/no04gorb.html> Acesso: 02/05/2025 [s.p.].

³³⁵ *Idem, Ibidem..*

³³⁶ *Idem, Ibidem.*

³³⁷ COUNTERREVOLUTION Triumphs in USSR Defend Soviet Workers Against Yeltsin’s Attacks! [1991]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no11/no11crev.html> Acesso: 02/05/2025.

de uma revolução política³³⁸. Assim, em nenhum momento a TBI considerou apoiar os reformadores ou as reformas como saída para assegurar a transição socialista, mas seu reduzido tamanho e recursos a impediram de exercer uma liderança ou influência efetiva sobre a classe trabalhadora dentro ou fora da URSS.

Assim, concluímos que Mandel, Cliff e suas respectivas organizações não se posicionaram corretamente frente a desintegração soviética, assim como as suas interpretações sobre o stalinismo e a URSS nutriam diferenças importantes em relação à matriz de Trótski, exposta no primeiro capítulo deste trabalho. Embora não tenha sido viável apresentar a trajetória e a percepção da TBI sobre o colapso, consideramos que foi a organização que melhor compreendeu e se posicionou diante dos acontecimentos a partir das formulações de Leon Trótski, contribuindo para atualizá-las e testá-las diante dos acontecimentos.

³³⁸ EASTERN European Regimes Implode Death Agony of Stalinism [1990]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no8/no08east.html> Acesso: 02/05/2025.

Bibliografia

Introdução:

CLIFF, Tony. *Trotskyism after trotsky*. London: Bookmarks, 1999, p. 15-20.

COUNTERREVOLUTION Triumphs in USSR Defend Soviet Workers Against Yeltsin's Attacks! [1991]. Disponível em:

<https://www.bolshevik.org/1917/no11/no11crev.html>. Acesso: 02/05/2025.

EASTERN European Regimes Implode Death Agony of Stalinism [1990]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no8/no08east.html>. Acesso: 02/05/2025.

GLASNOST and 'Market Socialism' - Whither Gorbachev's USSR? [1987]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no4/no04gorb.html>. Acesso: 02/05/2025 [s.p.].

LINDEN, Marcel van der. *Western Marxism and the Soviet Union A Survey of Critical Theories and Debates Since 1917*. Leiden, Boston: Brill, 2007.

MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes Monteiro. *Stalinismo, revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a teoria do Estado operário burocratizado aplicada ao bloco soviético (1953-91)*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

TROTSKY, Leon. *Programa de Transição*. São Paulo: Sundermann, 2008.

Capítulo 1: Estado operário e stalinismo: precedentes conceituais sobre a interpretação de Leon Trótski sobre a União Soviética e a ditadura da burocracia

ANDERSON, Perry. *A interpretação de Trotski acerca do stalinismo*. Traduzido por Morgana Romão. Blog Lavrapalavra, 16/08/2017. Disponível em: <<https://lavrapalavra.com/2017/08/16/a-interpretacao-de-trotsky-acerca-do-estalinismo/>>.

Acessado em: 16/08/2024.

BROUÉ, Pierre. *A Revolução Espanhola 1931-1939*. São Paulo: editora perspectiva, 1992.

BUBIS, Mordecai Donald. *The Soviet Union and Stalinism in the Ideological Debates of American Trotskyism (1937–51)*. Tese (Doutorado em Ciência Política). Londres: London School of Economics and Political Science, 1985.

CASANOVA, M. *Espanha Abandonada – como Estaline abriu as portas a Franco*. Lisboa: Antídoto, 1977.

DEUTSCHER, Isaac. *Stalin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 254–256.

FERNANDES, Luís. *URSS – Ascensão e queda*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

FIELD, Mark G. “Allocation of Medical Personnel: The Administrative Solution“. In: *Doctor and Patient in Soviet Russia*. Cambridge: Harvard University Press, 1957, pp. 77–97.

FILTZER, Donald. *Soviet workers and late Stalinism: Labour and the restoration of the Stalinist system after World War II*. Cambridge University Press, 2002, p. 1–12.

GUSEV, Aleksei. The Bolshevik-Leninist Opposition and the Working Class, 1928–1929. In: FILTZER, D. et al. *A Dream Deferred: New Studies in Russian and Soviet Labour History*. Bern: Peter Lang, 2008.

ISAACS, Harold. *The Tragedy of the Chinese Revolution*. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/writers/isaacs/1938/tcr/>>. Acesso: 26/06/2025.

KUN, Miklós. Trotsky e o movimento clandestino anti-estalinista nas décadas de 1920 e 1930. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

LENIN, Vladímir. *Estado e revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LENIN, Lênin. *Últimos escritos e diário das secretárias*. São Paulo: Sundermann, 2012.

MARIE, Jean-Jacques. *Stalin*. São Paulo: Babel, 2011.

MARNIE, Sheila. Employment and the reallocation of labour in the USSR. In: ÄSLUND, A. (ed.). *Market Socialism or the Restoration of Capitalism?*. International Council for Central and East European Studies. Cambridge University Press, 1991, p. 145–171.

MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944–1963)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. Origens dos privilégios dos apparatchiks na URSS. In: NOVOA, Jorge. *História à deriva: um balanço de fim de século*. Salvador: UFBA, 1993.

PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. *O Novo Curso: prólogo da tragédia*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. *O nascimento da partidocracia*. In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

RICCI, Francesco. *A atualidade de um partido de tipo bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2017.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto.

RUBIN, Isaak. *A teoria marxista do valor*. São Paulo: Editora Polis, 1987.

PRADO, Carlos. A burocratização, Stálin e a luta da Oposição contra a degeneração do partido Bolchevique (1922–24). *Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, v. 23, n. 2, ano XII, nov. 2017, p. 152–175.

- SCHROEDER, Gertrude. Managing Labour Shortages in the Soviet Union. In: ADAM, J. (ed.). *Employment Policies in the Soviet Union and Eastern Europe*. Palgrave Macmillan, London, 1987, p. 3–25.
- TICKTIN, Hillel. The Class Structure of the USSR and the Elite. *Critique: Journal of Socialist Theory*, v. 9, n. 1, 1978, p. 37–61.
- TICKTIN, Hillel. The political economy of class in the transitional epoch. *Critique*, 20(1), 1993, p. 7–25; idem. The contradictions of Soviet Society and Professor Bettelheim. *Critique: Journal of Socialist Theory*, v. 6, n. 1, 1976, p. 17–44.
- TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. Lisboa: Antídoto, 1977.
- TROTSKY, Leon. *O novo curso*. São Paulo: Usina Editorial, 2023.
- TROTSKY, Leon. *Stálin, o grande organizador de derrotas*. São Paulo: Iskra, 2020.
- TROTSKY, Leon. *The Workers' State, Thermidor and Bonapartism* [1935]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1935/02/ws-therm-bon.htm>. Acesso: 17/08/2024.
- TROTSKY, Leon. *O programa de transição*. São Paulo: Sundermann, 2008.
- TROTSKY, Leon. *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011.
- TROTSKY, Leon. *The Class Nature of the Soviet State* [1933]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/trotsky/1933/10/sovstate.htm>. Acessado em: 17/08/2024.
- TROTSKY, Leon. *A Revolução Espanhola*. São Paulo: Iskra, 2014.
- TROTSKY, Leon. Anexos. In: *A teoria da revolução permanente*. São Paulo: Sundermann, 2011.
- VILKOVA, Valentina. A Rússia em 1923. In: TROTSKY, Leon. *O novo curso*. São Paulo: Usina / Contrabando, 2023, p. 229.

Capítulo 2: A origem do “cliffismo” e do “mandelismo”

- BENSAID, Daniel. *Trotskyismos*. Lisboa: Edições Combate, 2008.
- BROWN, Archie. *Ascensão e queda do comunismo*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- CALLINICOS, Alex. *Trotskyism*. Bristol: Open University Press, 1990.

CLIFF, Tony. *The Nature of Stalinist Russia* [1948]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1948/stalruss/index.htm>>. Acesso: 25/07/2024.

_____. *On the Class Nature of the “People’s Democracies”* [1950].

Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1950/07/index.htm>>.

Acesso: 24/07/2024.

Gênese do pablismo [1972]. Disponível em:

<<https://rr4i.milharal.org/2011/09/29/a-genese-do-pablismo/>>. Acesso: 12/02/2025

[s.p.].

GRANT, Ted. *Against the Theory of State Capitalism - Reply to Comrade Cliff* [1948].

Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/grant/1949/cliff.htm>>. Acesso:

30/01/2025.

MANDEL, Ernest [Ernest Germain]. *The First Phase of the European Revolution*

[1946]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/mandel/1946/08/eurrev.htm>>. Acesso: 01/05/2025.

_____. *Problems of the European Revolution* [1946a]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/mandel/1946/04/eurrev.htm>>. Acesso: 01/05/2025.

_____. *France Heads Toward a Decision* [1948]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/mandel/1948/09/france.htm>>. Acesso: 01/05/2025.

_____. *Where Is Eastern Europe Going? Economic Trends In Stalin’s Buffer Zone* [1949]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/mandel/1949/03/eeurope2.htm>>. Acesso:

01/05/2025.

_____. *Economic Trends in Eastern Europe* [1949a]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/mandel/1949/01/eeurope1.htm>>. Acesso:

28/04/2025.

_____. *What Should be Modified and What Should Be Maintained in the Theses of the Second World Congress of the Fourth International on the Question of Stalinism? (Ten Theses)* [1951]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/document/ibt/ibt09.htm>>. Acesso: 03/05/2025.

_____. *Esboço de resolução sobre o caráter de classe dos países europeus da zona tampão* [1951]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/1-jan-1950-IIB.pdf>>.

Acesso: 01/05/2025.

_____. *Resoluções sobre o caráter de classe da Iugoslávia* [1951a].

Disponível em:

<https://rr4i.noblogs.org/2012/01/04/arquivo-historico-carta-sobre-a-iugoslavia/>. Acesso: 03/04/2025.

MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes. *O movimento trotskista internacional e as revoluções do pós-guerra: uma análise de suas (re)leituras teóricas e programáticas (1944–1963)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016.

NORDEN, Jan. *Yugoslavia, East Europe and the Fourth International: the evolution of pabloist liquidationism*. New York: Prometheus Research Library, 1993.

PABLO, Michel [Raptis]. *On the class nature of Yugoslavia* [1949]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/2-dec-1949-IIB.pdf>>.

Acesso: 28/04/2025.

_____. *Evolution of Yugoslav Centrism* [1949a]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/iib-1946-50/2-dec-1949-IIB.pdf>>.

Acesso: 28/04/2025.

_____. *Where are we Going?* [1951]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/pablo/1951/01/where.html>>. Acesso: 28/04/2025

[s.p.].

USSR and Stalinism, The [1948]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/fi-2ndcongress/1948-congress02.htm>>. Acesso:

28/04/2025.

TROTSKY, Leon. Programa de Transição. In: *Documentos de fundação da IV Internacional*. São Paulo: Sundermann, 2008.

_____. A Rússia na Guerra. In: *Em defesa do marxismo*. São Paulo: Sundermann, 2011.

World Situation and the Tasks of the Fourth International. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/fi/1938-1949/fi-2ndcongress/1948-congress03.htm>>. Acesso: 12/01/2025.

Capítulo 3: Ernest Mandel e a desintegração de um sistema específico

ERNEST Mandel - A Centrist For All Seasons. [1978]. Disponível em: <<https://bolsheviktendency.org/2020/01/02/ernest-mandel-a-centrist-for-all-seasons/>>. Acesso: 03/05/2025.

FOLEY, Gerry. Soviet Armenian masses mobilize. *International Viewpoint*, n. 137, 21/03/1988, p. 3-5.

FOLEY, Gerry. Kremlin attempts to suppress Armenian protests. *International Viewpoint*, n. 138, 04/04/1988, p. 3-4.

MANDEL, Ernest. *The Laws of Motion of the Soviet Economy*. 1981. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1981/xx/sovecon.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MANDEL, Ernest. *The Soviet Economy Today: Towards Capitalism or Socialism?* [1972]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1972/06/sovecon.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MANDEL, Ernest. *The Laws of Motion of the Soviet Economy* [1981]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1981/xx/sovecon.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MANDEL, Ernest. *Bureaucracy and Commodity Production* [1987]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1987/04/bur-cp.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2025.

MANDEL, Ernest. *Para além da perestroika*, vol.1. São Paulo: Busca Vida, 1989.

MANDEL, Ernest. *Para além da perestroika*, vol.2. São Paulo: Busca Vida.

MANDEL, Ernest. A new stage of destalinization in the USSR. *International Viewpoint* n. 143, 13/06/1988, p. 3-6.

MANDEL, Ernest. The significance of Gorbachov. *International Marxist Review*, vol. 2, n. 4, p. 7-40.

MANDEL, Ernest. The first six months of Gorbachov's reign. *International Viewpoint*, n. 83, 30/09/1985, p. 3-5.

MANDEL, Ernest. Gorbachov's reforms. *International Viewpoint*, n. 84, 14/10/1985, p. 13-17.

MANDEL, Ernest. The CPSU's Congress offers few surprises. *International viewpoint*, n. 110, 23/06/1986, p. 12-18.

MANDEL, Ernest. Où va Gorbatchev? Le cours d'auto-réforme de la bureaucratie s'accélère. *Inprecor*, n. 237, 02/03/1987, p. 7-12.

MANDEL, Ernest. Soviet elections get out of hand. *International Viewpoint* n. 161, Apr. 1989, p. 3-4.

MANDEL, Ernest. Glasnost and the crisis of the communist parties. *International Viewpoint* n. 172, Oct. 1989, p. 19-27.

MANDEL, Ernest. Crisis in the East. *International Viewpoint* n. 160, Apr. 1989, p. 11-13.

MANDEL, Ernest. The aims and contradictions of Gorbachev's foreign policy. *International Viewpoint*, n. 140, 11/07/1988, p. 20-26.

MANDEL, Ernest. Le nouveau programme du PCUS. *Inprecor*, n. 222, 23/06/1986, p. 12-16.

MANDEL, Ernest. Moves to rehabilitate the Moscow trials defendants. *International Viewpoint*, n. 128, 26/10/1987, p. 11-16.

MANDEL, Ernest. *The Trotskyite view of Soviet reforms*. Disponível em:

<<https://ernestmandel.org/ancien-site/en/debat/txt/sovietreforms.htm>>. Acesso: 02/05/2025.

MANDEL, Ernest. The impasse of schematic dogmatism. *International Socialism*, 2:56, Autumn 1992, p. 134-172.

MANDEL, Ernest. The irresistible fall of Mikhail Gorbachev. *International Viewpoint*, n. 221, feb. 1992, p. 26-27.

MANDEL, Ernest. *The Struggle for World Socialist Revolution* [1994]. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/mandel/1994/11/sparts.html>. Acesso: 14/02/2025.

MANDEL, Ernest. Socialism and the future. *International Viewpoint*, n. 221, feb. 1992, p. 26.

MONTEIRO, Marcio Antonio Lauria de Moraes Monteiro. *Stalinismo, revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a teoria do Estado operário burocratizado aplicada ao bloco soviético (1953-91)*. Tese (Doutorado em História Social). Niterói, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 2021.

PAULINO, Robério. *Socialismo no século XX: o que deu errado?* São Paulo: Kelps, 2008.

SEPPO, David. Perestroika and the arms race. *International Viewpoint* n. 137, 07/03/1988, p. 13-15.

_. What are Soviet workers thinking?. *International Viewpoint* n. 178, 12/02/1990, p. 13-15.

STATEMENT on Capitalist Restoration, A. [2003]. Disponível em: <https://internationalviewpoint.org/spip.php?article173>. Acesso: 14/02/2025.

STUTJE, Jan Willem. *A Rebel's Dream Deferred*. Londres: Verso, 2009.

UNITED Secretariat of the Fourth International. The Soviet Union after 19 August 1991. *International Marxist Review*, n. 13, Spring 1992, p. 27-40.

VILLAS-BÔAS, Luciana. O otimismo trotskista na "glasnost". *Jornal do Brasil*, 08/03/1988.

VILLAS-BÔAS, Luciana. Nem a URSS escapa do mercado. *Jornal do Brasil*, 13/03/1988.

Capítulo 4: Tony Cliff, o IS/SWP e a crise soviética

BELLIS, Paul. *Marxism and the USSR*. London: Macmillian Press, 1978.

BINNS, Peter; HALLAS, Duncan. *The Soviet Union State Capitalist or Socialist?*

[1976]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/hallas/works/1976/09/sovietunion.htm>>. Acesso:

17/07/2024 [cap. 6, s. p].

CALLINICOS, Alex. *A vingança da história: o marxismo e as revoluções do Leste Europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

CALLINICOS, Alex. *Trotskyism*. Bistol: Open University Press, 1990.

CHOONARA, Joseph. *The monetary and the military: revisiting Kidron's permanent arms economy* [2021]. Disponível em: <<https://isj.org.uk/kidron-pae/>>. Acesso:

27/07/2024.

CLIFF, Tony. *Trotskyism after Trotsky*. London: Bookmarks, 1999.

CLIFF, Tony. Introduction [1996]. In: *State capitalism in Russia*. London: Bookmarks, 1988.

CLIFF, Tony. *On the Class Nature of the "People's Democracies"* [1950]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1950/07/index.htm>>. Acesso:

27/07/2024.

CLIFF, Tony. *State Capitalism in Russia*. London: Bookmarks, 1988.

CLIFF, Tony. *Deflected Permanent Revolution* [1963]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1963/xx/permrev.htm>>. Acesso:

24/04/2025.

CLIFF, Tony. *Perspectives of the Permanent War Economy* [1957]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/cliff/works/1957/05/permwar.htm>>. Acesso em:

23/03/2025.

COMMUNISM has collapsed – now fight for real socialism. *Socialist Worker*,

31/08/1991, p. 3.

FILTZER, Donald. Labour and the contradictions of Soviet planning under Stalin: The

working class and the regime during the first years of forced industrialization. *Critique: Journal of Socialist Theory*, 20:1, 1993, p. 71-103.

HARMAN, Chris; TERRY, Simon; ZEBROWSKI, Andy. *Crisis in Eastern Europe – No turning back* [1988b]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/harman/1988/07/2-noback.htm>>. Acesso em: 27/07/2024.

HARMAN, Chris. *From Trotsky to state capitalism* [1990]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/trotstatecap.html>>. Acesso em: 27/07/2024.

HARMAN, Chris. *The Storm Breaks: The Crisis in the Eastern Bloc* [1990a].

Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/stormbreaks.html>>. Acesso: 17/07/2024.

HARMAN, Chris. *Criticism which does not withstand the test of logic - A Reply to Ernest Mandel* [1990b]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/harman/1990/xx/mandel.html>>. Acesso: 22/02/2025.

HARMAN, Chris. Gorbachev's reforms. *Socialist worker review*, No. 78, july/august 1985, p. 7.

HARMAN, Chris. *USSR - Boiling point* [1988]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/harman/1988/12/ussr.htm>>. Acesso: 27/07/2024 [s.p.].

HARMAN, Chris. *On the Precipice* [1991]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/archive/harman/1991/09/sucoup.htm>>. Acesso: 02/08/2024.

HARMAN, Chris. The beginning, not the end. *Socialist Worker*, 31/08/1991, p. 7.

HASTON, Jock. *Carta Sobre a Iugoslávia* [1949]. Disponível em:

<<https://rr4i.milharal.org/2012/01/04/arquivo-historico-carta-sobre-a-iugoslavia/>>. Acesso: 27/07/2024.

HAYNES, Mike; BINNS, Peter. *New theories of Eastern European class societies* [1980]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/writers/binns/1980/xx/newtheories.html>>.

Acesso: 17/07/2024.

HAYNES, Mike. The USSR and the Crisis. *International Socialism* (1st series), No. 88, May 1976, p. 35-38.

HAYNES, Mike. *The wrong road on Russia* [1994]. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/history/etol/writers/haynes/1994/xx/wrongrd.htm>>. Acesso: 28/07/2024; CALLINICOS, Alex. Op. Cit., 1992.

HAYNES, Mike. Understanding the soviet crisis. *International Socialism*, 2:34, Winter 1987, p. 3-41.

HAYNES, Mike. Tightrope to reform. *Socialist worker review*, No. 94, january 1987, p. 10.

HAYNES, Mike. *Class and crisis – the transition in eastern Europe*. *International Socialism*, 2:54, Spring 1992, p. 45-104.

LEWIN, Moshe. Society and the Stalinist state in the period of the five year plans. *Social History*, 1:2, 1976, pp. 139-175.

LINDEN, Marcel. *Western Marxism and the Soviet Union*. Boston: Brill, 2007.

MARIE, Jean-Jacques. *Stalin*. São Paulo: Babel, 2011.

MANDEL, Ernest. The impasse of schematic dogmatism. *International socialism*, 2:56, autumn 1992, p. 135-172.

MANDEL, Ernest. *A theory which has not withstood the test of facts* [1990]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1990/xx/theory.html>>. Acesso: 23/07/2024.

MAROT, John. *Trotsky, the Left Opposition and the Rise of Stalinism: Theory and Practice* [2008]. Disponível em: <<https://libcom.org/article/trotsky-left-opposition-and-rise-stalinism-theory-and-practice-john-eric-marot>>.

Acesso em: 02/08/2024 [s.p.].

MEYER, Victor. *Determinações históricas da crise da economia soviética*. Salvador: EDUFBA, 1995.

OBITUARY: Tony Cliff (Ygael Gluckstein) 1917-2000. Disponível em: <<https://martinshaw.org/2009/12/13/obituary-tony-cliff-ygael-gluckstein-1917-2000/>>.

Acesso: 20/04/2025.

PODTCHEKOLDIN, Aleksandr. O Novo Curso: prólogo da tragédia. In COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Trotsky Hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994.

POZO, Gonzalo. *Reassessing the permanent arms economy* [2010]. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/newspape/isj2/2010/isj2-127/pozo.html>.

Acesso: 24/04/2025.

TROTSKY, Leon. Programa de Transição. In: *Documentos de fundação da IV Internacional*. São Paulo: Sundermann, 2008.

Conclusão:

CALLINICOS, Alex. *Trotskyism*. Bistol: Open University Press, 1990.

CLIFF, Tony. *Trotskyism after trotsky*. London: Bookmarks, 1999.

COUNTERREVOLUTION Triumphs in USSR Defend Soviet Workers Against Yeltsin's Attacks! [1991]. Disponível em:

<https://www.bolshevik.org/1917/no11/no11crev.html>. Acesso: 02/05/2025.

EASTERN European Regimes Implode Death Agony of Stalinism [1990]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no8/no08east.html>. Acesso: 02/05/2025.

GLASNOST and 'Market Socialism' - Whither Gorbachev's USSR? [1987]. Disponível em: <https://www.bolshevik.org/1917/no4/no04gorb.html>. Acesso: 02/05/2025 [s.p.].